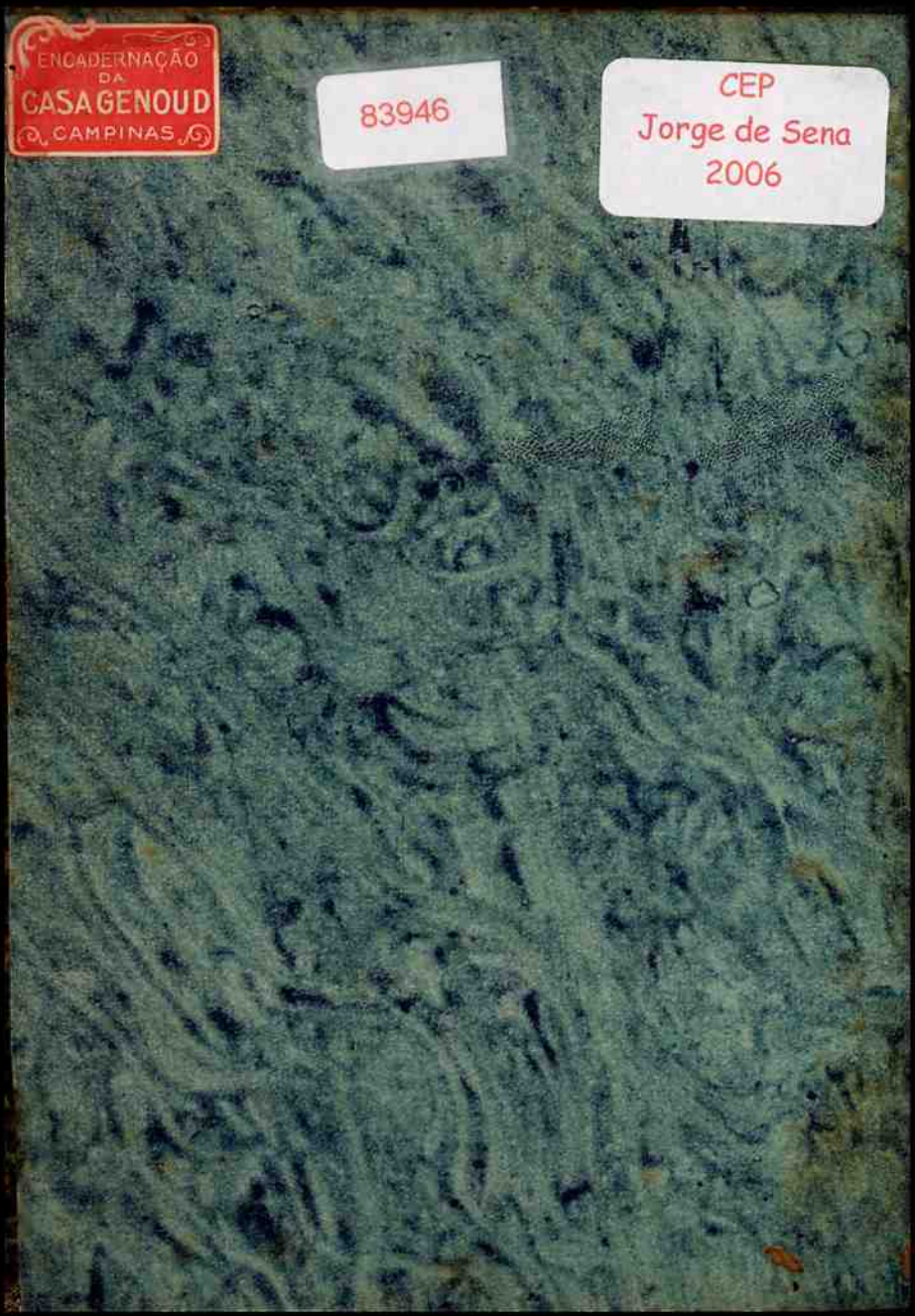

ENCADERNAÇÃO
DA
CASA GENOUD
CAMPINAS
83946
CEP
Jorge de Sena
2006

AFFONSO CELSO

# AOS

# MONARCHISTAS

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras
BIBLIOTECA
CAMPUS DE ARARAQUARA

RIO DE JANEIRO
DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR
LIVRARIA MODERNA
54 Rua do Ouvidor 54
*1895*

981.04
C394a

*Os dois artigos que se seguem foram publicados no* COMMERCIO DE S. PAULO, *excellente folha dirigida pelo illustre Sr. Commendador Cezar Ribeiro, verdadeiro modelo de jornalista, activo, intelligente, emprehendedor.*

*Constituem os capitulos finaes de um livro que brevemente deve apparecer sob o titulo* GUERRILHAS.

*Cedendo a numerosos pedidos, do que poderá prestar testemunho o meu ousado editor Sr. Domingos de Magalhães, resolvi dal-os a lume antecipadamente, em folheto especial.*

*Mostrando que supponho em vigor, a despeito de tantas decepções, o 12.º § do artigo 72 da intitulada Constituição de 24 de Fevereiro de 1891*: EM QUALQUER ASSUMPTO É LIVRE A MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO PELA IMPRENSA OU PELA TRIBUNA — *acredito merecer applausos dos proprios meus mais ardentes adversarios, sustentadores do levante de 15 de Novembro de 1889.*

*A. C.*

*Alto da Serra ( Petropolis ) 14 de Outubro de 1895.*

# *Será possivel a restauração da monarchia ?*

Acho-a mais do que possivel : — acho-a infallivel.

Estou a ouvir e vèr os ardentes protestos, os gestos indignados, os insultos provocados pela ousada asseveração.

Pois é verdade ; penso daquella maneira e, se me dão licença, passo a expender placida e succintamente os motivos em que tal convicção se baseia.

*
* *

— *1° A maioria dos brasileiros tornar-se-á, se já não se tornou monarchista.*

A republica contou em começo com geraes sympathias. Tem-nas perdido rapidamente. Hoje o imperio dispõe, como nunca, de fortes elementos na opinião popular.

A corrente dos propensos a elle engrossa todos os dias.

Qual a prova?

Attendei:

Reconhecem e confessam o facto os orgãos mais abalisados do vigente regimen.

Nenhum jornal cooperou tanto para o levante de 15 de Novembro e tão fervorosamente defende o systema nessa data inaugurado como *O Paiz*.

Dirige-o o Sr. Quintino Bocayuva, chefe acclamado do republicanismo historico.

A *O Paiz* cabe, pois, o titulo de folha official desse republicanismo.

As apreciações nelle exaradas possuem, portanto, alta importancia e alcance.

No seu numero de 29 de maio do corrente anno, em artigo editorial, intitulado *Notas do dia*, enunciou-se *O Paiz*:

« Quem, vindo ao Brazil, só visitar a capital, convencer-se-á, ouvindo a opinião corrente nas rodas commerciaes, em que prepondera o elemento extrangeiro, de que a Republica é um regimen impopular, de que a revolução falhou e de que o paiz inteiro anceia por uma mudança de instituições, com o pessoal do imperio e com o cambio a 24.

Max Leclerc, o brilhante jornalista francez, estranhou a quem escreve estas linhas que a maioria da gente com quem fallava fosse monarchista.

.....

Ainda ha pouco, o distincto escriptor portuguez Sr. João Chagas se admirava diante de nós de que, não se discutindo

mais a republica em Portugal, paiz monarchico, no Brazil, paiz republicano, se discutisse ainda a monarchia.

.....

Para o nosso caso, o que interessa saber é isto: ambos ( Max Leclerc e João Chagas ), emancipados de uma prevenção partidaria ou, antes, no caso de já estarem influenciados, mais propensos, por communidade politica, a exaggerar o sentimento republicano do que o regimen monarchico, observaram, surprehendidos, que a opinião da capital, ou, antes, das chamadas classes conservadoras era quasi adversa ás instituições em vigor. »

A 11 de Setembro, no editorial *A Lei da Revolta*, insiste *O Paiz*:

« O novo regimen não conquistou ainda a opinião inteira da nação: ha uma fracção da sociedade obstinada ainda no culto saudoso da tradição monarchica, esperando pela volta da dynastia deposta e confiando

intelligentemente em que a melhor cousa para a generalisação de suas ideias é o descredito das actuaes instituições. Esse descredito se avoluma com os erros financeiros, com a irregularidade dos serviços publicos, com as perturbações successivas da ordem, com a falta de energia da auctoridade para de fórma definitiva trancar a série das agitações revolucionarias. »

Não é só *O Paiz* que dest'arte corrobora a minha proposição.

Na carta attribuida ao marechal Floriano Peixoto, intitulada seu *testamento politico* e endereçada, em junho de 1895, a uma commissão da Divisa, lê-se o seguinte :

« Diz-se e repete se que ella (a republica) está consolidada e não corre perigo.

Não vos fieis nisso, nem vos deixeis apanhar de surpreza. O fermento da restauração agita se em uma acção lenta, mas continua e surda. »

Assim, o interprete, na imprensa, do-

republicanismo orthodoxo e o denominado salvador das actuaes instituições, o esmagador da revolta acoimada de *sebastianista*, attestam o valor, a solidez, a gravidade da tendencia restauradora, embora o primeiro, como é natural, busque attenuar-lhe a significação, declarando-a circumscripta ao cosmopolitismo fluminense ou a uma parcella dos nossos concidadãos.

Não ha tal.

O movimento extende-se pelo interior e abrange a totalidade da população.

Ainda quando, porém, se restringisse ao centro, seria relevantissimo, dada a influencia das capitaes sobre o resto do paiz.

E triumphará fatalmente, como triumpharam o da abolição, que feria interesses profundos, e o da propria Republica.

Quotidianamente, ir-se-lhe-ão aggregando os descontentes, os desilludidos, os amigos de mutuações, os patriotas esclarescidos pela experiencia, as gerações novas, que

por força hão de cotejar as glorias do passado, realçadas pela poesia do tempo, com as miserias da actualidade, enthusiasmando-se, em virtude da generosidade e cavalherismo que lhes são proprios, contra as injustiças e ingratidões crueis infligidas a D. Pedro, o Magnanimo, e a Izabel, a Redemptora.

A legenda do Imperador agigantar-se-á com o correr dos annos, revestindo se de força analoga ou superior á de Napoleão, em França.

A universalidade e o esplendor das homenagens funebres tributadas a Saldanha da Gama, que, todavia, servira a Deodoro e jamais se manifestára nitidamente restaurador, patenteiam quanto ganhou terreno a ideia pela qual, segundo versão corrente, o bravo marinheiro se sacrificou.

Como comprimil-a?

Pela violencia, fazendo martyres?

Será apressar-lhe o advento.

Por meio da demonstração pratica de que a fórma republicana se avantaja á opposta na satisfação das aspirações nacionaes ?

Como ? !

Em materia politica, não restam reformas a realisar. O governo provisorio trefegamente exgottou a lista. Cumpre até retrogradar, desmoralisando a tarefa executada.

Administrativamente, nunca logrará a nossa republica, por vicios de essencia, differençar-se das congeneres da America latina, que se contorcem, ha 80 annos, em crise chronica.

Deixam essas de recorrer a uma transmutação radical, porque, mais infelizes do que nós, não conheceram os benificios de outro systema governamental.

*
* *

— 2º *Todas os paizes monarchicos que*

*se convertem em republica volvem, após um periodo mais ou menos longo, á monarchia.*

Exemplos irrecusaveis desse phenomeno historico encontram-se, entre varias nacionalidades, na Inglaterra, na Hespanha e na França.

Na Inglaterra, a realeza tornara-se perfida e criminosa, violára os privilegios do povo, contrariára-lhe as crenças religiosas, abrira lucta sangrenta com o Parlamento, cahira desbaratada em guerra civil.

Proclamada por valoroso general, habil estadista, austero caracter e inflexivel vontade, a republica, durante 10 annos, augmentou o territorio, creou a marinha ingleza, elevou o predominio da lei, protegeu o commercio, as artes e a industria, conquistou o apreço do mundo, cobriu-se de gloria.

Sem embargo, o representante da dynastia immolada no cadafalso, representante devasso, desprovido de escrupulos, infeliz

nas primeiras reivindicações, veio a assentar-se no throno de seus paes e a monarchia britannica persiste até hoje.

Na Hespanha, haviam os Bourbons attingido o derradeiro grau do desconceito.

Depois da tentativa improficua de Amadeu, modelo, alias, de principes constitucionaes, adoptou-se legalmente a republica no Congresso, por 256 votos contra 32.

Sustentada por individualidades como Figueras, Pi y Margall, Castelar, Salmeron, Ruy Zorilla, Serrano, essa republica foi derrocada por um adolescente, quasi um menino, por um Bourbon, herdeiro da impopularidade de sua raça e especialmente de sua mãe, a detestada Isabel II.

E, ha 20 annos, a despeito de sérias difficuldades, mantem-se a corôa castelhana, apoiada presentemente por não poucos de seus antigos inimigos, entre os quaes, o mais illustre de todos — Emilio Castelar.

Na França, a primeira republica viveu

8 annos; a segunda, 4; a terceira existe ha 25.

A primeira, não obstante homericas façanhas, findou no cesarismo. Ao cabo de 22 annos de exilio, reassumiram o poder os irmãos de Luiz XVI guilhotinado.

A segunda investio do mando supremo o bonapartismo, banido havia 34 annos.

Não se firmou ainda definitivamente a terceira. Boulanger, soldado sem merito, esteve a pique de destruil-a. Succumbirá, na proxima guerra com a Allemanha. Vencedora.-(ha um herdeiro de Napoleão, cuja lenda tem avultado recentemente de modo extraordinario, coronel do exercito russo) —vencedora, a França conferirá attribuições magestaticas ao heroe da desforra; vencida, repudiará a fórma de governo responsavel pela derrota.

Objectar-se-á, porém:

No Brazil não se observam as tradições monarchicas dos paizes apontados.

E' o contrario. No Brazil o que não ha é tradições republicanas.

No Brazil, a monarchia deixou recordações incomparavelmente superiores ás dos governos depostos e restaurados na Inglaterra, na Hespanha e na França.

Não se liga ao imperio, entre nós, nenhuma lembrança tragica e dolorosa para a Patria. A restauração será aqui mais justificada e legitima do que nos outros pontos onde ha occorrido.

Mas restaurar a quem?! — inquirir-se-á.

Restaurar a monarchia; a questão de pessoa figura depois.

Isabel, a Redemptora, sejam quaes forem os defeitos que a má fé e a calumnia lhe hajam imputado (e justiça plena já lhe vai sendo rendida, tal como a seu digno esposo) Isabel, a Redemptora, leva incontestavelmente a palma em moralidade, talentos serviços, a Carlos II, Affonso XII,

ao Conde de Provence, ao de Artois, a Luiz Napoleão e outros restaurados.

Porque não alcançará o que elles, em peior situação, alcançaram ?

Admittamos, comtudo, que ella seja impopular, ou, mais propriamente, que se tenha *gasto* decretando a abolição, obra por si só sufficiente para preencher uma missão e immortalisar um reinado.

Ficam os sèus filhos, intelligentes, estudiosos, radiantes de esperança, educados severamente no exilio, na proveitosa escola da desgraça, dignos em tudo de receberem o patrimonio politico de seu grande avô.

*
* *

*3º O Brazil já ensaiou o systema republicano, nas mais propicias condições, e vio-se obrigado a repudial-o.*

Refiro-me á quadra regencial de 1831 a 1840. Foi perfeitamente republicana, con-

forme mostrou Joaquim Nabuco, no seu magistral estudo—*Um Estadista do Imperio.*

Completo o desastre desse ensaio, que dispôz de 10 annos para arraigar-se na alma nacional, evidenciando a desnecessidade do elemento dynastico e teve personalidades como a de Feijó!

Ou permanente, composta de tres membros, designados pela assembléa geral, ( typo parlamentar ) ou concretisada num unico delegado, eleito de 4 em 4 annos pelo paiz inteiro, ( typo presidencial), a regencia, republica provisoria, revelou-se de tal sorte incompativel com o bem publico, que a nação preferio a ella a administração de uma criança de 15 annos, reintegrando, com a revolução da maioridade, o principio monarchico.

Mallogrou-se o emprehendimento então, como se mallogrará o de 1889.

O desfecho será o mesmo, em ambos os casos.

*
* *

*4° — A forma republicana, se aturar, produzirá inevitavelmente a bancarrota, o desapparecimento da unidade nacional e a constante violação da soberania territorial pelas potencias mais fortes.*

A demonstração desta these depende de successos que oxalá nunca se verificassem.

Infelizmente, multiplos prenuncios não permittem duvidar da sua triste certeza.

Cumpre mudar de rumo antes daquellas emergencias. Permaneçamos no encetado a 15 de Novembro, e os acontecimentos nos imporão a mudança, com dobrados sacrificios.

O restabelecimento do credito, o *panbrasileirismo*, a connexão patria, o acatamento do estrangeiro poderoso, só a monarchia nol-os restituirá; sómente ella nos destacará do resto da America, dando-nos a hegemonia que nos compete; sómente

ella possuirá fibra e elasticidade bastantes para, á luz das duras lições adquiridas, aproveitando e corrigindo as reformas precipitadamente promulgadas, reorganisar o paiz, combinando os interesses geraes com os locaes, recongregando preciosos elementos baralhados e dispersos; sómente um depositario das tradições della desempenhará no Brazil papel identico ao dos Hohenzollern, na Germania, e ao da casa de Saboia, na Italia, reconstituindo-nos, regenerando-nos, proporcionando-nos paz, lustre, riqueza, progresso...

*O longo interregno* anarchisou a Allemanha cerca de 20 annos, cessando com a sagração imperial de Rodolpho de Habsburgo.

Rosas .tyrannisou os argentinos vinte e tres annos; Francia, os paraguayos, vinte e sete.

São extensos periodos para a vida dos individuos, insignificantes, para a de um povo.

Ha um quarto de seculo que a republica implantou-se em França.

Indubitavelmente, reergueo-a, deparando-lhe pelo menos tranquillidade.

Sem embargo, não desanimam os monarchistas francezes, orleanistas ou bonapartistas, que podiam, sem desar, adherir á republica, regularmente instituida, lucrando immenso com a adhesão.

Pelo contrario, porém, cada vez mais irreconciliaveis se declaram, salvo pequeno grupo, prégando a sua doutrina com inabalavel fé.

Desanimaremos nós, os monarchistas brazileiros, perante apenas seis annos de funesto e ensanguentado experimento, repugnante aos destinos patrios e cujos esteios de momento a momento se enfraquecem ? !

Não e não.

*Macte animo !...*

# A POSTOS!

# A POSTOS!

E' tempo de se aggremiarem os monarchistas, formando um partido que, franco e desassombrado, defronte com os dominadores.

Muito justificavel e honrosa a abstenção até aqui observada.

Constituio, ao mesmo tempo, altivo protesto e o desempenho de um dever de lealdade.

Cumpria que a experiencia da republica se effectuasse sem o menor embaraço levantado por seus adversarios naturaes.

Dahi o retrahimento do maior numero.

Não podem, pois, os republicanos attribuir a manejos desses adversarios o insuccesso do ensaio.

A republica dispôz de raro conjuncto de condições propicias para radicar-se no paiz, cumulando-o de beneficios.

Não o conseguio.

A responsabilidade do fracasso recae exclusivamente sobre os vicios constitucionaes do regimen, ou sobre a inepcia de seus adeptos.

Como quer que seja, os monarchistas, — não ha contestal-o, — deixaram-lhes o campo absolutamente livre, apartaram-se, calaram-se, adheriram, não raros, de boa fé, acreditando que o 15 de Novembro corrigiria os erros do Imperio, bemfeitorisando em todos os sentidos a situação nacional.

*
* *

Mas o protesto está lavrado; dura que farte a experiencia infeliz.

Inicie-se nova phase.

Como filhos prodigos, regressem os adhesistas bem intencionados aos primitivos arraiaes, reconhecendo nobremente o seu transviamento.

Reassumam os silenciosos e afastados o logar que lhes pertence, exclamando á Patria:

« Nunca te abandonámos; apenas como nos desdenhaste, apparentando volver a tua confiança para influencias incompativeis comnosco, as quaes apregoavam que te proporcionariam inauditas venturas, desviámo-nos com dignidade, sopitando a nossa magoa e rogando a Deus desmentisse as nossas apprehensões. Demasiado, porém, expiaste a tua falta. A nossa reserva deve findar. Equivaleria a indifferança o prolongal-a. Eis-nos a teu lado, promptos a curar-te as feridas, a mitigar-te os dissabores.

Dos trauses supportados tirarás efficaz ensinamento. Ganhaste traquejo de homens e factos. Conheces agora a inanidade de certas theorias, o engodo de certas promessas, a perigosa falsia de certas palavras seductoras. Caro custou-te; mas ainda bem!»

* * *

A attitude dos monarchistas perante a docilidade com que a nação se submetteu ao levante de 1889 equipara-se á do filho extremoso, cujo mãi, desattendendo-o e apoiada em outros filhos inexpertos, realisasse pessimo consorcio.

A principio, o primeiro, sem cessar de respeital-a e amal-a, retira-se, acabrunhado e emmudecido.

No fundo do coração, formúla ardentes votos pela fortuna della, abstrahindo-se, entretanto, de qualquer co-participação nos negocios e na vida intima do desastrado casal.

Mas quando, ao cabo de annos, a união cada vez mais infausta se patenteia, insusceptivel de melhoria, quando o padrasto entra a maltratar a victima que se lhe entregou illudida, a immolar-lhe sagrados interesses, a prejudicar-lhe a honra, a matal-a, então não cabe mais áquelle filho o direito de se conservar á parte, antes correlhe imperiosa obrigação de intervir resoluto, promover o desquite, defender, a despeito de quaesquer sacrificios, a desgraçada que, por se haver tornado tal, merece dobrada dedicação.

E o caso do governo republicano é peior que o do padrasto.

Esse invocará titulos legitimos, emquanto o governo republicano impôz-se á nação brazileira pela força e tem-se mantido pela coacção.

Ella, se annuiu, fel-o fóra de si, sentindo a ponta das bayonetas sobre o peito.

Trata se de monstruoso connubio, em

que a fraqueza, a ignorancia, a candura de uma das partes foram violentadas e opprimidas pela outra.

Qual o resultado?

O antigo lar pacifico, bonançoso e digno, eil-o hoje desmantelado, polluido de lama e sangue.

Podemos, os herdeiros das altas normas de outr'ora permanecer impassiveis, só desabafando em estereis lamurias?

*
* *

Não! Urge que nos entreponhamos, sob pena de incorrer na pécha de cumplicidade.

A inacção engendra a paralysia.

Não usadas, as mais finas armas se enferrujam. Privada de exercicio, a robustez se amollenta. Sobrevem o desalento, a apathia, a morte.

Ergam-se os monarchistas, congreguem-se, organisem-se.

A organisação, não ha duvida, produzirá inconvenientes, qual o de unir os republicanos, dando-lhes a cohesão e a solidariedade do perigo.

Mais habil fôra talvez ceder-lhes espaço desembaraçado para accumularem irreparaveis desacertos.

Mas taes desacertos damnificaam tudo e todos, de maneira a nullificar o effeito do remedio, quando o trouxerem.

A restauração deve encaminhar-se por estrada larga, lisa e clara, embora mais longa, e nunca por escusas veredas.

Travemos prelio de cavalheiros, insignias desfraldadas, incapazes de tramas equivocas, de modo que, após os embates, vencedores e vencidos possam apertar-se as mãos.

A succumbirmos, glorifique-nos a luz do sol o derradeiro alento.

* * *

Quanto ao mal oriundo da concentração republicana, essa concentração servirá, ao contrario, de evidenciar a sua inconsistencia.

Os reis afiguram-se grandes ao povo, — diziam durante a revolução franceza, — porque o povo os contempla de joelhos.

Os republicanos, entre nós, só parecem numerosos e solidos a quem os olha de esconso, de longe, com timidez.

Encaremol-os ardidamente, face a face, e não nos hão de amedrontar as suas proporções.

E' possivel, é provavel mesmo que em começo padeçam os monarchistas perseguições e abusos.

Não importa. Nada valem as causas que não arrostam riscos e não contam martyres. Nos martyres, escreveu Renan, está a pedra de toque de uma religião; nenhuma verdade se estabelece sem elles.

E nem haverá martyres. A organisação

engendrará garantia, a homogeneidade formará um escudo.

*
* *

Confiança e paciencia, co-religionarios e amigos!

Na paciencia, assevéra Pitt, reside a virtude primordial dos politicos. A confiança, no conceito de Girardin, gera a moderação e a moderação faz a fortaleza invencivel.

Confiança nos homens! Os brazileiros, afinal de contas, não possuem qualidades somenos ás de tantos povos que cahiram, soffreram e se regeneraram. E' preciso acceital-os e aproveital-os como elles são, e não como queremos que sejam, ou sonhamos devessem ser.

Confiança no direito, na justiça, no progresso, nos principios supernos que regem o planeta, os quaes prevalecem sempre, comquanto muita vez não lhes logremos discernir a acção.

Confiança nos destinos do Brazil. Seria extraordinario absurdo, impossivel attentado contra a logica universal, que de prodigiosas premissas, quaes as que nos depara a nossa incomparavel natureza physica e moral, sómente extrahissemos a conclusão do descredito, da anarchia, do retrogradismo. Os eclipses são phenomenos passageiros. A sombra ephemera que originam não perturba a marcha dos astros!

Confiança, sobretudo, em nós proprios, em a nossa iniciativa, em o nosso esforço!

Querer curar-se é metade da cura, ensina velho proverbio.

E um pensador moderno accrescenta: Todo desejo energico se realisa; a proposição parece ousada — é consoladora e é verdadeira.

*
* *

Alto da Serra (Petropolis) 14 de Outubro de 1895.

# EDIÇÕES DA LIVRARIA MODERNA

## 54 RUA DO OUVIDOR 54

DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR

### AFFONSO CELSO

| | |
|---|---|
| Vultos e factos, 1 vol. broc. 3$, enc. | 5$000 |
| Minha Filha, 1 vol. broc. 3$, enc. | 5$000 |
| Minha Filha, ed. de luxo em 4º com o retrato do auctor, broch. | 10$000 |
| Imperador no Exilio, um vol. broc. com o retrato do Snr. D. Pedro II, 3$, enc. | 8$000 |
| Imperador no Exilio, ed. de luxo broc. | 5$000 |
| Lupe, scenas da vida do Mexico, 1 vol. broc. 3$000, enc. | 5$00 |
| Rimas d'Outr'ora, 1 vol. broc. 5$ enc | 8$000 |
| Notas e Ficções. 1 vol broc. 3$, enc. | 5$000 |
| Um Invejado 2 vol. broc. 6$. enc. | 10$000 |
| Aos Monarchistas, Pamphleto Politico | 1$000 |
| Philosophia do Direito, 1 vol. (no prelo). | |

### ADOLPHO CAMINHA

| | |
|---|---|
| A Normalista, scenas do Ceará, 1 vol. broc. com capa ill., 3$, enc. 5$. ed. de luxo | 8$000 |
| No Paiz dos Yankees, 1 vol. broc. 3$, enc. | 5$000 |
| Bom Creoulo, 1 vol. broc. | 4$000 |

### ALUIZIO AZEVEDO

| | |
|---|---|
| Livro de uma sogra, 1 vol. broc. 4$, enc. | 6$000 |
| Casa de Pensão, 2 vols. (no prelo) | |
| Demonios, 1 vol. broc. 3$, enc. | 5$000 |

## ARTHUR AZEVEDO

Contos fóra da Moda. 1 vol. broc. 3$, enc..... 5$000
Contos possiveis, 1 vol. ( no prelo ).

## AMERICO RAPOSO

Nevrose Mystica, 1 vol. broc. 3$, enc..... 5$000

## COELHO NETTO

( *Anselmo Ribas* ]

Balladilhas, admiravel livro de contos para senhoras e meninas, 1 vol. broc. 3$, enc. 5$, enc. de luxo. 8$000
Rhapsodia, 1 vol. broc. 3$ enc..... 5$000
Rei Fantasma, romance oriental, 1 vol. broc. 4$, enc ..... 6$000
Capital Federal, impressões de um sertanejo, 1 vol. broc. 4$000, enc..... 5$000
Bilhetes postaes, livro elegante e livre, 1 vol. 3$ enc. 5$000
Fructo Prohibido, 1 vol. broc. 3$, enc..... 5$000
Miragem, 1 vol. broc. 4$, enc..... 6$000
Lanterna Magica [no prelo]
Morto, [no prelo]
Por Montes e Valles, [no prelo]
Contos do Natal [no prelo]
Mosaico [no prelo]

## GARCIA REDONDO

Caricias, 1 vol. ill. broc. 4$, enc..... 6$000

## HEITOR MALHEIROS

O Encilhamento, scenas da Bolsa de 90 a 92, 2 vol. broc. 6$, onc..... 10$000

## VISCONDE DE OURO PRETO

Marinha d'Outr'ora, 1 vol. in-4° broc.....
Advento da dictadura militar no Brazil [2ª edição angmentada] 1 vol. in-4° broc.....
Excursão na Italia [2ª edição] 1 vol. broc.....

## VIVEIROS DE CASTRO [Dr.]

A Nova Escola Penal, 1 gr. vol. broc. 8$, enc..... 12$000
Attentados ao pudor. 1 vol. broc. 6$, enc..... 10$000
Diario de um solteirão, 1 vol. broc. 3$, enc..... 5$000

## VEREDIANO CARVALHO

Correspondencia Commercial, 1 vol. cart..... 8$000

## VIRGILIO VARZEA

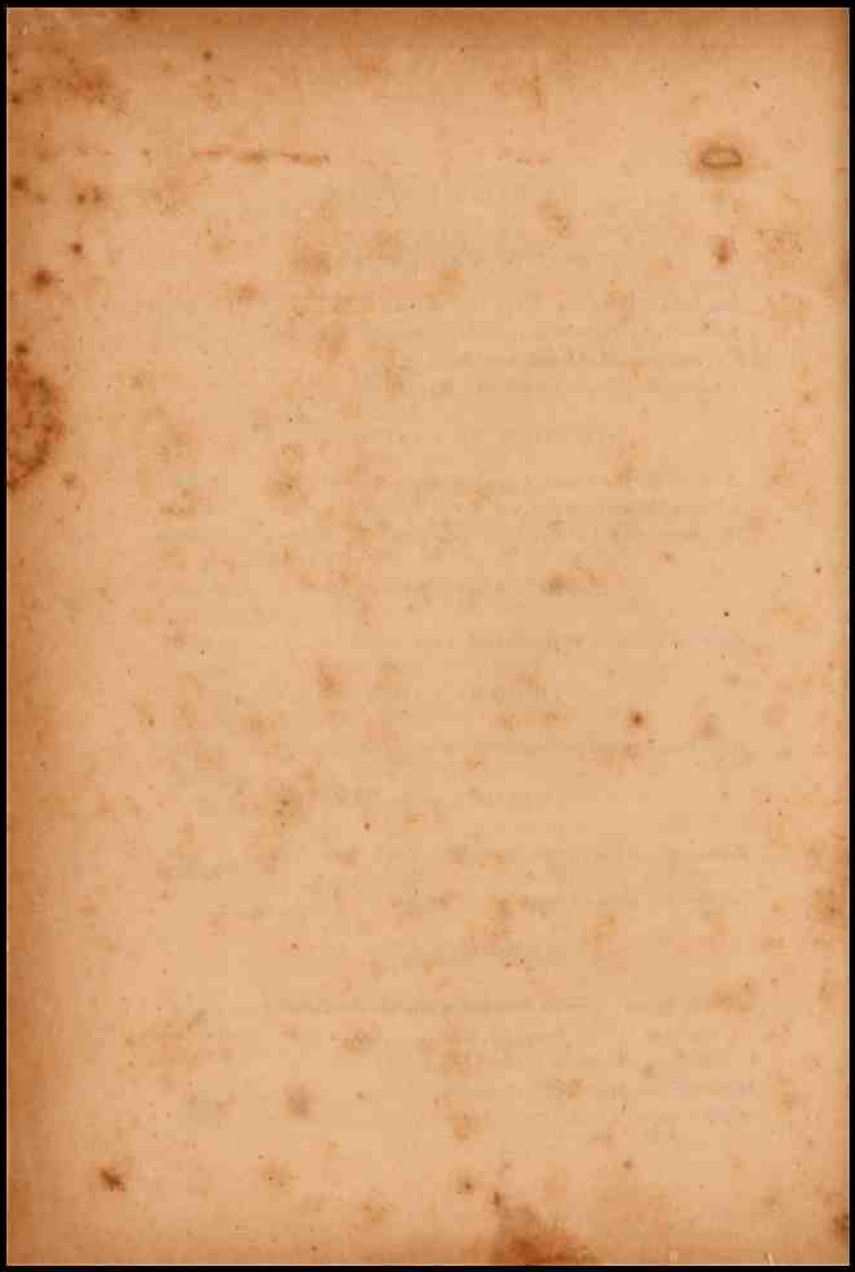
Rose Castle, mimoso romance, 1 vol. broc. capa ill. 2$500

## VALENTIM MAGALHÃES

Escriptores e Escriptos, [2ª edição] 1 vol. broc. 3$, enc ..... 5$000
Na Brecha, ideias e opiniões, [no prelo]

## ZOLA

Doutor Pascal, versão brazileira de C. de Albuquerque, 2 vols. broc. 6$, enc..... 10$000
O Dinheiro, versão do mesmo, [no prelo]
Mysterios da Marselha, [no prelo]
A Derrocada, 2 vols. broc. 6$, enc..... .. ..... 10$000



Serviço de Abreu Soares
Rio de Janeiro, Travessa
do Leandro nº 3, 2 de
Setembro de 1903

# Aventuras de Manuel João

Do mesmo autor:

Vultos e Factos.

Minha filha.

O Imperador no exilio.

Lupe.

Notas e ficções

Rimas de outr'ora.

Um invejado.

Guerrilhas.

Contradictas monarchicas.

Giovannina.

O assassinato do Coronel Gentil de Castro.

A imitação de Christo.

Porque me ufano do meu paiz.

Poesias escolhidas.

Oito annos de parlamento.

# INDICE


| | | PAGS. |
|---|---|---|
| I | — Como se determina um destino ..... | 1 |
| II | — Adeus !..... | 5 |
| III | — Os que ficaram..... | 8 |
| IV | — O que partiu..... | 11 |
| V | — Pleno mar..... | 14 |
| VI | — A chegada..... | 18 |
| VII | — Primeira licção ..... | 23 |
| VIII | — Esperança..... | 32 |
| IX | — A' procura de Souza Telles..... | 35 |
| X | — O broche de ouro..... | 43 |
| XI | — Inesperada excursão..... | 49 |
| XII | — Em busca do Vargas..... | 54 |
| XIII | — Novo conhecimento..... | 63 |
| XIV | — O assalto..... | 68 |
| XV | — Ferido..... | 72 |
| XVI | — No hospital..... | 76 |

| | | PAGS. |
|---|---|---|
| XVII | — Restabelecido | 79 |
| XVIII | — Em caminho da fazenda | 87 |
| XIX | — Dias venturosos | 95 |
| XX | — Na casa de commissões | 100 |
| XXI | — Segundo caixeiro | 107 |
| XXII | — Um poeta | 116 |
| XXIII | — A sessão solemne | 127 |
| XXIV | — Ainda preso | 140 |
| XXV | — Camões | 148 |
| XXVI | — Progressos | 156 |
| XXVII | — Fogo | 161 |
| XXVIII | — Começo de idyllio | 171 |
| XXIX | — Depois do fogo | 182 |
| XXX | — Irene desapparece | 190 |
| XXXI | — Esforços inuteis | 200 |
| XXXII | — Primeiro sacrificio | 206 |
| XXXIII | — O jogo | 216 |
| XXXIV | — Ainda sacrificios | 231 |
| XXXV | — Recurso extremo | 242 |
| XXXVI | — Morta! | 252 |
| XXXVII | — Depois da morte de Irene | 258 |
| XXXVIII | — Vivendo | 267 |
| XXXIX | — Rosa e Delfina | 273 |
| XL | — No theatro | 284 |
| XLI | — O bello animal | 294 |
| XLII | — Paixão?! | 302 |
| XLIII | — Treguas | 320 |
| XLIV | — Novos sacrificios | 328 |
| XLV | — A pedra de Sisypho | 343 |
| XLVI | — Reapparece a Delfina | 355 |
| XLVII | — Annos de paz | 366 |
| XLVIII | — Ainda | 370 |

| | | PAGS. |
|---|---|---|
| XLIX | — Martyrio..... | 382 |
| L | — Ultimo dever..... | 389 |
| LI | — D. Sebastião..... | 395 |
| LII | — Castrioto..... | 402 |
| LIII | — A catastrophe..... | 413 |
| LIV | — Supremas affrontas..... | 418 |
| LV | — A consolação unica..... | 421 |

Serviço de Alberto Soares

## I

### Como se determina um destino

Não restava mais duvida: o pequeno Manuel João, apenas com quatorze annos de idade, devia partir para o Brazil. A familia habitava obscura aldeia em Portugal. Era numerosa e pobre. Durante a parte benigna do anno não lhe faltavam recursos, fornecidos por aspero trabalho. Mas, em chegando o frio, padecia grandes miserias. O frio racha as mãos, adormenta as pernas, interrompe as lidas agricolas, isto é, a conquista do pão e da lenha para o fogo, tão indispensavel como o pão. Ai dos que não se precaveram em tempo, ai dos que não armazenaram!

Quantos desconhecidos e terriveis dramas, nessa quadra implacavel, entre o povo humilde do campo!

Depois de longas hesitações e padecimentos, deliberara a familia de Manuel João que elle, o filho mais velho, emigraria para America, iria tentar fortuna na terra brazileira. Moradores da aldeia e de outras visinhas haviam voltado abastados. Apontavam-se as obras publicas, commentavam-se as esmolas devidas á generosidade dos que, tendo deixado, sem nada possuir, o logar do seu nascimento, ou regressavam em boas condições, ou prosperavam no estrangeiro, enviando aos parentes e amigos valiosos donativos.

Manuel João tinha um tio padre que era o orgulho e o conselheiro dos seus. Foi o tio padre, o tio padre-mestre, como lhe chamavam, porque ensinava as primeiras letras, quem cortou as ultimas indecisões, resolvendo a viagem:

—Nada! Manuel João é rijo, esperto e bom. Cá na terra, viverá se arrastando,

por baixo sempre, como todos nós. No Brazil, será gente, tornar-se-ha um homem notavel, talvez. E' preciso fazer alguma cousa de Manuel João; é preciso que elle vá para o Brazil, é preciso deixar isto, partir...

A expressão Brazil ainda produz maravilhosas miragens em muitos centros portuguezes. Falar em Brazil é evocar magnifica região, cheia de facilidades, onde o ouro jaz abandonado, á mercê de quem se achegue e o apanhe.

Consultado sobre o projecto da partida, Manuel João respondeu que sim. Com prestigioso encanto, se lhe antolhava a viagem á imaginação infantil. Só a mãi objectou:

—Por que tamanha pressa?... Manuel João ainda era tão novo!... Podia esperar...

O tio padre decidiu:

—Quanto mais cedo, melhor; mais rapidamente se acostumará ao Brazil; menos tarde voltará. Deixemo-nos de lérias... Marquemos o dia da partida.

E o dia da partida se marcou. A mãi continuava a protestar, mas era o protesto silencioso das lagrimas. Lembrava tantos que lá se iam e de que nunca mais havia noticia, tantos que lá morriam á mingua, tantos que regressavam invalidos, mais miseraveis que dantes. Pois criara o seu menino para assim o engeitar? Valeria o desejo da riqueza tão duro sacrificio? No seu cerebro apoucado, revolviam-se confusas velleidades de revolta. Causava-lhe medo o paiz remoto, o oceano a transpor. Maior medo, porém, lhe incutiam o marido e o padre-mestre. Estava habituada a lhes obedecer, sem recalcitrar. A vontade do padre-mestre, sobretudo, lhe era e lhe fôra sempre lei indiscutivel. Um padre, e tão santo, e tão sabio, e tão irritadiço !...

Por fim, tambem actuou nella a cubiça de que o filho melhorasse de situação. Quem sabe? Tudo correria talvez mais suavemente do que conjecturava. Resignou-se. Poz-se a coser, a remendar as

roupas do emigrante, a lhe arranjar a reduzida bagagem. Sobre os objectos, carinhosamente dispostos na caixa, ainda muita vez bagas de pranto cahiam.

O tio padre concorreu para as despezas. Entre outros presentes, trouxe a Manuel João enorme chapéo de feltro, comprado na mais afamada loja da localidade.

—Toma lá, rapaz. Dizem que o sol do Brazil queima a valer. Com este chapéo tu te defendes. Debaixo delle, pódes desafiar o sol. Não o tires nunca, pelo menos nos primeiros tempos...

O chapéo era hediondo; lembrava uma barraca preta. Manuel João e os pais agradeceram commovidos, declarando-o magnifico.

## II

### Adeus!

Dia da partida... Como correu veloz o tempo, desde que se fixou a data da viagem!

A familia, parentes, amigos, conhecidos, curiosos acompanham Manuel João á tosca estação de estrada de ferro, proxima á aldeia. Com os trajos de festa e as physionomias consternadas, lá se vão, em pittoresco grupo, pela estrada poeirenta.

Raro conversam. Só o tio padre-mestre não cessa de fazer recommendações e de dar conselhos ao sobrinho. Fala demais o padre-mestre, com desusada verbiagem, a voz bastante tremula. A mãi, a cabeça e parte do rosto envoltos em amplo lenço de ramagens, chora devagarinho. O pai, a barba em colar, jaquetão, varapáo na dextra, caminha furioso. Já se zangou varias vezes, sem motivo, com os filhos pequenos, respondendo desabridamente a quem o interroga.

... Eil-os na estação. O trem não tarda. Silencio pesado, prenhe de cousas graves e tristes. São horas. Um rumor, um abalo: o trem ahi está, prestes a seguir.

— Adeus! Adeus!

A voz mais tremula ainda do tio padre:

— Deus te acompanhe!

Rapidos abraços, soluços. Manuel João entrou; o comboio continuou a sua corrida. Tudo acabado! Uma criança, um filho abandonado a seu fadario, arremessado ao torvelinho do mundo, a longinquas zonas ameaçadoras...

Desappareceu o trem, esvahiu-se o seu ruido, e o grupo dos que ficaram permanece calado e immovel. O pai, cada vez mais carrancudo, fita torvamente a linha ferrea, ambas as mãos agarradas ao varapáo. Do lenço de ramagens da mãi, escondida a face no hombro de uma parenta velha, sahem arquejos desesperados...

— Vamos embora, commanda o tio padre, vamos embora. Não se trata de uma desgraça... Manuel João vae ser rico, ha de ser feliz...

E o tio padre-mestre toma uma pitada, assôa-se estrondosamente. Mas as dobras do lenço não as leva só ao nariz;

esfrega tambem com disfarce o canto dos olhos.

—Vamos embora! vamos embora!— repete aos berros, irritadissimo. E põe-se a andar apressado, distanciando-se dos mais. Cabisbaixos, apresentam todos expressão de soffrimento. Partir para longe, sem certeza de breve regresso, pouco menos é que morrer...

## III

### Os que ficaram

Quanta tristeza na primeira noite passada no lar donde o viajante partira! Vóga em tudo a sombra delle. Tudo o evoca, tudo torna sensivel a sua ausencia. Eis vasia a cadeira em que elle se sentava; eis por terra o pobre brinquedo com que, em pequenino, se distrahia...

Continúa muda e acabrunhada a familia. O pai passeia, as mãos cruzadas atrás das costas, tossindo, a espaços, para dissimular a commoção. A mãi remenda velhos pannos, á luz do candieiro. De quando em quando, larga a costura, encosta as mãos aos joelhos e fica perdida em doloroso scismar. Outras vezes, maneja a agulha velozmente, tremulamente, num assomo de frenesi. Outras, solta suspiros, cose devagarinho, num desanimo, emquanto lagrimas lentas vão pingando sobre a costura. Os filhos pequenos arrimam-se aos cantos, meditativos, olhando assustados para os pais e para a luz do candieiro. Si a mãi chora, choram tambem. O pai se agasta interpellando a esposa:

— Basta de prantos, mulher! Isso até parece agouro. O filho não se finou. Que diabo! Está melhor do que nós... Ha de voltar...

Mas o effeito destas palavras é augmentar a tristeza ambiente.

São horas de se accommodarem. As crianças, breve o somno as empolga. A mãi ficou só, como de costume, dispondo as cousas para o dia seguinte.

Tudo prompto, ajoelha-se diante de uma imagem da Virgem Santissima, aos pés da qual arde uma lamparina. Longo tempo permanece de joelhos, os olhos humidos pregados na imagem, mexendo os labios que repetidamente sussurram o nome de Manuel João.

E' tarde! Precisa tambem deitar-se,

Deita-se. Ao lado della, o marido não faz um movimento, mas evidentemente não dorme. Ella tambem jaz immovel, sem conseguir adormecer; o travesseiro, aos poucos, fica todo molhado.

E fluem as horas impassiveis. Cantam os gallos. Ahi vem a aurora de um novo dia. Longe vai o viajante. As lidas quotidianas hão de continuar sem elle, como dantes. Sobre a sua lembrança se deposita a primeira camada imperceptivel do providencial esquecimento.

## IV

### O que partiu

Elle, o viajante, soffreu grande dôr intima no momento da separação. Atirou-se a um canto do wagon, com a confusa e incommoda sensação de que alguma cousa muito importante e decisiva acabava de passar-se na sua existencia. Teve vontade de chorar, verteu mesmo algumas lagrimas, mas conteve-se, porque varios passageiros o miravam. A' dôr aguda succedeu scismadora tristeza.

Entrou, porém, a interessar-se pelas paizagens desenroladas magicamente ante seus olhos, através a vidraça do carro. Breve, a curiosidade sobrepujou a melancolia e a saudade. Approximou-se da janella, trocou observações com os companheiros de jornada. Depois, sentiu fome. Tirou o farnel que a mãi lhe havia

preparado, e comeu com appetite. Satisfeito o estomago, encostou-se e adormeceu tranquillamente, apezar dos balanços do carro, do pó e do calor.

Despertando, uma hora mais tarde, poz-se a reflectir. Eram complexas e vagas as suas impressões. Sobrelevava-as o orgulho de se ver sobre si, sem mais depender dos pais e do padre-mestre. Julgava-se alguem, um personagem de ordem superior á que até então occupara; tinha subido.

Da familia quem lhe fazia verdadeira falta era uma pequenina irmã, a Maricota, sua socia predilecta de brinquedos e conversações. Por que não o acompanhara a Maricota?

Manuel João partia para o Brazil levando simplesmente uma carta de recommendação do tio padre-mestre para um seu amigo de infancia, estabelecido, havia annos, no Rio de Janeiro e com quem o sacerdote correspondia-se, a longos intervallos.

A carta de recommendação e o dinheiro necessario ás despezas urgentes, trazia-os o emigrante cautelosamente occultos no bolso interior do collete. De instante á instante apalpava o involucro e as moedas, não tanto para se certificar de que não tinham desapparecido, como pelo gosto de os sentir ali.

— Cuidado com os ladrões, que o mundo anda cheio delles... — fôra um dos mais instantes conselhos do padre-mestre e a que o menino dera maior attenção.

O resto do seu dinheiro, a quantia principal, ia dissimulado no fundo da caixa, entre a roupa.

Em summa, o percurso na estrada de ferro effectuou-o Manuel João sem incidente especial. Custaram-lhe menos do que presumira as primeiras horas de ausencia da casa paterna.

Celeremente, sem lhe deixar tempo á ponderação, foram succedendo factos de summo peso para elle. Attingiu a estação

terminal da via ferrea; desceu no porto de mar; embarcou no vasto paquete, onde uma multidão de emigrantes demandavam como elle o Novo Mundo, á busca de fortuna. Fez tudo isso atordoado, e atordoado se achou em pleno oceano, singrando as ondas na direcção do Brazil.

## V

### Pleno Mar

Tambem sem accidente notavel realizou-se a viagem maritima. Na prôa do navio, amontoavam-se centenas de pessoas, homens, mulheres, crianças, de todas as idades, em repugnante promiscuidade. Dormiam em beliches superpostos como gavetas, com pouco ar e escassa luz. Si fazia bom tempo, vinham para a coberta, onde os homens jogavam, as mulheres cosiam e as crianças procuravam brincar. Quedavam longamente a

contemplar a immensidade das aguas e as trepidações das ondas.

Manuel João enjoou. Os primeiros dias levou-os estendido no beliche, em prostração completa, alheio a tudo. Rejeitava a alimentação, que lhe provocava nauseas incoerciveis e lhe aggravava o mal-estar. Sem ousar mexer-se, pois qualquer movimento lhe acordava a horrivel vontade de lançar, fixava horas e horas o tecto do estreito alojamento, os olhos muito abertos, as idéas baralhadas. Outras vezes, attento aos balouços do navio, avistava, com intervallos regulares, um pedaço agitado do mar, coroado de espuma, ou um trecho longinquo do firmamento oscillante.

As noites eram atrozes. Sem somno, debilitado pelas ancias, recuperava a lucidez, e sentia apertarem-se-lhe as saudades, arrependido de haver deixado o socego e o agazalho do lar, os carinhos da mãi, a alegre convivencia dos irmãos. Tudo depois lhe parecia vacillar, prestes

a cahir. Vinha-lhe um pouco de febre. Delirava, chamando, num sussurro:

— Mãi! Minha mãi!...

Companheiros curiosos ou compassivos vinham vel-o, perguntar-lhe o que desejava. Sorria, abanando a cabeça:

— Obrigado.

Nada queria; pedia apenas que o deixassem quieto.

Certa manhã, muito instado, ergueu-se com esforço, alçou-se ao convez, onde se arremessou a um banco, e permaneceu immovel, exanime, sem alento para articular uma palavra, acompanhando com o olhar quasi abolido as fluctuações das nuvens a que se ia juntar a fumaça do vapor.

A travessia interminavel produzia no menino o effeito de penosa enfermidade. Perdeu a consciencia do tempo; não sabia mais a data do mez e o dia da semana. No entontecimento em que mergulhara, sacudido apenas pelas nauseas, arrastava uma existencia incommoda de somnambulo.

Nos ultimos dias, reanimou-se um tanto. Conseguiu mais frequentes vezes arrancar-se do beliche, conservar-se na coberta.

Palestrava com elle um passageiro, seu compatriota, que se inculcava negociante de calçado no Rio de Janeiro, grande conhecedor da sociedade brazileira.

Não foi difficil a esse passageiro conquistar a confiança de Manuel João, a quem dirigia continuas perguntas. Contou-lhe o menino sua pequena historia, mostrou-lhe a carta de recommendação do tio padre-mestre para Joaquim de Souza Telles, membro da firma Telles & C., rua de S. Pedro 238.

O sujeito (dava pelo nome de Vargas) declarou conhecer intimamente Souza Telles, prometteu guiar os primeiros passos de Manuel João, ao desembarcarem. Fornecia-lhe informações sobre o Brazil.

— Optimo paiz, povo agradavel, immensa facilidade em se ajuntar dinheiro, de modo a poder a gente voltar depressa,

cheia de ouro, para Portugal. Mas abundam velhacos e tratantes, promptos a se apoderarem, sem hesitações nem escrupulo, do pertencente aos outros. Muito cuidado com os velhacos e tratantes, sobretudo com os compatriotas...

As palavras de Vargas, coincidindo com as do tio padre, calaram fundo no animo de Manuel João. Vivo receio lhe inspiravam os velhacos e tratantes do Brazil. Felizmente, a sua boa estrella lhe havia deparado no Vargas um ponto de apoio, um amigo, cuja esclarecida experiencia e generoso patrocinio certamente de muito lhe serviriam na terra estranha.

## VI

### A chegada

Avistaram-se finalmente as caprichosas montanhas annunciadoras da capital brazileira. Intensa lufa-lufa a bordo! Os

emigrantes arrumam seus pacotes, trocam despedidas. As crianças correm satisfeitas. Geral sensação de allivio e alegria. Encanta-os a todos o grandioso espectaculo da entrada da barra.

Manuel João, como os outros, vestira a melhor roupa, reservada para o desembarque. Puzera o chapéo, com que o tio-padre o havia presenteado. As abas collossaes do chapéo, o grotesco aspecto do menino debaixo dellas, provocaram hilaridade entre os presentes. Mas a attenção dos passageiros achava-se absorvida pelas peripecias do fim da viagem.

O Vargas acercou-se de Manuel João, indagando:

— E a sua bagagem?

— Só tenho uma caixa alem deste embrulho.

— Onde está a caixa?

— Entreguei-a quando embarquei, e não mais a vi.

— Comprehendo. Deve estar em baixo com os volumes pesados. Vão leval-os á

Alfandega. Só na Alfandega é que restituem esses volumes.

— E' difficil na Alfandega?

— Não deixa de ser difficil. Eu, porém, conheço os empregados, sou camarada do inspector. Para quem vem pela primeira vez, e lá não possue amigos, é bastante difficil.

Manuel João lançou ao Vargas supplicantes olhares:

— Não poderia o senhor me ajudar na Alfandega?

— Sim, posso,—respondeu o Vargas. E, depois de uma pausa:

—Si você quer, me incumbirei de tudo.

Manuel João agradeceu commovido a preciosa protecção:

— O Sr. Vargas me fará grande favor Não sei o que é Alfandega, nunca vi Alfandega.

— Basta — continuou o outro — que você me confie a chave da caixa, dizendo-me tudo que ha dentro. E' para as declarações officiaes. São muito exigentes...

Manuel João passou-lhe a chave, descreveu minuciosamente o conteúdo da caixa, os objectos que com tanto carinho a mãi arranjára. Não occultou que, no fundo, num pé de meia, estava o dinheiro. Si fosse observador, notaria que esta ultima revelação accendera estranho brilho nos olhos do Vargas.

— Bom, disse este. Não ha duvida. Mas na Alfandega, é necessario fazer despezas. Você, além do dinheiro da caixa não trouxe outro? E' impossivel que não trouxesse.

— Trouxe, sim, senhor.

— Quanto?

Manuel João indicou a somma.

— Mas é dinheiro portuguez; elles não o aceitam; é preciso trocar por dinheiro do Brazil.

— E o senhor não m'o poderia trocar? — inquiriu Manuel João, captivo de tamanho interesse e tamanha bondade.

— Certamente que o posso, mas em terra. Aqui só guardo o indispensavel.

Deixe-me ver o seu thesouro. Dar-lhe-ei depois conta bem explicada, como costumo fazer em todos os meus negocios. E' bom assim, porque você, de outro geito, iria cahir nas mãos de algum velhaco que o esfolaria. Toda a cautela com essa sucia é pouca.

Manuel João desabotoou o casaco e o collete. Tirou da algibeira interior do collete algumas moedas e notas, amarradas num lenço. O Vargas apoderou-se do dinheiro, contou-o, metteu-o no bolso.

— Dê-me tambem a carta do tio padre e esse embrulho. De tudo me incumbirei.

Manuel João obedeceu, entregando o embrulho e a famosa carta, sua garantia unica no Brazil.

— Perfeitamente, concluiu o Vargas. Logo que desembarcarmos, irei á Alfandega receber a sua caixa e as minhas. Acompanhal-o-ei depois á casa do Telles, que, como já lhe disse, é muito meu amigo.

## VII

### Primeira licção

Desembarcaram. Graças ao auxilio do Vargas, desenvencilhou-se facilmente Manuel João do tropel de gente que invadira o navio, logo depois de fundeado. Tomaram um escaler, entre os muitos que haviam rodeiado o vapor, e cujos tripolantes offereciam seus serviços, em altas vozes, produzindo alarido e confusão. O Vargas debateu vivazmente o preço do transporte á terra.

— Todos uns velhacos e ladrões,— explicou a Manuel João.— E' preciso a gente defender com energia seu dinheiro que custou tanto a ganhar...

Manuel João, a quem o espectaculo da chegada aturdira, achou-se, após pequeno trajecto no escaler, em meio de uma ampla praça, á beira-mar. Parecia-lhe não haver deixado ainda a habitação

fluctuante, onde vivera vinte dias. O solo firme vacillava a seus passos.

Disse-lhe o Vargas:

— Está você são e salvo no sólo da sua nova patria. Seja muito feliz. Espere-me aqui alguns momentos, emquanto eu vou á Alfandega buscar a bagagem. Até já.

E afastou-se, deixando Manuel João, intimidado e só, á entrada da cidade desconhecida.

O menino poz-se a esperar, cheio de paciencia. Na verdade, que outro expediente poderia tomar, na sua situação? O Vargas partira rapidamente, sem lhe proporcionar ensejo para dizer qualquer cousa.

Esperou longo tempo. Os aspectos novos dos homens e das cousas entretinham-lhe a attenção, deleitavam-lhe o interesse. Sentia curiosidade mesclada de vago terror.

Receioso de extraviar-se, cumprindo fielmente a determinação do Vargas, não

arredara pé do ponto onde se haviam separado. Olhava desconfiado para os transeuntes que, ás vezes, se detinham a lhe observar, sorrindo, os modos, as roupas, e, sobretudo, o descommunal chapéo, presente do tio padre.

Alguns individuos mais afoitos e impiedosos demoravam-se a contemplal-o, como um animal raro, e riam-se abertamente da sua figura, na realidade burlesca. Dirigiam-lhe perguntas, a que elle não respondia.

E os minutos e as horas corriam, sem que o Vargas regressasse! Que teria succedido na Alfandega? Manuel João atirava olhares, a principio indagadores, depois inquietos, depois desesperados, para o ponto em que elle desapparecera. Tinha fome, tinha cansaço, tinha medo. Sem dinheiro, sem a carta de recommendação, absolutamente estranho ao paiz, que lhe era dado fazer? Só esperar a volta do Vargas. E esperou ainda, dando agora pequenos passeios na praça,

buscando encontrar um transeunte mais sympathico e benevolo a quem falasse, pedindo conselho. Seu rosto se revestia de expressão cada vez mais amedrontada e mais comica.

De repente, um moleque que, havia minutos, o mirava, de forma risonhamente hostil, approximou-se e o interpellou:

— Que faz você ha tanto tempo ahi, *seu* estafermo, com esse enorme chapelão?

Manuel João, prudentemente, virou-lhe as costas, sem retrucar. O moleque voltou á carga, em tom mais alto:

— Que faz você ahi, *seu* malcriado, com esse immenso chapelão? Si perdeu alguma cousa, diga, e eu o ajudo a procurar.

Manuel João tentou esquivar-se. Mas ao primeiro moleque juntaram-se outros.

— Dê uma amostra de seu espirito, oh! moço do chapelão.

— Como é que tem a lingua tão curta quem usa chapéo tão comprido...

— Fale... fale... Ande...

Agastado, porém ainda prudente, procurou Manuel João escapar. O grupo dos moleques e garotos augmentara, formara circulo em torno delle, prorompera em estrepitosa vaia.

— Olha o chapelão!... Olha o chapelão!... berravam brincalhões e excitados.

Manuel João quiz abrir passagem, arredar um dos sitiantes. Estes o repelliram com força, menos aggressiva que galhofeiramente.

— Deixem-me passar, exclamou com energia. Deixem-me passar!

Trahiu-o o sotaque, muito carregado.

— Falou... falou... bradou a turba, ás gargalhadas. E é das ilhas; é da terrinha o moço do chapelão!...

— Deixem-me passar, — repetiu Manuel João, exasperado.

— Fóra o chapelão! Fóra o chapelão! Fóra o labrego, — foi a resposta.

Manuel João insistiu, desatinado:

— Deixem-me passar... Deixem-me passar, com todos os diabos!

Um dos moleques determinou:

— Você passa, seu ilhéu, mas primeiro ha de dançar.

— Ha de dançar... ha de dançar... — confirmou o côro, apertando o circulo.

Alguns, porém, tomaram o partido de Manuel João:

— Não dança! — contradisseram.

— Dança! Dança!... corroboraram do outro lado.

Um dos moleques agarrou o braço da victima, intimando:

— Dança... já...

Completamente desvairado, Manuel João assentou-lhe no peito um murro que o arremessou longe. Travou-se conflicto. Varios cahiram sobre Manuel João; outros o defendiam. Manuel João era celebre na aldeia pela sua robustez: batia-se denodadamente.

Durou minutos a lucta, emquanto numerosos transeuntes se agglomeravam, formando uma especie de galeria que se divertia á custa dos golpes trocados,

estimulando com seus gritos e applausos os combatentes. Mas trilaram apitos. Um policial interveiu, dispersando a turba. Não havia ferimentos. Os garotos tinham-se apoderado do chapelão e o carregavam, correndo, como um trophéu. Manuel João não reclamou : poz-se a chorar.

O policial interrogou-o :

— Que faz você ahi ? Porque não se vai embora ?

Manuel João narrou-lhe o desembarque.

— Desembarcou ha muito tempo ?

— Sim, ha muito tempo.

— Quantas horas ?

Não o sabia ao certo. Mas explicou que deixara o vapor, logo depois do almoço, cedo ainda. E o sol não tardaria a desapparecer.

— São mais de cinco horas, observou o policial. Ha cerca de duas, a Alfandega se fechou. O melhor é você esperar ahi mesmo, a ver si o seu companheiro volta. Deve voltar.

E apartou-se, allegando que o serviço o reclamava em outra parte. Novamente, ficou só o menino. Pensou em perguntar o caminho da Alfandega e ir ao encontro do Vargas. Reflectiu, porém, que assim se desencaminhariam definitivamente, sem mais probabilidade de encontro. Continuou na anciosa espera. Sem chapéo, sem dinheiro, o fato rasgado na lucta, cheio de fome — era angustiosa a sua situação. Nem siquer lhe restava a carta de recommendação para o amigo do tio padre. Funesta lhe havia sido a protecção do Vargas!

Passeiava agitado em todas as direcções, examinando a physionomia de quantos desembocavam na praça. Approximou-se do cáes. Nisto, subiu a escada de embarque um homem bem trajado, trazendo á mão grande mala. Lançou olhares em roda, evidentemente á procura de quem o ajudasse. Avistando Manuel João, gritou:

— Vem cá, menino, carrega-me esta mala, até acharmos um carro.

Manuel João obedeceu. Atravessou a praça, levando a mala. Na extremidade opposta, o homem tomou um tilbury. Ao entrar no vehiculo, metteu a mão no bolso do collete e deu a Manuel João uma moeda de nickel. O menino agradeceu com immensa alegria.

Dirigiu-se immediatamente a um kiosque, num dos angulos da praça, onde vira vender comedorias. Chegaria o dinheiro para pagar-lhe uma refeição? Acercou-se resolutamente do kiosque e collocou a moeda sobre o balcão, sem nada dizer.

— Que deseja o menino? — inquiriu o negociante — Pão e café?

— Sim, pão e café, — retorquiu Manuel João.

— Ahi tem, — disse o outro, apresentando-lhe larga tigela cheia de fumegante liquido negro e um bom pedaço de pão.

Manuel João regalou-se. Deliciosamente lhe soube aquelle primeiro repasto, na terra estrangeira. Era tambem a primeira vez que comia á custa de seu trabalho.

## VIII

### Esperança

Mas a noite descia. Manuel João comprehendeu que era inutil esperar por mais tempo o Vargas, com a bagagem. Algum grave incidente devia ter acontecido ao companheiro de bordo. Não podia pernoitar alli. Urgia tomar uma deliberação.

Sentou-se a uma pedra e, depois de muito pensar, occorreu-lhe esta ideia:

— Quem sabe si o Vargas tirou da Alfandega a minha caixa e a levou directamente á casa de Souza Telles, com a carta do tio padre? Procurar a casa — eis o que me convem fazer. Si o Vargas vier a esta praça, conforme combinamos, dirigir-se-á, não me encontrando, á casa Souza Telles, pois está em seu poder a carta de recommendação. Souza Telles, pelo menos, me fornecerá meios de achar o Vargas e a caixa.

Admirou-se Manuel João de que reflexão tão simples não lhe houvesse acudido antes. Mas surgiu-lhe logo uma duvida. Sabia o nome do negociante — Souza Telles; sabia o nome da rua onde elle residia — S. Pedro; mas do numero do predio não se lembrava bem. O enjoo lh'o baralhara na memoria. Seria 234 ou 382? Por mais que se esforçasse, não conseguiu recordar-se.

— Vamos á rua de S. Pedro, — considerou. — Souza Telles é homem importante, sem duvida muito conhecido. Na rua de S. Pedro, não faltará quem me forneça informações. Mas onde estará a rua de S. Pedro?

Um policial o havia livrado da aggressão dos moleques. Avistando outro policial, encaminhou-se para elle:

— O senhor me fará o favor de ensinar onde é a rua de S. Pedro?

— Pois não sabe?!

— Não, senhor. Cheguei hoje da minha terra e tenho estado nesta praça, desde

manhã cedo, á espera de um amigo que foi á Alfandega tirar a minha bagagem. Quero ir agora á casa para a qual venho recommendado, Souza Telles & C., á rua de S. Pedro. O senhor conhece essa casa?

O policial respondeu que não conhecia Souza Telles. Quanto ao itinerario até á rua de S. Pedro, ministrou longas e confusas indicações, que Manuel João, apezar de reiteradas perguntas, pouco entendeu. Em todo o caso, foi andando na direcção designada. Ao sahir da praça, esbarrou com um mendigo que lhe estendeu a mão:

— Uma esmolinha, pelo amor de Deus...

Restavam a Manuel João algumas moedas de cobre, troco do café.

Deu-as ao pedinte, inquirindo:

— O senhor me poderá dizer onde é a rua de S. Pedro?

—E' aqui perto... E' alli... E o mendigo explicou, mais claramente do que o policial, o rumo a tomar.

— Obrigado,—concluiu Manuel João. O senhor fica nesta praça?

— Fico. E' aqui que eu trabalho desde que amanhece até que a noite fecha. Só entro em casa para dormir, e, ás vezes, durmo aqui mesmo.

— Pois si aqui apparecer um homem alto... (Manuel João enumerou os signaes do Vargas) — tenha a bondade de lhe dizer que eu o esperei todo o dia e fui, por fim, para a casa do Souza Telles. Ouviu bem?

— Não ha duvida. Vá descansado. Botarei sentido...

Tendo assim providenciado, partiu Manuel João, esperançado e contente, á busca do amigo do tio padre.

## IX

### Á procura de Souza Telles

Anoitecera completamente. Nem todos os bicos da illuminação publica estavam accesos. A escuridão envolvia os

objectos afastados, que apresentavam a Manuel João aspectos lugubres e fantasticos.

Caminhava vagarosamente, atirando olhares de assustada curiosidade para todas as direcções. Depararam-se-lhe estreitas e compridas ruas quasi iguaes na apparencia. A grandeza da cidade, tão differente da sua saudosa aldeia, o surprehendia e atemorisava. As casas commerciaes, achavam-se fechadas, no geral. Pouca gente passava, apressada. Um ou outro vehiculo corria. E ao menino tudo parecia triste e ameaçador.

Lendo as inscripções das esquinas, perguntando a alguns transeuntes, chegou á rua de S. Pedro que, esguia, rectilinea, interminavel, se desenrolou ante seus olhos. Onde habitaria Souza Telles?

Reparando, descobriu Manuel João, escriptos nas portas dos predios, nomes de firmas commerciaes. Ponderou que o de Souza Telles deveria encontrar-se numa das portas. Methodicamente, começou a

decifrar os letreiros de todos os batentes. Foi seguindo, assim, pela extensa rua afóra, examinando porta por porta. Firmas e firmas, nomes de advogados, de medicos, de engenheiros, annuncios, designações de sociedades e industriaes feriram-lhe os olhos. Nada, porém, de Souza Telles & C. A rua estava quasi deserta, de sorte que o exame de Manuel João não causava reparo. A um menino, como elle, que, sentado á entrada de longo corredor, escassamente allumiado, parecia de sentinella, indagou de Souza Telles & C. O menino respondeu não conhecer essa firma. Entrou numa venda, onde igualmente, não o souberam esclarecer.

— Telles & C., Joaquim de Souza Telles, — resmungou um empregado da venda, — não me são estranhos esses nomes, mas creio que não é na rua de S. Pedro.

Sem desanimar, bateu Manuel João á porta de algumas habitações, nas proximidades do numero 200, e interrogou

as raras pessoas com quem cruzava. A mór parte o acolheu benevolamente. Outros, porém, o trataram com rispidez :

— Que não os aborrecesse. Que fosse para o inferno com Telles & C.

Attingiu, desta maneira, o fim da rua que dava para extensa praça. Passou para o lado opposto áquelle por onde viera e volveu atraz, lendo de novo todas as inscripções dos batentes.

A noite se adiantava. Os transeuntes tornavam-se cada vez menos numerosos. Manuel João, fatigado, começou a preoccupar-se com a questão da dormida. Onde se recolheria ?

Ao passar em frente do corredor onde conversara com o menino de sentinella, enxergou-o na mesma posição.

— Já descobriu Souza Telles & C.?— questionou o menino.

— Ainda não.

— Espere um instante. Vou perguntar a *seu* Mattos, lá em cima. *Seu* Mattos conhece meio mundo. Ha de saber.

— Quem é *seu* Mattos ?

— *Seu* Mattos é o primeiro caixeiro cá da casa, uma das mais importantes casas de commissões do Rio de Janeiro, Mattos, Soares & C. *Seu* Mattos é muito estimado e dá-se com toda a gente.

Manuel João, esperançado, acceitou as informações de *seu* Mattos. O menino obsequioso subiu ao sobrado, demorou-se algum tempo e, ao regressar:

— *Seu* Mattos diz que não lhe é desconhecida essa firma Telles & C., mas não é nesta rua de S. Pedro. E' talvez na antiga rua de S. Pedro da Cidade Nova.

— Onde fica S. Pedro da Cidade Nova?

O outro explicou, accrescentando:

— Mas *seu* Mattos declarou mais que parece ter morrido o socio principal da firma, chamado Joaquim de Souza Telles. A firma entrou, por isso em liquidação.

As palavras — entrou em liquidação — nada significavam para o recem-chegado. A' noticia, porém, da morte de Joaquim de Souza Telles, o amigo do tio padre,

sentiu profundo abalo. Sumia-se seu unico arrimo na terra nova!

— Morreu o Sr. Joaquim de Souza Telles... Que desgraça! — murmurou compungido, como si o caso se désse com pessoa de sua intimidade.

— Morreu, sim. *Seu* Mattos nunca se engana.

— Pois eu trazia uma carta de recommendação para elle.

— Deixe-me ver essa carta. Posso mostral-a a *seu* Mattos.

— Entreguei-a a um amigo que foi á Alfandega buscar o meu bahú.

— Onde está este amigo?

Manuel João referiu succintamente o occorrido, omittindo, por vexame, a scena do chapelão. O outro o fitava incredulo, achando a historia inverosimil, a despeito do ar de boa fé e das asseverações de Manuel João.

— Em todo o caso — ponderou, — é exquisito que você ande sósinho, á tôa por estas horas, sem chapéo, a procurar

uma casa em liquidação e cujo chefe falleceu. Tudo isso cheira a invenção. Eu vou chamar *seu* Mattos.

— Não precisa, atalhou Manuel João, nervoso, offendido. Repugnava-lhe ter de relatar a outros sua aventura, ouvir remoques, manifestações de duvida sobre a veracidade da narrativa.

— Não precisa incommodar *seu* Mattos,— rematou.—O senhor me disse que a casa Souza Telles é na rua de S. Pedro da Cidade Nova. Agradeço-lhe. Quem tem boca vai a Roma. Hei de encontral-a.

E apartou-se, a passos largos, deixando no caixeiro de Mattos, Soares & C. a impressão de um desajuizado ou de um embusteiro.

Caminhou um bom pedaço, sem reflectir. De repente, volveu-lhe o criterio e arrependeu-se. Porque não falaria a *seu* Mattos? Nenhum mal, apenas bem, dahi lhe adviria. *Seu* Mattos de muita utilidade lhe poderia ser. Retrocedeu, mas a porta de Mattos, Soares & C. tinha se

fechado. Receiou bater, quedou por instantes parado na calçada e, por fim, recomeçou a caminhar.

Andou, andou, pela cidade adormecida. Era no bairro commercial, onde cedo cessa todo o movimento. Atravessou largos, dobrou esquinas, percorreu indistinctamente ruas e ruas. Indagou ainda de alguns transeuntes; mas, como as respostas se tornassem grosseiras, deixou de perguntar, dissimulando-se, si ouvia passos. Andou, andou, machinalmente, por não ter outra cousa a fazer, sem destino, com a vaga esperança, entretanto, de topar com a casa Souza Telles & C.

Finalmente, exhausto, cahindo de fome, sede, somno e cansaço, entrou, por acaso, num amplo jardim publico. Num canto sombrio, debaixo de copadas arvores, deparou-se-lhe um banco vasio. Atirou-se ao banco e, sem tardar, adormeceu profundamente.

## X

### O broche de ouro

A fadiga, as commoções experimentadas e, sobretudo, a idade em que se achava Manuel João, tornaram-lhe o somno longo e reparador. Dormiu deliciosamente toda a noite, tépida e perfumada; dormiu, como não dormira desde que deixara a casa paterna.

Despertou com o ruido do amanhecer. Estirou os braços, surprehendido de se encontrar naquelle sitio. Levou alguns segundos a colligir as idéas, a recordar as peripecias da vespera.

Perto do banco em que passara a noite, erguia-se um chafariz. Manuel João lavou o rosto e as mãos, emquanto formulava mentalmente o programma do dia: ir á Alfandega reclamar a sua caixa,

saber o fim que tinha levado o Vargas e procurar a casa Souza Telles & C.

Sahiu do jardim e, de novo, começou a andar sem direcção. Vendo não pequeno numero de vehiculos e pessoas a pé que se encaminhavam para certo ponto, acompanhou-os. Breve, avistou magestoso edificio, onde entrava e donde sahia muita gente. Os fócos electricos que illuminavam os arredores do edificio, o aspecto deste, o extraordinario movimento junto a elle attrahiram Manuel João. Era a estação da estrada de ferro. Ia partir um trem para o interior. Não cessavam de chegar viajantes, — familias avultadas, acompanhadas de carregadores, com abundante bagagem.

Deteve-se Manuel João a observar. Notou uma turma de rapazes, como elle, arremessando-se aos carros que paravam á porta da estação, buscando prestar serviços aos passageiros: ajudal-os a descer, tomar-lhes os objectos incommodos, vender-lhes jornaes. Lembrou-se Manuel

João de que no dia antecedente ganhara o dinheiro do jantar carregando uma mala. Promptificou-se a fazer o mesmo. Poz-se á espera; e, com tal diligencia e decisão arrojou-se ao primeiro carro recemvindo, que superou, no abrir-lhe a porta, o grupo dos concurrentes. Apeiaram do carro uma senhora e um cavalheiro, confiando este a Manuel João pesado pacote.

Como tudo lhe era novidade e tudo lhe alliciava a attenção, reparou o menino no numero do carro: — 155.

Seguindo a dama e o cavalheiro, levou o pacote até á proximidade dos wagons, na plataforma. Ahi, o cavalheiro remunerou-o com uma moeda de nickel simelhante á da vespera. Pulou-lhe de jubilo o coração: estava ganho o almoço!

O cavalheiro e a dama, depois de escolherem logares no wagon, voltaram á plataforma, á espera do signal da partida. Manuel João não se afastara, interessado pelo animado espectaculo da plataforma.

De subito, a senhora soltou um pequeno grito:

— Meu broche... meu broche de ouro... com o retrato de Lili... perdido!

— Tens certeza de que o puzeste? perguntou o homem.

— Tenho plena certeza de que sahi com elle do hotel... Ficou no carro. Como ha de ser?!

— O carro é de praça, nem me lembro o ponto onde o chamei. Resigna-te: é difficil, sinão impossivel, recuperar o broche.

— Tudo daria para achal-o, — insistiu a senhora. — Um broche de tanta estimação!...

— Ainda si soubessemos o numero do carro! — disse o homem. — Por ahi, talvez...

Manuel João interveiu:

— O numero do carro é 155.

— Como é que você sabe?

— Vi-o na occasião em que os senhores desembarcavam.

Nos olhos da senhora luziu uma esperança. Sorriu agradecida para Manuel João.

— Bem, — terminou o homem. — E' uma indicação util. Por ahi pode-se ver...

Escreveu na carteira o numero, e. consultando o relogio:

—Faltam apenas 3 minutos para a partida do trem. Da fazenda providenciarei. Agora não resta tempo para nada.

Penetrou no wagon, dando a mão á senhora, que mostrava claramente não partir satisfeita sem ter tentado alguma cousa no sentido de recobrar a joia perdida. Manuel João retirou-se, a ver si ainda a fortuna lhe deparava algum carreto.

Ao chegar á porta do edificio, enxergou, a pequena distancia, estacionando, um grupo de carros. Acudiu-lhe uma idéa. Correu, e, rapidamente, examinou o numero desses carros. O 155 lá se achava. No momento em que Manuel João lhe reconhecia o numero, o cocheiro tomou as redeas, fustigou os animaes, e o carro se

apartou. Mas Manuel João precipitou-se. Antes que o cocheiro lh'o pudesse impedir, saltou no estribo, penetrou no vehiculo, lançou-se de bruços, a percorrer com as mãos avidas as almofadas e o tapete do chão. Immensa a sua alegria quando apprehendeu com os dedos pequeno objecto. Era o broche de ouro!

Num relampago, sahiu do carro, emquanto o cocheiro, espantado e furioso, praguejava, brandindo o chicote. Em frenetica disparada, penetrou na estação, atravessou as salas de espera, attingiu a plataforma. Era tal a sua impetuosidade que ninguem lhe embargou a corrida. Apitos trilavam. A locomotiva mugia. Ouviam-se vozes:

—Adeus... adeus... Cuidado! Quem embarca?... O trem vai partir...

Na verdade, a massa colossal do comboio já se agitava, prestes a desfechar em vertiginosa marcha.

Manuel João não hesitou. Saltou no comboio, á procura da dona do broche.

Na obscuridade dos carros, cheios de gente, não atinou a principio com as physionomias. Tropeçava nas malas, abalroando as pessoas, correndo de wagon a wagon, com o precioso broche cerrado na mão, provocando exclamações irritadas dos passageiros. Afinal, divisou a senhora e o cavalheiro, accommodados num banco, parecendo dormitarem.

— Aqui está o broche... Aqui está o broche... bradou esbaforido.

A senhora levantou-se, tomou a joia, soltou um grito de surpresa e alegria.

Nisto, silvou um apito mais forte. O trem, que se movia devagar, accelerou-se. Manuel João quiz arrojar-se para fóra: retiveram-no. O comboio proseguiu, cada vez mais celeremente, levando Manuel João para o interior do Brazil.

## XI

### Inesperada excursão

A dona do broche e seu companheiro eram um casal de fazendeiros, naturaes

de Minas, para onde regressavam, depois de curta estadia no Rio. Com a affabilidade peculiar aos mineiros, obrigaram Manuel João a sentar-se junto delles e a lhes referir o modo como achara a joia. Em seguida, ouviram-lhe a narrativa da chegada á capital brazileira, do desencontro com o Vargas, da procura infructifera de Souza Telles.

— E' um romance! — exclamou a senhora, enternecida.

— E que tenciona agora fazer? inquiriu o fazendeiro.

— Voltar ao Rio. Ir á Alfandega, descobrir o Sr. Souza Telles, a quem o tio padre mestre me recommendou.

— Não é difficil voltar ao Rio, — retrucou o homem. Descerá na primeira estação em que o trem parar. Tomará outro trem, em sentido contrario; breve se achará restituido á Capital. Mas por que não vae em nossa companhia até á fazenda?

Manuel João agradeceu, mas recusou, advertindo que não podia abandonar a

caixa com o dinheiro, nem deixar de cumprir a ordem do tio padre relativamente a Souza Telles.

A senhora achou sensata a resposta de Manuel João.

— O menino tem razão, mostra juizo, deixemol-o ir. Si precisar de nós, não custará escrever-nos ou procurar-nos na fazenda.

O marido não insistiu. Abrindo a carteira, entregou a Manuel João uma nota de vinte mil réis, acompanhada de varias moedas de nickel.

— Está aqui para as despezas de volta e como recompensa da restituição do broche.

Manuel João estremeceu de prazer. Seu capital augmentava em proporções inauditas! Realmente, o Brazil era a terra privilegiada para se ganhar dinheiro! Bem o affirmava o tio padre...

— Não ha duvida, — disse agradecendo. A protecção dos senhores me é

muito preciosa. Si precisar, não me esquecerei de recorrer a tanta bondade.

O fazendeiro deu mais a Manuel João um cartão de visita:

— Eis o meu nome e a indicação da minha residencia. A viagem até á fazenda é commoda e agradavel. Si se resolver a lá ir, previna-me com alguma antecedencia, para eu mandar conducção á estação onde se deixa o trem.

Escreveu a lapis meia duzia de palavras noutro cartão de visita:

— Tem ahi agora o nome e o endereço de meus correspondentes no Rio. Procure-os. Hão de lhe ser uteis.

Manuel João, confuso com tamanha benevolencia, não sabia como replicar. Não se achava habituado a esses modos fidalgos e obsequiosos. O acto que praticara não lhe parecia merecedor de taes attenções. Si era assim tratado por estranhos, que não seria por Souza Telles, amigo do tio padre?!

Na primeira parada do comboio, despediu-se dos novos conhecidos, e sahiu. Animado, desembaraçado, tomou informações sobre o regresso ao Rio, regresso que realisou sem accidente.

Ao se encontrar na larga praça da Estação Central, como sentisse fome, tratou de almoçar. A' similhança da vespera, dirigiu-se a um kiosque, onde, se abarrotou de pão e café com leite. Sentia appetite, alegria, vivacidade.

Finda a refeição, outra vez partiu sem rumo pela cidade afora. A falta de chapéo attrahia sobre elle a attenção. Entrou na primeira loja de chapéos que se lhe deparou e escolheu longamente um que lhe servisse. Ignorando o valor da moeda brazileira, e recordando os conselhos do tio padre, corroborados pelos do Vargas, sobre velhacos, adoptou o expediente de declarar muito caro tudo quanto se lhe offerecia. Por fim, puxou a nota, dada pelo fazendeiro, recebendo impassivel o troco, que contou com cuidado, apparentando

fazer calculos mentaes. Ao despedir-se, inquiriu do vendedor:

— Qual o mais curto caminho daqui á Alfandega?

O dono da casa forneceu-lhe minuciosas explicações. Como Manuel João não as comprehendesse, o negociante veio á porta da rua, para melhor lhe indicar o itinerario.

Repleto o estomago, o chapéo novo á cabeça, Manuel João seguiu afoitamente. Parecia outro. Nascera-lhe a confiança em si mesmo. Decididamente as cousas no Brazil tomavam para elle a mais risonha feição.

## XII

### Em busca do Vargas

Na Alfandega, a que chegou, graças a constantes inquirições durante todo o trajecto, atordoou-o em começo o intenso

movimento e a agglomeração de gente... Mas já havia adquirido experiencia e ardimento. De chapéo na mão, interpellou um homem fardado com quem cruzou:

— Poderá ter a bondade de informar-me onde é que se reclama a bagagem trazida por um vapor entrado hontem de Portugal?

O homem não sabia, mas prestou-se a coadjuvar Manuel João na pesquiza. Um funccionario a quem ambos interrogaram, designou o armazem onde a bagagem devia achar-se depositada.

Manuel João lá foi. A' porta do armazem encontrou um guarda, a quem repetiu a pergunta:

— E' aqui que se acha a bagagem do vapor entrado hontem?

— Que vapor?

Manuel João deu o nome.

— Sim, respondeu o guarda, foi aqui que esteve essa bagagem.

— Como esteve? Pois não está mais? indagou espantado o menino.

— Não está mais, não senhor. Era pouca. Hontem mesmo retirou-se quasi toda, e hoje cedo o resto.

— E a minha caixa ? !

— Que caixa ?

— A caixa que me pertence, com a minha roupa, com o meu dinheiro.

— A caixa que lhe pertence, com a sua roupa e o seu dinheiro, deve ter sahido com as outras. Todos que retiraram malas e caixas tiveram de as abrir. Quem foi que trouxe a chave da sua ?

Manuel João lembrou-se de que havia confiado as suas chaves ao Vargas. Mostrou-se tão surprehendido e acabrunhado com as observações do guarda, que este, com pena, accrescentou :

— Em todo o caso, vamos ver lá dentro : talvez alguma cousa ficasse.

Penetraram no amplo armazem, repleto de barricas, caixotes, envolucros de variados feitios e no qual muita gente ia e vinha. Apontando para um espaço vazio, disse o guarda :

— Eis onde provavelmente sua mala esteve...

Manuel João contemplou demorada e dolorosamente o espaço vazio.

— E agora?! murmurou.

— Agora, — replicou o guarda — é buscar o ponto para onde levaram a mala si é que a desembarcaram, porque bem pode ter succedido haver ficado no navio. Você não tem no Rio um correspondente, um amigo, um conhecido?

— Tenho um correspondente, mas a carta de recommendação está com o Sr. Vargas.

— Quem é o Sr. Vargas?

— A pessoa a quem entreguei as chaves da caixa.

— Onde mora o Sr. Vargas?

— Não sei.

— Onde mora o correspondente.

— Tambem não sei. Parece até que morreu.

O guarda soltou uma risada:

— Você está arranjado, meu amigo; mas por que não veio hontem cá?

— Porque o Sr. Vargas me disse que o esperasse no largo onde desembarcamos.

— Porque você não esperou?

— Esperei, sim, senhor, até á noite. Não podia lá dormir.

— Que largo foi?

Manuel João descreveu o largo, cujo nome ignorava.

— Já sei qual é, — continuou o empregado. — E' melhor lá ir ter. Talvez o tal Vargas o procure hoje, não tendo podido fazel-o hontem. Si elle, por acaso, apparecer aqui, dir-lhe-ei que você o está esperando no largo.

— Sim, senhor, — annuiu Manuel João.

— Não gosto de accusar alguem sem provas, — concluiu sorrindo o outro, — mas estou quasi a jurar que você foi victima de um tratante. Julgo muito pouco provavel que você recupere sua mala, e o dinheiro de dentro. Adeus, seja feliz.

Estas ultimas palavras trespassaram o coração do menino. Seria, porventura, o Vargas um dos velhacos e tratantes contra os quaes tanto se indignava? Não! não era admissivel, com aquella cara sisuda, com aquelles modos honestos. Em todo o caso, o procedimento delle não deixava de apresentar materia para duvidas e suspeitas.

Entregue a estas reflexões, proseguindo no systema de perguntas, adoptado desde o desembarque, attingiu facilmente Manuel João a praça desejada. No canto onde o deixara, encontrou o mendigo, a quem dera esmola. Deu-lhe nova esmola e o interrogou:

— Então o homem appareceu?

— Não, senhor, não appareceu. Botei todo o sentido e não o vi. Pode o senhor estar descansado: não appareceu.

Manuel João quedou algum tempo indeciso. Devia ainda esperar o Vargas? E si fosse exacta a supposição do empregado da alfandega? Teria o Vargas usado

de um artificio para se apoderar da caixa, tão cuidadosamente arranjada pela mãi, contendo tão uteis e bonitas cousas, com tanto dinheiro no pé de meia ?! Ah! miseravel. Que vingança não mereceria! Restava uma esperança: não haveria o Vargas levado a caixa para a casa Souza Telles & C., da qual se dizia camarada ? Cumpria, a todo custo, encontrar Souza Telles.

Recordou-se Manuel João de que trazia no bolso o cartão do fazendeiro para seu correspondente, e resolveu utilisar-se desse cartão. Depois de reiterar ao mendigo minuciosas determinações, quanto a possivel vinda do Vargas, sahiu á procura do endereço traçado no cartão. Era o de uma importante casa de commissões na rua dos Benedictinos. Já agora Manuel João movia-se sem acanhamento, colhendo habilmente instrucções sobre a direcção a tomar.

Com relativa presteza, descobriu a casa. Em vinte e quatro horas, adquirira

experiencia da vida. Vivera mais durante esse periodo do que até então.

Acolheram-no friamente. Um moço alto, de esmerado trajo, embora em mangas de camisa, uma caneta atrás da orelha, abandonou o grande livro onde examinava algarismos, e percorreu as linhas a lapis do fazendeiro. Em seguida, indagou rapidamente qual o objecto da visita de Manuel João. Narrou-lhe este em breves palavras as suas aventuras. O moço riu-se e opinou, como o empregado da alfandega, que o menino fôra victima de um velhaco. Quanto a Souza Telles & C., declarou conhecer vagamente a firma, mas ia inteirar-se. Escreveu o nome de Manuel João e o de Souza Telles numa tira de papel, finalisando :

— Estamos entendidos. Aqui ficamos ás ordens. Volte amanhã, ou depois; espero achar-me então habilitado a lhe fornecer informações completas. Passe bem.

E voltou as costas a Manuel João, remergulhando no grande livro. Occorreu

tudo em alguns minutos : o moço evidentemente não tinha tempo a perder. Manuel João intimidado não lhe fez sentir que se via desamparado no Rio de Janeiro, sem o mais humilde abrigo para dormir ou repousar siquer. Eil-o ainda uma vez na rua, sósinho, a cirandar pela immensa cidade. Com dinheiro na algibeira, o estomago satisfeito, não o acabrunhava demasiado a estranheza da sua situação. Quem naquella idade imprevidente e temeraria alimentaria preoccupações sérias? Pouco se lhe dava o que viria a succeder. Cifravam-se seus unicos desejos e seus projectos exclusivos em achar o Vargas e Souza Telles.

Continuou a passear longamente, divertindo-se com os aspectos para elle ineditos de quanto lhe feria a retina. Fluiam as horas. Distrahia-se a olhar tudo e todos. Quando cansava, sentava-se nos bancos que avistava vazios. Sentiu fome: recorreu ao kiosque, atulhando-se de pão, café e leite. Afinal de contas, apresentava-lhe

decidido encanto a total independencia de que estava disfructando. Quanto tempo duraria essa existencia excepcional?

## XIII

### Novo conhecimento

Estendendo a sua excursão, sahiu da zona commercial da cidade; alcançou, á tardinha, um arrabalde, onde vastas chacaras se alçavam do meio de espaçosos jardins, recamados de folhagens.

Parou junto ao portão de uma dessas chacaras, em que entravam sumptuosos moveis, trazidos em amplos e altos vehiculos. Era uma mudança. A' proporção que os moveis iam sendo retirados dos carros, tres homens os carregavam para o interior do predio. Manuel João, interessado, observava o serviço. Dirigia-o um velho, com aspecto de criado de

confiança. Succedeu ser um dos moveis summamente pesado. Não conseguiram transportal-o os tres homens, ajudados do velho. Manuel João offereceu-se:

— Si querem, poderei auxiliar.

— Pois tu lá tens força, pequeno...

Por unica resposta, Manuel João metteu hombros ao movel, e, na verdade, com a coadjuvação do menino, o peso foi supportado, sendo o objecto conduzido.

Esvasiara-se o vehiculo. Os tres homens partiram, á busca do resto da mudança, deixando ricas peças de mobilia desmontadas e esparsas pela casa vazia. Sósinho com Manuel João, disse-lhe o velho:

— Já que possues tanta força e mostras tão boa vontade, ajuda-me a arrumar isto. Dar-te-ei uma molhadura.

Manuel João accedeu de bom grado. Emquanto trabalhava, sob a direcção do velho, conversava com elle. Chamava-se Casimiro. Era antigo jardineiro de um rico commerciante que, por motivo do

fallecimento de uma filha, partira com a familia para Minas, encarregando Casimiro, homem sério e empregado na casa havia annos, de effectuar a mudança, pois não voltariam á antiga residencia. Viriam para a nova casa, tomada pelo Casimiro, quando este participasse estar tudo prompto. Não pequena responsabilidade pesava, pois, sobre o antigo empregado, desejoso de servir escrupulosamente ao patrão, sobre quem externava grandes gabos.

Trabalharam Casimiro e Manuel João até ao anoitecer. Chegaram outros vehiculos, ainda carregados de alfaias e moveis, que foram despejados e collocados mais ou menos nos logares proprios. Casimiro fallava sem cessar. Era portuguez, razão pela qual acolhera tão benevolamente o patricio. Indagou da aldeia de Manuel João, de seus parentes, da sua viagem. Commoveu-o o incidente do Vargas e a procura inefficaz de Souza Telles. Prometteu o seu concurso para ulteriores

indagações. Descera o crepusculo. Casimiro exclamou:

— Estou com o estomago a dar horas. Vamos jantar.

A proposta sorriu a Manoel João. O regimen de pão com café e leite começava a lhe parecer insufficiente.

Depois de fechado cuidadosamente o predio, foram a um hotel de trabalhadores, na visinhança, — comprida sala escura, com duas estiradas mesas parallelas, cobertas de toalhas ennodoadas, onde sujeitos descalços, o chapéo na cabeça, sem paletot nem collete, a camisa aberta no peito cabelludo, mangas arregaçadas, comiam atabalhoadamente, fazendo algazarra. Caixeiros, tambem descalços e em mangas de camisa, corriam açodados entre os numerosos e brutaes freguezes, apregoando as iguarias, trazendo e levando pratos, gritando. O conteúdo de colossaes terrinas, — sopa de legumes ou feijão, — e de enormes travessas, — arroz e carne com batatas, — desapparecia num segundo.

Mastigava-se com furia. Enxames de moscas sussurravam no ar, pesado das exhalações dos alimentos e de fumo.

Manuel João fartou-se. Pela primeira vez, ingeria comida de sal no Brazil. Achou delicioso o grosseiro, mas copioso repasto. Ao voltarem á chacara, era noite. Casimiro, que tinha bebido um pouco de mais, inquiriu:

— Onde vais tu dormir?

— Não sei, respondeu Manoel João. Não tenho onde me recolher...

— Fica aqui.— Fazes-me companhia e vigias commigo as cousas de valor que se acham atiradas nessas salas. Constame que este bairro é pouco seguro. Anda por ahi uma quadrilha de gatunos a assaltar os predios, com a maior audacia. De policia nem devemos cogitar, em ponto tão afastado do centro. Nós dous sempre somos dous. Defenderemos melhor a propriedade do patrão.

— Mas, si eu não apparecesse o Sr. Casimiro defenderia a casa sósinho?

— Sem duvida. — Não tenho medo, e pouca gente me inspira confiança. Prefiro ficar só a ter a meu lado um companheiro que não me inspirasse fé. Comtigo o caso muda de figura. Demais, o patrão deu-me isto, para repellir qualquer assalto. São seis tiros...

E mostrou a Manuel João um revolver carregado.

Ainda conversaram e trabalharam, á luz de uma vela de sebo. Estenderam, depois, esteiras no assoalho e deitaram-se. Breve, profundo somno, produzido pelas canceiras do dia, os aferrou. Manuel João, que passara a primeira noite no Brazil sobre um banco de jardim publico, dormia agora tranquillamente num palacete, rodeado de cousas luxuosas.

## XIV

### O assalto

Continuava Manuel João no mais placido dos somnos, quando Casimiro o

despertou, puxando-lhe um dos braços e murmurando:

— Acorda. Creio que estão arrombando a porta do salão. São os gatunos.

Manuel João sentou-se, extremunhado. A expressão gatunos não tinha para elle sentido.

— Que são gatunos?

— São os ladrões que atacam as casas.

— Salteadores?!

— Sim, salteadores. Levanta-te.

O coração do menino palpitou apavorado... Mas, com resolução, inquiriu:

— E que vamos nós fazer?

— Por ora, nada. Esperar... Escuta...

Permaneceram calados. Manuel João ouviu um rumor fino, continuo, cortante, proveniente da sala. De vez em quando, havia um ruido mais forte, como o de um empurrão.

— Os patifes,— continuou Casimiro,— suppõem que a casa se acha desoccupada e vão arrecadar boa presa. O melhor é

deixarmos que elles arrombem a porta e penetrem. Talvez possamos assim apanhar algum com a boca na botija.

— E se forem muitos?

— O revolver tem seis tiros. E eu sou homem para dez. Disparo sobre elles, desanco-os a páu, faço tal alarido que a visinhança acudirá. Hão de ser presos. Ou, então, emquanto eu enfrento com elles, tu corres e chamas por soccorro. Vamonos approximar da porta que elles forçam. Nada de barulho!

Confortado pela coragem temeraria do velho, devida talvez em parte ao vinho que ingerira ao jantar, Manuel João não formulou objecção. Devagarinho, ás apalpadellas, tacteando a treva, lá se foram postar ante a porta donde partia o ruido. Persistia este, como o ranger metallico de uma lima ou de uma verruma.

A espaços, empurravam a porta, cautelosamente. Interrompiam o trabalho alguns segundos, como que a verificar si de dentro não soava signal de alarma;

depois, no meio do silencio, proseguiam. Uma ou outra vez, rapido cochicho de vozes abafadas... Eram, pois, numerosos!

No escuro, diante do perigo imminente, o coração de Manuel João batia a querer saltar-lhe do peito. O velho, junto a elle, não fazia um só movimento. Manuel João sabia-lhe a existencia pela respiração um tanto accelerada.

Prolongou-se a terrivel anciedade alguns minutos. A porta resistia. O rumor da verruma ou da lima e os empuxões se impacientavam. Não tardava o momento decisivo.

De chofre, a porta cedeu e foi-se descerrando. Escancarou-se. Vultos negros assomaram no limiar. Ao lado de Manuel João, luziu um relampago, seguido de estrondosa detonação. Casimiro desfechara a arma contra os assaltantes da propriedade confiada á sua guarda. Os vultos recuaram.

— Inferno!— bradou uma voz. A casa tem gente!

— Responde! — exclamou outra voz.

Da banda dos vultos, fulgiu tambem um clarão, acompanhado de tremendo estampido. Manuel João soltou um grito e rolou inanimado aos pés de Casimiro. A bala do assaltante o havia attingido!

## XV

### Ferido

Quando recuperou os sentidos, estava Manuel João deitado sobre uma mesa, no salão principal da chacara, cercado de muitas pessoas que o fitavam com interesse, á luz de varias velas. Sentia uma dor e uma humidade no peito. Levou a mão ao ponto dolorido e molhado: retirou-a cheia de sangue.

Os circumstantes repizavam vivamente a occurrencia. Depois do tiro, os gatunos haviam fugido. O velho jardineiro os tinha acossado, descarregando

o revolver e elles respondendo. Com o tiroteio, a visinhança despertara e acudira.

Suppuzeram morto o menino que se conservava exanime, as roupas ensopadas de sangue. Carregaram-no para a mesa, onde só ao cabo de energicos chamamentos á vida recomeçara a respirar.

Veio depois a policia; veio mais tarde um medico. Gente entrando, gente sahindo, falando todos em voz alta, excitados, lembrando cada qual uma providencia, e Manuel João estendido na mesa de luxo da sala rica, ensanguentado e livido! Casimiro, segurando-lhe a mão, chorava. A porta arrombada era constantemente examinada pelos que entravam, que a fechavam, abriam, não se cansando de a considerar.

Manuel João mergulhara numa funda prostração, num amortecimento quasi agradavel. Não soube si perdeu de novo os sentidos, si adormeceu. Ao reabrir

as palpebras, a plena claridade do dia inundava o aposento. No vasto salão, persistiam o movimento e a curiosidade. Um homem, em mangas de camisa, empunhando um instrumento simelhante a um punhal, bolia-lhe no peito. Foi longo e angustioso o curativo! Findo este, outro homem, acompanhado de terceiro, que se preparou para escrever, acercou-se do ferido e lhe perguntou seu nome, idade, filiação. Manuel João respondeu a custo. Produzia-lhe dores e vertigens o menor esforço.

— E' preciso não cansal-o, — observou o medico do curativo. Muito cuidado! Está fraquissimo. Póde expirar de um momento para outro.

O interrogante, então, voltando-se para o jardineiro dirigiu-lhe innumeras perguntas que, com as respostas, eram registradas pelo escrivão em largas folhas de papel.

Sentindo zoadas nos ouvidos, a vista turva, a cabeça vazia, como nos peiores

dias de enjoo a bordo, Manuel João percebeu que falavam em hospital. Discutiram longamente em torno a elle. Varias vezes, alludiram á probabilidade do seu proximo fallecimento. Elle, porém, pouca attenção e nenhuma importancia dava ao que se dizia.

Sentiu, por fim, que o carregavam, com muitas precauções, retirando-o da mesa. Collocaram-no num carro, apoiado o dorso em almofadas, ao pé de dous desconhecidos. Os abalos do carro determinaram-lhe outra vez a perda dos sentidos. Recobrou-os, ao experimentar fortes dores no logar do ferimento, produzidas pelo exame a que um homem velho, de oculos, parecido com o tio padre mestre, procedia.

Achava-se deitado em alvo leito, numa larga e clara sala, cheia de leitos iguaes, enfileirados. Na parede branca um grande crucifixo abria os descarnados braços, parecendo fital-o.

## XVI

### No hospital

Agora a febre... Manuel João perdeu completamente a consciencia do logar onde soffria. Debatia-se, chamando: Mãi!... Minha mãi!... A sua aldeia, a familia, o tio padre mestre, o Vargas, a viagem por mar baralharam-se-lhe na lembrança. Abria os olhos, suppondo que alguem o chamava:

— Que é, tio padre mestre?

Outras vezes, sorria, agitava docemente a mão, murmurando:

— Não te vás ainda... E' tão cedo... Continuemos a brincar.

Era a figura da pequenina irmã, da sua companheira de infancia, a Maricota, que lhe suavisava o delirio.

Nos momentos lucidos, olhava espantado para as fileiras de leitos niveos em

que fórmas indecisas esboçavam movimentos cautelosos. Irmãs de caridade, a grande touca branca palpitando, deslisavam, como visões. Dos leitos sahiam suspiros, arquejos, gemidos. Caras lividas, physionomias decompostas, accusando terriveis angustias, surgiam dentro os lençóes, dardejando olhares desvairados.

... De um leito, visinho ao de Manuel João, acercam-se numerosas pessoas, trazendo uma dellas longa vela de cera accesa e uma imagem de Christo. Manuel João divisa a mão descarnada de um enfermo segurando a vela. A imagem é approximada de uns labios estertorosos. Ajoelham-se as pessoas do grupo. Ouve-se o cicio de uma prece, cortado por um estertor cavernoso. O estertor diminue, acaba. Retiram-se. O doente fica hirto e immovel, com a vela plantada á cabeceira, junto ao livido Jesus. Pouco depois, accorrem dous homens e carregam para além o corpo inteiriçado, envolto num lençol.

Entretanto, no meio dos padecimentos, das allucinações febris, dos espectaculos tragicos, Manuel João tinha momentos de grande encanto e doçura. Era quando vinha vel-o uma irmã de caridade formosa, moça e meiga, que lhe ageitava as coberturas e os travesseiros, tomava-lhe o pulso, cheia de delicadeza, toda mimo e carinho. As abas pendentes da sua touca afiguravam-se a Manuel João azas de um anjo. Sob essas azas se abrigava e se amenisava o seu padecimento. Aquella brancura refrescava-o, consolava-o, refazia-o. Elle queria falar. A irmã lhe dirigia gracioso gesto de silencio. Perguntou-lhe uma feita:

— Sabe rezar?

Manuel João acenou que sim.

— Pois rezemos juntos; mas reze bem baixinho, pois levantar a voz lhe póde fazer mal.

E murmurou o Padre Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha, acompanhada suavemente de Manuel João que parecia enlevado numa musica divina.

Outras occasiões, o menino segurava a mão da religiosa e cerrava as palpebras. Não a deixava até adormecer. Disfarçadamente, docemente, suppondo-o adormecido, ella tentava retirar os dedos. Manuel João abria os olhos, fitava-a, sorrindo. Ella tambem sorria. Manuel João, tranquillisado, refechava os cilios, sem largar a mão, conservando nos labios a sombra do sorriso. Demorava-se ella até que o somno do enfermo se tornava profundo. Afastava-se então com mil precauções, maciamente, sorrindo de novo, porque o menino, em sonho, sussurrava: — Mãi! Minha mãi!...

## XVII

### Restabelecido

Foi demorada a convalescença de Manuel João. Logo que lhe permittiram falar a estranhos, recebeu algumas visitas

do velho jardineiro Casimiro. Entrava este no bico dos pés, sentava-se na cadeira junto á cabeceira do enfermo e ahi ficava longo tempo sem proferir um monosyllabo.

— Vais melhorsinho, hein ? — perguntava, por fim.

— Vou melhor, obrigado.

— Pois é o que se quer.

Seguia-se outro grande silencio. Casimiro levantava-se para se retirar, e repetia:

— Então vais melhorsinho, hein ?

— Vou, sim, agradecido.

— Pois é o que se quer... é o que se quer...

Com o progressivo restabelecimento, voltava a Manuel João a consciencia de suas tristes condições. Desembarcara no Brazil, havia mais de um mez, e passava muito de dous que deixara a familia. Perdera a caixa com tudo quanto possuia, perdera a carta de recommendação do tio padre-mestre, não encontrara Souza

Telles, não tinha indicio siquer de collocação alguma em vista. Não podia permanecer indefinidamente no hospital. Breve, cumpria-lhe levantar-se, sahir, abrir caminho, trabalhar. Na ultima visita, Casimiro, além das perguntas habituaes, formulara mais esta.

— E deixando esta casa para onde vais?

— Não sei ainda. Vou tratar da vida.

— Conta commigo para te auxiliar. Sabes onde é a chacara?

— Não, senhor.

— E' na Tijuca. E' facil lá ir ter. E está aqui o que o patrão te mandou, embora não te conheça. Em todo o caso, foste ferido defendendo a casa delle.

Entregou a Manuel João um envolucro contendo uma nota de 20$000.

— No dia em que deixares o hospital, procura-me.

Esse dia chegou. Não foi sem saudosa tristeza que o menino, tendo recebido alta na vespera, embora extremamente fraco,

preparou-se para retirar-se. Restituiram-lhe o velho fato, com manchas seccas de sangue, e o dinheiro encontrado no bolso, dadiva do fazendeiro. Beijou, os olhos humidos, a mão da irmã de caridade que tão meiga se lhe mostrara. Esta não revelou a menor commoção. O seu sorriso era para todos o mesmo, a sua caridade impessoal.

Afinal de contas, Manuel João vivera no hospital horas de calma e suavidade, até então nunca vividas.

Eil-o, de novo, sósinho, em plena rua, numa bella praia arborisada, donde se descortinava o espectaculo maravilhoso da bahia. Como no dia em que desembarcara no Rio, enfrentava com a immensa cidade, desprotegido, inerme, á lei do desconhecido. Verdade é que já alcançara e possuia no bolso quantia que só depois de longo praso e arduo esforço ajuntaria em Portugal. Não era impossivel, pois, a despeito das circumstancias difficeis em que se achava, viesse a

realisar os sonhos determinantes da vinda ao Brazil. Affligia-o a doblez do Vargas, o extravio da caixa, a demora em descobrir Souza Telles, a falta absoluta de noticias da familia. Mas confortava-o certa esperança e confiança em si. A caminho!

Começou por fazer ainda uma tentativa para descobrir Souza Telles e o Vargas. Dirigiu-se á casa de commissões a que o fazendeiro o recommendara. Não o reconheceram ahi, a principio, pois, na realidade, muito se alterara sua physionomia com o soffrimento. Só depois de demoradas explicações, o moço elegante e em mangas de camisa, soltou um ah! lembrando-se de quem elle era.

— Que desculpasse... Occupava-se com tanta cousa importante!

E, sem transição, foi fornecendo as informações colhidas sobre Souza Telles.

Nenhum dado positivo, infelizmente. Funccionara, ao que constava, uma antiga firma com esse nome, mas se liquidara,

em consequencia do fallecimento do socio principal. Mais nada...

Manuel João, desacoroçoado, calara-se. Seu interlocutor fez-lhe ainda alguns offerecimentos banaes, friamente polidos, com o ar impaciente de quem está perdendo tempo numa cousa importuna. Depois, saudou-o com a mão, murmurando: «Passe bem!» — e remergulhou no grande livro, erriçado de algarismos.

Manuel João encaminhou-se para a casa do velho jardineiro, na Tijuca. O longo trajecto realisou-o a pé, divertindo-se, com a alegria curiosa dos convalescentes, em observar as scenas do caminho. Chegou ao pôr do sol á chacara onde fora ferido. A familia ainda se achava em Minas. Casimiro acolheu-o benevolamente, levou-o a jantar na hospedaria já conhecida e offereceu-lhe uma cama no cubiculo que habitava no jardim. Eram agora dous empregados, um dos quaes dormia dentro do predio. Havia, além

disso, cães em profusão guardando a chacara.

Passou alguns dias suaves, em companhia de Casimiro, sem nada fazer, percorrendo as alamedas da immensa chacara, brincando com os cães. Pesava-lhe essa inactividade. Queria encontrar uma occupação fixa, ganhar dinheiro, mandar auxilios á familia, como promettera. Casimiro assegurava que lhe obteria bom emprego, por intermedio do patrão. Este, porém, não vinha e os dias passavam monotonos e ociosos. Demais, o dinheiro do menino ia-se-lhe esvahindo com a alimentação. Casimiro pagara o primeiro jantar. No dia seguinte, declarou-lhe:

— Amigos, amigos, negocios á parte. Possues algum cabedal, alimenta-te. Aprenderás a conhecer assim o valor delle...

Occupado com os trabalhos da jardinagem, embriagando-se regularmente uma vez por semana (bebedeira pacifica que o tornava apenas summamente tagarela

e valente, succedendo-se a essa phase outra de intransigente mutismo), o velho jardineiro aos poucos foi deixando de prestar attenção a Manuel João. Não convinha a este converter-se em hortelão, como Casimiro. Uma noite, perdido o somno, reflectiu:

—Si eu partisse para a fazenda da dona do broche?... Offereceu-me a casa com tamanha insistencia... Pareceu-me tão boa...

Assentada a resolução, communicou-a ao velho jardineiro, mal amanheceu.

Casimiro approvou-a com caloroso açodamento:

— Sim, senhor... Boa idéa. Não ha nada como uma fazenda. Vai para o interior. Lá te arranjarás mais depressa e mais vantajosamente do que aqui. Esta cidade está uma miseria, um horror. Vai para a fazenda. Pelo menos, viverás em melhor clima. No Rio, poderás morrer de febre amarella. Na roça a gente se robustece e enrija... Vai... E o mais depressa possivel.

## XVIII

### Em caminho da fazenda

Na madrugada seguinte, embarcou Manuel João num trem de cargas, tendo comprado passagem para a estação indicada, cerca de dous mezes antes, pelo fazendeiro. Casimiro acompanhou-o até á estação, e fez-lhe, na hora da despedida, muitos offerecimentos e protestos de affecto. Toda a bagagem do menino consistia em reduzido embrulho, contendo algumas roupas adquiridas vantajosamente, em segunda mão, graças a negociações do velho jardineiro. Manuel João havia perdido totalmente a esperança de rehaver a caixa tirada da Alfandega pelo Vargas.

Longa e enfadonha a viagem. O interesse despertado pelos esplendidos panoramas do trajecto foi afinal abafado pelo cansaço. Montanhas, campos, regatos,

cascatas, mattos, causaram-lhe tedio, após algumas horas de contemplação. Era bello, sim, mas grande de mais.

A' noitinha, parou o trem na estação que elle tinha em vista. Era uma plataforma coberta de zinco, quasi deserta, ladeada de duas ou tres miseraveis vivendas. Perguntou pelo fazendeiro e pela fazenda:

— E' daqui a duas leguas e meia. Mas não ha errada. E' seguir a estrada por ahi afóra. Vai cahir mesmo no terreiro.

Manuel João quasi esmoreceu. Bem lhe observara o fazendeiro que cumpria pedir com antecedencia meios de conducção! Com a resignação a que se ia afazendo, nada disse. Os poucos empregados da estação com quem conversara mostraram-se-lhe affaveis. Si lhes pedisse pousada, certo não lh'a recusariam. Tão pobre, porém, o aspecto de tudo! Resolutamente metteu-se a caminho pela estrada esburacada, ora enlameiada, ora pedregosa.

Andou horas, subindo, descendo, sem crusar com um só viandante, passando ao pé de rudes choças cobertas de sapé, silenciosas, com uma luzinha dentro, e em cuja porta não ousava bater. A estrada se convertia, ás vezes, em apertada vereda, sob uma abobada de folhagem, atravessando a matta escura, cheia de movimentos e rumores mysteriosos. Tudo aquillo se afigurava lùgubre e hostil ao menino, que não parava, receioso de não poder proseguir. Como na primeira peregrinação pela cidade do Rio, sentia fome, sentia sede, sentia cansaço, sentia medo, desamparado diante da immensidão. Ignorava que horas seriam. Devia ser tarde. Ha tanto que caminhava, sem cessar! De muito, a noite cobrira as cousas. E Manuel João a caminhar, sobraçando o pequeno pacote, seguindo a linha tortuosa e interminavel da estrada, rodeado de vagalumes e ao clarão duvidoso das estrellas! A cada passo, mais só, mais miseravel, tropeçando a miudo, temendo que,

si aquillo si prolongasse, dentro em pouco os pés feridos se recusariam transportal-o. De uma feita, a agudez do soffrimento foi tal que se arrimou a uma arvore, disparando a soluçar. Porque deixara a sua tranquilla aldeia natal, os carinhos da mãi, o aconchego do lar? Ah! tio padre mestre! Ah! tio padre mestre! E não estaria perdido? Seria aquella realmente a estrada para a fazenda? Si o era, já as duas leguas e meia deviam estar vencidas! E reflectindo, recordando, comparando, padecendo no physico e no moral, proseguia sempre.

Avistou, finalmente, numa baixada, um grupo de pequenas casas com melhor figura do que as até então encontradas, junto a outra maior, que as dominava, menos rustica e mais allumiada. Devia ser a fazenda. Extensas plantações symetricas precediam as casas. Manuel João ainda caminhou, desceu encostas, galgou collinas, antes de se achegar dessas casas. Furiosos latidos de cães annunciaram a

sua approximação. Com os latidos, vultos assomavam ás portas, gritando: Quem é? Quem é?

Perseguido pelos cães, acercou-se Manuel João da porta da casa nobre. Bateu. Um moleque espantado accorreu, e perguntou-lhe quem era e o que queria. Coberto de lama, vergado de fadiga, o menino não apresentava boa cara. O moleque desconfiado o examinava á luz de uma candeia. Manuel João declarou desejar falar ao fazendeiro.

— Está de viagem.

— E a senhora?

— Sinhá já se deitou. Só si fôr amanhã.

— Dá licença que eu descance aqui até amanhã? — solicitou Manuel João, apontando para um banco na varanda que orlava a frente do predio.

— Ahi, não, — disse o moleque, por causa dos cachorros. Só si fôr na cozinha.

A cozinha era um immenso aposento coberto de telha vã, o solo de terra

batida. A um canto, flammejava enorme fogão. Negros e negras semi-nus, maltrapilhos, entravam e sahiam, em perenne reboliço. Outros, sentados no chão, as pernas cruzadas, pitavam cachimbos. Uma preta velha que mexia as panellas do fogão, parecia dirigil-os. Não manifestaram surpresa, ao ver Manuel João. A preta velha indagou simplesmente:

— Está com fome?

— Muita, — respondeu o menino.

Sem outra observação, ella preparou e apresentou ao recem-chegado grande prato de folha cheio de feijão e angú. Manuel João devorou a comida, achando-lhe magnifico sabor. Depois, fatigadissimo, accommodou-se num angulo da cozinha, onde negros e negras continuavam a entrar e sahir, sem dar delle a minima fé, e adormeceu profundamente. Quantas horas dormiu? Não o poderia dizer. Despertou ás badaladas repetidas de um sino, proximo á cozinha. Ergueu-se; sahiu.

Alvorecia. Das peqnenas casas contiguas á grande, emergiam dezenas de vultos, homens, mulheres, carregando enxadas, samburás, instrumentos de lavoura. Um feitor fez-lhes a chamada. Rapidamente, partiu o bando para longe, para as roças. Voltou tudo ao silencio. Nem os cães ladravam mais. Só á distancia, amortecidos mugidos de bois, cantos de gallos.

Rompeu a manhã, clara, radiosa, linda. Manuel João parou deslumbrado ante a formosura da paisagem. Lembrava sua terra, mas quão mais grandioso e variado o aspecto geral! Aves sem numero voavam e gorgeiavam. Respiravam-se effluvios balsamicos. E eram uma paz, uma doçura, uma liberdade infinitas!

Muito perto das edificações, começava a matta virgem, orvalhada, avelludada, transbordante de murmurios. Não resistiu Manuel João ao desejo de tocar nas folhas aljofaradas. Extasiado, penetrou na floresta e logo encontrou pequeno

arroio trepidante. Levara comsigo o embrulho que continha todas as suas posses. Veio-lhe vontade de se metter nagua limpida e cantante. A solidão era completa. Despiu-se, e, debaixo da cupola verde, no meio da passarada em festa, tomou o mais deleitoso dos banhos.

Ao voltar, fresco e limpo, a roupa mudada, parecia outro. Na cozinha, silenciosamente, a preta velha apresentou-lhe fumegante caneca com saboroso café.

A dona da fazenda pouco depois appareceu. Não reconheceu logo Manuel João, pois estava muito magro e alto; mas, ás primeiras explicações, o acolheu alegremente. A historia do assalto dos gatunos e do tiro sahira nos jornaes. A fazendeira tinha lido o caso, mas longe estava de imaginar que o ferido fosse o mesmo menino do broche. Interessou-se pela narrativa de Manuel João, muito penalisada.

— Pois, então, foi com você?... Coitado! Fez bem em vir convalescer aqui.

Meu marido terá prazer em vel-o. Os ares aqui são excellentes. Em poucos dias estará forte e corado, como nunca...

## XIX

### Dias venturosos

Começou, desde esse instante, para Manuel João a mais tranquilla e descuidosa das existencias, gozando a patriarchal hospitalidade brazileira. Deixavam-lhe inteira liberdade. Levantava-se ao amanhecer; ia tomar banho no arroio conhecido; alimentava-se profusamente, graças á proverbial prodigalidade das fazendas; não tinha occupação alguma.

Era no tempo dos escravos, sobre os quaes recahia todo o trabalho. Manuel João, para se distrahir, assistia á partida delles para a roça, acompanhava-os, presenciava as capinas ou as colheitas, as mil tarefas da lavoura. Fazia estirados

passeios, ia á casa das machinas, observando o preparo do café, desde que o apanhavam na arvore até á exportação dos grãos beneficiados e brunidos.

Pesava a Manuel João a inactividade. Não lhe designavam serviço, tratando-o com a indifferença benevola dispensada aos animaes domesticos. Manuel João procurava tornar-se util: — acompanhava os carros de bois até á estação da estrada de ferro; ia á villa proxima buscar cartas ao correio, levava recados aos sitios visinhos. Isso tudo espontaneamente; delle nada exigiam. Si quizesse, poderia passar o tempo dormindo ao sol. E robustecia-se, crescia, naquella vida facil, agradavel, abundante.

Entretanto, não se sentia satisfeito. Não tinha na fazenda posição definida; não passava de um hospede, tolerado por nimia condescendencia. Os pequenos serviços que prestava não lhe traziam remuneração. Podia, é certo, trabalhar como os camaradas, occupar-se com os carros,

com os animaes, feitorisar os negros. Protestava, porém, contra essas funcções a sua indole; chamava-o a outra parte a voz do seu destino. Manuel João comprehendia que devia limitar a pouca duração a sua estada na fazenda, onde aliás, lucrava immensamente, não só pelo lado physico, consolidando a saude, como pelo moral, adquirindo conhecimentos praticos, amoldando-se aos habitos do paiz.

O fazendeiro, coronel Teixeira, voltara da viagem. Tanto elle como a mulher, depois de, nos primeiros dias, tratarem a Manuel João com especial interesse, principiaram a não lhe dar attenção, como si o menino se houvesse tornado um objecto intimo da fazenda, olhado com frieza ou desdem. Viviam ambos absorvidos por afazeres. O coronel viajava frequentemente. A mulher administrava a casa, causando-lhe afanosa lida o meneio dos camaradas e dos escravos. Tinham filhos, mas estudavam num collegio do Rio de Janeiro.

Repugnava ainda a Manuel João o regimen do captiveiro: seres humanos equiparados a irracionaes, dormindo separados e fechados, como em rigorosa prisão, rudemente punidos pelas mais leves faltas. Comquanto o coronel passasse por um dos mais benevolos proprietarios das visinhanças, não renunciava á applicação dos castigos habituaes: — açoites, algemas, tronco. Ver retalhar com um latego as carnes de um preto ou preta, cujo sangue espirrava e cujos gritos morriam na solidão, não echoando nos melhores corações, aos quaes esse supplicio se afigurava natural e legitimo, produzia-lhe insupportavel impressão, confusa velleidade de revolta, indeterminado terror. Não se achava alli bastante seguro. Dependia apenas da vontade dos fazendeiros que tambem o açoitassem, ou lhe acorrentassem os pés em ignominiosas cadeias. Todos esses motivos, — falta de occupação certa e retribuida, reluctancia em se sujeitar ás lidas agricolas, horror

ao hediondo systema do captiveiro, os impulsos do seu fadario, em summa,— levaram Manuel João a se dirigir uma manhã ao fazendeiro:

— Coronel, quero pedir-lhe mais um favor.

— Diga.

— Permittir que eu me retire de sua casa e recommendar-me de novo a seus correspondentes do Rio, para que me arranjem um emprego.

— Está descontente aqui? Tem passado mal?

— Oh! ao contrario! Nunca passei tão bem em minha vida. Mas preciso regressar ao Rio. Para viver no Rio é que eu vim da minha terra. Só nessa cidade poderei ajuntar dinheiro e remettel-o á familia.

O fazendeiro insistiu, mas a resolução de Manuel João não se abalou. Por mais que o coronel e a mulher o convidassem a permanecer, promettendo dar-lhe collocação e pagar-lhe bem, o menino

persistiu em se retirar. Partiu. A cavallo, percorreu o caminho que mezes antes perfizera a pé. O coronel lhe entregara calorosa carta de recommendação exaltando-lhe as boas qualidades. Manuel João deixava a fazenda com saudade. Nenhuma queixa levava, antes lembrança de bondades e carinhos a que devia reconhecimento. Passara alli horas fartas e felizes que nunca mais se reproduziriam.

## XX

### Na casa de commissões

Em virtude da nova recommendação do fazendeiro, o correspondente deste no Rio acolheu Manuel João menos friamente do que nas duas vezes em que o menino já estivera na casa. O principal commodo dessa casa era o vasto armazem terreo, onde se depositavam em saccos empilhados os generos chegados do interior, quasi exclusivamente café. No

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS · UNESP-CAr

primeiro andar, funccionava o escriptorio, — mesas com empregados sempre a rabiscar papel, enorme cofre de ferro a um canto. Ainda no primeiro pavimento ficava o largo salão de jantar, e no fundo a cozinha. Occupavam o segundo andar os dormitorios dos empregados e os aposentos dos hospedes.

Não faltavam estes ultimos. A casa parecia um hotel. Constantemente freguezes do interior, lavradores, recommendados, como Manuel João, simples conhecidos, nella se alojavam, a tratar de seus negocios no Rio, permanecendo ás vezes mezes a fio... Citava-se um deputado que costumava alli residir durante todo o periodo das sessões legislativas. De uma feita, viera até com a familia.

Para albergar os hospedes, que não raro se apresentavam sem prévio aviso, havia na casa varios quartos com camas sempre preparadas. Era então o regimen habitual dos abastados commissarios de café.

A's 9 horas da manhã, servia-se profuso almoço, em que tomavam parte vinte a trinta convivas. Certos dias, á primeira mesa succedia segunda, e terceira. Sentava-se á cabeceira um dos socios da firma, ou, na ausencia destes, o empregado de mais alta qualificação. Ao lado, os hospedes por ordem de importancia. Seguiam-se os caixeiros; na extremidade, os subalternos, em mangas de camisa. Numerosos pratos, attestados de variadas iguarias, cobriam a toalha. Era a abundancia levada ao desperdicio. Rapida, entretanto, a refeição, servidos os guizados todos ao mesmo tempo. Pouco se conversava: apenas, no pequeno grupo circumspecto da cabeceira, trocavam-se breves reflexões sobre negocios, preços de generos, cotações cambiaes. A's 4 horas, o jantar menos concorrido do que o almoço.

Recebido como hospede, tendo o seu leito, e o seu logar á mesa, Manuel João passou varios dias sem nada fazer, á espera de emprego. Nada mais tentou, no

sentido de encontrar a caixa, o Vargas e Souza Telles. Não perdia tempo. Activo e curioso, inteirava-se das condições em que se effectuavam as transacções concernentes ao café, sobre o modo como o ensaccavam, vendiam e exportavam. Posto se houvesse tornado nimiamente taciturno, sabia fazer perguntas opportunas, armazenando no cerebro uteis noções. Mas os dias fluiam e o prometido emprego não se apresentava. Como na fazenda, repugnava-lhe permanecer desaproveitado, sem nada ganhar, vivendo á custa alheia.

Mais de uma vez, fôra visitar o velho jardineiro na chacara da Tijuca. A familia do patrão regressara do interior e dispensou a Manuel João o benevolo acolhimento que já lhe parecia commum no Brazil. Não deixou de lhe fazer os offerecimentos costumados. Mas o menino comprehendeu que o interesse proveniente da sua aventura com os gatunos havia diminuido, sinão de todo se evolado.

O patrãode Casimiro conhecia a casa commissaria onde Manuel João se achava. Prometteu intervir, por seu lado, para lhe conseguir collocação. Seria sempre assim no Brazil — muitos bons modos, muito promettimento e, afinal de contas, nada de diligente, nada de positivo?

Corriam monotonas as semanas. O commercio do Rio não atravessava quadra prospera, de forma que os estabelecimentos mercantis reduziam os seus encargos, dispensando empregados, em vez de admittir novos. Como na fazenda, Manuel João procurava prestar serviços, levar recados e cartas, auxiliar espontaneamente os mais no que podia. Desembaraçava-se; conhecia perfeitamente a parte central da cidade. A falta de fixidez, porém, e a incerteza do futuro causavam-lhe desagradaveis preoccupações. Não ganhava dinheiro, sobretudo. O que adquirira em começo, proximo estava de acabar. Gozava ainda, á simelhança do tempo passado na fazenda, de um

bem estar, de um conforto jámais disfructados em Portugal. Não bastava. Não divisava o inicio da realisação de seus sonhos de fortuna. Evidentemente, não fora para aquillo que abandonara familia e patria.

Um dia, faltou ao serviço, por doente, o empregado incumbido das cobranças. Não havia quem de prompto o substituisse. Manuel João não ousou offerecer-se, mas o gerente da casa observou:

— Este pequeno é esperto. Por que não o utilisam?

Sem mais preambulos, chamaram Manuel João, entregaram-lhe varias contas e letras, explicando-lhe summariamente o que deveria praticar. Manuel João, espantado de tamanha facilidade e confiança, partiu, com o coração aos saltos, receioso de se sahir mal na commissão, a primeira daquella ordem que desempenhava na vida.

Percorreu os pontos indicados. A tarefa correu-lhe mais suavemente do que

aguardava. Recolheu vinte cinco contos de réis. Com que commoção, feita de respeito e temor, apertava contra o peito os espessos maços de dinheiro! Nunca vira e menos carregara tão avultadas sommas. A lembrança do que lhe succedera com o Vargas tornava-o reservado e cauteloso. Causava-lhe estranheza a frieza, sinão desprezo, com que os outros encarregados de cobranças procediam relativamente ás fortes quantias por elles transportadas: — não lhes davam quasi attenção.

Com tal diligencia, executou Manuel João o encargo que o gerente e os empregados superiores entraram a dispensar-lhe certa deferencia. Agora, ia aos bancos depositar dinheiro ou receber cheques. Familiarisou-se com o mecanismo das contas correntes, protestos de letras, cambiaes. Ao mesmo tempo que adquiria esses conhecimentos, angariava relações nos estabelecimentos commerciaes e bancarios que frequentava. Mas a sua situação não prosperava. Eram

apenas interinas as funcções que exercia. Logo que se restabeleceu o dono do emprego, forçoso foi lh'o restituir, o que fez com pezar, volvendo á antiga monotonia e inacção. Ainda os dias, passava-os entretido com o movimento da casa e da rua. Tristissimas, porém, as noites! As constantes conversas sobre dinheiro, o contacto com este, estimulavam-lhe a natural ambição de ganhal-o em vasta escala. E continuava como simples hospede, na casa de commissões! Urgia-lhe um emprego, fosse qual fosse! Afinal, á força de solicitações e após numerosas tentativas mallogradas, entrou como empregado effectivo numa casa de roupas feitas, á rua do Hospicio.

## XXI

### Segundo caixeiro

Entrou com o titulo de segundo caixeiro. O primeiro, porém, nunca appareceu. Incumbia-lhe fazer a limpeza da loja.

Tinha que levantar-se antes de amanhecer, varrer a sala da frente e um cubiculo contiguo, espanar os moveis, collocar todas as cousas nos seus logares. Durante o dia, attendia os freguezes, experimentava nelles as roupas que vinham comprar, tirava-as das prateleiras ou ahi as recollocava, arrumava pacotes, dobrava e guardava as fazendas. Quando não apparecia comprador, quedava horas atraz do balcão ou á porta da entrada, estupidamente a olhar para quem passava.

O dono da casa era um homem gordo, cabelludo, bruto, muito desbocado. Morava num arrabalde, com a familia. Chamava-se Simões. Vinha cedo para a loja. Passava nella o dia, retirando-se ao anoitecer. Sahia uma vez ou outra para tratar dos negocios. A's 9 horas da manhã e ás 4 da tarde, ia tomar as suas refeições. Ao chegar, tirava o paletot e o collete, e, em mangas de camisa, assentado á porta da rua, lia longamente o *Jornal do Commercio*, queixando-se sempre de

que tudo ia muito mal, sem salvação possivel. « O mundo está perdido !... perdido ! » costumava bradar.

Dous alfaiates trabalhavam no cubiculo pegado á loja. Si algum freguez encommendava roupa, competia a Manuel João tomar-lhe as medidas. Simões só se dirigia aos empregados em termos asperos, aos berros. Em elle se aproximando, os alfaiates, que coziam conversando alegremente, calavam-se, constrangidos. Tambem, logo após a admissão de Manuel João, esses alfaiates foram dispensados, sob pretexto de que o negocio de roupas sob medida não produzia resultado.

A' noite, Manuel João, depois que o patrão partia, ia buscar uma esteira guardada num armario do cubiculo, estendia-a em cima do balcão e deitava-se.

Havia apenas mais um empregado, com a denominação de guarda-livros, que habitava um pequeno sotão nos fundos. Em seguida ao patrão, sahia de ordinario,

á noite, recolhendo-se tarde. Cabia a Manuel João o dever de esperal-o para abrir a porta, acordado afim de vigiar a loja, e sem luz, porque o patrão receiava summamente um incendio.

Para alimentar-se, ia Manuel João a um modestissimo hotel, escuro e pouco asseiado, ao pé da loja, e, ahi, a par de outros caixeiros da sua categoria, numa mesa de toalha asquerosa, ingeria rapidamente as iguarias suspeitas trazidas por serventes não menos asquerosos. Os frequentadores do hotel, faziam sempre estrepitosa algazarra, trocando os mais grosseiros dichotes. Nesse meio, com aquelle patrão, Manuel João, taciturno e grave por indole, cada vez mais concentrado e silencioso se tornara. Em compensação crescera-lhe a força physica.

Uma tarde, no hotel, um sujeito famoso pelo seu espirito provocador e pelas suas fanfarronadas, disse a Manuel João uma graçola soez. Os circumstantes dispararam a rir.

—Deixe-me em paz, senhor,— retrucou Manuel João, com serenidade.

O outro insistiu, proferindo uma obscenidade. Então, Manuel João, de chofre, sem apparentemente alterar-se, pregou-lhe tal bofetada que o fez cambalear. O homem arrojou-se possesso contra o caixeiro. Este, após curta lucta, o subjugou, advertindo:

—E' melhor deixar-me em paz; sinão, posso esganal-o.

O outro, corrido, escafedeu-se. O acto de Manuel João levantou applausos da assistencia. Dahi em diante, ninguem mais o importunou; deixaram-no comer sorumbatico no logar afastado que escolhera. Quando passava, cumprimentavam-no com a sympathia e o respeito inspirados em toda a parte pelos fortes.

Outra occasião, na loja, um comprador exigente e um tanto alcoolisado, depois de experimentar numerosos ternos de roupa, declarou que naquelle estabelecimento nada, absolutamente nada, prestava.

O patrão, deixando o *Jornal do Commercio*, levantou-se e interveiu, ponderando ser aquella observação exaggerada. Que experimentasse novas fatiotas...

— Demais, — accrescentou o homem, — os negociantes de roupas, sobretudo os portuguezes, são todos ladrões.

— Eu sou portuguez e tenho nisso muita honra, — exclamou, com dignidade Simões.

— Que me importa que você seja gallego! — continuou o homem, pondo o chapéo na cabeça. — Não me desdigo do que disse e estou prompto a sustentar o meu juizo, de qualquer maneira. São todos ladrões, repito.

— Cale-se! — ordenou Simões.

— Não me calo! Ainda uma vez: são todos ladrões! Ladrões!...

— Cale-se e saia! — bradou de novo o dono da casa.

— Não me calo e não saio sinão quando quizer.

— Saia, *seu* malcriado, *seu* bebedo! *seu*...

— Não saio, *seu* burro, *seu* canalha!

Livido, Simões mastigou umas palavradas e quiz segurar o provocador, mas elle desenvencilhou-se agilmente, e, com uma cabeçada, arremessou Simões contra o balcão. Nesse momento, Manuel João saltou o balcão, agarrou o sujeito pelos braços e o foi levando, sem esforço visivel, até á porta da rua. Ahi voltou-o sobre si mesmo e pregou-lhe um pontapé que o atirou de bruços no meio da calçada. O sujeito levantou-se, exclamando:

— Safa! que bruto de força!

Como ejaculasse algumas injurias, Manuel João arregaçou as mangas e fez um gesto de lhe correr no encalço. O homem fugiu, acompanhado das gargalhadas e assobios dos visinhos que o incidente havia attrahido.

Estes dous factos determinaram certo apreço para com Manuel João, entre os

conhecidos. O patrão entrou a tratal-o um pouco melhor. Evitava, de algum modo relativamente a elle, as habituaes grosserias. No fim do mez, chamou-o de parte e lhe communicou:

— Você está nesta casa vai para seis mezes. Por ora, nada recebeu, porque, além da aprendizagem, a despeza da comida absorvia tudo. De agora em diante vai receber 30$000 mensaes. Mas, como não tem necessidade de dinheiro, mandarei abrir uma conta corrente em seu nome nos livros, e todos os mezes se lhe creditará a quantia.

Manuel João agradeceu sensibilisado. Era pouco, mas representava a primeira remuneração certa e fixa que se lhe offerecia. Fazia sobre essa base complicados calculos para saber quantos annos lhe seria mister trabalhar e quanto devia accumular para voltar á terra. Entregava-se a esses calculos de noite, no escuro, deitado sobre o balcão, emquanto os ratos cortavam o silencio da loja com um

rumor continuo e sorrateiro. Sem poder dormir, Manuel João, scismava. Havia cerca de um anno que chegára ao Brazil. Até alli, comquanto houvesse vivido sem necessidades, com suavidade e abundancia, nada do promettido e esperado principiara a se realisar. Paciencia! — como tanto se dizia na nova terra — paciencia! cumpria trabalhar sempre, não desanimar. No longo espaço de tempo decorrido, nenhuma noticia lhe viera da familia em Portugal. Verdade é que elle tambem, nas incertezas do começo, a ninguem escrevera. Que teria succedido na aldeia?

Os olhos se lhe enchiam de lagrimas saudosas evocando a imagem dos pais, do tio padre-mestre, da gentil irmãsinha Maricota. Quando lhe seria dado tornar a vel-os? Talvez nunca mais! Ou então — quem sabe? — de um momento para outro podia mudar de rumo o seu destino.

E, entre o desalento e a esperança, prevalecendo sempre, por fim, a esperança,

Manuel João adormecia, para, na manhã seguinte, recomeçar seus infimos labores.

## XXII

### Um poeta

O guarda-livros da casa era dado á litteratura. Pallido, magro, adoentado, dentes estragados, dizia,— e disso se ufanava,— que se parecia com Casimiro de Abreu. Sempre de preto, trazia constantemente um volume de versos na algibeira e, mal se lhe azava opportunidade, lia-o com sofreguidão. No seu estreito quarto no sotão, havia uma pequena mesa abarrotada de opusculos litterarios. Cortava e colleccionava os folhetins-romances dos jornaes. Quando não sahia á noite, rabiscava versos até tarde. Mesmo nas horas de trabalho, muita vez esquecia a escripturação mercantil e, sobrepondo aos grandes livros commerciaes um pedaço

de papel, traçava estrophes lyricas. Fazia parte de uma associação cultivadora das lettras, da qual contava maravilhas e a cujas sessões comparecia regularmente, recolhendo muito tarde, tantos e tão importantes os assumptos alli aventados. Chamava-se Arnaldo Cysneiros.

Arnaldo Cysneiros a principio tratou Manuel João com soberano desdem, só lhe dirigindo as palavras estrictamente indispensaveis. A pouco e pouco, approximou-se delle e entrou a lhe referir longamente os successos da sessões, encarecendo-lhes a importancia, louvando com excesso as producções de alguns, deprimindo raivoso as da maioria.

— Sublime hontem! Nem na Europa. O Lima leu umas cousas estupendas. Em compensação, o Arruda e o Botelho mostraram-se abaixo da critica. Mas o Lima, que talentão!

Manuel João ouvia-o com inalteravel paciencia; dahi a sympathia e confiança que o guarda-livros lhe foi votando.

Um dia Arnaldo, aproveitando uma ausencia de Simões, leu ao caixeiro uma longa composição de sua lavra. A leitura effectuou-se com entonações e gestos melodramaticos.

— Que tal?! indagou o poeta, no fim.

Manuel João pouco entendera das brisas, tumulos, infinitos, de que a composição estava inçada. Mas, empregando uma expressão habitual ao Arnaldo, respondeu:

— Sublime!

O poeta sorriu, lisonjeado:

— Deveras?! Achas mesmo sublime?

— Acho.

— Sublime?!

— Sublime, sim.

— E's benevolo, mas, effectivamente, não me sahiu má esta estrophe...

E repetiu a estrophe.

— Optima! annuiu Manuel João.

— E esta outra? Não se lhe percebe a occulta intenção, a delicadeza do sentimento?...

— Percebe-se.

— Vê bem! accentuou o auctor, recitando de novo ainda mais tragicamente a poesia inteira, e exigindo a todo o instante manifestações laudatorias por parte do ouvinte.

Ao concluir expandiu-se:

— Na verdade, sinto agitar-me o fogo da inspiração. Ah! si eu possuisse recursos, si pudesse ler á vontade, frequentar os grandes centros intellectuaes, estou certo de que produziria cousas assombrosas, revolucionaria a arte...

E, depois de um silencio, repleto de cogitações profundas:

— Então, sinceramente gostaste?... Olha que aprecio a franqueza... Julgas que a cousa não é má?...

— Gostei muito... E' obra superfina.

— Nesse caso, já que prezas meus pobres versos, escuta mais estes...

E o guarda-livros desfechava contra Manuel João resignado, outra e mais outra estirada peça poetica, ao cabo de

cuja emphatica declamação procedia a novo minucioso interrogatorio sobre o merito dos versos, sobre as commoções experimentadas. Era terrivel de insistencia e desconfiança!

— Neste trecho, devias até chorar, porque palpita aqui a mais intensa e sublime inspiração. E' que não tens ainda o conveniente preparo...

Manuel João, no fundo, achava as leituras do poeta extremamente fatigantes, mas aturava-as com extraordinaria cordura e docilidade. Demais, que remedio lhe restava sinão conformar-se?...

Ia passando o tempo... Os domingos eram para Manuel João os dias mais longos e mais tristes. O patrão não vinha á cidade. Arnaldo sahia cedo. Ficava Manuel João a tomar conta da loja, que não se abria aos compradores. Sentava-se numa cadeira á porta entre-aberta e ahi permanecia o dia inteiro, vendo passar os raros transeuntes, trocando breves observações com os caixeiros, seus collegas,

da visinhança. Ia ao hotel, ás horas de refeição, levando a chave da porta. Regressava sem demora (era a ordem formal), porque a loja não podia estar abandonada. Nunca uma folga, um passeio, uma visita. O dinheiro que havia adquirido, antes de se empregar na loja, de ha muito se esgotara, com despezas indispensaveis, como calçado, lavagem de roupa, etc. Nestas circumstancias, pouca vontade lhe vinha de espairecer.

Mas, certa tarde, o poeta Arnaldo lhe disse:

— Tenho uns versos novos a te mostrar. São dos mais felizes que hei rimado. Modestia á parte, parecem-me realmente sublimes. Dir-me-ás, quando os ouvires. Para que, porém, os aprecies devidamente, devo recital-os em logar condigno. Conheces o Passeio Publico?

Manuel João respondeu negativamente.

— Não conheces o Passeio Publico! protestou Arnaldo com indignação. Inacreditavel! Um crime de leso-gosto!

O Passeio Publico é um sitio sublime. Domingo proximo lá iremos e lá lerei o meu poema (é um poema!) á sombra das arvores e em face do mar.

Agradou a Manuel João o convite, cuja realisação quebraria a enfadonha uniformidade de seu existir. Não cessou, durante a semana, de pensar na projectada excursão.

— Então, é sempre domingo? indagou de Arnaldo, mais de uma vez. O poeta, satisfeito, respondeu:

— Domingo, sim. Já vejo que te interessas pelos meus versos.

Manuel João interessava-se tão somente pela diversão. Attrahia-o a curiosidade de conhecer o jardim, mas replicou:

— Como não interessar-me?... Faça-me justiça! interesso-me muitissimo.

Arnaldo bateu-lhe no hombro amigavelmente:

— Vejo que és um rapaz de bom gosto. Não te arrependerás.

Chegou o suspirado domingo. Depois do almoço, vestidos com os melhores trajos, partiram. A cidade apresentava um ar morto, todo o commercio fechado, as ruas centraes quasi ermas. Apenas, porém, transpuzeram a zona propriamente mercantil, o aspecto mudou. Vias publicas mais largas, predios mais asseiados, bondes repletos de passageiros festivos, flores em quantidade, o ambiente, a luz encantaram Manuel João.

Ao entrarem no jardim, elle, que desde a fazenda não mais contemplara frondosas arvores, nem revoadas de passaros, nem fartas vegetações, sentiu-se feliz diante dos troncos opulentos, das plantas exoticas, das relvas viçosas, de todo aquelle delicioso recanto de verdura, tão fresco, tão tranquillo, tão bello, a dous passos da agitação da cidade.

Aves gorgeiavam, cigarras zumbiam. Nos lagos vogavam cysnes alvadios. Era um encanto para os olhos e os ouvidos, um brando deleite para a alma.

Subiram ao terraço, e o amplo mar se lhes antolhou, magestoso e pittoresco. O maravilhoso panorama da bahia deslumbrou Manuel João. Um grande paquete navegava fumegante para a barra. Outros pareciam ligeiras excrescencias na toalha immensa das ondas.

Manuel João se enterneceu. Lembrou-se da familia, da aldeia, sentindo remorsos por não ter ainda escripto aos pais, de quem continuava sem noticias. Por que procedera, assim, ingratamente? Não o poderia explicar. A verdade é que tomava novos habitos, esquecendo os antigos; tornava-se creatura diversa da que fôra.

Largo tempo o absorveu a contemplação do grandioso espectaculo, perdido em scismas, em recordações, em suave melancolia. Quando o poeta lhe bateu no braço, revocando-o á realidade, experimentou impressão quasi dolorosa. Encaminharam-se para um banco de pedra numa alameda cheia de poesia e paz. Arnaldo poz-se a vociferar uns versos

vulgares, de piégas sentimentalismo. Mas Manuel João não o escutava. Continuava a conversar em pensamento, com a mãi, com o tio padre mestre, com a Maricota.

— Parece que não estás gostando... interrompeu o poeta.

— Estou gostando, sim. Continue.

— Que tal?

— Magnifico. Prosiga...

E, á proporção que Arnaldo proseguia implacavel, Manuel João sonhava, repleto de saudade e tristeza, com vontade de chorar, com vontade de morrer.

— Estás commovido? — hein?! — commentou o poeta. Na verdade estes versos produzem ineffavel impressão em quantos os escutam... Modestia a parte, são sublimes!...

## XXIII

### A sessão solemne

— Por que não has de assistir á sessão solemne do *Gremio Homenagem a Gomes*

*do Amorim*? perguntou um dia o poeta a Manuel João.

— Ora... que irei eu lá fazer?

— Vai... Has de gostar... Eu tenho de pronunciar um discurso, ou recitar uns versos.

Manuel João defendeu-se, mas Arnaldo tanto insistiu, destruindo as objecções, que, na noite marcada, sem que o patrão o soubesse, lá se foram os dous.

O *Gremio Litterario e Beneficente Homenagem á Memoria de Gomes do Amorim* funccionava, junctamente com outras associações congeneres, numa grande sala de um velho predio, em cujo pavimento terreo havia um armazem de seccos e molhados.

A sala já estava repleta de homens e senhoras, quando Arnaldo e Manuel João chegaram. Fazia insupportavel calor.

— Vê que animação! — notou Arnaldo, radiante.

A assistencia mostrava-se impaciente. Annunciara-se o começo da sessão para

7 1/2 horas da noite. Passavam de 8 e nada de começar. As senhoras agitavam os leques afflictas; os homens enxugavam o suor, falavam alto, abanavam-se com os chapéos. Um delles bateu os pés, á guiza de pateada. Esperavam-se altas individualidades, auctoridades, o consul argentino que, convidados, haviam promettido comparecer.

Afinal, desesperançada, a directoria resolveu iniciar os trabalhos, cedendo á anciedade geral. Tres personagens circumspectos subiram ao estrado, onde se estendia larga mesa, no fundo da sala. Eram o presidente, o secretario e o orador.

— Está aberta a sessão! — declarou o presidente.

Exhalou-se do publico um suspiro de allivio. Fez-se silencio. O secretario levantou-se e entrou a ler extenso relatorio de factos para elle relevantes occorridos no anno social findo. Os primeiros periodos mereceram attenção. Desde logo, porém, recomeçaram o borborinho, o batimento

de leques, as attitudes agastadas... A sala se enchera de fumaça. Redobrara o calor; o recinto continha mais gente do que regularmente poderia comportar, todos apertados e oppressos. A voz do secretario perdia-se no meio do sussurro, tornara-se tambem indistincto sussurro, do qual, a espaços, emergia uma nota mais aguda. E foi longo... longo... Quando terminou, soaram algumas palmas, e sentiu-se um movimento de desafogo no auditorio.

— Tem a palavra o Sr. Emiliano Barroso,— orador official,— annunciou o presidente.

Ergueu-se um rapaz atarracado, de espessos bigodes, e sacou da algibeira alentado maço de tiras de papel. O orador tossiu, dardejou olhares affectados á assembléa e, gritando, principiou a ler. Era diffusa e empolada dissertação, sem o menor interesse. Abria com ponderações abstractas sobre a evolução humana, fallava em revolução franceza, christianismo, Augusto Comte, citava enorme

quantidade de escriptores, philosophos, poetas, romancistas, vivos e mortos, de todas as idades e nações. O Sr. Emiliano Barroso encetara a leitura com voz retumbante. Persistiu algum tempo nesse diapasão, mas não se manteve. Ao cabo de um quarto de hora, enrouqueceu. Para supprir a deficiencia do orgão vocal, augmentou a vehemencia do gesto. No fim dos complicados e grandiloquos periodos, assentava murros na mesa. O suor escorria-lhe pelas faces nedias e luzidias. A assembléa se revelava crescentemente insoffrida. Num angulo da sala, havia um grupo que, desde o principio, se mostrava hostil, rindo-se á socapa, fazendo commentarios galhofeiros, desfavoraveis a tudo. Eram os dissidentes do *Gremio*, explicara um visinho de Manuel João. Com o discurso, esse grupo poz-se a rir e a cochichar mais afoitamente.

Não diminuia, entretanto, o volume das tiras; apresentava ainda aspecto assustador. Anhelavam todos por que aquillo.

acabasse; porém, o orador, cada vez mais rouco e mais violento nos gestos, continuava inexoravel.

De repente, no momento em que o Sr. Emiliano exaltava as superioridades do seculo das luzes, celebrando os beneficios da instrucção publica e das imprescriptiveis liberdades do cidadão, um murro mais arrebatado do orador derrubou o copo d'agua collocado em frente a elle. O liquido esparramado attingiu o presidente, o secretario, os papeis. O presidente e o secretario não lograram reprimir um movimento de surpresa e precaução, atirando o corpo para trás, tentando levantar-se, enxugando-se com os lenços.

Rebentou no auditorio enorme gargalhada e ouviu-se um assobio, no grupo hostil. O presidente sacudiu a campainha, reclamando energicamente silencio. De um lado da sala, secundaram o presidente *psios* imperatorios. Entretanto, o orador não se detivera. Completamente

aphonico, multiplicava a furia dos murros na mesa. Percebia-se que elle alludia agora aos *Luziadas*, ás immortaes glorias portuguezas. Impossivel, porém, se tornava restabelecer o respeito e a attenção. Dominava a assembléa um zumbido de desassocego e enfado. Cadeiras se arrastavam. As senhoras muito vermelhas, occultavam atrás dos leques risinhos ou bocejos.

Terminou, numa apotheose á civilisação. Ninguem mais o ouvia nem podia ouvir. Ao sentar-se, estrepitosas palmas o saudaram, antes de allivio que de applauso. Do grupo adverso partiu novo assobio, o que determinou outra salva de palmas, mais enthusiastica do que a primeira. O Sr. Emiliano Barroso, limpando o suor, agradecia commovido, emquanto os amigos o abraçavam.

Os animos se exaltavam.

— E' um escandalo! — diziam uns.

— E' o resultado da scisão! — commentavam outros. Si não se realisassem

fraudes nas eleições, reinaria ainda harmonia no seio do *Gremio*, de tão gloriosas tradições.

— Mas o Emiliano Barroso esteve um pouco massador, — sentenciou alguem, ao lado de Arnaldo.

— Esteve sublime! — retrucou este, furioso, em tom peremptorio.

Algumas senhoras fallavam em retirar-se, mas, como depois da sessão haveria dança e servir-se-iam refrescos, esperavam, confiantes em que a calma se restaurasse.

O presidente deu a palavra a mais dous ou tres oradores que recitaram versos ou leram discursos no meio da geral desattenção. Nem mais se guardavam as apparencias da polidez. Conversava-se em voz alta, sem recato.

— Basta de fallatorio... basta de fallatorio — determinavam vozes resolutas. — Já não podemos mais...

A' vista desta attitude, dous oradores inscriptos, excusaram-se de occupar a

tribuna, ao lhes pronunciar o presidente o nome, o que suscitou—*Muito bem! muito bem!* e applausos ironicos.

O presidente, impassivel, continuava a ir dando a palavra, seguindo uma lista que consultava.

— Tem a palavra o Sr. Arnaldo Cysneiros, — declarou.

O amigo de Manuel João, em vez de se eximir como os precedentes, levantou-se hirto e caminhou lentamente para o estrado presidencial. Ao seu aspecto tetrico, longe de serenar, recrudesceu o tumulto.

— Chega... chega de palavrorio...

— Fóra... Fóra...

Arnaldo, livido, mas denodado, lançou um olhar de desprezo aos interpellantes, e, com voz cava e tremula, poz-se a declamar uns versos pretenciosos, lugubres, eivados de metaphoras ridiculas.

Multiplicaram-se os gritos de — *basta! basta! fóra!... fóra!...*

Arnaldo não se acobardou. Cruzou com dignidade os braços no peito e, interrompendo a recitação com fingida calma, disse:

— Deixem o manto da solidariedade e eu quebrarei a cara um por um aos que miseravelmente ousam perturbar a magestade desta sublime reunião litteraria!

A tempestade que até ahi só se manifestara em prenuncios, relampagos isolados, irrompeu furibunda. Retumbou colossal gargalhada, seguida de vociferações, cantos de gallo, miados, insultos, um barulho atroz. Uma voz esganiçada sobrepujou as mais:

— Cala a bocca, bobo.

No cumulo da indignação, Arnaldo Cysneiros contraveiu:

— Bobo é elle; e, além de bobo, grande malcriado, muito cachorro e ladrão.

— Cala a bocca, bobo; cala a bocca, bobo! — persistiram os gritos. O tumulto attingiu a maior effervescencia. Em vão, o presidente abanava a campainha,

ameaçando suspender a sessão. Choviam apodos e insultos contra Arnaldo Cysneiros a quem amigos solicitavam que abandonasse a tribuna, replicando elle:

— Hei de fallar... hei de fallar. Só si me tirarem daqui morto. Larguem-me... deixem-me... Hei de fallar... E' uma questão de dignidade...

Nisto, no centro da sala, alguem trepou a uma cadeira e bramiu:

— Silencio, canalha. E' uma infamia, uma cobardia, maltratarem assim um grande poeta e um homem de bem, o Sr. Arnaldo Cysneiros!

Voltaram-se todos para o interruptor. Era Manuel João. Cedera a um impulso inconsciente, irresistivel, vendo o amigo atacado.

— Senta... senta... ordenavam-lhe. Elle emittia sons inarticulados, dos quaes sobresahiam as palavras: Infamia! Cobardia!

E, no meio de algazarra, Arnaldo reatou a recitação de seus versos!

Mas, um sujeito de má catadura acercou-se de Manuel João e puxou-lhe as pernas para o obrigar a descer da cadeira. Manuel João o repulsou, de modo a fazel-o cambalear. Outros sujeitos vieram em soccorro do primeiro. O barulho degenerou em desordem, travou-se conflicto. Atacado, Manuel João defendeu-se, servindo-se da sua consideravel força. Toda a assembléa poz-se de pé, gesticulando, berrando, inclusive o presidente que se esbofava: Ordem! Ordem! As cadeiras foram utilisadas como armas defensivas e offensivas, os livros como projectis. O conflicto generalisou-se. As mulheres gritavam desesperadas, procurando approximar-se da porta de sahida. Uma perdeu os sentidos, o que aggravou a confusão:

— Agua... agua... Um medico... um medico... Morreu!

Muitos queriam fugir e não podiam, pois da rua accorrera gente, obstruindo a escada. Os que não brigavam, inter-

pellavam-se allucinados, sem se entenderem. Um torvelinho terrivel! A mesa presidencial tombara, manchando de tinta, que parecia sangue, a cara do secretario.

Debruçando-se de uma das janellas, um socio do *Gremio* apitou freneticamente.

Manuel João constituia o centro do alvoroto. Contra elle convergiam os golpes que élle valorosamente não deixava sem troco. De subito, um grito tudo dominou:

— Ahi vem a policia! Ahi vem a policia!

— Contenham-se! Contenham-se! — exclamou o presidente, aproveitando um intervallo de relativa aquietação. Não deshonrem as tradições do Gremio Litterario e Beneficente Homenagem á Memoria de Gomes do Amorim! Basta de vergonha!

Com o apparecimento da auctoridade, cessou o combate. Rodearam os soldados que assomaram á porta, referindo-lhes todos ao mesmo tempo o succedido.

Serenada algum tanto a balburdia, Manuel João, por indicação quasi unanime, foi apontado como responsavel unico, como o provocador do tumulto. Quiz protestar: abafaram-lhe a voz. Uma das praças agarrou-lhe no braço, determinando:

— Esteja preso!

Tentou ainda resistir, mas seguraram-n'o, arrastaram-n'o pela escada abaixo. Reconhecendo a inutilidade dos protestos e da resistencia, deixou-se levar docilmente. Entre dous soldados que lhe apertavam os pulsos, como um malfeitor, sem chapéo, a roupa rasgada, foi impellido pela rua afóra, acampanhado de um grupo que raivosamente o incriminava. Conduziram-n'o a uma estação policial. Ahi, nenhuma auctoridade encontraram que resolvesse sobre o destino do preso. Era tarde; passava de uma hora da manhã. Depois de alguma demora, tornaram a empolgar Manuel João, que parecia bestificado pelo acontecido, e

brutalmente o empurraram para dentro de uma enxovia.

De subito, viu-se elle fechado num cubiculo escuro e infecto, separado do exterior por grades de ferro, entre ebrios e vagabundos, alguns dos quaes roncavam estendidos no chão. A principio não reflectiu, mas, á proporção que recuperou a consciencia da sua triste situação, invadiu-o immenso desespero. Julgou-se para sempre perdido.

— O' camarada, — interrogou a voz zombeteira de um dos companheiros de prisão, — que fez você? Bebeu de mais, furtou, ou riscou alguem com a navalha?

Manuel João não respondeu. Vergavam-se-lhe as pernas. Sentia um cansaço invencivel. Sentou-se junto aos varões de ferro, apoiou a cabeça nas mãos, encostadas aos joelhos, e disparou a soluçar.

— Bom, é bebedeira, interpretou a voz... Cozinhe a *mona* á vontade, mas não incommode os outros...

Manuel João reprimiu-se. Quando rompeu a alvorada, lá estava na mesma posição, chorando, de encontro aos varões do xadrez.

## XXIV

### Ainda preso

A's 9 horas da manhã, appareceram na delegacia o patrão de Manuel João e Arnaldo Cysneiros, para tentar soltal-o. Simões, ao avistar o caixeiro por entre as grades, armou-lhe a mais rebarbativa das physionomias condemnatorias. As *auctoridades* ainda não tinham comparecido. Tiveram de esperal-as até cerca de meio-dia. Manuel João, faminto, furioso, envergonhado, escondia a cara nas mãos. Simões passeiava pela pequena sala da repartição, emittindo observações desagradaveis e offensivas a Manuel João, queixando-se acerbamente do incommodo que estava tendo, dos prejuizos que certamente aquillo tudo lhe acarre-

taria, do descredito lançado á sua honrada firma.

Chegaram as *auctoridades*, mas foi ainda uma campanha. Não havia queixa, nem ferimentos, nem cousa grave alguma, em ultima analyse. Nem assim, porém, as *auctoridades* queriam se convencer da innocencia de Manuel João. O peior é que cumpria desembolsar dinheiro. Simões exaggerava a importancia da quantia, apostrophando a Manuel João, já livre do carcere, mas ainda entre dous soldados.

— Veja você até onde me levam as suas imprudencias. Sou obrigado a dispender por você o que, sem o meu auxilio, você não ganharia, trabalhando um anno inteiro. E as perdas da loja, hoje todo o dia fechada, absorvidos os empregados pela sua rica pessoa ?! Tudo por causa de seu genio desordeiro. Corrija-se... Sim, porque a verdade é que você é provocador e brigão. Eu devia ter tomado informações antes de admittil-o. Fui

facil... Olhe o caso do freguez que você espancou. Eu, na occasião, não o reprehendi, porque, em summa, você saltou em minha defesa. Mas é innegavel que se mostrou temerario e precipitado. Com prudencia, teria evitado o escandalo. Imagine si o homem não foge, si trava lucta, si eu sou obrigado a intervir! Que vergonha, que complicações, que prejuizo! Nada! Você precisa mudar de genio. Quem mandou se metter em contendas de sociedades litterarias? E sahir á noite sem minha licença? Perdeu a minha confiança, ouviu? Isto não me serve. Eu devia despedil-o, pois não me calham empregados desordeiros, mas, emfim, vá lá, sou benevolente... Mas arrependa-se e convença-se de que me está fazendo mal em todos os sentidos...

Na verdade, Simões procedia com magnanimidade, pois deixara de proferir na reprimenda as palavradas habituaes. Quanto a Arnaldo, por cuja causa Manuel João se envolvera no barulho, em con-

sequencia do qual se achava preso, Arnaldo, tão fanfarrão diante da assembléa revoltada, nada dizia, puxando nervosamente os ralos fios do bigode. Si o patrão o fitava ou lhe perguntava: Não é assim, Sr. Arnaldo? — fazia um vago gesto approvativo e humilde.

E Manuel João, cabisbaixo, acabrunhado, ouvia a enxurrada de recriminações, confusamente indignado contra a injustiça da sorte, (pois, afinal de contas, fôra nobre a sua attitude em prol de um amigo) — e contra a cobardia desse amigo que não ousava defendel-o.

Quasi tres horas da tarde, e as *auctoridades* a tomarem depoimentos, a mandarem escrever interminavelmente as mesmas cousas ditas e reditas pelas praças, por Manuel João, por Arnaldo!...

Simões impaciente sahiu com o poeta. Voltaram uma hora mais tarde, acompanhados de um rapazinho pernostico, de *pince-nez*, um enorme annel no indicador da mão direita. Dizendo-se advogado,

entendeu-se com as *auctoridades*, ouviu ler o que se havia escripto, fallou em *habeas-corpus*, em imprensa, na magestade da lei, nos direitos civis e politicos do cidadão. Depois de longa conferencia em particular com esse rapazinho, a que todos respeitosamente chamavam — Sr. doutor, — o delegado determinou a Manuel João:

— Póde safar-se. Está solto, por esta vez; mas não reincida, hein! Sirva-lhe isto de ensinamento. Rua!...

O advogado exultou, lançando triumphante olhar a Simões, a Arnaldo e a Manuel João, olhar que significava:

— Admirem! Sem a minha intervenção nada se conseguiria.

Manuel João retirou-se, em companhia do patrão e do poeta, deixando o advogado a rir e a fumar em amistosa palestra com o delegado. Simões resmoneava entre os dentes:

— Não havia necessidade alguma de advogado. Já tremo pensando na conta que aquelle patife vai remetter. Desgra-

çada idéa a de o procurar. Sou bom de mais: annúo a tudo. Que despeza! Que despezão! Sucia de bandidos!

E desandou num chorrilho de termos obscenos.

Chegaram á loja, já noite. Manuel João, sorumbatico, nenhum alimento quiz tomar. Varreu machinalmente a sala, que não se varrera desde a vespera, emquanto Simões accrescentava:

— Não pense que a cousa acaba assim, seu malandro. Toda a despeza ha de sahir dos seus vencimentos, porque eu não sou seu pai, grandissima besta. Além da massada, não estou para supportar os prejuizos.

E voltando-se para Arnaldo:

— Carregue-me toda a despeza no debito do Sr. Manuel João. Entendeu?!

Foi um allivio para este, que sentia febre, quando Simões e Arnaldo sahiram, deixando-o em paz.

Intensa a melancolia dos dias que se seguiram! Manuel João evitava fallar,

respondendo por monosyllabos ás interrogações que lhe dirigiam. Os companheiros do hotel commentavam o facto longamente, rindo muito, mas ás escondidas de Manuel João, pois tornara-se famoso e respeitavel o vigor de seu pulso.

Arnaldo procurou dar-lhe explicações do escandalo no Gremio: — rivalidades antigas, intrigas, invejas; a associação apresentava de ordinario extraordinaria serenidade, tratando-se os socios fraternalmente uns aos outros. Aquillo fôra uma desgraçada excepção, uma momentanea loucura. Manuel João não lhe prestou ouvido, mostrando por muito tempo inflexivel resentimento. Arnaldo esmerava-se em agradar-lhe, convidava-o a passeiar. Manuel João recusava sempre, embora a recusa lhe custasse, pois de dia a dia mais monotona e sombria se lhe apresentava a existencia. Obstinado, carrancudo, o moço trabalhava por se mostrar o menos expansivo possivel.

A experiencia lhe ensinara retrahimento, desconfiança e mutismo.

Cumpria escrupulosamente as obrigações que lhe incumbiam. Nunca Simões o descobria em falta. Parecia um automato, desempenhando insensivelmente suas grosseiras obrigações.

E, embora parecendo arrastar-se, o tempo ia passando! Dous annos haviam decorrido depois que Manuel Joao deixara o lar e a patria. Nesses dous annos, nada conseguira, nenhum dinheiro ajuntara, de modo a ser difficil, sinão impossivel, o regresso a Portugal. Não adquirira amigos. Nunca mais procurara o velho jardineiro Casimiro. Vegetava,—sem um clarão de esperança, no horisonte apertado e opaco. Gradativamente, apagaram-se-lhe as ambições, os estimulos que trouxera. Contentava-se com pouco. Já agora bastava-lhe ir labutando como labutava, desde que nenhuma contrariedade lhe transtornasse o curso habitual dos dias.

Ao cabo de prolongado silencio, escrevera duas vezes á familia, mas não recebera resposta. Francamente, não muito se lhe dava a familia. Acostumara-se á ausencia dos seus. Guardava delles reminiscencias suaves, é certo, porém tão distantes e indifferentes como si se referissem a entes estranhos. Em summa: simples, pura e casta, indemne de pensamentos e menos de actos maus, corria-lhe a vida inalteravelmente calma. Consistiria nisso a felicidade?!

## XXV

### Camões

Comquanto as relações entre Manuel João e Arnaldo nunca mais, depois da malfadada sessão solemne, houvessem retomado a antiga cordialidade, todavia de novo se amenisaram, ao influxo do tempo, e o poeta não deixava de ler, de quando em quando, algumas poesias ao

companheiro. Era este o unico paciente e lisongeiro ouvinte do guarda-livros litterato. Como poderia este dispensal-o? Esforçava-se, por isso, constantemente, por lhe readquirir a admiração e a confiança, sentimentos que percebia bastante abalados em Manuel João.

— Já percorreste algum livro de versos de poeta consagrado? — perguntou de uma feita.

— Eu não, senhor.

— Pois vê isto e depois me dirás as tuas impressões.

Entregou-lhe as *Primaveras* de Casimiro de Abreu. Manuel João recebeu o volume, disposto a restituil-o, sem o abrir. Na primeira occasião, entretanto, por curiosidade poz-se a versal-o, distrahidamente. Eram rudimentares seus conhecimentos: lia, escrevia, contava, da mais summaria maneira. Mas a suavidade, a singeleza, o encanto das estrophes actuou logo em seu animo. Leu com attenção; e o sentimentalismo de

Casimiro de Abreu despertou-lhe commoções desconhecidas, descortinando-lhe regiões virgens no proprio organismo. Quiz conhecer a historia de Casimiro, e derramou lagrimas ao saber que fôra um pobre caixeiro, como elle, exilado da Patria, morto na flor da idade. Devorou o livro, não comprehendendo muita cousa, porém vibrando aos sentimentos meigos do poeta, soffrendo dos seus soffrimentos, embebendo-se da sua tristeza. A leitura das *Primaveras* foi-lhe uma revelação. Como que sua alma se expandiu, sua intelligencia vicejou. Abrira-se-lhe o mundo da fantasia. Ao devolver o volume a Arnaldo, agradeceu sensibilisado e pediu outro.

— Causou-te boa impressão o Casimiro?

— Excellente. Que grande poeta!... Muita cousa parece escripta de proposito para mim.

— Conheces os *Luziadas* de Camões?

Manuel João declarou que não.

— Não conheces a epopéa do sublime bardo zarolho ? ! — exclamou Arnaldo, com espanto comico. — Que eu nunca chegasse até ao fim, vá; eu não sou portuguez. Mas tu ! E' uma vergonha, um crime de leso-patriotismo. Toma lá os *Luziadas*. E' tua obrigação ler, reler, decorar os dez cantos. E são enormes... Tens leitura para muito tempo.

Manuel João dedicou-se immediatamente á decifração do poema.

Era uma edição popular, annotada e seguida de um diccionario explicativo.

A principio, a impressão foi muito differente da das *Primaveras*. A linguagem levantada de Camões, suas locuções antiquadas o perturbavam. Não percebia. Esteve a ponto de pedir a Arnaldo obra mais ao seu alcance. Mas, com a costumada paciencia e perseverança, proseguia. Breve, certas oitavas bellicosas o inflammaram, certas sentenças calaram-lhe no espirito. O sopro heroico de muitas paginas o arrebatou. Confundiam-no as

constantes referencias mythologicas, porém o diccionario explicativo o elucidava. Os sentimentos nobres, altos, simples da epopéa condiziam com o seu espirito e o seu coração. Levou quasi um mez a concluir a primeira leitura. Releu com dobrado prazer e aproveitamento.

— Como vamos de *Luziadas*? — indagava galhofeiro Arnaldo.

— Perfeitamente. E' realmente sublime.

— Fallas sério, ou estás brincando ? Não o achas estopante ?

— Sério. E' sublime, repito.

— Vocês portuguezes e mais o seu poeta são estupendos ! — concluiu Arnaldo.

Duas consequencias, ambas preciosas, decorreram para Manuel João da leitura attenta dos *Luziadas*. Adquiriu noções da historia de sua patria, que totalmente ignorava. A formação da nacionalidade portugueza, a narrativa dos factos essenciaes, desde D. Affonso Henriques até

D. Sebastião, espiritualisados pelo genio do grande vate, gravaram-se-lhe na memoria. Varias figuras assumiram extraordinario relevo, exactamente pela falta de pormenores precisos, vistas através a idealisação do verso. Concebeu a sua terra de um modo sympathicamente exalçado. Dahi o encarecimento do seu patriotismo innato, do amor enthusiastico pelo seu berço natal, do orgulho pelas levantadas façanhas de seus avoengos, da veneração pelo eminente e benefico papel de Portugal no mundo, tanto mais admiravel quanto de escassissimos recursos dispunha a occidental praia luzitana.

Em segundo logar, das maximas de Camões, tão verdadeiras, tão profundas, tão eloquentes, tão penetrantes, formou uma especie de compendio, de breviario de regras adequadas a quaesquer actos e situações da vida. Não havia emergencia para a qual o poema não deparasse lição, conselho, explicação, conforto. Os dictames dos *Luziadas* revestiram para

elle o maravilhoso prestigio dos preceitos religiosos. Camões o instruiu, o melhorou, o dignificou, — milagroso condão dos espiritos geniaes, e das obras primas. A cada nova leitura, descobria-lhe bellezas reconditas, encantos imprevistos.

A melhor consequencia dessas demoradas leituras foi despertarem em Manuel João o desejo de aprender, de educar-se, de completar e amplificar as noções de geographia, astronomia, physica, chimica, historia, politica, vagamente ministradas pelos *Luziadas*. Não estavam taes noções de accordo com os adiantamentos da sciencia contemporanea, mas o germen de tudo lá se achava e esse mesmo inacabado suscitava curiosidade.

Arnaldo continuou a emprestar livros a Manuel João. Nenhum, porém, lhe produziu o fecundo effeito dos primeiros.

Leu o *Eurico*, de Alexandre Herculano; leu o *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro; leu uma infinidade de obras celebres

portuguezas e brazileiras. Passou depois aos romances de todos os generos. A' noite, fugia-lhe, não raro, o somno, — a imaginação excitada pelo que lera no correr do dia. Acordava o mais cedo possivel, para continuar na leitura encetada, aproveitando o tempo, emquanto o patrão não chegava. Simões era declarado inimigo de *litteratices*. Mal as tolerava em Arnaldo. Que não diria si soubesse que Manuel João se achava igualmente viciado? Quem muito lê, treslê, costumava dizer. A unica realidade da vida é o *vil metal*. Andar mettido em livros desvia do verdadeiro caminho. Em materia de leitura, bastava-lhe o *Jornal do Commercio*, que o informava de tudo quanto occorria no Brazil e no resto do mundo. Para que mais? O mais era luxo, era desperdicio. Por isso, Manuel João nunca lia na presença de Simões. Mas trazia constantemente um volume occulto na algibeira e apenas o patrão se afastava ou dormitava, atirava-se á pagina interrompida.

A paixão da leitura alliviara-lhe o peso da existencia. Presentemente, nem longos nem monotonos lhe pareciam os dias.

## XXVI

### Progressos

A' proporção que augmentava o seu cabedal de leituras, reconhecia Manuel João a insufficiencia da sua cultura intellectual e vinha-lhe vivo desejo de a melhorar. Ouvira referencias a importantes estabelecimentos de caridade e ensino, mantidos por associações portuguezas no Rio de Janeiro. Seria muito difficil conhecel-os e frequentar as aulas dos de ensino? Consultou o poeta, que, no empenho de reconquistar o antigo admirador incondicional de seus versos, prestou-se da melhor vontade a colher as necessarias informações. Facil foi a Manuel João obter ingresso nesses estabelecimentos. Primeiro, foi o Lyceu Litterario Portuguez,

a grande e benemerita escola, em que milhares de moços de successivas gerações tem recebido gratuita e preciosa instrucção. Manuel João, cheio de pasmo e respeito, visitou o immenso edificio, as salas repletas de quadros e objectos pedagogicos, mysteriosos e venerandos para elle. Aconselharam-n'o a se matricular nas aulas nocturnas, onde, sem prejuizo do trabalho diario, muito poderia aprender.

Visitou depois o Gabinete Portuguez de Leitura, a magnifica construcção gothico-manuelina, cuja esplendida bibliotheca o extasiou. Nunca vira tanto livro junto. A paixão dos livros se lhe dilatara. Si pudesse passar ali a vida, folhear aquelle mundo de obras preciosas!... As velhas edições, as encadernações raras o encantaram, bem como as estatuas dos grandes homens celebrados por Luiz de Camões. Foi-lhe genuino jubilo conhecer a opulenta livraria, de tão facil accesso, no coração da cidade.

Finalmente, visitou o Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, sumptuosamente mantido á custa da caridade publica e onde centenas de enfermos são tratados com a mais carinhosa solicitude. Sentiu orgulho pelos compatriotas que, assim, não desmentiam no estrangeiro o lustre do nome nacional.

Graças á intervenção de Arnaldo, conseguiu, não sem custo, que Simões lhe permittisse frequentar as aulas nocturnas do Lyceu. O patrão achava tudo aquillo uma patacoada. Provinha, no conceito delle, dos caixeiros sabichões a decadencia do commercio. Mas Manuel João portava-se tão bem, desempenhava tão fiel e discretamente os seus encargos — que Simões, afinal, consentiu.

Matriculado, entrou a estudar com a maior perseverança e energia. De noite, fechadas as portas da loja, lá se ia ao Lyceu, procurando de preferencia, as ruas de menos movimento. Applicava-se a aproveitar o mais possivel as lições recebidas.

Ao regressar dos cursos, permanecia até alta noite a repetir o que lhe haviam ensinado. Por outro lado, atirava-se aos livros do Gabinete. Era extrema a sua actividade intellectual, embora o resultado não correspondesse ao esforço desconnexamente encaminhado. Em todo o caso, realisava progressos nos cursos do Lyceu e ia vivendo sem responsabilidades, sem onus, de um modo utilmente occupado, sinão feliz.

... E, desse geito, passaram annos, desprovidos de incidente especial. Manuel João se desenvolvera physicamente. Era agora um homem de hombros largos, cerrada barba negra, feio, retrahido, desconfiado, silencioso, embora lhe ungisse as feições suave expressão de bondade. Representava idade muito superior á que effectivamente contava.

Continuava a viver methodica e disciplinadamente, como um militar methodico e disciplinado. Durante o dia trabalhava na loja, auxiliava Arnaldo,

desempenhava commissões do patrão. Constantemente taciturno, sempre que se lhe azava ensejo, lia, encostado ao balcão. A noite, até ás 10 horas, preenchia-a o Lyceu. Ainda lia e estudava, depois de recolher. Dormia profundo somno até á madrugada, recomeçando então a mesma inalteravel lida quotidiana.

Nos dias feriados, após o almoço, sahia a passeiar, de ordinario sósinho. Como dispunha de pouco dinheiro, realisava a pé as suas excursões pelos arrabaldes, demorando-se nos jardins publicos. Um domingo, por acaso, assistiu á missa no Hospital da Beneficencia. Acertou prégar nessa manhã, excellente sacerdote, que discorreu tocantemente sobre os deveres do christão. Impressionado com o sermão e lembrando-se do tio padre-mestre, dahi em diante Manuel João todos os domingos e dias santos, ouvia missa, ou no Hospital ou em qualquer igreja proxima á loja.

A frequencia das aulas do Lyceu lhe proporcionou outra vantagem: as rela-

ções. Travou conhecimento com muitos rapazes da sua idade e em condições simelhantes ás suas, com os quaes conversava e de cujo convivio tirava inconscientemente consideravel proveito. Nenhum lhe conquistara intimidade, pois seus modos frios e concentrados a afugentavam. Collocava todos a certa distancia, mas todos o estimavam, apreciando a sua simpleza e circumspecção. Eram camaradas, a quem poderia recorrer confiadamente, caso necessitasse.

## XXVII

### Fogo!

Simões, o patrão de Manuel João, continuava a queixar-se acerbamente dos seus maus negocios, dos incessantes prejuizos soffridos, das ladroeiras com que o victimavam. Ultimamente haviam recrudescido essas queixas. Andava ma-

cambuzio e acabrunhado, a increpar a vida de lhe ser implacavelmente cruel. Ora ficava immovel, os olhos pregados no chão: ora, tomando açodadamente um lapis e um pedaço de papel, ás vezes as margens do *Jornal do Commercio*, levava a a alinhar algarismos, perdendo-se em calculos complicados. Entretinha-se longa e confidencialmente com o guarda-livros, examinando em companhia deste a escripturação. Esses colloquios mysteriosos, travados em voz baixa, em contrario aos habitos de Simões, entraram a repetir-se e a acalorar-se. Evidentemente, alguma cousa anormal se passava.

Manuel João não era admittido nas confabulações. Percebia que andava no ar um successo grave, mas não atinava com o que seria, nem tratava de o indagar, em consequencia da natural reserva accrescida pela experiencia e pela idade. Haviam se esfriado summamente suas relações com Arnaldo, desde que Manuel João ousara emittir criticas menos

laudatorias sobre uma poesia que aquelle lhe submettera.

— Você ficou com o gosto de todo estragado, — sentenciara o poeta. Nada mais lhe mostrarei...

E, na verdade, afastara-se do companheiro, trocando dahi em diante com elle apenas palavras triviaes.

Uma noite, regressando do Lyceu muito fatigado, deitara-se o caixeiro e pegara logo em profundo somno. Achava-se sósinho na loja. Arnaldo, havia dias não pernoitava em casa, allegando escripturações a fazer em outros estabelecimentos. Possuia uma chave da porta da rua, podendo assim entrar e sahir quando lhe parecesse. Estivera fóra todo o dia. Voltara ao anoitecer, permanecera algum tempo no seu quarto e sahira, de novo, recommendando cuidado a Manuel João.

— Feche bem a porta, quando vier do Lyceu, — dissera.

Manuel João despertou, alta noite, meio suffocado e sentindo forte cheiro de

panno queimado. Não podia saber exactamente a hora, porque não tinha relogio. Sentou-se rapidamente no balcão, sobre o qual continuava a dormir, com a differença de ser agora num colchão, em vez da antiga esteira. O fumo partia do fundo da loja e augmentava de instante a instante, no meio de vivas crepitações. De repente, uma lingua de fogo surdiu do tecto. Manuel João num pulo poz-se de pé. Não havia duvida: era um incendio.

O caixeiro não desconhecia os rapidos e terriveis incendios do Rio de Janeiro, que, em breves minutos, anniquilam vastos e solidos edificios. Abriu a porta da rua. Com a lufada do ar externo, novas linguas de fogo juntaram-se á primeira, a fumaça ampliou-se, o incendio manifestou-se em toda a intensidade, abarcando a parte posterior do armazem e projectando-se para a frente.

Na rua, solidão e silencio absolutos; tudo repousava. Manuel João, fóra de si, bateu violentamente na porta do predio

visinho, uma chapelaria. Ao cabo de algumas pancadas, gritaram de dentro:

— Que é isso, bruto?

— Fogo! — berrou Manuel João.

— O que?!... indagou a voz, já tremula. — O que?!...

— Fogo! Fogo! — repetiu o caixeiro.

Immediatamente, houve um reboliço na casa, correrias, exclamações. Cabeças assustadas, figuras semi-nuas assomaram nas janellas.

— Fogo onde?! Fogo onde?!...

— Aqui ao lado, na alfaiataria...

E Manuel João apontou para a loja do Simões e para o céo já avermelhado pelas labaredas. Sem mais explicações, correu ao predio da outra banda. Bateu, clamando: fogo! fogo! Reproduziu-se a scena: a principio, ligeira hesitação; em seguida, susto, alvoroço, precipitação. As portas das casas proximas se escancararam. Num relance, a rua atulhou-se de gente apavorada, agitando-se em frente á casa presa das chammas. Cruzavam-se

advertencias, imprecações, ordens contradictorias:

— Salva os moveis! Salva os livros! Vai buscar os bombeiros! Avisa a policia! Soccorro! Soccorro! Misericordia!

A agglomeração do povo embaraçava quaesquer providencias, impedia as tentativas de salvação. Crescia o tumulto, a confusão alastrava e nenhuma providencia efficaz era adoptada.

Alguns individuos afoitos introduziram-se na loja, tentando preservar trastes e fazendas, mas foram repellidos pelo calor e pelo fumo. Das habitações visinhas atiravam-se brutalmente á rua, cadeiras, roupas, na maior balburdia. Dominava o pavor. Vultos desvairados, sobraçando disparatados objectos, atropellavam-se, fendiam, gritando, a multidão, e fugiam. Apitos trilaram. E ante a desordem dos espectadores, cuja mó se adensara nas immediações do sinistro, o fogo proseguia na sua devastação. A loja de roupas offerecia ás labaredas

magnifico combustivel. Tornara-se enorme fogueira.

Manuel João buscara tambem penetrar na loja, lembrando-se dos seus queridos livros, com tamanho sacrificio adquiridos, lá abandonados. Chamuscara as mãos e os cabellos. Hirto de espanto, fitava, sem uma palavra, sem uma idéa, o continuo e celere progresso da destruição.

Chegaram finalmente praças de policia e conseguiram estabelecer alguma ordem na agglomeração dos circumstantes. O predio ardia de todos os lados, ameaçando o quarteirão.

Depois, com immenso estardalhaço, appareceram os bombeiros. Activamente começaram a manobrar, tolhidos pela estreiteza da rua. Armaram os longos tubos de irrigação, romperam combate contra as chammas. Mas escasseava agua. Magnificos os apparelhos, bizarros os seus manejadores, porém lhes inutilisava o afan a falta do elemento essencial para debellar o outro elemento. Por fim veiu

agua, e, intelligentemente, denodadamente, circumscreveram e attenuaram o brazeiro... As labaredas foram abatidas, juguladas. Da loja de roupas do Simões restavam as paredes, contendo um montão de destroços fumegantes.

Manuel João assistira bestialisado á catastrophe. Dir-se-ia pregado ao solo. Bateram-lhe no hombro:

— E' preciso ir prevenir ao patrão. Ande... Que faz você ahi estatelado?...

Sim! cumpria communicar ao Simões a sua desgraça. Manuel João emergiu do torpor em que afundara. Sahiu correndo, á procura de um vehiculo que o levasse á casa do patrão, num arrabalde afastado do centro. Não lhe foi facil encontrar conducção. Errou sem chapéo pelas ruas ermas e mudas sem ver viv'alma. Doiam-lhe as mãos crestadas; parecia-lhe um sonho atroz o succedido.

Afinal, deparou-se-lhe um tilbury, numa praça. Mandou tocar a toda brida para a chacara do Simões, onde nunca

tinha estado. O cocheiro pretendeu palestrar, mas Manuel João respondeu-lhe distrahido ás interrogativas:

— Sim... Foi um incendio na casa do Simões.

— Que Simões?

— O Simões, dono de uma alfaiataria... Vamos... Mais depressa... Que horas são?

— Quasi duas e meia da manhã.

Parou o tilbury no numero indicado por Manuel João. Tudo fechado, mas por uma janella coava-se um raio luminoso. A casa era abarracada, com jardim ao lado. Manuel João bateu á porta do jardim. Um cão ladrou, furioso. A' segunda pancada, um vulto surgiu no jardim e alguem perguntou:

— Quem é?

— E' aqui a casa do Sr. Simões?

— E'. Que quer o senhor com elle a estas horas.

— Ha grande novidade.

— Que novidade?

— Pegou fogo na loja...

— Oh ! diabo ! — exclamou a voz e o vulto desappareceu. Ouviu-se um ruido de portas que batiam. A da frente, a que dava para o jardim, abriu-se e Simões appareceu no limiar:

— Então, que foi isso ?

Manuel João referiu o desastre, offegando de commoção. Apezar de muito perturbado, não deixou de observar que a noticia produziu no patrão menos abalo do que esperava e seria natural. Simões bastante calmo, indagou apenas:

— Morreu alguem ?

— Graças a Deus, não, senhor.

Notou ainda Manuel João que Simões se achava prompto para sahir. Ou não se deitara, ou se vestira com extraordinaria rapidez. Não manifestou desejo de conhecer outros pormenores; disse simplesmente:

— E' um infortunio, não ha duvida. E' a minha ruina ! Seja feita a vontade de Deus ! Eu lá vou ter...

Saltou para o tilbury que trouxera Manuel João e nelle se apartou velozmente.

Manuel João ficou só, no portão do jardim, em plena noite escura.

## XXVIII

### Começo de idyllio

Que fazer? Voltar para cidade, a pé, não parecia praticavel. Manuel João desconhecia o caminho e a distancia era grande. Resolveu esperar, pelo menos, que amanhecesse. As commoções do incendio o haviam extenuado. Avistara um banco de pedra, a poucos passos da porta, no jardim. Entrou e deixou-se cahir semideitado nesse banco. As mãos queimadas lhe ardiam. Cerrou os olhos, buscando dormitar.

Mas os cães puzeram-se a latir. Manuel João levantou-se. Dous cães se acercaram delle, latindo com dobrada

vehemencia. Uma das janellas da chacara descerrou-se e uma voz feminina inquiriu:

— Quem está ahi?

Manuel João, acanhado, approximou-se da janella e, pedindo desculpa, deu seu nome.

— Que deseja?

Teve que ministrar explicações, narrar o incendio, narrativa que lhe pareceu não impressionar demasiado a sua interlocutora, como não impressionara o patrão.

Atraz do primeiro vulto feminino com quem o caixeiro se entretinha, postou-se segundo. Eram duas mulheres que se mostravam afflictas, mas sem ligar muita importancia ao caso.

— Desde que não morreu gente — ponderou uma dellas, a desgraça é remediavel.

Como Manuel João alludisse ás mãos chamuscadas e declarasse outra vez que se sentara no banco para repousar um pouco, devendo partir para a cidade mal

raiasse o dia, afim de prestar serviços, uma das senhoras, a que se diria mais joven, exclamou meigamente:

— Coitado!

Animado com essa manifestação de sympathia, entabolou franca conversação. Referiu novamente o incendio, com cores mais vivas e profusão de pormenores. Concluiu dizendo que ignorava o caminho a seguir para a cidade. A voz meiga descreveu, entre risadas, o itinerario. Manuel João agradeceu e, como a voz se calasse, dispunha-se elle a partir, julgando findo o colloquio, quando a voz convidou:

— Não vá sem tomar alguma cousa. Deve estar fraco e fatigado. Entre...

Manuel João excusou-se, porém ella insistiu tão affavelmente e com inflexões tão suaves que o caixeiro nada mais objectou:

— Entre... não faça ceremonia.

Fechou-se a janella, abriu-se uma porta e Manuel João, dando alguns passos, achou-se em face de duas senhoras, uma

das quaes, a mais idosa, gorda, de cabellos grisalhos, allumiava a entrada com uma vela. A segunda, joven, delicada, muito pallida, sorria gentilmente. Manuel João sabia que Simões era casado e que de varios filhos só lhe restava uma rapariga, debil e enfermiça. Comprehendeu que estava em frente da esposa e da filha do patrão. A moça não era bonita, mas de seu todo desprendia-se um effluvio de fraqueza, ternura e bondade que sobremaneira agradava e commovia. Differia totalmente, no sentido da delicadeza, de todos os typos mulheris até então encontrados pelo rapaz.

Guiaram-n'o as duas senhoras até á sala de jantar onde o convidaram a sentar-se. A moça, que a mãi chamava Irene, foi buscar uma machina de preparar café. Accendeu o espirito de vinho, entornou o pó e a agua, e breve o cheiro da infusão perfumou o aposento. Emquanto o café se apromptava, Irene palestrava com Manuel João, que lhe seguia enlevado os

movimentos ligeiros e graciosos. Indagou-lhe da vida, da familia, do tempo em que estava no Brazil.

— E' singular que o senhor, sendo empregado já antigo de papai, só agora nos conheça. Mas papai é tão exquisito, vive tão retrahido...

E, mudando de tom:

— Mas o senhor disse que se havia queimado. Deixe-me ver.

— Não é nada.

— Deixe-me ver, — ordenou, docemente imperativa.

Manuel João estendeu as mãos. Irene examinou-as attentamente á luz da vela.

— Espere, vou buscar um rèmedio.

— Não precisa... agradecido...

— Espere, homem. Não tem confiança no medico?

Sahiu; voltou logo após, trazendo um frasco cheio de oleo. Delicadamente, com uma penna, untou as queimaduras, amarrando um panno por cima:

— Agora vai ficar bom.

— Já estou,—respondeu Manuel João, sorrindo.

O remedio fazia-o soffrer, mas a benevolencia de Irene, aquelles modos simples e carinhosos, aos quaes não se achava habituado, abalaram-lhe deleitosamente o coração.

Por fim, o café ferveu, ficou prompto. Irene apresentou a Manuel João uma chicara com o assucareiro:

— Sirva-se...

O rapaz ia sorver o primeiro gole, quando ella atalhou:

— Ainda não. Espere mais um pouco.

Foi a um armario, trouxe um prato de biscoitos, obrigando Manuel João a aceitar:

— Prove... Não pode deixar de provar. Foram feitos por mim.

O caixeiro, sinceramente, achou deliciosos o café e os biscoitos. Mais deliciosa, porém, era a maneira com que o tratavam, aquella natural e fagueira hospitalidade.

Acabado o café, levantou-se e quiz despedir-se.

— Que horas são? — inquiriu a mãi de Irene.

Manuel João, envergonhado, confessou não possuir relogio. Irene levantou a vela até um angulo da parede:

— Quasi quatro horas, — disse.

— Pouco falta, — retrucou a mãi, — para o banho de mar. Mas como irmos hoje, si seu pai não está para nos acompanhar? Elle não gosta que saiamos sós...

— Não faz mal, — replicou Irene. — Ha um meio de tudo conciliar. Aqui o senhor (e apontou para Manuel João) espera ainda um pouco e nos serve de cavalheiro até a praia dos banhos. Podemos antes passar pela loja para saber o que succedeu a papai.

Manuel João balbuciou umas phrases confusas. Irene concluiu:

— Está dito. Vou me vestir. Converse com mamãi.

Ficando só com Manuel João, a mãi

de Irene, em longo monologo, referiu-lhe ingenuamente a sua vida. Casara muito joven. Passara miserias. Nunca fora feliz, Simões sempre caipora. O negocio, em vez de prosperar, desandava todos os dias. Talvez o incendio trouxesse vantagens, pois a loja se achava segura por boa somma, numa companhia contra o fogo. O que mais a affligia era a perda, aliás antiga, dos filhos. Tivera seis. Haviam todos morrido, depois de criados e após grandes trabalhos. Vivia assustada com Irene, a unica sobrevivente, summamente debil, a tossir por qualquer cousa. Gastavam um dinheiro louco com remedios. Os medicos affirmavam que a moça, sem constante cuidado, viria a soffrer dos pulmões. Dahi os banhos de mar — que Simões custara a resolver...

Manuel João ouvia interessado, sacudindo approvativamente a cabeça. Percebeu que a esposa do patrão era um pobre ser insignificante, resignado e simples. Irene appareceu, calçando luvas:

— Prompta. Não me demorei. — Vá, mamai, vá tambem se vestir.

Manuel João estava num horrivel embaraço... Viéra sem chapéo, com as roupas de trabalho. Como acompanhar, assim, as mãos envoltas em pannos, as duas senhoras?

Irene arrumava diligentemente no armario os objectos que tinham servido para o café. Manuel João a contemplava, embevecido.

— Dóem-lhe ainda as queimaduras? — perguntou a moça.

— Não. A senhora as curou.

Irene sorriu:

— Tomo tanto remedio que me tornei medica.

A mãi appareceu:

— Vamos. Fecha as portas. Chama a criada.

Iam sahindo. Manuel João hesitava.

— Procura alguma cousa? — interrogou Irene. Ah! é verdade... Onde deixou o seu chapéo?

— Não o trouxe — murmurou o moço. Sahi ás carreiras da loja incendiada.

— Mas não póde ir assim, com a cabeça descoberta. Vou-lhe buscar um chapéo de papai.

Voltou ao interior da casa e regressou carregando triumphalmente um grande chapéo de abas largas.

— E' velho e enorme,—observou, rindo-se.—Mas não achei outro. Antes isso que nada. Quem não tem cão, caça com gato.

Manuel João não se decidia a pôr em si o chapéo do patrão, temendo parecer ridiculo. Lembrou-se do vasto chapéo, presente do tio padre-mestre, com que desembarcara no Brazil, e da consequente lucta ferida com os moleques.

Irene tomou-lh'o das mãos e collocou-lh'o, meio á força, na cabeça.

— Vai-lhe até muito bem, — disse.

Sahiram. Estava ainda escuro. Manuel João nunca andara daquelle geito, ao lado de duas senhoras. Ia confuso e

encantado. Estiveram algum tempo parados na esquina, esperando o bond. No bond, começou outro supplicio para Manuel João. Não tinha um vintem no bolso e a hora do pagamento das passagens se approximava. Como confessar a sua miseria ou sujeitar-se á humilhação de ver as senhoras pagarem? Eis o recebedor que se dirige a elle. Manuel João, atarantado, põe-se a revolver os bolsos vazios. Irene interveiu:

— Naturalmente, o senhor deixou tambem a carteira na casa incendiada, como deixou o chapéo.

— E' verdade, infelizmente, minha senhora.

A moça entregou o dinheiro ao conductor.

Na alma de Manuel João crescia de instante a instante a sympathia que desde o primeiro olhar a moça lhe inspirara.

Rompia a madrugada, quando chegaram á cidade. A' claridade, Irene pareceu a Manuel João ainda mais debil,

ainda mais pallida. Tinha a physionomia de enferma. Decididamente, não era bonita. A' sympathia de Manuel João juntou-se profundo movimento de dó. Sentiu-se capaz de sacrificar-se por ella, de lhe dar a sua vida.

## XXIX

### Depois do fogo

Sobre o entulho fumarento que occupava o logar da loja anniquillada, arremessavam ainda os bombeiros jactos d'agua acauteladores. Centenas de curiosos contidos pelos policiaes contemplavam as ruinas. Simões passeava na calçada, carrancudo, os olhos baixos, as mãos nas algibeiras da calça. O poeta Arnaldo andava de grupo em grupo falando muito, lamentando o patrão e a si proprio, tomando ares interessantes de victima.

Ao avistar a mulher e a filha, Simões atirou-se-lhes aos braços, commovido,

quasi a chorar. A scena causou boa impressão, pois boquejava-se que o incendio fora proposital, determinado pelos apertos do negociante. O delegado de policia iniciara um inquerito. Simões, Arnaldo e Manuel João receberam intimação a irem prestar informações na repartição central para onde seguiram escoltados. Todo o dia estiveram ás voltas com auctoridades e escrivães. Nada afinal se apurou de certo sobre a criminalidade do sinistro. Apezar, porém, do resultado negativo, persistiam geraes suspeitas acerca da culpabilidade de Simões e da cumplicidade de Arnaldo.

Como quer que fosse, Manuel João ficou sem emprego e sem dinheiro. Começou para elle uma série negra de dias longos, vazios, tristissimos. Não queria separar-se de Simões, esperando que este montassse nova casa commercial. Nenhuma affeição ou reconhecimento ligava-o antigamente ao patrão. Mas agora sentia por elle inexplicavel pendor. Seria

a força do habito, proveniente de haverem tantos annos vivido um ao pé do outro, embora sempre distantes? Seria a influencia de Irene? Seria dó em consequencia do desastre? Simões, no geral, tratava asperamente Manuel João, que lhe votava instinctiva antipathia. De repente essa antipathia se converteu em respeitosa condescendencia. Achava explicaveis as grosserias, o máo humor constante do negociante.

— Pobre homem — pensava. — Tão infeliz!

Manuel João aboletou-se provisoriamente numa modesta casa de commodos.

Levantava-se antes de amanhecer. Ia á praia de banhos que Irene havia designado e, ahi, dissimulando-se entre os banhistas, esperava a chegada da mulher e da filha do Simões. Via a moça entrar n'agua, mergulhar, sahir gottejante. Não ousava approximar-se della. Ella nem o via. Só uma vez fitou-o um segundo, reconheceu-o, cumprimentou-o ligeiramente

com a cabeça e sorriu. Esse sorriso recompensou-o, repassou-lhe de coragem e de jubilo o coração. Manuel João tinha, ao mesmo tempo, desejo ardente e acanhamento invencivel de continuar com Irene as relações tão amistosamente iniciadas. E soffria... Ai! si, em consequencia de máo tempo, ou por qualquer ignorado motivo, ella não vinha ao banho de mar habitual! Era para Manuel João uma desgraça.

Desempregado, vivendo a credito, só antolhando sombrios horisontes, curtia angustias. Sua consolação exclusiva consistia na rapida visão da madrugada.

A situação, porém, não podia prolongar-se. Haviam decorrido dous mezes após o incendio e nenhuma resolução estava delineada. Certa manhã, clara e bella, Irene não appareceu na praia. Deu-se o mesmo na manhã immediata, na outra e nas seguintes. Manuel João, desesperado, a aguardava. Em vão! Teria peiorado? Parecia na ultima vez tão

abatida! Suspendera os banhos de mar? Incerteza cruel!

Manuel João não mais se conteve. No oitavo dia de mallograda espera, muniu-se de animo. arranjou do melhor modo o pobre vestuario, penteou-se com cuidado e, á tarde, encaminhou-se para a casa do Simões.

A verdade é que a situação deste se aggravara muitissimo. Escasseavam-lhe os recursos. A companhia de seguros em que a loja estava garantida, recusava-se a fazer o pagamento, objectando que o incendio fora proposital. Simões intentara-lhe uma demanda. A companhia, por seu turno, apresentara queixa criminal contra Simões. Dahi attritos, despezas, aborrecimentos, miserias. Eram as duas mulheres que, com o seu trabalho, occorriam aos gastos. Obtiveram costuras de ganho e viviam a coser, para alcançar insignificante salario. O negociante, cujo pessimo humor recrudescera, girava pela cidade, sem occupação fixa, pedindo

dinheiro emprestado aos conhecidos. Voltava para casa furioso, exhausto, nada tendo feito. O dinheiro obtido, jogava-o, empregava-o em bilhetes de loteria, nunca premiados. Zangava-se com a mulher e a filha, declarava intragavel o jantar, penosamente preparado pelas duas.

A fraqueza de Irene accentuou-se. Cada dia se tornava mais delgada, mais pallida, tossindo sempre. Deixara os banhos de mar, porque não podia abandonar o serviço da casa e porque, na rapida descida da miseria, faltava até dinheiro para as passagens.

Manuel João ignorava essas circumstancias. Com o coração em sobresalto, bateu á porta da chacara. A mesma voz meiga da madrugada do incendio convidou-o a entrar. Em todos os objectos, patenteavam-se os apuros da familia. Os moveis pareciam diminuidos. Pairavam no ar a tristeza e o desalento. Simões fumava, enterrado numa cadeira de balanço. Recebeu Manuel João seccamente

quasi hostilmente. Depois dos primeiros cumprimentos, cavou-se desagradavel silencio.

— Que quer o senhor? — perguntou, por fim, Simões.

— Vim visital-o e saber si o patrão ordena que eu continue a seu serviço.

— Não tenho serviço algum a lhe dar.

Houve novo silencio, interrompido apenas pelo ruido da machina de costura de Irene. Manuel João fitava o assoalho, sem animo de falar ou de se retirar. Simões soltava baforadas freneticas.

— Nesse caso — murmurou Manuel João, ha de permittir, desde que não tem serviço a me dar, que eu procure emprego, ficando sempre a seu dispor.

— Faça o que entender... Não o estorvo... Mas fique certo de que tudo por ahi está podre, tudo é uma corja de salteadores, infames e ingratos.

E Simões, após uma serie de epithetos affrontosos, volveu a carrancudo

silencio. A machina de costura agitava-se fremente. Manuel João não sabia como finalisar a visita:

— Si o patrão zangou-se, queira perdoar-me.

Simões não respondeu, contentando-se em bufar e em soltar fumaças mais repetidas e mais espessas.

Irene interpoz-se docemente:

— Papai, o Sr. Manuel João não póde ficar assim, sem emprego. Precisa cuidar da vida.

— Pois que cuide.

— O senhor não m'o levará a mal? — inquiriu respeitosamente o moço.

— A mim pouco se me dá que vá por diante, ou que o leve o diabo.

— Ah! papai! — respondeu Irene — não diga isso. O senhor está se fazendo de máo e não o é. O Sr. Manuel João comprehende, não é verdade?!

— De certo, minha senhora. Comprehendo...

Em seguida a outro longo silencio embaraçoso, Manuel João levantou-se, gaguejando:

— Com sua licença, patrão. Quando precisar de mim, é chamar-me. Sempre ás ordens.

— Pois, sim... Adeus... adeus.

Levando Manuel João até á porta, Irene, ao despedir-se, lhe disse:

— Desculpe a papai... Tudo lhe corre tão mal!... Está tão nervoso! Muito lhe agradecemos a sua visita. O senhor é dos poucos que ainda se lembram de nós, depois da nossa desgraça!

Manuel João esqueceu as rudezas do Simões. Sahiu encantado!

## XXX

### Irene desapparece

Mediante as relações adquiridas na frequentação do Lyceu, não foi muito difficil a Manuel João obter emprego, desde

que com empenho o procurou. Mais uma vez justificou-se relativamente a elle o proloquio: ha males que vem para bem. Na loja do Simões nenhum futuro se lhe descortinava.

Entendia regularmente de escripturação mercantil. Uma casa importante o aceitou para ajudante de guarda-livros. Como tinha optima calligraphia e era serio, grave, meticuloso, cumpridor de obrigações, cedo captou a sympathia e a confiança dos novos patrões.

Começou a receber pontualmente os seus vencimentos. Pagas as dividas contrahidas durante o tempo em que andara desempregado, foi ajuntando algum dinheiro. A lembrança dos antigos apertos tornou-o summamente economico. Não esquecia, entretanto, os velhos amigos: ao Casimiro, o agora decrepito jardineiro que outr'ora o acolhera, soccorreu-o mais de uma occasião. Escrevia de quando em quando ao coronel Teixeira, a cuja fazenda promettia fazer uma visita,

sempre adiada porque seu serviço o impedia de arredar-se do Rio de Janeiro.

Da familia, na Europa, recebera afinal algumas noticias. Deshabituara-se de lhe escrever. Tambem as respostas eram tão escassas e demoradas! A pouco e pouco, insensivelmente, foram-se-lhe afrouxando e rompendo os laços que o ligavam á velha terra. Os intervallos das raras cartas augmentaram ainda mais. Por fim, deixou de escrever. Sim! a separação é uma modalidade da morte!

Soube que fallecera o tio padre-mestre o que lhe causou sincero desgosto. O tio padre-mestre achava-se profundamente vinculado á sua infancia. Não recordava uma unica scena da meninice em que não surgisse a figura do velho ecclesiastico, instigador da viagem ao Brazil. O desapparecimento do tio padre era mais um motivo de não regressar a Portugal.

Corria-lhe agora a existencia um tanto mais larga, folgada e independente.

Alugara pequeno commodo numa casa socegada. Continuava a tomar em hotel as modestas refeições. Todo o dia absorvia-o o trabalho. Tinha livres as noites e os dias feriados, que consagrava á satisfação da antiga paixão — a leitura. Os livros constituiam o seu unico luxo, o seu exclusivo vicio. Para adquirir obras novas e edições fóra do commum, não olhava despezas. Nos poucos passeios que realisava, sempre nos jardins publicos do centro da cidade, levava um livro. Era-lhe indizivel prazer sentar-se num banco, á sombra de uma arvore, e passar horas embebido na leitura. Sua existencia simples e casta evolvia em ambito restricto. Cada vez mais calado e taciturno, exiguas relações cultivava. Chamavam-lhe *o exquisitão* . . .

Todavia, a lembrança de Irene não se esvaecia de seu espirito, antes se poetisava, revestindo a idealisação da distancia, da molestia e da recordação.

A meiguice da sua voz lhe acariciava o ouvido constantemente. Que saudade

das madrugadas em que a contemplava á vontade, sem que ella o visse, na seminudez das roupas de banho, entregando-se aos afagos do mar! De repente, cessaram aquellas fugitivas apparições. Como, presentemente, solitario e triste, desprovido de encanto, se lhe afigurava o mar! Ter-se-ia aggravado a molestia? Que pallida estava na ultima vez em que a vira! As apprehensões, as duvidas o torturavam.

Não ousava voltar á casa do Simões, que tão mal o acolhera na primeira visita. Ia ás vezes á praia de banhos com a vaga esperança de fortuitamente avistar Irene, e lá ficava inquieto, nervoso, só se retirando quando, sol alto, se afastavam os ultimos banhistas. Nesses dias, sentia um peso, uma angustia a lhe esmagarem a intelligencia e o coração. Mal se alimentava, presa de cruel melancolia.

Outras vezes, deliberava afoitamente voltar á chacara do Simões. Partia, mas, ou intimidado, voltava do caminho, ou

rodava nas immediações do predio, procurando, com mil precauções para não ser presentido, divisar alli algum vulto. E os dias iam passando...

Uma tarde, heroicamente decidiu-se. Apurou o vestuario e tomou o bond, resolvido a entrar na casa do antigo patrão, succedesse o que succedesse. Não eram lisonjeiras as referencias que a Simões se faziam no commercio. A accusação de haver propositalmente ateado fogo na loja ganhara corpo, propagara-se, de modo a ser difficil destruil-a. Perseguiam-n'o credores. A demanda com a companhia de seguros se arrastava morosamente. O poeta Arnaldo mudara-se para S. Paulo.

Manuel João nada de positivo sabia sobre o ex-negociante, que pouco apparecia nos sitios costumados. Os raros que o viam descreviam-n'o lapuz, vergado ao peso de desgostos, sob a pressão crescente de necessidades, perseguido pelo despreso publico. E não faltava quem asseverasse:

— O Simões... Aquillo é um velhacão ! Arranjou-se com o incendio. Grande bisca ! Grande bisca...

Uma unica vez, durante o periodo transcorrido, Manuel João o avistara de longe, ao dobrar uma esquina: ia desmazelado, a barba por fazer, de uma gordura tumida e doentia. Manuel João apressou o passo e cumprimentou. Elle mal correspondeu, evitando evidentemente travar conversação.

A recordação desses factos e mil suppposições contradictorias agitavam o moço, emquanto caminhava. Duvida, receio, acanhamento — eram os seus sentimentos. Sobrepujava-os, porém, a doce necessidade inadiavel de rever Irene.

Apeiou-se na rua deserta e lugubre, com casas muito espaçadas, entre vastas hortas e jardins. Ainda vacillou um instante, antes de abeirar-se da chacara. Notou que nesta tudo se achava fechado, ás escuras. Teriam sahido ? Bateu ao portão. Não lhe respondeu siquer o latido

dos cães. Bateu segunda vez: — nada. Bateu, mais fortemente, terceira, quarta vez: tudo em vão! Reparando então melhor, certificou-se de que o predio estava deshabitado. Um pedaço de papel branco pregado a uma das janellas chamava novos inquilinos. Como esse pedaço de papel branco o desesperou!

Desanimado, retomou lentamente, a pé, o caminho da cidade. Não muito longe da chacara, havia humilde venda, mal alumiada. Um sujeito de ignobil aspecto cochilava junto ao balcão. Manuel João entrou e, tocando no chapéo:

— Boa noite. O senhor me poderá informar que fim levou o Sr. Simões que morava aqui perto, com a familia?

O sujeito bocejou e, estirando os braços:

— Que Simões? O da loja incendiada?

— Sim.

— Parece que se mudou. Desappareceu dalli, da noite para o dia, com a

mulher e mais a pobre da menina. Não preveniu a pessoa alguma para onde se atirava. Sahiu fóra de horas, ás escondidas, como costuma fazer certa gente.

— Que gente?

— A gente da laia do Simões.

— Por que?

— Ora, é boa! Por muitos motivos. Para não exhibir os cacaréos á luz do sol e para fugir aos credores que são sem conta. Simões deve a meio mundo... À ninguem pagava... Nem ao senhorio... Tambem ninguem mais lhe fiava dez réis... Naturalmente, o senhor veiu atrás delle por causa de alguma conta. Pois reze-lhe por alma, meu rico menino.

— Não, senhor, protestou Manuel João, sou amigo...

— Amigo?! Pois é cousa que Simões não possuia. Como ser amigo de um bruto, de um malcriado, de um ingrato de tamanho porte? Commigo, procedeu elle infamemente. Além de não me pagar o que me devia e me custara o suor do meu

trabalho, maltratava-me, descompunha-me, ameaçava-me. Era alli uma romaria de credores todos os dias. A mulher e a menina não paravam de chorar. Ganhavam alguma cousa nas costuras, mas o diabo do homem o arrancava para dispender em processos e extravagancias... Até passaram fome... Aquillo devia estar mas era na cadeia, porque, em summa, o incendio...

Manuel João, morto por saber de Irene, interrompeu:

— Mas a familia?

— A mulher e a menina soffriam bastante, já o disse, por causa do malvado. A menina, sobretudo, pois está bem doentinha...

— Bem doente de que? atalhou sofregamente Manuel João.

— Sei lá... Pulmões, coração... Pudéra, com a vida que levava... Depois, varios irmãos morreram na sua idade. Chegou-lhe a vez... ahi está...

— Coitada! — exclamou Manuel João, com infinita expressão de dôr.

— O senhor é parente? — indagou o taberneiro, surprehendido.

— Não, senhor, não sou parente.

— Si não é credor, si não é parente, por que se interessa tanto pela familia, especialmente pela menina?!

E, soltando estridula risada:

— Ah! já sei... E' namorado! Pois nunca me passou pela ideia que a pequena Irene pudésse ter um namorado...

Manuel João seccamente, asperamente poz termo á conversação:

— Boa noite... passe bem... Muito obrigado.

E fugiu, prestes a chorar.

## XXXI

### Esforços inuteis

Passaram mezes, mas não passou a preoccupação anciosa de Manuel João. Todo o tempo que podia furtar ao traba-

lho, applicava-o em buscar o paradeiro da familia Simões. Nem mesmo os livros o retinham em casa. Perguntava a um, a outro; andava, andava sem destino. Aquillo se lhe converteu em obsessão. Ter-se-iam mudado do Rio?

Afinal, á força de indagar, soube que elle se achava hospedado com a familia em casa de um amigo, numa estação dos suburbios. Muitos lhe estranhavam a insistencia com que procurava Simões:

— Sou credor delle, — explicou. Preciso que me pague uns mezes que me ficou a dever e me fazem falta.

— Está bem arranjado — respondiam. Simões pagar! Até parece pilheria.

Descoberto o esconderijo, Manuel João, corajosamente, uma tarde, para lá se encaminhou. Era humilde vivenda, em afastado arrabalde. Bateu á porta. Appareceu um menino maltrapilho, modos desconfiados.

— Sr. Simões está?

— Não, senhor.

— A que horas volta?

— Não sei... Acho que não volta hoje.

— E a familia?

— Não póde falar.

— Mas eu preciso falar-lhe.

— Para que?

— Diga-lhe que sou Manuel João, antigo empregado do Sr. Simões... sou um amigo...

— A familia não póde falar... Deu ordem para que ninguem entre...

Manuel João ficou titubiante. Aquella reluctancia o desarmava. Teimar seria tornar-se suspeito e importuno. O menino fazia menção de fechar a porta.

— Mas como vai a familia? Está boa?

— Não, senhor, D. Irene continua muito mal.

— Tenha a bondade de dizer á familia que eu vim visital-a.

— Muito obrigado. — Passe bem... resmungou o menino, e, cortando o dialogo, cerrou a porta.

Manuel João retirou-se irritado. Na tarde seguinte, renovou a tentativa com igual insuccesso. Durante alguns dias, passeou pela rua em frente á casa. A sua assiduidade o compromettia; não pareciam bons os seus fins. Das habitações proximas sahia gente a observal-o, impressionada, seguindo-lhe os movimentos. Cochichavam malevolamente á sua passagem. Manuel João percebeu a ingrata impressão que estava produzindo o seu aspecto macambuzio, a sua obstinação inexplicavel, em detrimento, sem duvida, do Simões. Isso, unido á sua natural timidez, o constrangeu a afastar-se, embora não renunciasse a esperança de avistar alguem da casa com quem se entendesse, ou de se encontrar com o antigo patrão, cuja entrada ou sahida começou a espreitar de longe.

Apezar da immensa pertinacia e trabalho, nada conseguiu. Simões se acautelava. Sahia muito cedo e recolhia noite alta. Tantos mallogros avivavam no moço

o desejo de rever Irene. Havia de luctar, havia de vencer!

Uma noite, lobrigou o vulto do Simões que lentamente se approximava. Alcançal-o foi obra de um minuto, a despeito dos esforços do ex-patrão que se sentindo seguido, esgueirou-se, apressou-se, tudo envidou para se eximir ao encontro.

— Boa noite, Sr. Simões.

— Ah! é o senhor! Boa noite. Quer alguma cousa?

Penalisou a Manuel João a decadencia do antigo commerciante. Não se lhe afigurava o mesmo homem: esqualido, a barba longa, respirando desidia e penuria.

— Queria apenas visital-o, renovar-lhe o offerecimento de meus prestimos, saber noticias da sua familia.

— Agradecido, mas eu de nada preciso.

Manuel João percebeu que o amor proprio de Simões, de tão dura indole, não lhe permittia confessar os seus infor-

tunios, dever favores a um empregado que, não havia muito, obedecia passivamente ás suas ordens.

— Perdão, — consta-me que o patrão anda aborrecido com algumas difficuldades.

— Quem lhe contou essa historia? ! Que tem o senhor com a minha vida... Já lhe pedi alguma cousa?

— E' interesse, Sr. Simões...

— Obrigado... obrigado... mas o melhor é deixar-me em paz.

— Tem a filha doente...

— E' verdade, porém ha de melhorar... porque não?

— Si eu lhe pudesse auxiliar...

— Obrigado, mas ainda não cahi tão baixo que aceite esmolas dos meus antigos caixeiros.

— Oh! patrão! Pelo amor de Deus, não se offenda. E' interesse, repito.

— Tambem eu repito: agradecido, mas não se incommode por nossa causa; cuide da sua vida; não se metta onde

não é chamado, é conselho de amigo e de experiente.

Manuel João não teve que replicar. Simões, sem se despedir, retirou-se. Breve, entrou em casa, cuja porta bateu com força.

## XXXII

### Primeiro sacrificio

Manuel João ficou summamente triste e abatido em consequencia da entrevista com Simões. Este se lhe mostrara acrimonioso e ingrato. Deturpara-lhe as intenções, repellira rispidamente offerecimentos tão cordiaes, desejos tão sinceros de servir, de sacrificar-se. Ah! si pudesse varrer do pensamento a lembrança do ex-patrão e de todos os seus! Mas, qual! A saudade de Irene o subjugava, tiravalhe forças para reagir. Cumpria fazer algo em favor da moça, custasse o que custasse.

Manuel João não conseguia captar o somno, deitar-se siquer durante as compridas noites. Passeiava agitado no seu cubiculo, as mãos crusadas nas costas, a reflectir, sem descobrir solução. Irresistivel impulso levava-o a não desistir de auxiliar Simões, de soccorrer Irene, mesmo contra a vontade destes.

Uma madrugada, á hora em que antigamente costumava ir á praia de banhos contemplar a moça, sentou-se á mesa, e, depois de esboçar varios rascunhos de cartas, escreveu mais ou menos a seguinte a Simões :

« Perdoe a minha insistencia, meu respeitavel patrão, mas não quero que forme de mim desfavoravel conceito. Sei que está atravessando uma quadra má, o que a todos póde succeder. Presentemente ganho alguma cousa e tenho realisado certas economias. Desejo pôr tudo quanto possuo ao dispor do patrão, por animar-me a certeza de que assim lucrarei. Aceitando o meu offerecimento, filho

não só do coração como do raciocinio, o patrão me fará favor. O meu dinheiro em sua mão estará mais garantido do que em qualquer outra parte. Quando se achar folgado, o que cedo virá, restituir-me-á capital e juros e guiar-me-á com os conselhos da sua pratica e da sua amizade. Effectuarei dest'arte excellente negocio. O obsequiado serei eu, si o senhor annuir. Trata-se, não de um emprestimo, porém de um deposito seguro e lucrativo para mim. Aguardando favoravel resposta, assigno-me, com todo o respeito, seu antigo empregado e amigo agradecido — *Manuel João*».

Satisfeito, deitou-se e adormeceu. Levantou-se duas horas depois, releu a carta, passou-a a limpo, e, cantarolando, foi leval-a ao correio. Correu-lhe o dia leve e aprazivel, como de ha muito não lhe acontecia. Um conhecido lhe perguntou:

— Teve você alguma noticia agradavel? Vio o passarinho verde?

Entretanto, tardava a resposta de Simões. Ter-se-ia a carta extraviado? Recomeçavam as anciedades do moço, quando na tarde do terceiro dia, ao regressar á casa, depois de jantar, encontrou na calçada o homem, esperando-o. Cumprimentou-o com jubilo, convidando-o a subir. Simões, como de costume, saudou-o seccamente, sem mesmo lhe apertar a mão. Subiram em silencio a escada; abancaram-se. Manuel João rompeu o silencio:

— Recebeu a minha carta?

— Recebi.

— Aceita?

— Aceito, — respondeu Simões, com superioridade, como si realmente fosse elle o obsequiador e não o obsequiado.

— Obrigado, patrão.

— Já que o senhor tanto se offerece e tanto fala de seus recursos, arranje-me dous contos de réis, de que muito preciso com urgencia.

Manuel João empallideceu. A quantia pedida excedia extraordinariamente as

suas posses. Comprehendeu num relance quanto fôra precipitado e temerario nos seus offerecimentos. Como hesitasse em replicar, Simões observou:

— Arranja ou não arranja? Si não arranja, para que se offereceu? Eu não lhe pedi cousa alguma.

— Arranja-se, patrão, — disse o moço. Não tenho aqui commigo toda a somma, mas arranja-se. Amanhã lh'a entregarei.

— Sem falta? Olhe lá... Isso não é brincadeira.

— Sem falta.

Simões, então, amenisou-se, explicando:

— Não é para mim; é para levar á Minas a menina, cujo estado de saude me inspira cuidados. Os medicos declaram que não póde permanecer nesta cidade, com o calor... E' preciso mudar de clima, viajar, uma massada, uma despeza enorme...

— Qual o incommodo de D. Irene? — indagou vivamente Manuel João.

— Sei lá... Nem os medicos tambem sabem... Talvez o mesmo que levou os irmãos. Sei só que é um dinheirão com os taes doutores, botica, e mais isto e mais aquillo... Affirmam que, sahindo do Rio, melhorará. Vamos tentar. Iremos a Caxambú, a Cambuquira, não importa aonde. Em se tratando de Irene, não meço sacrificios, porque ella, coitadinha, merece-os, lá isso merece-os.

— Não ha duvida, patrão, merece-os todos, merece-os todos...

— Então, arranja-me o dinheiro para esse fim?

— Arranja-se, patrão, e mais até si fôr necessario.

Sem agradecer, Simões fez um gesto de despedida, com ares ainda de protecção:

— Amanhã sem falta, hein? A que horas?

— Sim, amanhã, sem falta, confirmou Manuel João.

— A que horas? não posso ficar na sua dependencia o dia inteiro.

— A's 5 da tarde.

— E' muito tarde. Obtenha a cousa mais cedo. Quem mandou se offerecer?

— Pois bem, ás 3.

Retirando-se Simões, Manuel João, como de costume, poz-se a passear agitado pelo quarto. Mettera-se em boas! Da quantia pedida, possuia apenas pequena parcella. Eram exiguas, afinal de contas, suas economias ajuntadas á custa de privações. Como alcançar o que faltava e tão levianamente promettera? Pedir aos donos da casa, onde se achava empregado, equivalia a desconceituar-se. Lembrou-se de vender os livros, seus unicos consoladores e amigos. Mas o sacrificio pouco adiantaria, porque os volumes alienados, sob a pressão da urgencia, dariam insignificante resultado. Só lhe restava recorrer a conhecidos, e, em ultima analyse, a agiotas. Dormiu mal, e, ao alvorecer, saltou da cama, sob o aguilhão do compromisso a satisfazer. No meio de suas angustias, confortava-o

a convicção de que, servindo Simões, contribuiria para o restabelecimento de Irene.

Sahiu, pela primeira vez na vida, para pedir dinheiro emprestado. Triste e arduo emprehendimento, dolorosa missão no desempenho da qual teve de invocar toda a sua coragem, firmeza e perseverança.

Dos cinco camaradas e companheiros a quem se dirigiu, dous, os mais abastados e com quem mais contava, recusaram peremptoriamente. Dous, os mais pobres o attenderam, em parte, mediante letras aceitas por elle a juro alto e praso curto. Mas só o attenderam depois de reiteradas instancias, longa lucta, encarecendo, exaggerando o serviço prestado:

— Veja bem. Isto nem um pai a um filho. Não vá me deixar mal no dia do vencimento das letras...

O quinto, um estudante chronico, Chiquinho Neiva, — bohemio, gastador, com quem Manuel João entretinha menos

relações do que relativamente aos outros, disse-lhe:

— Você chegou a proposito, homem. Tenho dinheiro. Como que adivinhou. Tome lá.

— Que documento quer?

— Nenhum. Entre amigos não são precisos papeis. Basta-me a sua palavra de homem honrado.

— Mas ha viver e morrer...

— Pois trate você de não morrer, que eu farei o mesmo.

A' excepção de Chiquinho Neiva, que achou a cousa muito natural, os outros mostraram-se espantados de que Manuel João, tão regrado, tão sobrio, tão economico, necessitasse de avultada quantia, e sem demora. Um dos que se negaram, interpellou-o:

— Você jogou?

— Oh! não! — protestou o moço.

— Para que então esse dinheiro?

— Para servir a um amigo.

— Hum! Aqui anda historia. — E batendo-lhe na perna:

— Isto me cheira a rabo de saia, seu maganão.

Manuel João protestou com dobrada energia, porém o outro não cessou de o perseguir empregando ferinas troças, até que elle quasi se zangou:

— Peço-lhe que não continue nesse tom, si não quer me offender.

— Está bom, homem, está bom. Desculpe-me. Não o suppunha tão susceptivel...

Felizmente, ás 2 horas, Manuel João possuia todo o dinheiro. Simões foi pontual. Apenas Manuel João passou-lhe o maço das notas, tomou-o avidamente, contou-o com cuidado, metteu-o na algibeira.

— Creio que não é necessario um recibo, tanto mais quanto restituirei em breves dias.

— Não ha duvida, patrão. Não é necessario recibo.

Simões já ia se retirando, sem agradecer, quando Manuel João inquiriu baixinho:

— Como vai D. Irene?

— Na mesma, mas confiamos na viagem.

— Quando partem?

— Amanhã, ou depois.

Manuel João teve impetos de solicitar licença para ir visitar a familia. Tolheu-o o acanhamento, bem como a commoção que o assaltava, em se tratando de Irene. Com delicadeza instinctiva, não quiz, demais, que Simões suspeitasse no pedido uma recompensa do serviço prestado. Calou-se e soffreu, como de costume.

## XXXIII

### O jogo

Varios dias vulgares, sem noticias... Na manhã consecutiva á do emprestimo e na seguinte, Manuel João fôra de madrugada á estação da estrada de ferro,

espreitar Simões e a familia, entre os passageiros que partiam. Não os viu. Conjecturou houvessem preferido algum trem menos matinal, por causa da saude de Irene. Em todo o caso, suppunha-os em Minas.

Uma noite, recolhendo-se depois de um dia de excessivo labor, pois agora trabalhava dobradamente, no intuito de desempenhar-se das obrigações assumidas, pareceu-lhe reconhecer num vulto, avistado em rua deserta, a figura do Simões. Approximou-se, e o vulto se desviou. Manuel João estugou o passo, o vulto tambem, tentando dissimular-se. Era o ex-patrão, não restava duvida. Teria regressado? Não haveria partido?

Simões fugia, cosido com as casas, na calçada opposta á em que o seguia Manuel João. De repente, sumiu-se num corredor. Manuel João parou em face desse corredor, examinando o predio, um sobrado de tres andares, onde tudo era escuridão e silencio. Outros vultos como o

do Simões, acercaram-se sorrateiramente, mysteriosamente, do edificio e se engolfaram no corredor escuro. Manuel João permanecia espantado, a observar, esperando a sahida do Simões. Mas eis que rapidamente partiu da porta um sujeito alentado, que, se dirigindo a Manuel João, diz-lhe em voz baixa, porém em tom agastado:

— Si o senhor quer entrar, entre de uma vez, mas não continue ahi na rua, feito um paspalhão, que póde chamar a attenção da policia.

Automaticamente, guiado pelo sujeito Manuel João penetrou no predio, subiu mais de uma escada, e, depois de atravessar varias salas desertas e quasi sem luz, cahiu numa fortemente illuminada e da qual se elevava confuso rumor. Em torno a uma longa mesa, numerosos individuos jogavam. Era a roleta. Um banqueiro dirigia o jogo e fiscalisava as paradas. Montes de fichas brancas destacavam no tapete verde.

As physionomias lividas, os traços contrahidos, não viram os jogadores, empolgados pela terrivel paixão, a chegada do recemvindo. Entre elles, lá estava Simões, preoccupado, febril, buscando apparentar serenidade. Manuel João, ao cabo de alguns minutos de observação, percebeu que elle perdia constantemente. Quando, desprovido completamente de fichas, fez menção de levantar-se, com um gesto de desanimo, Manuel João tocou-lhe no hombro:

— Então, patrão, já voltou, ou ainda não partiu?

Simões estremeceu, reconhecendo o moço, mas logo recuperando o ar habitual de protecção para com o antigo caixeiro:

— Não... ainda não parti.

— Porque?

— Ora... porque? — Porque, precisando arranjar mais algum dinheiro, metti-me neste maldito jogo e tudo perdi. Foi-se-me a somma destinada á viagem...

Ando num caiporismo atroz... Mas a sorte ha de voltar. A questão é ter com que tental-a. E, a proposito, não podia o senhor me arranjar mais alguns cobres?

— Infelizmente, não. Dei-lhe tudo quanto me era possivel dar.

— Pois é o diabo... é o diabo... A viagem da menina é indispensavel.

— Como vai D. Irene?

— Peior... peior. Sem a viagem, não sei que succederá. Preciso effectuar a viagem, custe o que custar. O senhor não me poderia obter, fosse o que fosse, a mais insignificante quantia, que me habilitasse a recobrar o que enterrei aqui? Qualquer cousa serve...

— Nada mais tenho, patrão... Acredite.

— Veja bem... Qualquer cousa, uma ninharia basta para tentar a sorte... Veja bem... — supplicou Simões.

Diante de tamanha insistencia, Manuel João vasculhou as algibeiras e retirou algum dinheiro miudo que, por aca-

nhamento, hesitara em entregar. Simões trocou logo esse dinheiro por fichas. Não tardou a fazer uma nova parada, perdendo.

— Qual!— exclamou, desalentado. E' inutil. O caiporismo persiste. Não se deve luctar contra o azar. Vamos embora...

Encaminharam-se para a porta; mas Simões, como que ferido de subita inspiração, interpellou o companheiro com familiaridade:

— Você já jogou alguma vez?

— Não, senhor, nunca joguei, respondeu Manuel João.

— Por que não se arrisca?

— Posso perder, não tenho com que pagar...

— Quem joga pela primeira vez ganha pela certa. Experimente.

— Qual, patrão... Não sinto gosto.

— Diga-me outra cousa: você é feliz em amores?

— Nunca os tive — suspirou Manuel João, corando.

— Você tem cara de namorado sem ventura... Jogue... jogue... vai ganhar.

Manuel João ainda recalcitrou, porém Simões continuou a insistir, empurrando-o para a mesa. Forçado a sentar-se, Manuel João, industriado pelo ex-negociante, começou a jogar, aventurando as derradeiras fichas que áquelle restavam. Como Simões previra, ganhou sem tardança, augmentando consideravelmente seu pequeno capital de entrada. Proseguiu e, em breve, uma série de paradas felizes collocou-lhe em frente um montão de fichas de marfim. Simões, de pé, atraz delle, acompanhava-lhe o jogo anciosamente, os olhos faiscantes, mas evitando dar-lhe conselhos, para não lhe transmittir o caiporismo.

— Eu não dizia... eu não dizia... — murmurava.

Ao termo de meia hora, Manuel João, interessado, máo grado seu, havia arrecadado mais de um conto de réis. Os parceiros olhavam-n'o admirados.

De chofre, entrou a perder duas, tres vezes seguidas.

— Levante-se, — ordenou Simões. A roda desandou. E' inutil teimar. Vamo-nos...

Manuel João, obedeceu docilmente, recebeu a quantia correspondente ás fichas, e, mal se encontrou na rua a sós com Simões, disse-lhe:

— Este dinheiro é seu, patrão, porque foi o senhor quem m'o fez ganhar, quasi á força. Mas perdoe a minha ousadia. Entregar-lh'o-ei todo, si o senhor me prometter que não o exporá no jogo e partirá esta madrugada para Minas, com sua filha doente.

— Por essa viagem ando eu morto, — respondeu Simões num assomo de dolorosa sinceridade. Mas a maldita ambição de rehaver o perdido tem-me arrastado áquella casa funesta. O terrivel vicio me domina, me desvaira... Tem sido a minha desgraça e a dos meus. Fuja delle... fuja delle... Veja o meu triste exemplo...

Caminharam longo trecho, em silencio.

— Que horas são?— inquiriu Simões.

— Vamos saber,— retorquiu Manuel João.

Nenhum dos dous tinha relogio. Informaram-se do primeiro guarda com quem cruzaram. Eram onze horas.

— Tenho tempo — observou Simões. Dê-me apenas, por segurança, agora, o dinheiro para as passagens. Vou á casa. Previno á mulher e á filha. A's 5 horas da manhã, tomamos o expresso de Minas. A nossa bagagem não é grande, — explicou, sorrindo tristemente, — num minuto se prepara. Você irá nos esperar na estação. Lá me entregará o resto do dinheiro. Ver-nos-á partir. Assim, não haverá perigo... A viagem não se deve adiar por mais tempo. A menina não vai bem... Nada bem... Na mudança de ares está a nossa unica esperança.

Manuel João, aceitou, do melhor grado, satisfeito com a idéa de que ia ver

Irene, despedir-se de Irene. Destacou do dinheiro certa quantia que passou a Simões. Guardou o restante com as maiores cautelas, receiando perdel-o ou ser roubado.

Voltando á casa, não se deitou. Levou até ás 3 horas da manhã, desassocegado, passeando, as mãos no dorso, como era seu habito, nas occasiões graves. A'quella hora, encaminhou-se para a estação Central. Ninguem havia, á excepção de um ou outro guarda, nas salas de espera. Manuel João encostou-se a um pilar, a recordar a aventura da joia que alli lhe succedera havia já tantos annos. Comquanto sua vida houvesse prosperado no Brazil, longe se achava da realisação dos sonhos com que viera. Em ultima analyse, sua situação era agora peior que naquella época, porque não o sobrecarregavam então dividas a pagar, compromissos onerosos e sagrados. E' verdade que sentia no bolso o volume de dinheiro sufficiente para amortisar, sinão

o total, ao menos parte importante desses compromissos, podendo viver, dahi em diante, tranquillo, entregando-se á paixão dos livros, unica que lhe sorria.

Acudiu-lhe a idéa de se retirar, de abandonar Simões á sua sorte. Já não tinha feito bastante por elle? E merecia-o por ventura? Que lhe era, ou lhe fôra, em summa, o ex-patrão? E Irene? Pobre moça, feia e enferma, com quem apenas falara duas vezes?... Sim, podia afastar-se, e concertava a sua existencia, desembaraçava-se de responsabilidades, libertava-se... Mas a tentação foi rapida. Toda a sua constituição moral reagiu e protestou. A evocação da pallida e soffredora imagem de Irene dispersou-lhe as velleidades de revolta. Não devia desamparar a triste doente. Dependia delle talvez a salvação da moça! E a palavra dada a Simões? Não! Seria uma vileza, uma traição partir. Uma força occulta, uma voz intima o prendia. Cumpria esperar; esperou.

Esperou longo tempo, passeando, consultando o relogio da plataforma, observando o movimento progressivo de empregados, cargas e passageiros. Simões não apparecia. Já faltavam apenas 10 minutos para a partida do trem. Manuel João, cada vez mais nervoso á proporção que o tempo se escoava, ia até á rua, sondava as distancias, voltava á plataforma, não conseguindo permanecer quieto num logar, inspeccionando todos quanto apeiavam dos bonds e dos carros. Nada... Mil conjecturas se lhe entrecruzavam no espirito. Receiava que Simões o houvesse illudido, indo de novo aventurar no jogo a quantia recebida. Que miseravel! Mas si um contratempo imprevisto houvesse retardado ou impedido a viagem? Simões affirmara estar tudo prompto. Porque então a demora? Só si Irene tivesse peiorado... Esta ultima hypothese varou-lhe o coração. E os minutos corriam, carregados de angustias...

Quasi no derradeiro instante, quando os apitos trilavam, as campainhas retiniam, ouviam-se os gritos: quem embarca! quem embarca! — e gente retardada corria, — um carro approximou-se á toda a brida da estação. Manuel João arrojou-se-lhe ao encontro, reconhecendo a cabeça de Simões fóra da portinhola.

— Depressa... depressa, — bradava ao cocheiro.

— Depressa... depressa... secundou Manuel João.

Num relampago, parou o carro, saltaram delle Simões e duas senhoras. Uma era a esposa do ex-patrão. Da outra, envolta em ampla capa, divisou apenas o moço um rosto de marfim, illuminado, espiritualisado, por dous olhos negrissimos e febris que pousaram um segundo sobre os delle, com expressão de doçura e reconhecimento ineffaveis, causando-lhe sensação deliciosa no mais profundo do ser.

— Depressa... depressa... ordenou Simões. — Não ha tempo... Vamos... vamos...

As mulheres se precipitaram, a mãi arrastando Irene.

— Os bilhetes! — gritou Simões.

— Paga no trem! — respondeu Manuel João... Não ha tempo...

Manuel João tomou alguns embrulhos do Simões, e com este correu para o comboio, onde as senhoras, ajudadas dos empregados e dos passageiros, conseguiram penetrar. Trilaram mais fortes os apitos. O trem se movia. Simões pulou e Manuel João atirou-lhe as malas. O trem accelerou a marcha. Numa das janellas surgiu a figura assustada do Simões, fazendo gestos desesperados. Manuel João correu após o trem, entregou ao ex-patrão o volume do dinheiro. Immediatamente, a cabeça do Simões desappareceu e foi substituida por um rosto pallido, coberto de um veu que não permittia se lhe distinguissem as feições,

mas cujos olhos negros, scintillando estranhamente, se fixaram em Manuel João. Outra vez a indisivel e mysteriosa impressão o invadiu! Foi uma especie de agradabilissima descarga electrica. A locomotiva silvou. O comboio fugiu. Na janella um lenço branco acenou repetidas vezes. Seria de Irene? O trem desappareceu na sombra. Tudo rapido, instantaneo... Manuel João parecia pregado ao solo, os olhos estendidos para o ponto onde o trem se havia sumido.

Recomeçara o afan habitual da estação. Outros trens se aprestavam. Do que conduzia Irene, nem mais o écho das trepidações. E Manuel João sentia ainda em si o magnetismo dos olhos negros! Não contemplara o rosto de Irene, não trocara com ella um monosyllabo, mas a proximidade della, o aceno de seu lenço, os seus olhares, aquella fugaz e celestial miragem, bastavam-lhe a consolal-o, a confortal-o, a compensar-lhe os sacrificios...

## XXXIV

### Ainda sacrificios

Dous novos mezes pesadamente decorreram, sem que Manuel João recebesse noticias do Simões. Redobrara de economia e de trabalho afim de ir, aos poucos, extinguindo as suas dividas. Reservado, triste, só dispendendo o estrictamente imprescindivel, ajuntou á fama de exquisitão a de avarento. Julgava-se geralmente que provinha da ganancia seu modo extravagante de viver.

Chegou-lhe, finalmente, uma carta do ex-patrão. Annunciava que Irene continuava a passar mal, pouco lhe havendo aproveitado a mudança do clima. Affirmavam, porém, os medicos locaes, succeder sempre assim em começo. Cumpria insistir. Queixava-se da careza do hotel e das despezas colossaes a que estava sendo coagido. Acabava declarando estar de todo esgotada a quantia que levara.

Irene não podia abandonar em meio o tratamento, nem restavam recursos para a viagem de regresso. Tivesse paciencia Manuel João e lhe mandasse, com urgencia, mais algum dinheiro.

Indignado, resolveu o moço, no primeiro momento, não responder.

— Este homem está evidentemente me explorando, — reflectiu. —Pensa que possuo mundos e fundos e que sou pai delle...

Mas, passada a surpresa, eil-o de novo recorrendo a amigos e conhecidos, soffrendo recusas, ouvindo remoques, curtindo vergonhas, empregando heroicos esforços contra si proprio para superar a repugnancia que o acto lhe causava.

Mediante juros altissimos, compromettendo ainda mais o seu futuro, sobrecarregando-se de novas e onerosas responsabilidades, alcançou, não sem difficuldade, certa somma.

Escreveu a Simoes, declarando-lhe com delicadeza, mas categoricamente,

que seu credito estava de todo acabado: era a ultima vez que o podia servir, sabia Deus como. No fim da carta, porém, aconselhava maximo cuidado com D. Irene. Que nada faltasse para assegurar a preciosa saude da enferma! Quaesquer sacrificios seriam justificados, em se tratando de lhe attenuar os padecimentos!

Nenhuma resposta teve dessa carta, nem siquer communicação do recebimento do dinheiro. Outras longas e monotonas semanas foram fluindo, sem noticia.

Manuel João de dia a dia se tornava mais melancolico, mais concentrado, mais economico, privando-se de tudo e alheio a tudo que não fôsse trabalho. Trabalho, sim, não o recusava, não o assustava. Passava noites inteiras em claro a copiar circulares commerciaes, a rever provas num jornal. Das 7 horas da manhã até á madrugada tinha todas as horas occupadas. Nem lhe restava mais tempo para botar os olhos nos livros. Redigia a cor-

respondencia de uma importante firma, fazia a escripturação de duas ou tres, incumbia-se de cobranças e de serviços forenses. Como houvesse feito progressos no portuguez e na calligraphia, ainda, aos domingos e feriados, dava lições a rapazes do commercio. Diziam delle :

— Quanto ganha Manuel João! Aquillo é bicho de concha ! Está enthesourando...

Vendo-o menos que modestamente trajado, sem conforto, sem divertimentos, exclamavam :

— E' um unhas de fome! um somitego de marca maior !

Não lhe conheciam vicios, nem encargos. Mesmo a acquisição de livros havia-a extremamente restringido. A sua exagerada economia, portanto, espantava os proprios amigos.

Tudo quanto ganhava, meticulosamente o applicava á solução das dividas. Mas eram avultadas em relação aos reditos. Longe ainda se achava de desembaraçar-se. Mais de uma vez lembrara-se

de jogar; porém, além da instinctiva reluctancia, continha-o o receio de lhe succeder o mesmo que ao ex-patrão. Dirigiu a este varias cartas, que, como as precedentes, não mereceram resposta. Ia trilhando, sem incidente, o seu caminho obscuro e pedregoso.

Um domingo em que, depois de cumpridas as obrigações, ficara mais folgado, preparava-se para ir ter á diversão unica, da qual havia muito se privara: vagabundar no Passeio Publico, subir ao terraço, permanecer longo tempo a contemplar a bahia, o fluxo das ondas, a entrada e sahida dos navios, lendo, scismando, lembrando-se do seu passado, da sua aldeia, da sua familia, e, sobretudo de Irene. A lembrança da moça tornava o mar ainda mais querido de Manuel João.

Na porta da rua, o carteiro lhe entregou uma carta. Manuel João estremeceu reconhecendo a letra do Simões. A carta dizia: « Aggravou-se terrivelmente a enfermidade de Irene. Não resta esperança

alguma de salval-a. Poucos dias, sinão horas, terá de vida. Não possuimos um só vintem; nem para remedios. Calcule a nossa situação, veja si de qualquer fórma nos póde auxiliar.»

Manuel João empallideceu de tal sorte que o carteiro perguntou:

— Alguma noticia má? — Morreu-lhe algum parente?

— Não é nada, obrigado — respondeu Manuel João.

Subiu ao quarto, poz-se a passear, com as mãos nas costas. Era domingo, dia em que toda a parte commercial da cidade se achava deserta, as casas de negocio fechadas, ausentes os amigos e conhecidos. Como arranjar dinheiro? Sahiu; andou pelas ruas, entrando em varios predios; nada, ninguem! Percorreu estiradas distancias a pé, afim de não desfalcar com as passagens de bond a pequena quantia de que dispunha.

A' noite, vencendo forte resistencia, entrou na casa de jogo, onde fôra tão feliz

em companhia do Simões. Aventurou algumas fichas. Perdeu. Continuou: perdeu ainda. Em breves minutos, estava liquidado o que levara, os bolsos inteiramente limpos. Tão preoccupado se achava que não comera durante todo o dia.

Voltou a buscar um camarada que o servira nas outras vezes e que já baldadamente procurara pela manhã. Era abastado e cavalheiroso; constituia a extrema esperança de Manuel João. Disseram-lhe que esse camarada fôra ao theatro. Pacientemente, Manuel João se encaminhou para o theatro, a cuja porta demorou-se até á meia noite, esperando avistar o amigo n'algum dos intervallos dos actos, ou á sahida. Fatigado, faminto, o coração angustiado, alli esteve de pé, na rua, no meio de cocheiros, vendedores ambulantes, ouvindo a alegre musica do espectaculo, as gargalhadas e os applausos que partiam da sala. Quando, finda a funcção, a turba jovial se derramou pelas ruas adjacentes á do theatro, custou-lhe

distinguir o Freitas (assim se chamava o amigo) entre as numerosas pessoas que se retiravam. Reconheceu-o, correu-lhe ao encalço, e sem preambulo, bruscamente, formulou o pedido. Precisava já, sem delonga, de um conto de réis. Freitas manifestou-se surprehendido de que o comedido, o morigerado, o economico, o avarento Manuel João o assaltasse daquella maneira e com tamanha urgencia.

— Para que precisa você desse dinheiro ?

— Preciso... eis ahi.

— Para que ?

— Devo partir essa madrugada para Minas.

— Que vae fazer a Minas ?

— Ver uma pessoa que se acha muito mal.

— E' pessoa de sua familia ? Você tem familia ?...

— Não.

— E' da familia de algum amigo seu, muito particular ?

— Tambem não.

— Quem diabo é essa pessoa que lhe exige esse sacrificio ?

— E' a filha do Simões, meu antigo patrão.

— Que Simões ? O que deitou fogo a propria loja ?

— Isso é uma calumnia ! — protestou Manuel João, com vivacidade.

— Calumnia ou não, elle não se livra da pecha. Essa, porém, não é a questão. Porque motivo necessita você de ir ver a filha do Simões ?

Manuel João emmudeceu, enleiado.

— Dar-se-á o caso que você esteja apaixonado pela menina ?

Manuel abanou negativamente a cabeça. Mas tudo nelle denunciava paixão. Sim ! estava cegamente, doidamente enamorado de Irene. Amava-a, sem o confessar a si proprio, desde a primeira vez que a vira, desde que a suave voz della lhe acariciara os ouvidos na madrugada do incendio. A paixão crescera, alastrara,

avultara, todos os dias ; criara raizes profundas. Manuel João via agora bem claro em seus sentimentos. A imagem de Irene, o seu aspecto enfermo, os seus olhares febricitantes haviam-lhe causado inextinguivel impressão. Tudo quanto fizera pelo Simões proviera desse immenso affecto. Amava como não suspeitava pudesse amar; amava com todas as energias sopitadas do seu organismo. E só duas vezes falara a Irene, e Irene talvez ignorasse o amor que inspirara, e Irene ia morrer !

O interlocutor de Manuel João, diante da attitude angustiosa deste, commentou:

— Vejo que acertei, você está apaixonado. Lamento-o. Ninguem mais se apaixona hoje em dia, meu caro; ninguem mais, sobretudo, gasta dinheiro com historias de paixão. Não lhe posso emprestar a somma que você pede, mas, em compensação, dou-lhe cousa equivalente, ou melhor: dou-lhe conselhos, dictados pela amizade e pela experiencia

da vida. Você evidentemente está sendo explorado. Não seja ingenuo, não seja tolo. Ainda em cima riem-se de você. Tome tento; a tal paixão lhe póde ser grandemente nociva sob todos os aspectos. Salvo si é para casar com moça rica, filha de pais poderosos. Isto cá no commercio é assim: pão, pão, queijo, queijo. Nada de Simões, um incendiario, desmoralisadissimo, não tendo onde cahir morto. Abandone a cousa, emquanto é tempo. Si pretende ir por diante, fazer carreira nos negocios, fuja de sentimentalidades dispendiosas, que, afinal de contas, só acarretam prejuizo e ridiculo. Que é isso? Vai-se embora?

Sem uma palavra, sem um gesto de despedida, Manuel João voltou as costas ao amigo e afastou-se rapidamente. Precipitou-se para casa. Vestido como se achava, no escuro, metteu-se na cama, cobrindo a cabeça com o travesseiro, e assim ficou, immovel, até amanhecer.

## XXXV

### Recurso extremo

A' hora de costume, entrou na mais importante das casas commerciaes, cuja escripturação lhe fora confiada. Concluiu tão depressa quanto poude a tarefa quotidiana e pediu para falar ao gerente. Era este um inglez, reservado, frio, de poucas palavras, como Manuel João, ao qual, entretanto, mostrava certa sympathia, devida talvez á conformidade de genios. Passava por homem inflexivel em materia de negocio: não perdoava um vintem, fôsse a quem fôsse. Vendo a physionomia alterada do guarda-livros, entabolou a conversação:

— Que tem o senhor? Parece-me doente.

— Sr. Smith, explicou solennemente Manuel João, no tom de quem havia detidamente meditado no que ia dizer,

— o senhor não ignora que eu sou honesto e trabalhador. Estou em apuros extraordinarios, numa circumstancia critica da minha vida. Preciso, com a maior urgencia, de dous contos de réis e não encontro quem m'os adiante.

O gerente fitou Manuel João com estranheza. Não era a exigencia pecuniaria que o surprehendia, mas a agitação, o desatino em que via aquelle homem, de ordinario a personificação da calma e da discreção.

— Peço-lhe que me obtenha essa quantia, — continuou o moço. Si não m'a obtiver, praticarei talvez um acto de desespero.

— Acalme-se, — respondeu Smith. Trata-se de uma divida de honra ?

— Sim, de um dever de coração.

— Jogou ?

— Joguei, replicou Manuel João, que, aliás, não mentia.

— E perdeu, bem se vê...

— Perdi.

— Bem. Servir-lhe-á de lição. O que está soffrendo ser-lhe-á castigo.

— Adiante-me a quantia que solicito; dar-lhe-ei as garantias que exigir, hypotheco-lhe a minha palavra, a minha vida.

Depois de um silencio, Smith declarou:

— Vou-lhe arranjar o dinheiro, pois um empregado desta casa não póde deixar de solver dividas de honra.

Num impeto de reconhecimento, Manuel João tentou abraçar o gerente, que se esquivou, cada vez mais digno e espantado. As lagrimas borbulhavam nos olhos do moço.

— Obrigado! obrigado!—exclamava. —O senhor salva-me! A minha gratidão será immorredoura.

— Acalme-se... acalme-se, — repetia Smith.

— Preciso, porém, de uma cousa ainda, murmurou Manuel João.

— Que é?

— Permittir-me que eu me ausente por tres a quatro dias, porque necessito effectuar uma pequena viagem.

— Tudo isso me parece extraordinario, — observou o gerente. Dinheiro... viagem...

— Pelo amor de Deus, não m'o recuse, depois de o haver promettido, — bradou Manuel João. E' um negocio de honra, acredite.

E era tão dolorosa, tão commovente a sua expressão que Smith concluiu:

— Pois bem! pois bem! Está servido, apezar de que tudo isso é exquisito e mysterioso. Acalme-se. Dar-lhe-ei o dinheiro, mas sob duas condições:

— Aceito, sejam quaes forem.

— A primeira é que a quantia será mensalmente descontada de seus vencimentos, até final reembolso.

— Perfeitamente. E' o que eu ia propor. E a segunda?...

— O senhor vai dar palavra de cavalheiro de que nunca mais jogará. Empregado jogador não nos convém.

— Juro-lhe por meus pais, por tudo quanto ha de mais sagrado.

Quando se viu de posse do dinheiro, Manuel João respirou desafogado, como si lhe houvessem retirado um obstaculo compressor dos pulmões. Ninguem calcularia a ingente somma de esforço e de decisão envidada para aquelle passo por parte delle que até então não trocara duas palavras com o gerente! Ainda essa noite passou-a em claro, ancioso que alvorecesse afim de partir para Minas. Chegaria a tempo?—era agora a sua apprehensão.

Viu-se afinal no trem de ferro... Que longa! que fastidiosa! que interminavel viagem! Como se demorava inexplicavelmente o comboio em inuteis estações! Quão incommensuraveis as distancias no Brazil!

Desenrolavam-se magestosas ou risonhas as paizagens, mas Manuel João só notava que não acabavam.

As duas linhas de trilhos estendiam-se ao infinito! O pó, o calor, os solavancos

do carro aggravavam a agitação e o incommodo do viajante, para quem o trajecto se transmudava em infindavel martyrio.

Em vão, companheiros de vagão tentaram travar conversação com elle, indagando, cheios da ingenua curiosidade provinciana, quem era, para onde ia, que projectava fazer. Manuel João respondia tão seccamente que elles, desconfiados, não proseguiam. Andava de um lado para outro, como numa prisão. Por fim, atirou-se a um canto, cerrou os olhos, fingindo dormir, para se isolar e não ser importunado.

O trem, por cumulo de infortunio, estava atrazado. Chegaria ao ponto terminal com demora de cerca de duas horas.

Só noite fechada, após mais de uma penosa baldeação, attingiu a estação a que Manuel João se destinava.

A's carreiras, sahiu elle e, tomando informações açodadas, encaminhou-se para o hotel onde Simões devia achar-se.

As pessoas que interrogou pelo caminho respondiam:

— Simões? Sim, sabemos, é um portuguez velho e gordo que vive a jogar e tem uma filha gravemente doente, nas ultimas.

— Muito mal?!

— Está, sim, muito mal a moça. Si a quer encontrar com vida, apresse o passo, pois não tardará o desenlace.

Manuel João arremetteu para o hotel indicado. Desde a porta percebia-se que dentro occorria alguma cousa de anormal. Emquanto no povoado reinavam a quietação e a mudez, havia certa agglomeração e borborinho nas proximidades da modesta hospedaria. E a fatal noticia se confirmava!

O nome de Irene andava de bocca em bocca:

— Coitada! Tão boa, tão meiga... está penando...

— Mas não se prolongará a agonia... é demais.

Manuel João entrou sem que nada lhe embargasse o passo, e logo se lhe descortinou o mais pungente espectaculo, lembrando-lhe scenas outr'ora presenciadas no hospital. Em acanhada alcova, contigua á sala principal do estabelecimento, exiguamente illuminada por um lampião de kerozene, um vulto branco, sobre um leito, arquejava. Na sala, agrupavam-se figuras consternadas e silenciosas. Ao pé do leito, mulheres ajoelhadas choravam. Destacava-se em cima da mesinha da cabeceira um alto crucifixo, allumiado por duas velas de cera.

Habituando-se gradativamente á duvidosa claridade dos aposentos, Manuel João verificou que um dos vultos femininos ajoelhados, parecido com a esposa do ex-patrão, segurava a mão da enferma. Quanto ás feições desta só lhes distinguiu a funda pallidez.

Ninguem conhecia Manuel João e ninguem com elle se occupava. A ninguem dirigiu elle a palavra, tolhido pela com-

moção. Encostou-se a uma janella, e meio dissimulado, ficou, immovel, a esperar, procurando, em vão, com os olhos descobrir Simões.

Mas, ao longe, tangeu lugubremente um sino. Depois, tristonha cantilena, entrecortada de repiques de campainhas, elevou-se e foi se approximando, emquanto o sino não cessava de badalar. Um rumor de multidão á porta do hotel ... A cantilena e as campainhas soaram mais fortes e mais tristes ... Era a Extrema Uncção trazida processionalmente á moribunda... O sacerdote, debaixo do pallio, erguia o Viatico. Seguravam nas varas do pallio, revestidos de opas, homens graves, os mais graduados da localidade, as cabeças descobertas. Muitos outros, tambem revestidos de opa, empunhavam cirios, precedendo, ladeando, seguindo o cortejo, a cuja frente se alçava uma cruz. Acompanhava o pallio enorme multidão, composta principalmente de mulheres do povo, a fronte envolta em lenços e man-

tilhas, cantando chorosamente a ladainha. Por onde passava o prestito, os espectadores se ajoelhavam, com infinito respeito. E tudo aquillo era tetrico, sinistro, mas ungido de poesia e grandeza.

A procissão acercou-se do hotel. Com a maior solennidade, celebraram-se as ceremonias proprias da morte christã, recitaram-se as preces dos agonisantes. Choravam todos os assistentes. A voz do sacerdote, no meio do recolhimento augusto, vibrava soturna e tremula, interrompida pelos estertores da moribunda e pelos soluços da mãi.

Por fim, a procissão lentamente se pôz de novo a caminho, regressando. Outra vez as campainhas, as badaladas, o sussurro do povo, a cantoria plangente das mulheres, — distanciando-se aos poucos. Tambem no aposento os estertores iam-se intervallando e arrefecendo. Approximava-se o desfecho. Manuel João, isolado, no seu canto, mal tirava o lenço dos olhos. Os raros que lhe prestavam attenção o

tomavam por um parente da enferma e o deixavam entregue á sua immensa e solitaria dor.

## XXXVI

### Morta !

Irene succumbiu cerca de meia noite. Até essa hora, Manuel João permaneceu sem se mexer no ponto onde se abrigara e donde confusamente enxergava o leito da moça. Não tomara alimento, havia muito. Sentia-se bambo, as pernas vacillantes, uma zoada nos ouvidos; ás vezes, todos os moveis da sala pareciam-lhe andar á roda. Pouco antes da morte, um sujeito, o dono do hotel, sem duvida, acercou-se delle e baixinho lhe perguntou:

— O senhor chegou do Rio pelo trem da tarde?

Manuel João acenou que sim.

— Quer um quarto?

Novo aceno affirmativo.

— Deseja jantar ?

Abanou a cabeça, que não.

— E' parente da enferma ?

Manuel João ia responder, quando, na alcova, após prolongado suspiro ouviu-se, um brado :

— Acabou de penar! Morreu! morreu!

Redobraram os soluços das mulheres presentes. Uma dellas soltou agudissimo grito, quiz arrojar-se sobre o leito, no que foi impedida pelas outras, que a carregaram para dentro, desfallecida. Era a mãi. Collocaram o crucifixo sobre o peito da morta. Manuel João achegou-se e viu fecharem-lhe os olhos, cruzaram-lhe as mãos. Como estava desfeita Irene, porém quão mais bella que em vida!

... Mas cerraram a porta que communicava com a sala, afim de vestirem o cadaver. As pessoas da sala, como si só esperassem por aquillo, retiraram-se. Manuel João ficou só e deixou-se cahir numa cadeira, onde quedou, atordoado, o rosto nas mãos, até que amanheceu. Tomou,

então, uma chicara de café que lhe offereceram. Não se atrevia a fazer perguntas, a indagar do Simões, que não havia ainda avistado.

Dia claro, o dono do hotel dirigiu-se de novo a Manuel João:

— Seu quarto está prompto. O senhor por que não se recosta um pouco? Mesmo porque se vai varrer e arrumar esta sala ...

Manuel João machinalmente obedeceu. Levaram-no a um aposento do interior, indicaram-lhe uma cama, á qual elle atirou-se, vestido e calçado. As fadigas, a falta de alimentação, as commoções o haviam exhaurido. Profundo somno, desses somnos providenciaes consecutivos ás dores profundas, se apoderou delle. Quando despertou era noite fechada.

Dormira perto de doze horas a fio, como si a vida se lhe houvesse interrompido. Sentia fome, sentia sêde. Ficou algum tempo sentado á beira do leito, sem consciencia do logar onde se achava. De

repente, como um relampago desvendou-se-lhe a noção da realidade, produzindo-lhe horrivel angustia. Lavou-se rapidamente e sahiu do quarto.

Na sala, onde estivera na vespera, haviam armado um catafalco.

Em cima do catafalco, um caixão e no caixão aberto um corpo todo vestido de branco, grinalda branca na fronte, immensa profusão de niveas flores aos pés e aos lados.

Manuel João, como no dia anterior, não ousou approximar-se. Metteu-se entre os grupos que atulhavam a sala, nos quaes seu rosto desconhecido provocava cochichos. Devorava-o ardente desejo de contemplar o rosto de Irene, coberto com um lenço. Mas como? Fôra mister, vencendo o acanhamento, acercar-se do caixão, levantar o lenço. Escasseavam-lhe forças para tanto. E com que direito o faria?

Chegou o instante terrivel de se fechar o feretro. Os pais de Irene vieram

despedir-se della, beijal-a pela derradeira vez. Só então Manuel João divisou Simões. Como estava envelhecido e quebrantado ! Elle e a mulher, apoiados em terceiros, achegaram-se do caixão, ergueram o lenço, oscularam a testa da morta e foram arrastados para longe, entre soluços e prantos geraes. Quando Simões descobriu o rosto da filha, Manuel João, num impeto irresistivel, projectou o corpo para a frente, poz-se em bicos de pés e entreviu uma physionomia angelica, de immaculada alvura, a que a magestade da morte emprestava belleza sobrenatural.

Pregaram o caixão com martelladas que reboaram sinistramente pela casa inteira. Muitos taparam os ouvidos, aterrados.

... Agora o enterro, levado o ataúde a mão. Organisou-se o cortejo, procissão lugubre, ainda mais impressionadora que a da vespera: — os mesmos homens de opa, empunhando tochas agoureiras, o mesmo dobrar lamentoso dos sinos, a

mesma multidão, composta principalmente de mulheres do povo, entoando rezas tristissimas... Vão lentamente caminho da igreja, onde o cadaver deve ficar depositado para ser inhumado ao amanhecer.

Tudo lugubre, sim, mas tocante, impregnado de intensa melancolia, tão differente dos apressados enterros da capital! Conforme ainda aos usos tradicionaes do interior, houve na igreja longa ceremonia, acompanhada de musica e de canto, cheia de commovente e grandiosa simplicidade. Manuel João nunca vira aquillo no Brazil. Lembrava-se confusamente de haver presenciado, quando criança, espectaculo simelhante na sua aldeia natal. O enterro despertava-lhe commoções vivissimas, mixto de padecimentos, amarguras, saudades da infancia. Talvez no prestito ninguem soffresse mais que elle — e silenciosamente, secretamente, de uma dor que jamais seria sabida ou acreditada...

## XXXVII

### Depois da morte de Irene

Voltando ao hotel, ainda não lhe foi possivel entender-se com Simões, que se achava encerrado em seu quarto. Daqui e d'acolá, entretanto, foi colhendo, quasi máo grado seu, informações sobre o que elle havia feito, durante a estada na povoação.

Effectivamente, Irene peiorara desde a chegada. A mãi a tratava com desvelado carinho, auxiliada por familias mineiras, naturalmente caridosas, e a quem a physionomia sympathica da moça e a sua lamentavel situação inspiravam vivo interesse. Apezar de que, graças a essas familias, nada faltara a Irene, Simões vivia a lutar com a escassez dos meios pecuniarios. Mettia-se dia e noite nas casas de jogo, que pullulavam na localidade. Não fosse a mulher com a filha, e

o teriam expulso do hotel, no qual, aliás, quasi apenas apparecia para dormir. Só na manhã immediata ao enterro, Manuel João o encontrou. Simões o acolheu, sem grande surpresa :

— Não sabia que estava por cá. Quando chegou ?

— Ante-hontem, á noite.

— Assistiu á morte da minha Irene?

— Fiz tudo para vir a tempo . . . Assisti . . .

E Manuel João narrou como se achava desde a ante-vespera sob o mesmo tecto que Simões, tendo presenciado o fallecimento e acompanhado o enterro da moça.

Simões fez então um gesto de abraçal-o, prorompendo em queixas, entremeiadas de lagrimas sinceras :

— Veja a minha desgraça ! Perdi minha filha adorada, minha unica alegria. Estou com a vida inteiramente transtornada. Do Rio mandam-me noticias desanimadoras sobre a minha demanda com a companhia de seguros. Todos uns ladrões!

Não sei que fazer... Uma sucia de velhacos e bandidos! Não se póde a gente fiar em ninguem. Até o senhor não me attendeu nos ultimos appellos... A verdade é que nem possúo com que pagar a botica e a sepultura de Irene.

Manuel João ouviu em silencio a enxurrada de lamentos e de improperios contra o mundo em geral e o commercio do Rio de Janeiro em particular.

Por fim, Simões, esgotado, parou um minuto e, mudando de tom:

— Mas, em summa, recebeu o senhor a minha ultima carta?

— Recebi, e, por havel-a recebido, aqui estou.

— Trouxe-me dinheiro?

— Trouxe algum... pouco... obtido com extraordinaria difficuldade.

— Dê-me esse dinheiro, seja quanto fôr... Repito: acho-me em extremos apuros.

Esclarecido pela experiencia, receiando o jogo, Manuel João recusou:

— Dar-lh'o-ei num momento. Não me disse que não pagou a botica, nem a despeza do enterro?

— E' verdade; nem o medico, nem o hotel...

— O dinheiro que eu trouxe destina-se a saldar esses debitos.

— Não ha duvida... Porque não m'o entrega já?... Eu me entendo com os credores.

— Não seria melhor que eu me entendesse?

— Não; o senhor não os conhece... Isso é commigo...

— Bem — concluiu Manuel João, servindo-se de um estratagema. — O dinheiro está no meu quarto. Vou buscal-o. Daqui a pouco lh'o darei.

Deixou o ex-patrão e dirigiu-se para seu aposento, cuja porta fechou a chave. Bateram devagarinho. Suppoz fosse Simões, e abriu, resolvido a falar-lhe com rude franqueza. Era o dono do hotel:

— Desculpe-me, disse, si me intrometto no que não me importa. Isto é, importar, importa até certo ponto. Pelo que ouvi rosnar, o senhor pretende pagar as contas do Sr. Simões. Tome um conselho: não lhe dê dinheiro, irá logo empregal-o no jogo e perder. Está crivado de dividas, e ninguem lhe confia um vintem...

— Sei disso. O dinheiro que trouxe não bastaria talvez a solver todas essas dividas. Quero saldar apenas as principaes, as provenientes da molestia de D. Irene. Como fazer?

— E' facil, — respondeu o hoteleiro, — o senhor sai commigo e, num instante, liquidam-se essas contas.

— Mas eu não quero que o Sr. Simões me veja sahir.

— Comprehendo... Cahe-lhe em cima com os pedidos. Vou dizer-lhe que o senhor não lhe poderá falar agora e sahiremos pela porta do becco.

De facto, esgueiraram-se sem que Simões os enxergasse. Em duas horas,

Manuel João pagou as contas mais importantes, obtendo não pequenas reducções, sob a allegação verdadeira da exiguidade dos seus recursos. Encontrou nos credores a maior condescendencia. Mandou passar os recibos em nome de Simões, guardando simplesmente comsigo o imprescindivel para satisfazer suas despezas de hotel e regressar ao Rio.

Manuel João ficou encantado com a prestabilidade e desinteresse dos provincianos brazileiros. Já lhes conhecia a hospitalidade, pela estada na fazenda do coronel Teixeira. Com que carinho, com que confiança o acolhiam, mediante a simples apresentação do hoteleiro, que, por seu turno, não o conhecia! A attitude do moço com relação a Simões originou logo um romance que não tardou a se avolumar e a correr. Asseverava-se que Manuel João era noivo da joven morta, o que contribuia para o tornar sympathico. Breve, a população inteira repetia o romance, corroborado pelo ar mysterioso, pelo as-

pecto dolorido do supposto heróe. Apontavam-n'o na rua. De dentro das casas, as mulheres o espïavam. Ninguem suspeitava a verdade, e, si alguem a soubesse, não creria nella, isto é, ninguem julgaria verosimil que Manuel João houvesse doidamente, romanticamente amado Irene, com todas as forças de seu ser, tendo feito por ella sacrificios excedentes ás suas condições, sem nunca lh'o revelar. A propria Irene talvez succumbisse ignorando o puro e immenso affecto que inspirara. Dahi, quem sabe, dada a subtilissima perspicacia das mulheres para perceber ou adivinhar os sentimentos que provocam... Em todo o caso, entre Irene e Manuel João nunca se dera approximação affectiva; apenas colloquios banaes; passaram como indifferentes, embora o coração delle ardesse por ella. E o desta? — Mysterio.

Simões aguardava desconfiado e ancioso a tornada de Manuel João ao hotel.

— Então, por onde andou?

— Por ahi. Em negocios pela povoação.

— E a quantia que me prometteu?

Manuel João metteu a mão no bolso, mas, em vez do dinheiro para o qual já Simões estendia as mãos cupidas, entregou-lhe o maço de recibos das contas pagas.

Simões examinou os recibos, entre os quaes o do hotel, e zangou-se:

— Essa é muito boa! Pois o senhor, em vez da somma promettida e com que eu contava, dá-me isto! Francamente, o seu procedimento não tem justificação. O senhor offendeu-me. Mostrou para commigo uma desconfiança injuriosa. E isso quando estou acabrunhado com a perda da minha querida filha! Um antigo empregado a quem cumulei de beneficios!... Receiou que eu deitasse fóra tão miseravel quantia? Enganou-se. Eu faria o mesmo que o senhor fez, mas faria melhor. Conheço essa gente. Todos uns velhacos, uma corja de ladrões. Discutiria com elles; alcançaria justas reducções

que o senhor, ingenuo e tolo, como é, não alcançou. Magoou-me e prejudicou-me,— eis ahi.

— Perdoe-me si o magoei,— disse Manuel João. Tive as melhores intenções. Quiz poupar-lhe trabalho...

— Póde limpar as mãos á parede com as taes intenções. Deixe estar que hei de reembolsal-o até ao ultimo vintem, capital e juros, da somma que me tem adiantado. Não quero dever-lhe a menor obrigação.

Manuel João, para mudar de assumpto, perguntou:

— Desejaria ver sua Exma. senhora, para me despedir della.

— Não póde ser, está indisposta, — replicou Simões. E, furioso, voltou-lhe as costas.

A' noite, como Manuel João passasse pela sala, onde Simões conversava com visitas, ouviu este dialogo:

— Ao que dizem, — observou um dos visitantes, designando Manuel João, este rapaz é seu parente e muito amigo.

— Qual parente, qual amigo! — protestou Simões. Foi meu empregado subalterno, e máo empregado, no tempo em que eu possuia alguma cousa. De uma feita, tive de tiral-o da cadeia... Agora, como me vê por baixo, trata-me de resto. Um ingrato... E' assim o mundo...

Manuel João, revoltado, teve impetos de intervir e desmascarar Simões. Conteve-o a lembrança de Irene. Volveu ao seu quarto e atirou-se ao leito, acabrunhado, cheio de desgosto. Mas a sua consciencia estava em paz; parecia que a imagem da morta lhe sorria. Adormeceu e, de madrugada, sem ter visto Simões outra vez, tornou ao Rio de Janeiro.

## XXXVIII

### Vivendo...

Nas casas commerciaes onde Manuel João trabalhava, não lhe mostraram muito boa cara, quando elle se apresentou. Ao

gerente Smith a ausencia repentina e mysteriosa, em seguida ao pedido de dinheiro, afigurou-se quasi criminosa. Manuel João desceu no seu conceito:

— Apenas pague os contos de réis que levianamente lhe emprestei, ponho-o na rua. Nada! não me serve.

Vendo-o pallido e abatido, mais reservado que nunca os empregados murmuravam:

— Isso foi alguma grossa pandega em que o sujeito se metteu. Olhem o santarrão... Não passa de um refinado hypocrita...

Entretanto, Manuel João reatou o curso normal da sua vida monotona, sombria, sobrecarregada de trabalho. As obrigações a que se sujeitara, impunham-lhe economias exaggeradas. Por mais que trabalhasse, por mais que poupasse, por mais que se privasse de cousas agradaveis ou mesmo uteis, só muito lenta e penosamente ia se desenvencilhando do cipoal espinhoso onde, para servir a

outrem, se mettera. Desse excesso de trabalho e de parcimonia derivava avolumar-se a sua reputação de avarento e exquisitão intratavel.

A vida recatada e mofina que levava justificava esta fama. Por outro lado, desempenhava com tamanha solicitude e tão extremado escrupulo os seus deveres, que quantos com elle lidavam não podiam deixar de lhe tributar, sinão estima, pelo menos deferencia e respeito. Não dava motivo á mais leve queixa ou reprehensão. O gerente Smith não descobriu pretexto para o dispensar.

Percorria sómente limitado numero de ruas da cidade. Friamente polido para com todos, a ninguem consentia intimidade. Não se lhe conhecia um amigo particular. Nenhuma casa de familia frequentava. Jamais procurara um divertimento. A recordação de Irene povoava-lhe o coração: era um culto secreto, de infinita poesia e ineffavel encanto. Elle proprio não lhe perscrutava o mysterio:

soffria-lhe o jugo, sem o comprehender. Tudo quanto existia de delicadeza, de dedicação, de bondade do seu organismo se apurara e se condensara nesse culto. A par disso, a leitura continuava a ser o seu passatempo unico. Adquirir livros velhos e novos, visitar as bibliothecas e as livrarias eram a sua occupação predilecta, seu grande prazer.

Aos domingos, agora, não faltava á missa. Depois do enterro de Irene, haviam-se-lhe definitivamente firmado os sentimentos religiosos, cultivados pelo tio padre-mestre, avivados nas visitas á *Sociedade Portugueza de Beneficencia*, mas tantas vezes eclipsados. Depois da missa, quando não dava lições em casa, almoçava, tomava um livro e lá ia ler ou scismar no Passeio Publico, debruçado no terraço, vendo entrar e sahir os navios, a evocar vagamente a patria distante, ha tanto abandonada. Da familia pouco lhe restava: o pai, a mãi, haviam morrido, como o tio padre-mestre. Os

irmãos tinham-se dispersado, ou morrido tambem. Ninguem mais da aldeia se correspondia com elle. Desligara-se completamente da terra do seu nascimento. Sentia apenas desejo de rever a Maricota, a irmãsinha querida, a travessa e alegre companheira de sua meninice. Recordava-se da sua voz e das suas risadas como si as tivera ouvido na vespera. Guardava do seu formoso semblante a mais nitida impressão. Que teria succedido á Maricota? Estaria casada, com filhos? Haveria morrido igualmente? Lembrar-se-ia delle? E, depois de muito scismar e muito ler, Manuel João volvia á casa. Reabsorvia-o o trabalho; seguia o trilho uniforme da sua obscura e regrada existencia.

E, assim, regrada e obscuramente, annos e annos, passaram. Manuel João, pagas as suas dividas, não mudara de habitos. Nutria presentemente uma ambição: — estabelecer-se, fundar uma livraria, onde, ao mesmo tempo ganhasse

socegadamente a vida e satisfizesse seu pendor para os livros. Afim de realizar esse sonho, faltava-lhe capital e o estava pacientemente accumulando, graças aos costumados e unicos processos: trabalho e economia.

Do Simões, nada sabia ao certo. Constava-lhe que enviuvara e ficara em Minas, vegetando, vagando de fazenda em fazenda, sustentando-se á custa da generosidade dos conhecidos. O velho jardineiro Casimiro fallecera. Com a familia do coronel Teixeira, a do episodio do broche,—foram tambem se espaçando e, afinal, cessaram as relações epistolares. Todos os vestigios dos primeiros tempos haviam-se apagado.

Sem o sentir, Manuel João ia esfolhando a mocidade. Certa manhã, notou um fio branco na barba. Dias mais tarde outro e outros, na cabeça. Estava grisalho, estava envelhecendo. Tinha vivido extensamente, sem quasi viver.

## XXXIX

### Rosa e Delfina

Por essa epoca, appareceu no Rio de Janeiro uma actriz portugueza que em algumas rodas suscitou ruidoso interesse. Como artista, confessavam os seus mais enthusiasmados apregoadores estar abaixo do mediocre, muito inferior a varias outras vindas ao Brazil. Mas, original e bonita mulher, angariara grande copia de admiradores que todas as noites enchiam o theatro, onde ella trabalhava para lhe contemplar as formas plasticas, festejal-a e applaudil-a.

Nesse theatro, havia outra actriz, tambem apreciada, mais talvez do que a primeira, e dispondo, como esta, de ampla turba de defensores. Da ultima celebrava-se o talento e a graça: da primeira a belleza e a desenvoltura. Dahi, a formação de dous partidos,—o dos «Rosistas» e o dos «Delfinistas», por que uma dellas se chamava Rosa e a rival Delfina.

—Que intelligencia a da Rosa! proclamavam os Rosistas.— Como diz com fina malicia seus papeis! como sabe cantar cançonetas apimentadas, respeitando entretanto, o decoro, não se excedendo! Não ha conhecedor da verdadeira arte que não a aprecie.

E exalçavam-n'a os delicados ou os que por isso pretendiam passar. Quanto á Delfina, acoimavam-n'a de estupida, sem instrucção, representando e cantando mal. Mas, além de seus predicados physicos, impunha-se á multidão pelo seu luxo e pela sua vida aventurosa. Narravam-se della casos de incrivel impudencia, escandalos sem nome. Era o typo da mulher elegantemente depravada. Gostava de affrontar o pudor publico, desfeiteando as familias, em revolta contra a sociedade. Ganhava muito dinheiro e o dispendia sem conta, na maior prodigalidade. Pais de familias se sacrificavam por ella. Um delles, no desvario da paixão, dera um tiro na cabeça, deixando na

miseria mulher e filhos, depois de haver, por causa da Delfina, arruinado importante estabelecimento bancario.

A Delfina costumava embriagar-se, e, nesse estado, praticava os peiores excessos, provocando desordens, em que, mais de uma vez, correra sangue. Vivia sob a vigilancia da policia. A sua roda intima era das mais perigosas.

Havia nestas narrativas evidente exaggeração. Mas a pessima reputação da Delfina, a sua ousadia, a sua formosura excitante, alliadas ao prestigio do palco, falavam aos sentidos e á imaginação, incendiando os rapazes, os bohemios, os elementos exaltados, entre os quaes contava fanaticos proselytos. E com isso a Delfina se comprazia, não conhecendo escrupulo, sem freio moral.

Todas as noites, effectuavam-se estrepitosas manifestações por parte dos dous grupos, «Rosistas» e «Delfinistas»: flores, palmas, chamados á scena repetidos, acclamações.

O emprezario do theatro procurava, por todos os meios, excitar a emulação de ambas, estimulando-lhes os partidarios, mandando publicar nas folhas artigos insidiosos, favoraveis ora a uma, ora a outra, — pois dahi provinham constantes enchentes, lucros seguros. Mais de um conflicto entre as hostes antagonicas determinara a intervenção da auctoridade. Os jornaes andavam cheios dos nomes — Rosa e Delfina. — Vistosos cartazes pompeiavam pelos muros das ruas, exhibindo-lhes a figura em attitudes affectadas, forçando a attenção dos transeuntes. Nas lojas, nos cafés, nas academias, nos nucleos de estudantes e de empregados do commercio, dous rapazes, em se encontrando, inquiriam logo: « E's Rosista ? E's Delfinista ? »

E travavam interminaveis, e de ordinario, azedos debates, sobre o merito de cada uma.

Ao proprio retiro onde Manuel João se recolhera e trabalhava, chegaram os

echos dessas contendas. Frequentemente referiam-se, diante delle, ás duas actrizes, porém, o moço pouca attenção dava ao assumpto que vazio de interesse se lhe apresentava. Rarissimas vezes tinha ido a theatros, em toda a sua vida. Não se aborrecia; mas tambem não tirava do espectaculo prazer tamanho que compensasse o tempo gasto e o dinheiro dispendido. Preferia permanecer em casa, nas noites livres, versando seus prezados auctores. Nenhuma curiosidade, pois, o movia a tentar conhecer Rosa e Delfina. Eram-lhe absolutamente indifferentes os triumphos ou revezes das duas rivaes. Sorria ironico e admirado ante o calor e o enthusiasmo de «Rositas» e «Delfinistas». Como é que objecto tão futil suscitava tão vehementes explosões?

Um dia, achava-se elle absorvido pela escripturação de seus grandes livros, quando bateu-lhe no hombro o Soares, um de seus melhores camaradas, guarda-livros, como elle, que o havia servido nos

antigos emprestimos, rapaz apelintrado, jovial, mettido a critico theatral, e cuja balda consistia em estar a par das mais recentes publicações litterarias.

Manuel João, além do favor pecuniario que lhe devia, sentia-se attrahido a elle por certa sympathia instinctiva, a despeito da differença radical de temperamentos. Tanto tinha Soares de vivaz e expansivo quanto Manuel João de reservado e sombrio; tanto Soares de inclinado a divertimentos quanto Manuel João de mettido comsigo e anti-social. Soares exprimia-se com facilidade e desembaraço. Passava por engraçado.

Depois das trivialidades preliminares usuaes, Soares interpellou Manuel João:

— Você já foi ver a Rosa ... e mais a Delfina?

— Eu não, — respondeu o guarda-livros admirado.

— Pois é preciso ir.

— Nunca! Não sou homem para essas historias. Não me attrahem.

—Sei: você é um perfeito urso, um archi-urso. Mas tudo tem limites. Ha ursos civilisados. Certas cousas a gente, queira ou não queira, ha de tomar parte nellas, sob pena de ser declarado um ente imprestavel, indigno de existir. Vá ver a Rosa. O espectaculo é muito divertido. Conhecerá uma mulher superior, rara, de movimentos ideaes, toda attractivo intellectual. Como contraste, conhecerá a Delfina, um acabado exemplar do animal feminino. Sim, é um perfeito animal, mas um lindo animal. Vale a pena ... Eu sou todo Rosa, mas justiça antes de tudo... Não desconheço que em encantos puramente materiaes, a Delfina sobrepuja a Rosa. A Rosa é só alma,—e eu pendo sempre para a alma. A outra é só corpo ... eu não desdenho o corpo. Veja quanto sou imparcial. Não imagina você a fidalguia dos modos, a distincção dos menores gestos da Rosa... Quer você que eu o apresente á Rosa? Estamos nos melhores termos.

— Apresentar-me á Rosa ? ! — Que idéa ! Deus me livre ... contrariou Manuel João, soltando uma risada. Para que diabo me serviria conhecer a Rosa ? Tanto se me dá uma quanto a outra.

— Você não sabe o que perde, — notou Soares. Seja porém, como quizer. Eis, entretanto, o que me trouxe aqui : a Rosa vai fazer beneficio, de hoje a uma semana. Eu e outros amigos encarregamo-nos de passar os bilhetes. Os camarotes foram disputados pelas primeiras familias da capital. A Rosa é popularissima nos salões do high-life. A Delfina, nas cozinhas e estrebarias... Restam algumas cadeiras da platéa. Eu e outros preparamos á Rosa esplendida ovação. Queremos guarnecer a platéa de gente boa. Lembrei-me de você. Rogo-lhe a bondade de acceitar este bilhete.

— Com prazer o acceito, vindo de você, — volveu Manuel João. Mas, si me permitte, eu pagarei a importancia e lá não irei. O bilhete poderá ser aproveitado por outro.

— Ahi precisamente é que bate o ponto —contraveiu o Soares. Queremos, precisamos que você vá ao espectaculo e ajude os admiradores da Rosa a applaudirem. Você o fará espontaneamente, logo que a vir e ouvir.

— Não me podiam dispensar disso?... Custa-me tanto...

— Escute, Manuel João, sabe que sou seu amigo; não me levará a mal falar-lhe com franqueza. Ha isto: você passa por ter uma força herculea. Narram por ahi a historia de uma celebre sessão litteraria em que você sosinho sovou uma sala inteira...

— A historia é exaggerada, não foi assim. Mas que tem a minha supposta força herculea com o beneficio da Rosa?

— E' que os partidarios da Delfina. tencionam, ao que consta, perturbar a festa, provocar os amigos da Rosa. Ora, um homem serio como você, armado de um braço de ferro... Entende.

— Entendo. Você deseja que eu compareça como capanga da Rosa...

— Oh! Manuel João, você desse modo me offende, — cortou Soares. — Sou lá capaz de exigir de você, a quem considero e estimo, simelhante cousa? Julga-me você, porventura, capanga da Rosa? Não peço a você sinão aquillo que eu proprio farei. Si houver necessidade de alguns soccos e pontapés, para afungentar uns brutos, que mal haverá em que você me coadjuve nessa tão humanitaria tarefa? Nada... mostre-se meu afeiçoado, como eu sou seu. Você irá ao beneficio da Rosa, e se divertirá, asseguro. Faço questão... você vai prometter que não ha de faltar. Si não gostar, retira-se, no fim do primeiro acto. Meu unico empenho é, repito, ver a platéa repleta de um pessoal escolhido. Vai, não é verdade?

Manuel João sorriu, sem responder.

Soares insistiu:

— Vai, sim. Olhe, é a primeira cousa que lhe rogo com empenho. E tão simples! Posso contar com você...

— Não possuo roupa apropriada, — objectou Manuel João.

— Eu lh'a arranjo. Somos da mesma estatura. A minha lhe ficará a matar. Você vai ter uma revelação da verdadeira arte. Applaudirá uma mulher celebre. Estamos entendidos. Vai... Não ?

—Irei, para lhe ser agradavel, — condescendeu Manuel João.

— Obrigado, muito obrigado, — agradeceu Soares. O genero de vida que você leva é inadmissivel. E' preciso acabar com esse inexplicavel e anti-hygienico retrahimento. Eu até lhe presto um serviço. Você mais tarde o reconhecerá...

A promessa arrancada a Manuel João summamente o contrariou. Sahir de seus habitos, trajar-se de roupa alheia, ir, na situação, um tanto humilhante, de guarda-costas de uma comediante, envolver-se em conflictos, naturalmente dar e receber pancadas, eram perspectivas que lhe não sorriam.

— Que massada! — pensava. Não haveria meio de eu achar um pretexto plausivel para me excusar? Quem me déra adoecer...

Esteve a ponto de escrever, eximindo-se. Mas empenhara sua palavra; devia obrigações a Soares. Afinal, era um sacrificio supportavel. Annunciado o barulho, podiam até attribuir á covardia a sua ausencia.

Ruminando essas idéas, na noite designada, vestiu-se de máo humor e encaminhou-se para o theatro. Esse máo humor era o presentimento talvez de que ia complicar e transtornar por longo tempo sua pacata existencia.

## XL

### No theatro

Não havia um logar vazio; fazia forte calor; reinava um rumor agitado, denunciando anciosa espectação. Nos camaro-

tes, pompeiavam menos senhoras do que homens, de affectada elegancia, petulantes e desconfiados, trahindo pouco habito de sociedade, — as taes preclaras familias a que alludira Soares. Gyravam nos corredores sujeitos empunhando enormes ramalhetes, com fitas pendentes, onde, em lettras de ouro, se liam inscripções encomiasticas á Rosa. Ouvia-se, a cada passo, o nome das duas emulas. Os partidarios de uma traziam botões de rosas nas lapellas dos casacos; os da outra arvoravam pequenos cravos.

O cheiro das flores, a fumaça dos cigarros, as exhalações da multidão agglomerada carregavam o ar, tornando oppressiva a respiração. Risos ruidosos estalavam. Das galerias atulhadas partiam gritos grosseiros, vozes de animaes, facecias irritantes, interpellações nominaes ás pessoas que chegavam ou se erguiam. Deu-se um começo de conflicto, porque um dos partidarios da Rosa exclamou, apontando para um grupo dos da Delfina:

— Estes cavalheiros usam cravos ao peito. Deviam e mais ella usal-os só nos pés.

Levantaram-se bengalas, no meio de furiosa gritaria. A policia prendeu os mais excitados. O barulho se acalmou.

Manuel João descobriu a custo uma cadeira. Não se achavam numeradas. por ser o espectaculo dado em beneficio: todos os espectadores eram igualmente convidados da artista, sem preferencia de logares. A cadeira que Manuel João encontrou disponivel ficava debaixo dos camarotes, num angulo incommodo, donde parte da scena não se avistava. Manuel João agradou-se desse ponto, exactamente por estar meio encoberto.

Apenas sentou-se, invadiu-o espessa melancolia. Saudades, receios, apprehensões? Não conseguia discernil-o. O aspecto da sala, a physionomia do publico, tudo o desgostou, tudo lhe augmentou o arrependimento de ter vindo. A lembrança de Irene, sua doce obcessão, dominava

os outros pensamentos. Sentia remorsos, como si houvesse commettido uma infidelidade. Não o distrahia o que occorria em redor. Vira varios conhecidos e evitara cumprimental-os. Das centenas de pessoas presentes, nenhuma menos satisfeita e mais desejosa de se retirar.

A orchestra preludiou. Estabeleceu-se silencio. Muitos espectadores se descobriram. Aos que se conservavam com chapéo intimavam, aos berros, as galerias que imitassem os outros:

— Péo! péo!...

E si não obedeciam logo, fervia a algazarra.

Por fim, subiu o panno lentamente e o silencio se firmou. Começou a peça. Era uma revista de acontecimentos do anno findo, sem interesse, sem espirito, sem grammatica, em que os ditos equivocos se cruzavam e situações burlescas indecorosamente se succediam. O publico ria ás galhofas mais pesadas, applaudia exactamente os trechos mais immoraes.

Abundavam coplas ignobeis, cuja indecencia os actores sublinhavam, numa impudencia desmarcada. Uma lastima, uma degradação !

Manuel João sentia-se cada vez mais triste e revoltado contra aquella exhibição de sujidades. Dançarinas feias e velhas, ultrajosamente pintadas, faziam umas piruetas lascivas, desprovidas de distincção, ermas de donaire, pasmosas de desfaçatez, emquanto a musica as acompanhava com tangos de rhythmo obsceno.

Manuel João bocejava, indignado contra o enthusiasmo do publico que se divertia deveras e applaudia enlevado.

De repente, um fremito correu: a Rosa, a diva, a heroina da noite, não tardaria a surdir. Os seus partidarios se aprestaram para a apregoada manifestação. Apenas a actriz assomou no fundo do tablado, vestida de fada, os braços nús, as pernas á mostra, excessivamente magra, desengonçada, nada bonita, as claviculas salientes no collo chato e caiado, estrugiram

estrondosas palmas, vivas, acclamações, juncando-se de ramalhetes o palco, cahindo das galerias folhas com poesias impressas em variegadas cores, soltando-se pombos que, com o nome de « Rosa » nas fitas do pescoço, esvoaçavam tontos, indo afinal refugiar-se entre os relevos do tecto. Focos electricos projectados sobre Rosa realçavam a sua magreza e deselegancia, bem como as pinturas da face chupada. Das bambinellas cahia sobre ella uma chuva de papeluchos dourados.

A beneficiada, radiante, apanhava os «bouquets», comprimia-os contra o peito, osculava-os, atirava beijos ao publico, desfazendo-se em mesuras, sorrisos extasiados, gestos de reconhecimento. Custou a acalmar-se a ovação provocada pela simples entrada da Rosa. Quando ia esmorecendo, um grupo infatigavel a reanimava e a prolongava mais forte.

Rosa, por fim, conseguiu cantar. A voz era aspera, volumosa, mas afinada, e de um timbre original. Pronunciava os ver-

sos triviaes das coplas com accentuação muito nitida. Produzia impressão, agradava. Accentuava as malicias, as allusões libidinosas do texto. Ao terminar cada estrophe, reproduziam-se as acclamações:

— Bravo... bravo... bradavam.

— Sublime! — berrou convencidamente um espectador. — Manuel João sorriu, recordando-se do poeta Arnaldo Cysneiros, de quem nunca mais tivera noticias.

No final, houve verdadeiro delirio, um nunca acabar de palmas e vivas. A multidão desvairava. O palco se atapetou de rosas. Petalas de rosas voejavam. Activo aroma de rosas se elevou. Uma menina, vestida de branco, appareceu no proscenio, e offereceu enorme ramo de rosas brancas, symbolo da innocencia, — o que determinou novos e retumbantes applausos.

Pouco importante o papel da beneficiada: vinha só, de quando em quando,

em lances de effeito, cantar as suas coplas picantes, e, a cada apparição, as ovações cordiaes ou encommendadas se repetiam.

Desceu o panno. Rosa foi chamada á scena innumeras vezes. Espectadores, não sabendo mais como manifestar seu enthusiasmo, atiraram-lhe aos pés as bengalas e os chapéos, que ella apanhava, beijando-os.

O aborrecimento de Manuel João se aggravava. Tudo aquillo lhe parecia estupido e enfadonho. Uma noite perdida! Por que não permanecera em casa, percorrendo um livro interessante que recentemente e com sacrificio adquirira? A sua presença era desnecessaria. Tudo corria bem para a Rosa. Nenhum partidario da Delfina ousara perturbar a festa da outra, formulando o mais leve protesto.

No intervallo, Manuel João sahiu para o jardim, a respirar um ar mais fresco, pois o da sala opprimia. No jardim, immensa turba se acotovelava. Mulheres

publicas exhibiam e mercadejavam seus encantos, no meio da confusão e do aperto. Azafamados, os creados do botequim rompiam penosamente a multidão, carregando copos e garrafas. Em pequenas mesas, grupos beberricavam, agitando ventarolas. Commentava-se vivamente a victoria da Rosa.

— Esplendido ! Maravilhoso ! — exclamava-se. Nunca a voz da Rosa exhalou-se tão pura e maviosa como hoje. Excedeu-se a si propria !

— Onde se metteram os admiradores da Delfina ? — expectorava um sujeito, chapéo á nuca, meio embriagado.— Onde estão ? Quero esborrachal-os.

Manuel João deliberou ir-se embora. Encaminhava-se, ás esbarradas, para a saida, quando topou com o Soares :

— Que é isso Manuel João ? Obrigado, por ter cumprido a promessa. Já eu o avistara de longe. Mas você se retira ? Abandona-nos no melhor da festa ?

— E' exacto. Sinto-me um tanto indisposto. Demais, não sou necessario...

— Como não é necessario ? ! E' necessario sim, senhor. Agora, no segundo acto, é que pode occorrer alguma cousa. Nesse acto, representa a Delfina. Os partidarios, della, gente muito réles, apezar de acaçapados pela Rosa, são capazes de promover algum desaforo... Estão furiosos... pudéra ! E a Rosa ? hein ? — que talento ! que graça ! que genio ! Si cantasse, como hoje, na Europa, gozaria de reputação universal.

— Não ha duvida, concordou Manuel João. Mas não falta ahi quem applauda a Rosa. Boa noite !

— Não, senhor, gritou o Soares, agarrando o braço do amigo. Não admitto ! Não póde deixar de ver o bello animal que é a Delfina, e comparal-a com a Rosa. Um bello animal, torno a dizer-lhe... Eu prefiro o espirito, mas, em summa, não ha contestar : a Delfina é um bellissimo animal. Tenha paciencia... Não saia...

Tiniu uma campainha electrica. O povo refluiu para a sala. O segundo acto ia principiar.

— Não saia... não saia... teimou o Soares. Pelo menos este acto... Entre... entre...

E levou Manuel João, arrastando-o quasi, para a sua cadeira.

## XLI

### O bello animal

Tão chulo, tão immoral quanto o antecedente, o segundo acto. Os mesmos ditos de farça, a mesma patacoada, as mesmas situações parvas, as mesmas danças degradantes. Horrivel achincalhamento da arte e do bom senso! Sem embargo, a maioria do publico se interessava e se divertia! Mais de uma vez reappareceu a Rosa, provocando sempre calorosas acclamações.

Chegou a vez da Delfina. Foi tambem acolhida com palmas, mas frouxas e

breves. Decididamente, seus partidarios achavam-se em minoria e desanimados. Os da Rosa,—ao que um delles explicava —não pateavam a Delfina, para não empanar com um escandalo a magnificencia do triumpho alcançado pela outra.

A Delfina era uma mulher muito nova, alta, com a physionomia ingenuamente cynica. As feições, observadas por miudo apresentavam traços mimosos, não obstante a pintura que as revestia. Encantador o sorriso. Mas o que a tornava attrahente não provinha tanto da formosura do rosto quanto da do corpo, — um corpo provocador, excitante, transbordante de graça felina, de movimentos sinuosos e donairosissimos, apezar de não ser esculpturalmente modelado. Os seus gestos, os seus meneios, os seus requebros trahiam, entretanto, a sua vida dissoluta, a sua desfaçatez. Na verdade, como informara o Soares, era o typo do bello animal feminino, a genuina *Nana*.

Começou a cantar. Cantava mal, desafinava; tinha a voz roufenha, de timbre pouco sympathico, mas bamboleava o corpo com tamanho desplante, que o publico ria, indulgente, disposto a applaudir. Soou um assobio do lado dos partidarios da Rosa. Os da Delfina, responderam com palmas. « Psiu! Psiu!... » — ouviu-se de todas as partes. Fez-se relativo silencio, entrecortado de risinhos e, ao fim, coroado de alguns applausos. Em summa, abortara o conflicto receiado. Passavam-se as cousas mais suavemente do que se aguardava.

Mas que tem Manuel João ? Logo depois do ingresso da Delfina, despertou do seu distrahimento. Actuariam sobre elle os feitiços plasticos da actriz? Aprumou-se na cadeira e, com cuidado, avidamente, acompanhou-lhe os movimentos, como si os estudasse. De vez em quando, passava a mão pela testa. O seu vizinho de assento possuia um binoculo. Manuel João solicitou :

— Faça-me o obsequio de emprestar por um instante o seu binoculo ?

O outro sorriu e accedeu. Armado do binoculo, recomeçou a contemplar fixa e obstinadamente a Delfina, examinando-lhe a physionomia e os gestos, com demorada attenção.

— Boa cousa... hein ? disse o homem do binoculo, quando Manuel João lh'o restituiu. Manuel João, porém, fechara os olhos, para ouvir melhor as palavras da Delfina. Parecia beber-lhe as syllabas. Seu rosto denunciava que lhe ia n'alma funda agitação. Desceu o panno, mais friamente que da primeira vez, pois a Rosa não se achava em scena. Acudiu, entretanto, aos persistentes appellos de seus apreciadores.

Derramou-se a turba pelos corredores e pelo jardim. Manuel João não pensava mais em retirar-se. Deu algumas voltas para desentorpecer as pernas, e tornava á sua cadeira, quando topou de novo o Soares:

— Que tal a Delfina? E' lá possivel equiparal-a á Rosa? Mas verifico com prazer que você já não cogita de se ir embora. Faz bem. No terceiro acto é que a Rosa brilha.

Manuel João perguntou:

— Conhece você a Delfina?

— De vista apenas. Evito ser-lhe apresentado. Aprecio-lhe as formas, de longe. De perto, o prestigio se evaporaria. E' a encarnação da estupidez, e, para mim, a materia, sem uma faisca de intelligencia, nada vale.

— E' facil ser apresentado á Delfina?

— A cousa mais facil do mundo. Ella é uma mulher publica.

E, mudando de tom, batendo no hombro de Manuel João:

— Para que estas informações? Dar-se-á o caso que o sério, o reservado, o pudibundo Manuel João se haja enamorado da Delfina? Teria graça... Atire-se, maganão...

Retiniram os tympanos, chamando para o terceiro acto. Manuel João applicou-se a seguir o entrecho da peça desenxabida. Impaciente, aguardava a reentrada da Delfina, temendo que o papel della estivesse findo. Volveu ella, quasi ao terminar o acto. De novo, sofregamente, Manuel João a observou, considerando-lhe os movimentos, os traços, a voz. Tão visivel a sua solicitude e anciedade, que o visinho murmurou, com malicia:

— Tome lá o binoculo. Póde vel-a mais distinctamente.

A Delfina cantou pessimamente uma copla, a ponto de provocar um começo de pateada.

— E' de proposito que canta assim... exclamou um sujeito... E' para machucar a Rosa...

Manuel João soltou um imperioso — *Psiu!*

Como a pateada tentasse proseguir, Manuel João levantou-se, e, resoluto, furibundo, ameaçador, poz-se a bater

formidaveis palmas. Outros o imitaram. A pateada abafou-se. No fim das coplas da Delfina, repetiu as palmas, e o seu ar era tão decidido, de seu aspecto emanava tamanha expressão de energia e força, que o grosso publico o acompanhou. A Delfina teve tambem sua ovação.

Terminado o acto, Soares se precipitou para Manuel João, e, furioso:

— Que significa isto, homem? Você endoideceu! Pois eu o trago para applaudir a Rosa e você, de repente, se transforma em chefe de *claque* da Delfina! Uma trahição! Um abuso de confiança! Isso não se faz!... Como é que você toma ostensivamente, escandalosamente, o partido daquella perúa? A Rosa vai ficar muito sentida...

Manuel João levantou os hombros desdenhosamente.

— Mas que diabo se operou em você! —proseguiu o Soares, mais brando.—Que bicho o mordeu? Si eu não fosse seu amigo e não estivesse convencido de que

o seu procedimento provém de uma momentanea allucinação, zangava-me devéras... O que vale é que você não prejudica a Rosa... Vamos agora applaudil-a com dobrado delirio.

Manuel João, taciturno, fitava o solo.

— Responda, — persistiu o outro. — Explique-se... Que diabo fez a Delfina para você assumir aquella attitude provocadora, contraria a tudo quanto de você se conhece? Que diabo foi aquillo? — responda.

— Cousas... murmurou Manuel João, sem despregar os olhos do solo.

— Si os partidarios da Rosa não fossem tolerantes e bem criados, haveria feio rolo. Não posso attribuir o seu caso sinão a uma paixão subitanea, a um accesso de furia amorosa. Tem-se visto... tem-se visto. E' o *coup de foudre* dos francezes. Mas, nessa hypothese, tome tento, meu caro. A Delfina é uma mulher perigosissima. Causará a você immensos desgostos, males irreparaveis. Quem me

avisa. meu amigo é. Tome tento, emquanto é tempo.

— Qual paixão amorosa!... protestou com energia Manuel João.

— Então que é?!

— Cousas que eu cá entendo, — disse, com intensa amargura o guarda-livros.

— Bem, concluiu Soares. Sua alma, sua palma. Seria engraçado, si não fosse triste. Olhe lá, emquanto é tempo, repito...

Manuel João reoccupou a sua cadeira donde não arredou pé até ao fim do longo programma, mostrando-se desinteressado e absorto na ausencia da Delfina, attento e nervoso mal a avistava.

## XLII

### Paixão ?!

Na noite seguinte, como se repetisse a peça, lá foi Manuel João ao theatro observar e applaudir a Delfina. O mesmo fez na noite immediata, e durante muito

tempo, todas as vezes que se annunciava dever a Delfina figurar em scena. Que poderoso interesse impulsaria o regrado e methodico guarda-livros, para assim lhe alterar os antigos habitos e o levar a extraordinarias despezas, totalmente antinomicas com a sua indole e systema ? ! Já no proprio theatro se notava e se commentava a assiduidade daquelle sorumbatico espectador, que dir-se-ia despertava de um lethargo quando a Delfina se apresentava, recahindo nelle logo que a actriz desapparecia. Nem mais a applaudia, limitando-se a miral-a e remiral-a, como si lhe pesquizasse nas feições alguma cousa desconhecida.

— E' o apaixonado da Delfina, — dizia-se, designando-o.

Na roda dos conhecidos de Manuel João, o facto se espalhou, avolumou-se, fornecendo materia a remoques e dicterios. Eram, porém, sussurrados á socapa, porque a legendaria força physica do moço, unida á sua respeitabilidade,

servia de correctivo. Um caixeiro mettido a espirituoso, uosando alludir ao incidente, recebeu em resposta tal safanão, que seriamente se arrependeu da graçola.

As noites em que não ia ao theatro passava-as Manuel João conforme costumava, quando o affligia alguma grave preoccupação: a andar no quarto, com as mãos nas costas. Os queridos livros não logravam prendel-o. Evidentemente, vacillava antes de adoptar deliberação importante.

Uma noite, num dos intervallos da peça a que assistia, dirigiu-se decidido á caixa do theatro. Custou a entrar, e, depois, a abrir caminho, no meio da confusão dos scenarios, pannos pintados, machinismos, cordas e comparsas.

— Faça-me o obsequio de indicar por onde é que se vai ao camarim da Sra. D. Delfina — disse, tirando attenciosamente o chapéo a um sujeito de aspecto menos intimidante.

Rindo, o homem mostrou-lhe a direcção:

— E' por alli...

Manuel João chegou á porta do camarim, em cujo limiar dous typos ajanotados conversavam, fumando. Usava um delles petulante monoculo.

— E' este o camarim da Sra. D. Delfina?

— E', sim senhor, — respondeu o homem do monoculo, assestando-o impertinentemente sobre Manuel João.

— E pode-se-lhe falar?

— Creio que não, não só porque a Delfina está se vestindo, como porque se acha lá dentro o commendador Portella. E quando o commendador Portella está lá dentro, ninguem entra, pela simples razão de que é o commendador quem paga o pato.

— E o senhor me poderia indicar onde é que reside a Sra. Delfina?

O interlocutor de Manuel João soltou uma gargalhada e mirando-o de alto a baixo:

— Por quem me toma o senhor? Julga-me acaso com cara de onze letras? Ora essa...

E deu-lhe as costas.

Manuel João sentiu impetos de desancar o insolente. Reteve-o o receio do escandalo. Retiniu a campainha. O contra-regras corria, chamando os actores. Escancarou-se a porta do camarim e Delfina surgiu, acompanhada de um homem gordo, escanhoado, vermelho, grossos brilhantes nos dedos e no peito da camisa. Seguia-os uma criada. Manuel João approximou-se. A Delfina, de certo, o reconheceu como o seu admirador constante na platéa, pois esboçou um sorriso. Mas, de certo, a presença do commendador e a urgencia de entrar em scena a tolhiam, porquanto apartou Manuel João com um gesto, e passou. Manuel João dirigiu-se afoitamente á criada e, pondo-lhe algum dinheiro na mão, perguntou o endereço da actriz. A criada disse-lh'o, mas accrescentou :

— E' inutil apresentar-se lá agora. A ama tem todo o tempo tomado pelo commendador. Não lhe poderá dar attenção. O commendador é muito ciumento.

— Mas preciso dizer duas palavras á sua ama... E' negocio importante.

— Eu sei que negocios importantes são esses, maliciou a criada. Em todo o caso, vá lá ás 4 horas da tarde justas. E' possivel que ella tenha então alguns minutos disponiveis.

No dia seguinte, ás 4 horas em ponto, batia Manuel João á porta da casa indicada, um bonito chalet para os lados de Botafogo. Acudiu a criada:

— E' melhor o senhor voltar outro dia. A ama está com o commendador. Houve, hoje de manhã, uma ciumada terrivel entre elles. Mas já começaram a fazer as pazes.

— Quando deverei voltar?

— Amanhã, ás mesmas horas.

No dia immediato, lá estava pontualmente Manuel João. A criada fel-o entrar

numa pequena sala espalhafatosamente mobiliada, quadros de assumptos amorosos pelas paredes, um perfume irritante nas cortinas e nos trastes. Esperou longamente, ouvindo cochichos e risadas no interior do predio. Por fim, veiu a criada:

— A ama sente muito, mas ainda hoje não lhe é possivel attender ao senhor. Está muito occupada e o commendador não tarda. Manda dizer que o senhor declare o que quer.

— E' um negocio importante, já o disse.

— Que negocio é?

— Só com ella...

A criada sorriu.

— Então tenha paciencia. Volte amanhã, ás mesmas horas.

Verificava praticamente Manuel João não ser tão facil falar á Delfina, como se affirmava. Verdade é que o acanhamento delle e os seus modos tudo difficultavam. De noite, no theatro, tentou reiteradamente acercar-se da actriz. Mas o infal-

livel commendador e outros camaradas da artista estorvavam o mais leve dialogo. A's 4 horas da tarde do outro dia, ainda uma vez se dirigiu ao *chalet* de Botafogo. Ao introduzil-o no pequeno salão, a criada observou:

— O senhor é perseverante. Quem porfia mata caça... Queira esperar um pouco...

Esperou duas horas, sentado, o chapéo nos joelhos, meditando. A criada, penalisada de tão estirada demora, veiu explicar:

— A ama sahira, porém já agora não tardaria. O commendador, — accrescentou — anda cada vez mais ciumento e irritadiço. O senhor tome cautela. Elle é capaz de tudo. Depois que protege a ama, esta não tem licença para cousa alguma. Só recebe os amigos antigos, ás escondidas e ás carreiras. Um inferno! O que vale é que o commendador possue muito dinheiro...

Quasi noite, parou um carro á porta da casa. Um ruido de sedas na escada...

A Delfina atravessou o salão, fazendo ao guarda-livros, que se levantara muito pallido, imperceptivel cumprimento de cabeça. Sumiu-se no corredor. Manuel João ouviu-a falar vivamente á criada. Pareceu-lhe até que a Delfina chorava.

Depois silencio... E a actriz nada de apparecer! Manuel João, impaciente. nervoso, a aguardava de pé.

... Eil-a, afinal, a physionomia aborrecida, como quem se resignava a uma cousa desagradavel, em desalinho, um longo penteador branco entreaberto. Estendeu a Manuel João dous dedos e, sem o deixar proferir uma palavra:

— Estou hoje muito incommodada, o senhor veiu em máo dia. Imagine que rompi definitivamente com o commendador. Tambem aquillo não era homem de se aturar. Nem sei como o aguentei tanto tempo... Ciumento, sovina, malcriado. Uma besta, um porco!... E' verdade que me deu alguns presentes. Não sou ingrata. Reconheço as suas dadivas:

estes anneis, estes brincos, estes moveis, alguns vestidos... Mas custava como o diabo a fornecer dinheiro... Uma lucta, uma massada... Ora, adeus! O senhor não acha que eu fiz bem rompendo com o commendador?

Manuel João permaneceu silencioso, não querendo emittir opinião sobre a desavença.

— Vamos... com franqueza... responda....—insistiu a Delfina.—Não acha? Podia eu aturar por mais tempo aquelle bruto?

Manuel João delineou vago gesto negativo. A Delfina continuou:

— Bons protectores não me hão de faltar. Rei morto, rei posto... Já tenho tido vantajosas propostas. E, seja como fôr, a verdade é que eu me achava farta daquella grandissima besta.

Houve penoso silencio. A Delfina levantou-se, foi buscar um maço de cigarros, accendeu um, offereceu outro a Manuel João:

— O senhor não fuma ?

Manuel João agradeceu, e, emquanto ella tirava fumaças, sentada numa cadeira de balanço, poz-se a contemplal-a de fito. A Delfina, aborrecida com essa contemplação, demasiado reverente talvez, ultimou, entre duas baforadas, balançando-se :

— Mas, afinal, que quer o senhor da minha pessoa ? Tenho visto seu interesse por mim, no theatro. Muito obrigada... Desembuche, sem mais demora, o que pretende. porque tenho muito que fazer ; não posso perder tempo. Ainda vou jantar, e, depois, vestir-me para o espectaculo. Só o penteado me consome perto de uma hora. Embora o rompimento com o commendador me seja um allivio, estou afflicta. Mudar de habitos. . Quanta massada... Explique-se... Não sou santa, para me estar olhando com esses olhos...

Manuel João disse gravemente:

— A senhora não se chama Delfina ; chama-se Maria ; era conhecida por Maricota.

— Quem lhe contou ? — perguntou a actriz, espantada.

— E' filha de Joaquim de Albergaria e de Manuela de Almeida Albergaria, ambos mortos.

— E' verdade ! Mas como sabe ?

— Nasceu na aldeia da Torre, a seis leguas de Braga, — proseguiu Manuel João, animando-se.

Cada vez mais admirada, a Delfina observou, sem contestar :

— Como está bem inteirado a meu respeito ! Quem o informou ? Não falo a pessoa alguma nessas cousas...

— A senhora teve tres irmãos e uma rmã mais velha, casada com Antonio Telles Meira...

— E' exacto !... E' exacto ! O senhor sabe tudo ! Conhece perfeitamente toda a minha familia...

— Teve um tio padre, o tio padre mestre, coitado ! fallecido ha annos.

— Não ha duvida... a familia o respeitava muitissimo.

— A senhora em casa, quando menina, era appellidada — a Pastora. Não é assim ?

— E'... é... mas o senhor é da terra, pelo que vejo.

— De seus irmãos, dous morreram. O mais idoso de todos, muito seu amigo, que sempre, em pequeno, brincava com a senhora, veiu ha longo tempo para o Brazil, a conselho do tio padre mestre, afim de tentar fortuna...

— Sim... sim... Chamava-se Manuel João. E' vivo? Onde estará? Nunca mais mandou noticias. Correu que fallecera de febre amarella... Ha tantos annos!

— Não morreu, não. Esse irmão existe.

— Onde ?

— Em frente á senhora. E' quem lhe está falando.

— Ah! Ora essa!... exclamou simplesmente a Delfina, com fria surpresa.

Manuel João continuou, commovido:

— Pareceu-me reconhecel-a no theatro, a primeira vez que a vi. Hesitei. Só,

aos poucos, adquiri certeza. Sim! Sou seu irmão, seu companheiro de meninice. Quantas vezes a carreguei ao collo!... Quantas vezes brincamos juntos! Quantas saudades, quantas agradaveis recordações guardo daquella quadra!...

— E' extraordinario!... é extraordinario!... — disse a Delfina... — E mirava Manuel João da cabeça aos pés, sem um movimento de affecto, sem uma expressão de ternura. Manuel João, os olhos marejados de lagrimas, os braços estendidos, dera um passo, para ella, mas diante da sua indifferença se detivera.

— Vim vel-a, — accrescentou, após uma pausa, para lhe declarar que, como seu irmão, estou a seu dispor. Eis aqui o meu endereço. Não juntei fortuna, mas, á força de trabalho e honradez, alcancei decorosa posição no commercio. Si precisar de mim para alguma cousa, é chamar-me. Meu dever é attender-lhe: sou seu irmão!

— Muito obrigada! respondeu a Delfina. — Muito obrigada! O senhor proce-

deu com grande bondade. Mas que caiporismo o meu ! O senhor dar-se a reconhecer exactamente no dia em que briguei com o commendador ! Estou hoje tão nervosa, tão preoccupada que não o posso tratar como devia.

— Não ficou satisfeita encontrando-me ?

— Oh ! muito ! E' bom, é util ter um irmão no Brazil. Sinto-me mais forte. Agora comprehendo a razão por que o senhor me defendia tão fortemente no theatro. Eu, tola, pensava que era por causa de meus meritos artisticos, ou de meus encantos. Qual ! Era a voz do sangue. Eu me envaidecia tanto, perante as collegas !... Paciencia ! Nada lhes contarei, porque hão de rir de mim... Em todo o caso, o senhor, sendo meu irmão, continuará á frente de meus partidarios, caladinho, porque si não enfraquece... não é assim ? Vai me applaudir, com dobrado enthusiasmo, vai impedir que os amigos da Rosa, aquella canalha, me

desfeiteem, vai-me favorecer em tudo... Não é ?...

— De certo, Maricota.

— Não me chame Maricota, chame-me Delfina. E' o meu unico nome... Muito bem ! muito bem ! O commendador é que ficaria contente, e talvez menos grosseiro, sabendo-me com um irmão. E logo hoje a rixa... Ora, dá-se !...

Ergueu-se, consultou o relogio :

— Como é tarde ! E tenho que jantar... que me vestir... eu, que levo tanto tempo me apromptando... Tudo se ajuntou hoje... Quer jantar commigo ?

— Não, agradecido. Mas, diga-me : como se fez artista ? porque abandonou a familia? porque leva esta afanosa vida ? Quem a trouxe para o Brazil ? que noticias me dá dos parentes que ainda nos restam ?

— Ih ! exclamou a Delfina, quanta pergunta ! Isso é muito comprido de contar... muito enfadonho. Só noutra occasião. Ora ! Deixei a familia, porque me conveiu.

Eu cá sou assim. Faço simplesmente o que entendo. Não estava para os aturar. Não me calhava a vida da irmã mais velha, carregada de filhos, sempre arreliada, sempre a trabalhar, sempre necessitada. Sou muito independente, muito desabusada. Nasci para o luxo... Nasci para a pandega. Não admitto que ninguem se me intrometta na existencia, a me dar conselhos, a me fazer observações. Pratico o que me acode á cabeça, sem satisfações, seja a quem fôr. Porque é que vim ao Brazil ? Pelo mesmo motivo porque você veiu... Porque me asseguraram que florescia aqui a arvore das patacas. Qual arvore das patacas, qual pilulas ! Na verdade, aqui se ganha bastante dinheiro, mas gasta-se o dobro. Ha dias em que fico sem vintem. A não ser o commendador, já teria soffrido o demonio. Quantas vezes metto as joias no prégo ! Agora, sim, estou mais tranquilla. Tenho um irmão para me ajudar. Em todo o caso, andei talvez precipitada rompendo daquella

maneira com o commendador. Você conhece o commendador ?

— Não, respondeu seccamente Manuel João.

— E' pena, porque podia falar-lhe em meu nome, explicar-lhe... Elle no fundo não é máo homem. O diabo são os ciumes. Não conhecerá você alguem que se dê com o commendador ?

— Deixemos o commendador, — retorquiu Manuel João, meio agastado. — Não o conheço, nem quero conhecel-o. Quero saber noticias de minha gente, da minha terra, conversar affectuosamente com minha irmã. De que morreu nossa mãi ? Lembrava-se de mim ?

— Tenha paciencia, meu amigo, cortou a Delfina, olhando para o relogio. Hoje, não. Basta o aborrecimento que já tive. Para que revolver outras cousas tristes ? Fica para nova occasião. Nem tenho tempo. Já estou muito atrasada. Nunca me demorei tanto a me vestir. E' preciso mostrar esta noite ao publico cara

alegre, para não pensarem que senti muito o rompimento com o commendador. Não permitto que zombem de mim. Hei de parecer esta noite mais levada da bréca que nunca.

Manuel João tomou o chapéo.

— Não quer decididamente jantar commigo? insistiu a Delfina.

— Não, obrigado.

— Então, até outra vista.

— Até outra vista.

## XLIII

### Trégoas

Manuel João sahiu amargurado, o coração eivado de desgosto e tristeza. Sonhara tanto com aquella entrevista! Imaginara-a tão differente do que succedera! A Maricota, a mimosa irmãzinha, a companheira ingenua e primaveril da sua infancia, a creatura delicada e angelica que conhecera, como se havia

convertido no ente grosseiro, sem sentimentos, abjecto, com quem depois de tamanho trabalho, acabava de passar tão dolorosos momentos! E era sua irmã! Sentira tão doce commoção quando surprehendido, a reconhecera! Que suaves instantes contara viver em sua companhia! Fôra instigado a procural-a por intuitos tão puros! Esperava ser acolhido tão carinhosamente! E tudo se frustrara. Dura decepção! A Delfina lhe causara a impressão mais desanimadora. Magoara-o com o acolhimento frio, cynico, que lhe dispensara. E quando reflectia, confessava que não lhe era licito ter encontrado cousa diversa. Quanto se illudira!

A sua melancolia, o seu retrahimento se aggravaram com esse desengano. Occultou cuidadosamente as relações de parentesco que o ligavam á Delfina. Reentregou-se com desmedido ardor ao trabalho e aos livros. Mediante uma contribuição mensal, fez-se assignante de um gabinete de leitura, cujos volumes devo-

rou, um a um. Romances, viagens, poesias, obras didacticas, tudo lhe servia, embora só noções incompletas e confusas lhe ficassem da applicação desordenada.

— Cada vez mais exquisitão, — diziam delle. — Acaba maluco, si já não o está.

Ao theatro não mais tornara. Para que? Nem tentara rever a irmã. Esta, por seu lado, não lhe dava signal de vida. Fôra como se não houvesse occorrido a visita de Manuel João.

O nome da Delfina, entretanto, não cessava de lhe soar aos ouvidos, por mais que elle se isolasse. Continuavam a commentar e exaggerar os escandalos da actriz, seu luxo insolente, seus caprichos amorosos, suas extravagancias. Os partidarios della viviam a provocar os da Rosa, dando logar a conflictos. Tudo isso affligia Manuel João, tanto mais intensamente quanto não o communicava a pessoa alguma, não desabafava. Velava com pudor a magoa que o roia.

Topando com o Soares, este o interpellou:

— Como vamos da paixão pela Delfina?

— Nada foi... passou... não penso mais nella, — disfarçou Manuel João.

— Ande lá, seu bregeiro, — retorquiu o Soares. Deixe esses ares de santarrão. Você o que me parece é um refinado sonso. Mas tudo quanto se pratica ou se diz, assevera o Evangelho, vem a ser descoberto.

— Que quer significar com isso?

— Nada. Somente que você foi visto a rondar a casa de Delfina. E lá entrou uma meia duzia de vezes, demorando-se horas, sem duvida, apraziveis.

Manuel João formalisou-se:

— Juro pela minha honra que entre mim e essa mulher nada ha de inconfessavel. Apenas lhe falei uma vez. As nossas relações são as mais puras...

— Oh! homem! Não precisa zangar-se. E' tratar-se da materia, e você perder a

calma. Que furia! Que indignação! E' tudo platonico, então, hein?!...

E mudando de tom:

— Não vale a pena, meu pobre amigo. Você está gastando cera com pessimo defunto. Uma sujeita infame, creia...

A pallidez de Manuel João, a dôr que se lhe desenhava no semblante impressionaram Soares.

— Desculpe-me, si o offendi,— disse.

—Não, não me offendeu. Comprehendo as suas boas intenções, mas si me vota alguma sympathia, nunca mais me toque em tal assumpto. Supplico-lh'o...

Ante estas palavras e o tom de soffrimento e energia com que foram proferidas, não ousaram corporificar-se os commentarios galhofeiros que scintillavam nos olhos do Soares:

—Está bom... está bom... finalisou. — Ficamos entendidos. Nunca mais você me ouvirá uma allusão siquer nesse sentido.

E estendeu-lhe a mão, que o outro apertou commovido.

Manuel João, nessa época, havia regularisado a sua vida. As antigas dividas, provenientes dos emprestimos a Simões, estavam amortisadas, sabia Deus mediante que extraordinarios esforços e sacrificios. Fôra uma campanha, vencida graças a verdadeiro e obscuro heroismo, a tenacidade fóra do commum. O que presentemente ganhava, como guarda-livros, e professor de escripturação mercantil, permittia-lhe viver modesta, mas folgadamente. Sem paixões, sem vicios, afeito á parcimonia, gastando apenas com a acquisição de alguns livros, tinha já suas economias. Via proxima a realisação de seu sonho: estabelecer-se com uma pequena livraria, onde vivesse socegado, independente e ao geito de seus gostos e habitos. Estes habitos o dominavam como lei inflexivel. Sem outras relações que as inevitaveis em sua situação, tinha horas invariaveis para o trabalho, para a leitura, para o somno, para a alimentação.

Aos domingos, depois de assistir á missa, inalteravelmente na mesma igreja, ia ao Passeio Publico e, á sombra das arvores, num banco solitario, lia horas a fio. Quando se fatigava subia ao terraço e contemplava longamente o fluxo das ondas e o movimento do porto. Nisto consistia a sua exclusiva diversão.

Ninguem penetrava na sua intimidade, o que tornava a sua existencia mysteriosa e suspeita, embora facto algum pudesse ser citado, em desabono delle. Encareciam-lhe, sobretudo, a avareza de que contavam anecdotas tão exaggeradas quão inveridicas. O fundo casto e nobre de seu viver não era presentido.

A imagem de Irene, idealisada pela morte, persistia em seu coração. Votava a essa imagem um culto secreto. Nos recessos de seu sentimento, guardava intacta a recordação da sua unica aventura amorosa, si é que merecia tal nome, fonte para elle de infinita doçura e melancolia...

E deslisavam-se os dias naquelle ambito estreito, sem agitações nem novidades. Horas longas, semanas curtas, mezes ainda mais curtos, curtissima a vida...

Vinham ás vezes a Manuel João vontades de procurar de novo a Delfina. Mas doia-lhe ainda o modo como a irmã o acolhera. O moço estava em paz com a consciencia. Cumprira o seu dever. Bastava o que havia praticado. A Delfina que o chamasse, si delle carecesse.

Um sabbado, ao sahir elle de casa, entregaram-lhe um bilhete de lettra desconhecida, trescalando activo perfume. Era da Delfina que elle suppunha em excursão artistica por S. Paulo e Rio Grande do Sul. Dizia o seguinte, salvo varios erros de orthographia: «Prezado irmão. Não seja ingrato. Venha ver-me, hoje, ás 2 horas da tarde. Preciso falar-lhe. Sua irmã e amiga agradecida — Delfina, antiga Maricota. P. S. — Mudei-me. Moro agora na rua Mariz e Barros n. 282. — Não falte.»

O bilhete causou-lhe prazer, misturado de certa apprehensão. Que lhe quereria a actriz? Em ultima analyse, as expressões—*prezado irmão e sua irmã amiga e agradecida* — encheram-no de doce jubilo. Naturalmente a Delfina o incumbiria de alguma massada, revelaria ao publico o seu parentesco. Mas não podia recusar-se. Ella o chamava: devia acudir. Manuel João sentia certo remorso de ter esquecido a familia, de não se haver communicado assiduamente com os parentes, aos quaes jamais mandara o minimo auxilio. Servir á Delfina importava resgatar de algum modo esta falta. A hora marcada era impropria; tinha de interromper o trabalho contra o seu costume. Mas que remedio? Lá foi.

## XLIV

### Novos Sacrificios

Desta vez foi introduzido sem difficuldade no pequeno salão. Já não era a

mesma criada, mas, parece, recebera ordens relativamente a Manuel João, pois abriu-lhe a porta sorrindo e o convidou a sentar-se:

— A ama não tarda.

Os moveis tambem não eram os mesmos. Da primitiva installação quasi nada restava. Impressionou o guarda-livros a circumstancia de que os objectos, apezar de novos e luxuosos, embora menos que os antigos, apresentavam triste aspecto de desleixo e estrago.

De facto, a Delfina, apenas a criada foi avisal-a, appareceu. Denunciava como a mobilia, abandono e desidia. Estava pallida, emmagrecida, a pelle engelhada pelo abuso dos cosmeticos, os olhos empapuçados. Mesmo a elegancia do corpo, seu orgulho e superioridade, havia cahido. Caminhava pesadamente, como si algo a opprimisse.

— Ah! seu ingrato... ah! seu ingrato... exclamou, estendendo os braços para Manuel João. Nunca mais se lembrou

de me visitar. E' assim que se trata uma irmãzinha?! Que pouco caso, que ingratidão! Tive um trabalho immenso para lhe descobrir o paradeiro.

— Mas eu deixei-lhe um cartão, contendo a indicação do meu domicilio.

— Com a mudança, com os aborrecimentos que tenho soffrido, não sei que fim levou esse cartão. Por que cessou de procurar-me? A você era mais facil do que a mim...

Manuel João desculpou-se, allegando afazeres, falta de tempo, receio de importunal-a, sem alludir á verdadeira razão. Ella a nada attendia, murmurando, ternamente reprehensiva:

— Não, senhor; não, senhor, não tem desculpa... Foi uma ingratidão.

Depois, revestindo-se de um ar serio:

— Você me pediu, na sua primeira e ultima visita, noticias do tio padre-mestre, da mamã e do papá. Vou dar-lh'as. Sente-se e escute.

E, após alguns instantes de pensativo silencio, poz-se a falar da aldeia natal; descreveu a molestia do velho sacerdote; referiu as suas impertinencias nos derradeiros tempos, a sua lenta agonia, o seu enterro pomposo, a que haviam accorrido todas as pessoas, elevadas ou humildes, não só da povoação como das visinhas!

— Era um santo homem o tio padre-mestre... Estimado geralmente, apezar das suas rabugens. E não se esquecia de você. Era, a cada momento: «Manuel João para cá, Manuel João para lá... Porque Manuel João ha de voltar rico e poderoso.»

— E nossa mãi?! atalhou Manuel João, commovidissimo.

A Delfina, com dous traços, evocou a figura da velha camponeza, a cabeça constantemente envolta no lenço de ramagens, trabalhando sempre activa e silenciosa, a suspirar por Manuel João, a odiar esse Brazil que a privava do filho.

Queixara-se, uma tarde, de forte dôr, num lado. Gemera a noite inteira. A dôr não passou, a despeito de innumeras drogas que a obrigaram a tomar. Até a Gertrudes, a parteira velha, mestra de esconjuros, a benzera. Dous dias mais tarde, expirara, rodeada da familia, sacramentada e ungida. Pouco antes de morrer chamara por Manuel João.

Quanto ao pai, tambem rapidamente se finara. Em seguida á morte do tio padre-mestre e da mulher, ficara mofino e macillento. Deixara crescer a barba, toda alva. Mas, rijo trabalhador, lidava sem repouso ao sol e á chuva, levantando os hombros aos que lhe advertiam não mais lhe permittir a idade tamanhas canceiras. Uma madrugada, espantou-se a gente de que elle se demorasse a saltar do leito. Foram vel-o e o encontraram hirto e frio no mesmo logar em que a esposa succumbira. Elle igualmente não olvidava Manuel João. Nos annos máos, si a miseria os apertava, consolava: «Deixem

estar... O Manuel João, quando menos o esperarem, arrebenta por ahi e nos ajudará a todos.» O ausente constituia, pois, o sonho, a esperança, a illusão de toda a familia.

— Quanto fui ingrato! quanto fui ingrato! — soluçava Manuel João.

— Vi-me só, de repente, — proseguiu a Delfina, — porque a irmã casada, carregada de filhos e muito pobre, para longe se mudara. Abriguei-me na casa de um primo, o Vieirinha, — lembra-se? O Vieirinha me acolheu movido de caridade. Mas a mulher delle entrou desde logo a me maltratar, porque tinha ciumes de mim. Diziam-me bonita; a minha voz, si eu cantava, attrahia a todos. Eu não gostava muito de trabalhar, mas de me enfeitar, de sobresahir. Affirmavam que, si eu me tornasse artista encontraria brilhantes destinos. De um lado, o aborrecimento de viver por esmola em casa alheia, aturando constantes desaforos de uma orgulhosa parenta, sentindo que era

a causa, embora innocente, da desunião na familia... De outro lado, a liberdade, a independencia, a perspectiva de fortuna, de gloria... E ninguem para me aconselhar... Era forte de mais a tentação. Visitou a aldeia o caixeiro de uma casa de modas de Lisboa. Guapo rapaz, infinitamente superior a quantos me cercavam, falando bem, fascinou-me, seduziu-me. Contou-me umas lérias; acreditei. E aquella existencia não me quadrava. Que futuro poderia eu alli ter? Não me casaria, porque era muito pobre, muito formosa, muito exigente, muito preguiçosa... lá isso, confesso. E o exemplo da irmã casada não me animava! Como resistir? Acompanhei o caixeiro a Lisboa... Era fatal, estava escripto! A principio, conheci na capital larguezas e prazeres, quaes nunca sonhara. Diverti-me, sim. Mas passou depressa; foi breve o periodo das alegrias. Veio o abandono, a necessidade, a miseria. Soffri bastante até adquirir experiencia. Despenhei-me...

E fui me habituando a certo bem estar, a certo luxo, de que hoje não posso prescindir. Eis ahi, meu amigo. Entrei para o theatro. Você não imagina o que é a vida de theatro... Um inferno, um horror, intrigas, rivalidades, infamias... Convidaram-me a partir para o Brazil, asseguran-do-me que no Brazil seria rica e feliz. Aceitei, cançada de Lisboa. E aqui estou, meu irmão. Pensa você que vivo contente? Engana-se. Sou uma grande desgraçada. Padeço ás vezes o que ninguem imaginaria. As apparencias illudem. Quem me vê por ahi, de carro, ricamente vestida, crivada de joias, applaudida, triumphal, julga não haver mulher alguma mais venturosa e satisfeita do que eu. Que erro! Quem vê caras, não vê corações. Si muita gente me festeja, muito mais gente me detrahe e me insulta. E pensam que nado em dinheiro! Quantas occasiões fico sem nada e, em faltando o dinheiro, tudo falta. Ha horas terriveis, momento sdurissimos de atravessar...

Nos olhos da Delfina assomou uma lagrima.

Manuel João, durante a longa narrativa, sentira-se fundamente abalado. De momento a momento, murmurava: «Pobre irmã! Pobre irmã!» Ou, então, deixava-a falar, absorto, cabisbaixo, acabrunhado.

Quando ella terminou, ficou mudo alguns minutos, os olhos humidos e vagos. Depois, docemente, timidamente, tomou a mão da actriz, pediu novos pormenores, obrigou-a a repetir a descripçao da morte dos pais e do tio padre-mestre, aviventando scenas e acontecimentos de outr'ora. No fim, as lagrimas corriam francamente nas faces de ambos. Entrelaçaram os dedos, experimentando Manuel João sensações só comparaveis ás produzidas pela morte de Irene.

A Delfina poz-se a choramigar, queixando-se de que era uma coitada, ao desamparo, sem um verdadeiro amigo no mundo...

— Não... protestou Manuel João... tens-me, a mim... tens-me, a mim... Estou ao teu dispor... Farei por ti o que for possivel... E' minha obrigação... Sou o chefe da familia... Sou teu mano... conta-me o que soffres, para eu remediar. De que é que precisas?... Sê franca... Abre-te commigo... Não quero que sejas desgraçada...

A Delfina atirou-se aos braços de Manuel João, beijou-o, maculou-lhe o paletot de pomadas e pós de arroz, impregnou-o de perfumes e, nos joelhos delle, chorando, emquanto elle tambem chorava, contou-lhe ao ouvido uma historia muito comprida, muito confusa, entremeiada de reticencias e soluços, historia em que o guarda-livros percebeu que, após o rompimento com o commendador, não haviam as cousas tomado o geito esperado pela irmã. Despezas crescentes, lucros interrompidos, joias empenhadas, compromissos serios,—de honra, dizia ella,—a satisfazer.

Afinal, depois de prolixos rodeios e precauções de linguagem, declarou-lhe que precisava de cinco contos de réis, com urgencia, dentro de vinte e quatro horas, ao mais tardar. Todos os amigos a quem havia recorrido tinham-se excusado, — uns miseraveis! E deviam-lhe altas e raras obrigações! Mas o mundo era assim mesmo, povoado de egoistas e ingratos. A Delfina citava nomes, recordava factos: o Almeida Fagundes, o Souza e Silva e outros, — uns typos, uns sujos... Em summa, só Manuel João a poderia salvar no aperto a que os acontecimentos a tinham impellido. Si Manuel João não a soccorresse, estava irremissivelmente perdida. Sabia que o irmão dispunha de meios... (Manuel João sorriu doridamente...) Possuia. pelo menos, relações, influencia... Tratava-se, demais, simplesmente de um emprestimo. Havia de restituir o dinheiro até ao ultimo vintem, com os juros competentes. Accrescia que a somma não era de assustar.

Que valiam cinco contos de réis? Uma insignificancia! Assignava até um papel, si Manuel João exigisse, quantos papeis fossem precisos, porque não pretendia tornar-se pesada a ninguem, menos a um prezado mano. A necessidade a opprimia... Era a primeira vez que dirigia a Manuel João uma supplica. Tivesse paciencia; não dissesse que não... Falasse aos camaradas... No commercio era tão commum e tão facil! Que sim!... que sim!...

E num fluxo interminavel de palavras, eloquentes, persuasivas, insinuantes, demonstrando que, pelo menos a pedir dinheiro, não era tão estupida quanto apregoavam os partidarios da Rosa, por longo tempo porfiou, até arrancar de Manuel João uma resposta asseverativa e decisiva.

O guarda-livros escutara a lenga-lenga da artista, batido o espirito de impressões desencontradas, sem ousar articular uma interrupção, sem ousar, sobretudo,

formular uma excusa, solicitar um adiamento... Soffria!... Fôra então para obter dinheiro que a Delfina o chamara? Não teriam mirado as suas confidencias, as suas meiguices, as suas lagrimas outro fim que o de extorquir-lhe a promessa? Representara a irmã uma comedia, habilmente arranjada, ou experimentara realmente a commoção manifestada?!

No fundo, lembrando-se do Simões, não podia Manuel João reprimir certo movimento de duvida e revolta. Seria victima de um logro? De que lhe servia a experiencia angariada com tamanho sacrificio? Mas si tudo fosse verdade?! Em todo o caso, as suaves, as santas impressões de havia pouco estavam como que profanadas.

A irmã, enlaçada a elle, não o fitava, nem deixava que elle a fitasse. Percebendo a hesitação, murmurou cariciosamente:

—Sim, meu irmãozinho. Dize que sim. Eras tão gentil e benevolo em pequeno,

quando brincavas commigo, quando me carregavas, quando me chamavas a *Pastora*, quando fazias tudo quanto eu ordenava. Dize-me que sim. Não me negues este grande favor que eu te supplico. Nunca mais te importunarei... Salva-me... Si não me salvares, não sei que succederá. Vamos... dize que sim...

Manuel João, seduzido, subjugado, sussurrou, máo grado seu:

— Pois, sim! Pois, sim!... Vou ver.

Immediatamente, a Delfina deixou cahir os braços que o apertavam, bateu palmas, e, numa risada:

— Ora, ainda bem! Encontro, emfim, meu verdadeiro irmão, meu irmão de outr'ora! Mas custou! Safa!

E ameaçando-o, com o dedo:

— Olha lá; promessa é divida, como dizia o tio padre-mestre. Promessa de rei não volta atraz...

Depois, retomando o ar sério, usando expressões quasi identicas ás do Simões, annos antes:

— Posso então contar com o dinheiro?

— Póde.

— Sem falta ?

— Sem falta.

De novo o abraçou, mas já sem o ardor e ternura do começo:

— Amanhã, sem falta ?

— Amanhã, sem falta, já lhe disse.

— Sério ?

— Sério. Não costumo brincar... Quando prometto, cumpro.

— Muito bem!... muito bem!... Eu tambem sou assim... Vê-se que somos irmãos: tenho uma palavra só. A gente de bem procede desta maneira.

E levantando-se:

— Adeus, meu amigo. E' tarde. Conversamos durante longo tempo. Não calculas o mundo de cousas que tenho hoje a fazer... E as commoções me matam... me matam...

Collocou-se em frente ao espelho, concertou os cabellos, e, retirando-se para o interior do predio:

— Até amanhã! Sem falta... O mais cedo que puder... Adeus... adeusinho...

E desappareceu, deixando no ar um rastro de perfume.

Manuel João quedou alguns momentos, reflectindo. Soltou profundo suspiro, e partiu.

## XLV

### A pedra de Sisypho

Pobre Manuel João! Quando pensava que a vida lhe ia correr serena e despreoccupada, desembaraçada dos velhos encargos, surgia-lhe aquella complicação, renovavam-se as scenas do tempo do Simões, via-se outra vez na contingencia de assumir responsabilidades, de contrahir dividas, de se submetter ao regimen cujas durezas tanto o haviam torturado! Ficava adiada, si não destruida, a sua modesta pretenção de se estabelecer como livreiro. Cumpria-lhe repetir o que tamanha repugnancia lhe causava: pedir

dinheiro emprestado. Despenhava-se até em baixo a pedra tão penosamente carregada até ao alto da montanha. Urgia recobrar as forças, reerguel-a, recomeçar o afan!

Sentia-se um joguete da sorte, mas não lhe era licito esquivar-se.

No caso do Simões, obedecera á paixão inspirada por Irene. Agora, havia o cumprimento de um dever. Fosse o que fosse, a Delfina era sua irmã. Nunca havia coadjuvado os seus. Pela primeira vez, se lhe azava ensejo de o fazer. Parecia-lhe que o tio padre-mestre, a mãi, o pai, todos da aldeia o admoestavam: « Não abandones a Delfina; ajuda-a a se tirar da afflicção em que se encontra! »

E não a abandonou! Profundamente triste, mas resoluto, deu começo á campanha para a realisação da promessa. A somma promettida excedia de muito, como no facto do pai de Irene, as suas posses e economias. Recorreu ao credito. Envergonhado, envidando toda a sua

energia, subiu de novo o Calvario: bateu á porta de amigos e conhecidos, negociou com ignobeis usurarios, curtiu humilhações, ouviu remoques e negativas affrontosas. Não esmoreceu; trabalhou de dia e de noite. Sujeitou-se a durissimas condições, assumiu terriveis compromissos, vendeu tudo quanto podia vender (até os melhores livros !) — e, no dia seguinte, cedo, apresentou-se em casa da Delfina, com o dinheiro no bolso, empacotado nas cedulas mais limpas e novas que conseguiu obter. Comprara uma folha de papel assetinado e uma fita cor de rosa, para não entregar a quantia grosseiramente, sem um envolucro attencioso.

Mal entrou Manuel João, appareceu a Delfina, trajando fresco vestuario de passeio, muito pintada, joias apparatosas nos dedos, nas orelhas, no pescoço. Da porta, foi gritando:

— Trouxe ou não trouxe? Diga logo. Estou que não posso de anciedade, embora muito confie em sua palavra.

Manuel João silenciosamente lhe entregou o precioso pacote, do qual a actriz se apoderou, murmurando, depois de desatar com arrebatamento a fita cor de rosa que cahiu por terra:

— E' isto? — Para que tanto luxo!... Cinco contos de réis? Você contou bem? Eu cá, é uma lastima... não sei contar... erro logo...

Metteu o pacote no bolso do vestido, mas, arrependendo-se, acto continuo:

— Não!... é melhor guardar lá dentro... Lá dentro ha quem saiba contar.

Retirou-se. Chegou aos ouvidos de Manuel João um ruido de vozes joviaes, destacando-se sonoro timbre masculino. Parecia que o dinheiro fôra acolhido com acclamações enthusiasticas.

A Delfina demorou-se algum tempo. Voltando, com um lindo chapéo á cabeça, disse simplesmente:

— Está certo. — Não duvide do meu reconhecimento. Você mostrou que é um

bom irmão. Tambem pode dispor de mim si lhe puder ser util de qualquer maneira.

Arranjando o véo diante do espelho, a actriz continuou:

— Você me vê assim vestida, porque vou a um grande almoço de camaradas, uma massada, mas a que não posso deixar de comparecer. Ossos do officio... Em seguida, tenho ensaio no theatro... Desculpe-me... Entre irmãos, não ha ceremonias. Não é verdade? Esta casa é sua. Venha quando lhe aprouver, e dar-me-á immenso gosto. Adeus. Não se offenda, si eu o despeço...

Como Manuel João mostrasse uma cara desconsolada, ajuntou á guiza de satisfacção:

— Noutro dia, quando eu estiver mais desoccupada, renovaremos a agradavel palestra sobre cousas da nossa terra. Ainda me resta muito a lhe referir. Adeus até outra vista.

Estendeu a Manuel João os dedos enluvados, empurrando-o levemente para

a porta. Manuel João viu-se na rua, sem ter tido ensejo de proferir uma unica palavra.

... E iniciou-se para elle uma phase de aborrecimentos e supplicios. Repetidas vezes procurou ver a irmã, mas ou esta se excusava, sob pretextos inaceitaveis, ou o recebia apressada, secca, distrahida, o que fundamente o susceptibilisava. Varias occasiões, entretanto, mandou chamal-o, e, usando de mil artificios, commovendo-o, supplicando, ameaçando-o de escandalo e de suicidio, arrancou-lhe ainda cerca de dous contos de réis, pois, dizia, havia se enganado a principio, solicitando quantia insufficiente. Esses dous contos de réis, acarretaram a Manuel João incriveis humilhações e sacrificios, representaram tremendas difficuldades superadas. Elle tentou referil-o á Delfina; esta porém, riu-se, não o ouviu. Era toda carinho, toda seducção, ao formular os pedidos. Obtido o dinheiro, mudava completamente: tor-

nava-se indifferente, fugia. Manuel João comprehendia o seu jogo, mas, sem vontade, sem força para reagir, deixava-se explorar, praticando prodigios para attendel-a. Nunca mais reataram a conversação sobre a familia e as cousas da terra, como Manuel João tanto desejava. O guarda-livros soffria, indignava-se contra si proprio, e continuava na mesma.

Das grandes quantias, Delfina entrou a exigir delle sommas pequenas, insignificantes.

Ao avistal-o, perguntava logo: « Que é que trouxe para sua irmanzinha? » E revistava-lhe os bolsos, tirando tudo quanto podia aproveitar. Arrebatou-lhe até o modesto relogio.

Manuel João não se illudia quanto aos sentimentos da Delfina a seu respeito. A' proporção que tratava com a actriz, verificava, ser ella, na realidade uma creatura pervertidissima e inconsciente. Todo o dinheiro que lhe chegava ás mãos, dispendia-o nas peiores extravagancias.

Mettera-se com um jogador, homem brutal e perverso, que, por seu turno, tirava della quanto podia. Dahi o andar ella sempre necessitada, dahi as frequentes exigencias a Manuel João: eram para obedecer ao jogador, por quem tinha *um capricho*.

Embriagava-se; envelhecia. No theatro diminuia o numero de seus partidarios, fatigados de seus excessos. A Rosa triumphava em toda a linha. Numa noite a Delfina cambaleou em scena, incapaz de representar ou cantar, e foi furiosamente pateada, sem que ninguem a defendesse. O emprezario despediu-a.

Graças á reserva e ao mutismo de Manuel João, não se divulgou o seu parentesco com a actriz. Esta, do outro lado, por distracção, por pouco caso, nunca falara do irmão á gente de sua roda, ou, si falara, a revelação não se espalhara. Manuel João jamais tocava no nome della. Quando a procurava, fazia-o cautelosamente, de modo a não dar na vista. Si, diante delle se referiam á Delfina, achava

pretexto para logo se retirar. Encontrando-se com o Soares, este lhe disse.

— Parabens! Pelo que vejo, está curado da Delfina; finou-se a desgraçada sympathia. Você foi feliz. Aquillo podia ser-lhe fatal. A Delfina é uma peste, uma miseravel...

— E' uma infeliz! merece dó! — retorquiu Manuel João.

Na verdade, haviam cessado suas relações com a irmã. Como persistissem os constantes pedidos de dinheiro, Manuel João categoricamente se recusara. Não lhe restava, de facto, a quem recorrer. Estava esgotado, onerado de dividas que lhe tornavam a vida insupportavel. O seu retrahimento e misanthropia crescem. Cada vez mais *exquisitão!* Teve desagradavel explicação com a actriz. Esta o insultou, chamando-lhe avarento, máo irmão, ingrato, prohibindo-lhe que a visitasse:

— A sua figura desmoralisa minha casa! — gritara. Suma-se!

Manuel João se retirara magoadissimo, sem alludir siquer ás quantias que ella lhe extorquira. Volvera, então, á antiga vida de trabalho, economia e privações. Era o seu fadario! E a sua fama de avarento a augmentar! Arredado de todos, taciturno, comendo em hoteis de infima classe, trajando velhas roupas negras, expressando-se quasi que só por monosyllabos, sempre um livro na mão, empregando na leitura silenciosa quaesquer momentos disponiveis, parecendo muito mais idoso do que era realmente, a barba e o cabello maltratados e grizalhos, justificava a reputação de excentrico e amalucado, dominado de sordida mesquinharia. Restringiu ao minimo intransponivel o numero de relações e pouco as cultivava. Qualquer apresentação nova lhe era um supplicio. Um anachoreta, no meio da cidade bulhenta! Quem suspeitaria que nas veias daquelle homem fieugmatico e circumspecto corria o mesmo sangue que nas da espaventosa Delfina,

cuja estrella, aliás, todos os dias declinava?

No meio dos desgostos, dos contratempos, das privações, a leitura continuava a ser o asylo, o refugio, a consolação, o prazer de Manuel João. Lia mais por vicio do que pelo desejo de se instruir, mas lia ininterruptamente, infatigavelmente.

Outra paixão subsistia nelle: o amor á Patria. Não admittia a mais remota allusão deprimente a Portugal, que, entretanto, pouco conhecia, pois se fizera homem no Brazil, no Brazil formara a sua alma, no Brazil se radicara para sempre. Era capaz de violencias para defender a sua terra de origem. Nessas defesas perdia a calma e a reserva habituaes, disposto a usar da notavel força physica de seus pulsos.

Quando estacionou no porto do Rio de Janeiro um vaso de guerra portuguez, Manuel João foi dos que mais se salientaram nas manifestações por parte de seus

compatriotas. Não houve demonstração de apreço a que se não associasse, revelando sincero enthusiasmo, até dispendendo dinheiro! Visitava frequentemente o navio, acompanhava os officiaes, assistia ás copiosas festas com que foram obsequiados. Releu, meditadamente, por essa occasião, os «Lusiadas», descobrindo-lhe novos primores. Ninguem gritava como elle: «Viva Portugal! Viva!»

Partindo o navio, recahiu no antigo e monotono viver.

Sómente se lhe accendia a ambição ao passar por alguma livraria. Não havia pressa que o impedisse de parar um momento, examinar as lombadas das obras, decifrar-lhes os titulos e o nome dos auctores, namoral-as. Ah! si possuisse uma pequena fortuna, si dispuzesse de um modico capital, com que pudesse tambem abrir a sua humilde livraria! Seria feliz, teria realizado todas as suas mais queridas e mais altas aspirações! Quando no mostrador deparava-se-lhe um volume

aberto, percorria avidamente as folhas em exhibição, fosse qual fosse a materia de que tratassem. E o sedentario, o sorumbatico, o esturdio, o pacato guarda-livros, preferia os livros de viagens, de aventuras, de crimes, ou os romances da sociedade elegante, cujo enredo se desenrolasse num mundo a elle inaccessivel.

Nisso se deleitava a sua imaginação. Muitas vezes, a madrugada o surprehendeu, debruçado sobre a mesa, á luz da vela quasi extincta, perdido em regiões remotas, enredado em mysteriosas peripecias. Arrependia-se dessas vigilias, como de uma extravagancia. Fechava, suspirando, o volume e reatava o fio do uniforme existir.

## XLVI

### Reapparece a Delfina

Durante mezes e mezes, não deu a Delfina signal de si. A recusa de lhe emprestar ou antes de lhe dar dinheiro (pois

Manuel João tinha certeza de que jamais reveria as sommas fornecidas), havia decididamente cortado as communicações entre os dous irmãos. Nem Manuel João procurara saber della, depois da ruptura, nem ella o mandara chamar. Ninguem mais falava na actriz. Eclipsara-se, esvahira-se.

Uma tarde, fosse por acaso, fosse levado do desejo inconsciente de rever a irmã, passou Manuel João pela ultima casa onde ella habitara. Deteve-lhe a attenção notar no predio desusado movimento. Nas janellas escancaradas debruçavam-se desconhecidos.

O guarda-livros desceu do bonde e se approximou. Grande cartaz á porta annunciava o leilão dos moveis e alfaias existentes na casa.

O ingresso era livre. Muita gente, chapéo na cabeça, percorria os aposentos. Até senhoras procuravam conhecer as particularidades do viver intimo de uma actriz e mulher publica.

Manuel João entrou. Reconheceu os trastes da irmã, todos catalogados, com o distico indicador da dispersão imminente. O leilão tocava ao fim. Quasi todas as cousas valiosas já haviam sido arrematadas.

O leiloeiro, com a voz enrouquecida, ia apregoando os derradeiros lotes, entremeiando a enunciação dos preços com chalaças, apreciadas por uma parte dos auditores. Era verdadeira « queima », isto é, as vendas se effectuavam por quantias infimas, irrisorias.

Manuel João, attonito, e entristecido, assistiu ao desmancho do meio onde sua irmã vivera, á acquisição por indifferentes de objectos que haviam testemunhado uma das mais intensas commoções por elle experimentadas: a narrativa da morte dos pais, a evocação das scenas da infancia. O espectaculo daquelle desmantelo, prova da instabilidade dos destinos humanos (tantas cousas reunidas e coordenadas com cuidado, trabalho e amor,

formando algum tempo um conjuncto homogeneo, desaggregadas e separadas, de repente. para provavelmente nunca mais se ajuntarem) produzia em Manuel João amarga tristeza.

Mas porque se desfaria a Delfina de sua mobilia? Para onde teria ido? Que lufada a arrastaria?

Subito, um dialogo esclarecedor chegou ao guarda-livros:

— Será certo que a Delfina embarca amanhã para Europa? indagava um sujeito.

— Parece que sim, respondeu outro. Não lhe era possivel continuar no Rio de Janeiro. As rendas lhe escasseavam. Estava crivada de dividas.

— E si o leilão não produzir com que satisfazer os credores?! Como vê, os preços são insignificantes...

— Algum antigo apaixonado se encarregará de liquidar as contas.

— Qual? A pobre Delfina já não inspira paixões e os velhos conhecidos a

abandonaram. A ultima enfermidade arruinou-lhe os encantos que sobrenadavam. Está um destroço! Talvez o clima da patria a reconstitua. Aqui não duraria seis mezes, sobretudo na penuria em que ella se acha.

Manuel João não poude ouvir mais. Invadiu-o agudo remorso.

A irmã havia estado enferma, padecera miserias, era coagida a partir, e elle não a visitara, não a soccorrera, não a amparara!

Faltara ao seu dever! Nem lhe mitigava o remorso a recordação do que fizera pela Delfina pesados sacrificios, dera-lhe sommas relativamente avultadas, competindo pois, á actriz mostrar-se reconhecida, despedir-se delle, explicar-lhe a inesperada viagem!

Sahiu. Correu a informar-se do paquete que partia para a Europa, inquiriu nos theatros a residencia da irmã. Ninguem o sabia. A Delfina passara; como que morrera.

No dia immediato, Manuel João tomou um bote e foi para o vapor. No escriptorio da respectiva companhia, não constava a tomada de passagem pela Delfina.

Grande agglomeração a bordo! Manuel João, mettido na confusão que precede ao levantar o ferro de vasto transatlantico, procurava a irmã baldamente. Interrogou o commissario, visitou os camarotes, percorreu todas as dependencias do navio: nada! Convenceu-se de que o homem da vespera se enganara ou que a actriz adiara a partida.

Pensava em voltar á terra, pois os visitantes e os que tinham ido acompanhar amigos e parentes já se despediam e se retiravam, quando avistou um escaler que, a toda força, se acercava do vapor. A' popa dessa embarcação, vinha a Delfina sósinha.

Apressadamente, galgou ella a escada que os marinheiros se aprestavam a alçar. Varias malas foram içadas, em seguida.

Apenas, porém, a actriz pisou no convez, um sujeito que, como Manuel João, andara a esquadrinhar os grupos de passageiros, atirou-se a ella bradando enfurecido :

— Então, a senhora pretendia pôr-se ao fresco, sem me prevenir ? !... E' uma velhacaria que não admitto... E apresenta-se assim no ultimo momento para escapulir, sem ser incommodada . . . Boas ! Pague-me primeiro, si quer seguir viagem. Do contrario, impeço-lh'a e faço aqui uma estralada de todos os diabos.

A Delfina, ao ver o sujeito, recuara, como tentando fugir. Attrahidas pelos berros do homem, muitas pessoas accorreram. Informadas do caso, umas riam, outras protestavam contra o escandalo. Tão petulante e desembaraçada outr'ora, a actriz parecia agora acabrunhada. Lançava olhares supplices, quasi lacrimosos, aos assistentes e ao reclamante. Approximou-se deste, balbuciando phrases im-

plorativas : que tivesse paciencia... havia de ser pago... ella estivera doente...

A furia do homem cresceu. Brutalmente, despejou contra a coitada um diluvio de epithetos affrontosos : — ladra, miseravel, cachorra, infame...

Manuel João, desde que a enxergara, no escaler, sentira-se movido de piedade. A irmã mudara muitissimo : estava livida, magrissima, avelhantada, denotando grave soffrimento. Comquanto ainda espectaculoso, seu vestuario trahia pobreza.

A principio, immobilisado pela indignação e pela surpresa, Manuel João enfrentou, de um salto, com o credor, quando este rompeu em injurias. A Delfina soltou uma exclamação de contentamento e allivio, ao reconhecer o irmão.

Muito pallido, mas firme e imperioso, Manuel João interrogou :

— De que é que se trata ?

— E' esta sem vergonha — respondeu o sujeito, — esta canalha que, além de innumeros favores, de toda a casta,

deve-me não pequena quantia, tem-me ludibriado da mais ignobil maneira, e, agora, quer safar-se sem a menor satisfação, roubando-me...

— Bem,— atalhou Manuel João,— tirando do bolso um cartão de visitas. — Sou guarda-livros da casa cujo endereço ahi está e de outras conhecidas e importantes. Responsabiliso-me pelo prompto pagamento das dividas que accusa. Si quizer, assigno-lhe um documento em regra. Serve-lhe?

O homem hesitou, mas annuiu:

— Serve.

Manuel João voltou-se para a irmã, e, com immensa doçura:

— Desça Delfina. Vá para o seu camarote, vá tranquilla arranjar as suas cousas...

A actriz apressou-se em obedecer, sumindo-se na escada que deitava para o interior do navio.

Manuel João dirigiu-se de novo ao sujeito:

— Procure-me hoje mesmo, ou amanhã cedo, para liquidarmos as contas.

O homem, meio desconfiado, mas cedendo ao tom peremptorio do guarda-livros, deu um passo para se afastar, resmungando :

— Até logo.

Manuel João reteve-o pelo braço :

— Espere um segundo. Ha ainda um pequeno negocio a resolver-se entre nós. O senhor, diante de toda esta gente, injuriou do modo mais rude e baixo aquella mulher. Ella é minha irmã. Eis a resposta... — E, com toda a força do seu legendario braço, assentou em plena face do sujeito uma bofetada que o atirou a alguns passos de distancia.

Cheios do enthusiasmo que desperta todo o acto de cavalheirosa energia, os circumstantes applaudiram :

— Bem feito ! bem merecido ! Sim, senhor !...

— Irra ! que pulso ! — exclamaram outros, com admiração e respeito.

O esbofeteado rolou no chão, ergueu-se a custo, e, como Manuel João caminhasse resolutamente para elle, deitou a correr, gritando: « Péga... péga... assassino!... » no meio de geraes gargalhadas.

Mas ouviu-se uma sineta e a voz de um empregado de bordo annunciando que o vapor ia mover-se. Precipitaram-se para a sahida os ultimos visitantes. Manuel João, empurrado pelos outros, achou-se, máo grado seu, no escaler que o levara. A helice do paquete começava a bater nas aguas. Manuel João ordenou ao patrão do escaler que não se afastasse por alguns instantes do transatlantico. Queria dizer adeus á irmã. Não foi baldada a sua espectação. Quando o vapor accelerava a marcha, o vistoso chapéo de plumas da Delfina assomou na amurada. Informada, sem duvida, do que occorrera, a actriz inclinou-se, e, com as pontas dos dedos, poz-se a atirar beijos ao guarda livros, como outr'ora á platéa acclama-

dora. A distancia entre elles ampliou-se. O vulto da Delfina esvaeceu-se. Manuel João chorava.

## XLVII

### Annos de paz

Apezar da bofetada, o credor de Delfina não deixou de procurar Manuel João, no dia seguinte. Era um usurario, useiro e veseiro nas peiores artimanhas. Montava a alguns contos de réis a quantia devida pela actriz e comprovada por documentos irrecusaveis, pois os individuos daquella especie conhecem a lei minuciosamente e seguram-se quanto possivel nas suas abusivas transacções.

Manuel João, sem lhe oppor nenhuma reluctancia, entregou-lhe todo o dinheiro que conseguiu apurar e assignou quantos papeis elle exigiu. Essas responsabilidades, sommadas ás anteriores, ainda não extinctas, tornaram-lhe outra vez summamente precaria a situação. Atirou-se ao

trabalho e á economia com excessos até então nunca attingidos. Recorreu a todos os camaradas e conhecidos, supplicando-lhes, não dinheiro, mas trabalho. E o trabalho affluiu. Não repousava. Pouco dormia, mal se alimentava, trajava humildemente, reduziu os seus dispendios ao minimo compativel com a vida. Só a robustez excepcional do seu organismo resistia áquelle regimen exhaustivo.

Graças á perseverança, ao esforço ininterrupto, á energia obscura, mas irreductivel, fazia milagres: ia aos poucos se emancipando de suas dividas. E' evidente que. desse geito, seu retrahimento, sua mudez, suas exquisitices augmentavam quotidianamente. Invencivel tristeza o dominava. Raramente sorria. Escravo, condemnado a labor sem tregoas, não se queixava. Carregava a sua pesada cruz, solitariamente, sem Cyreneu. Era a incarnação inconsciente do espirito de dedicação e de sacrificio. Não via merito no cumprimento do dever : desempenhava-o

natural, espontanea. quasi automaticamente.

E riam-se delle. Achavam-no ridiculo, merecedor de escarneo, pela sua figura, pelos seus modos, pelas suas roupas, pela sua sordidez... Acreditavam que elle possuia uma fortuna escondida...

Volveram assim annos vulgares. Manuel João, devido a tamanhos descommodos, rapidamente envelhecera. Trazia crescida a barba e o cabello de um branco amarellado. Usava oculos azulados. Era um typão.

Nos annos decorridos, o unico episodio anormal consistiu numa viagem que, de chofre, elle emprehendeu. A lembrança de Irene não se lhe apagava do espirito. Sempre que a sua alma se recolhia, sempre que scismava, sempre que pendia para cousas ideaes, a pallida imagem da morta surdia, banhando-o de doçura, de saudade, de amor. Um dia entrou a sentir vivo desejo de lhe ir visitar o tumulo, de rever os logares onde tanto havia

soffrido. Porque esse desejo? Donde viera? Não o sabia. Mas forçoso foi ceder á sua terna e irrepressivel vehemencia. Muniu-se de uma bella coroa funebre, e, silenciosamente, mysteriosamente, como quasi tudo praticava, partiu.

O dono do hotel onde Irene succumbira não era o mesmo. Não mudara a physionomia material da povoação. Manuel João, porém, não encontrou uma só das pessoas com quem tratara outr'ora. Ninguem tambem o reconheceu. Longo tempo quedou no salão em que se erguera o catafalco e na alcova em que o corpo jazera. Fez algumas perguntas a respeito do facto. Poucos, vaga e confusamente, se lembravam da morta. A sua passagem fora leve, rapida, sem relevo. Restava apenas a reminiscencia indistincta de uma sombra soffredora que deslisara, a sorrir.

No cemiterio custaram a lhe indicar a sepultura. Nenhuma inscripção a assignalava. No logar que lhe designaram,

depois de muito procurar, Manuel João depositou a sua corôa, e, ajoelhado, permaneceu longamente a meditar. Compro u as flores naturaes que na localidade po ude achar e desfolhou-as em cima do solo raso do jazigo.

No dia seguinte, fechado, incommunicativo, como havia vindo, regressou á faina, ás absorventes tarefas de todos os dias. A piedosa homenagem o alliviou. Foi como si houvesse desempenhado mais uma sagrada obrigação.

## XLVIII

### Ainda !

Mais alguns annos volveram... Manuel João conseguira, emfim, realisar a sua antiga e tão protrahida pretensão. Soube que pequeno negocio de livros, situado numa das ruas centraes, estava por vender. Com o dinheiro constantemente economisado e servindo-se ainda uma vez do credito, robustecido pelo es-

crupulo com que saldara as suas dividas, adquiriu o negocio, despediu-se das casas onde tantos annos trabalhara como guarda-livros, e estabeleceu-se. Que somma incalculavel de tenazes e estoicos esforços não representava esse resultado apparentemente comesinho!

Si uniforme e monotono lhe fora até então o existir, mais monotono e uniforme dahi em diante se tornou. Indizi-veis a sua alegria e o seu orgulho, na primeira noite em que dormiu no estabelecimento! Ao despertar na manhã seguinte, levou alguns minutos a duvidar da realidade. Parecia-lhe tudo fugaz miragem, prestes a se dissipar.

A casa era acanhada. Além da sala da frente, abarrotada de estantes, com as obras encadernadas e brochadas, tinha uns tres cubiculos, dando para exiguo pateo no fundo. Num dos cubiculos collocou Manuel João o leito de ferro. Ao lado, grosseiro lavatorio. Junto á cama, uma cadeira com livros empilhados, ao

pé de uma vela. Era para as leituras deitado.

Elle proprio varria os commodos, lembrando-se de seu tempo de caixeiro, e preparava o almoço, composto de café, leite e pão que lhe levavam á porta. O dia inteiro occupava-se com livros, folheando-os, limpando-os, catalogando-os, vendendo-os ou comprando-os. Si o trabalho lh'o consentia, sentava-se a uma mesa proxima á rua e ahi lia ou escrevia, fiscalisando a loja, horas e horas. A' tardinha, jantava num hotel visinho, deixando a casa fechada. Nos domingos ia á missa, dando uma volta pelo Passeio Publico, onde embevecido contemplava o mar, e voltava para a livraria, empregando o tempo disponivel nas costumadas leituras.

Desse inalteravel programma só se arredava quando se annunciavam leilões de livros. Não faltava: examinava, escolhia, arrematava com a segurança de um profissional. Em se tratando de edições

portuguezas raras, não trepidava ante preços elevados, disputando-as valentemente aos concurrentes.

O negocio, porém, não produzia os lucros com que elle contara, dando-lhe apenas para passar parcamente. Ganhava menos do que outr'ora, mas a vantagem actual estava no socego, na independencia e, sobretudo, no viver conforme aos seus gostos.

Assim, pois, afeito a severa economia, Manuel João não modificou seu velho systema.

Divulgada a sua mania, levavam-lhe preciosidades bibliographicas que elle não regateava. Um dos seus maiores jubilos consistiu em obter não muito caro uma collecção secular das obras de Camões, que percorreu com verdadeira devoção. Contemplava os volumes raros, cheio de carinho e respeito. Receiando se estragassem ou fossem furtados (pois aferia pelo seu o apreço dos outros), arranjou num leilão amplo cofre de ferro,

onde encerrou ciosamente esses thesouros. E ao abrir o cofre apresentava a uncção de um sacerdote perante o sacrario.

O seu modo de vida, a sua esquivança, as suas excentricidades, grangearam-lhe certa celebridade. Appellidaram-n'o o tio *Manuel dos Livros*, decididamente um typão.

E tinha fama de muito rico, usurario e sovina. Corroboravam essa crença a sobriedade de sua alimentação, a humildade do seu traje, a par da sua prodigalidade no tocante a obras preciosas. O cofre, de cuja chave não se separava e que descerrava com zelosas precauções, originou a legenda de que dentro se accumulavam rolos de moedas, joias e diamantes. Os estudantes com quem mercadejava faziam-lhe troças, embora elle, sempre prompto a attendel-os, a muitos fornecesse dados sobre publicações, indicações uteis. Nunca recusava soccorro aos necessitados que lh'o pediam, e

guardava a respeito o habitual silencio. A ninguem odiava, a ninguem prejudicava, a ninguem affligia.

No seu limitado horisonte, outra ambição não se lhe antolhava que a de continuar naquillo mesmo. Havia encontrado a sua situação definitiva. Mas o destino inexoravel lhe reservava imprevistas complicações.

Um dia, voltando de um leilão, succedeu-lhe atravessar uma das ruas mais escusas da cidade, rua habitada por mulheres de má vida. Na janella de uma casa terrea, de repugnante aspecto, avistou uma physionomia feminina estragada pela devassidão ou por enfermidades, mas accusando traços de antiga formosura. Os olhos de ambos se cruzaram; ambos estremeceram. A mulher quiz fugir, fechar a janella. Não teve tempo. Manuel João se achegara, exclamando:

—Delfina!

—Entre... respondeu ella, abrindo a porta.

— Que é isto? — indagou o livreiro, depois que entrou. — Você por aqui!... Ha quanto tempo chegou? Por que não me preveniu?...

Sem o menor constrangimento, despejadamente, a Delfina referiu o que lhe havia acontecido após a separação no transatlantico.

Acossada pelos credores do Rio, partira, suppondo encontrar na terra patria propicia acolhida. Enganara-se. Sahiu-se pessimamente. Supportara na Europa aborrecimentos e miserias incriveis. Decididamente não se podia aturar mais o Velho Mundo! Resolvera regressar ao Brazil. Antes de se fixar no Rio de Janeiro. percorrera varias cidades do interior, fazendo parte de infimas companhias theatraes. Nenhum dinheiro ganhara, descendo cada vez mais, perdidas a belleza e a saude.

No Rio, mudara de nome, ensaiara multiplas profissões: costureira, criada de servir, comparsa, — servindo como

subalterna nos mesmos logares aonde figurara na primeira plana. Desconheciam-n'a, repudiavam-n'a muitos que outr'ora haviam sido seus ardentes partidarios. Em resumo: tudo lhe falhara, tudo se lhe abatera. Um caiporismo negro! E doente! E obrigada a despezas enormes com medico e botica. E alli estava no derradeiro gráo da miseria e da abjecção, padecendo horrores, quasi morrendo á mingua, quasi recorrendo á caridade publica.

— Por que não me procurou? — insistiu Manuel João, sensibilisado, reparando na penuria, no desasseio do aposento.

— Procurei a principio, mas não me davam indicações seguras. Depois, para que? Você não estava em condições de me servir. Podia tambem repellir-me. Não quiz me expor a mais uma humilhação ou a mais um desengano.

E Manuel João, com lagrimas na voz:

—Fez mal, Delfina. Devia ter vindo a mim. Sou seu irmão. Minha obrigação é auxilial-a. Você não pode ficar aqui. Isto aqui é uma miseria, uma ignominia.

—Mas para onde hei de eu ir?

— Vai para minha pequena casa,— porque eu agora tenho casa, até se arranjar cousa melhor.

— Qual! — contrariou a Delfina. E' melhor me deixar onde me achou. Si quer me auxiliar, dê-me dinheiro, que é do que eu preciso.

— Não!—protestou Manuel João. Não admitto. Vai para a minha casinhola, e hoje mesmo, sim?

Tinha o diapasão supplicante, como a solicitar grande favor. Depois de muita reluctancia, ella condescendeu:

— Para fazer-lhe a vontade, irei. Mas olhe, devo prevenir: não sou facil de aturar. As desgraças peioraram a minha natureza, já de si indomavel. Não mudarei mais... Costumo praticar o que bem me apraz, sem contemplações, nem bons

modos. Tenho os meus habitos, as minhas exigencias. O melhor, repito, é deixar-me em paz.

— Não, não... Reflicta. Minha irmã não pode continuar aqui, nesta rua, nesta casa. Não ha objecções que me demovam. Vou arranjar tudo para recebel-a. Aprompte-se, emquanto eu não volto. Quando eu chegar, quero achal-a preparada para irmos. Até já...

Tomando o chapéo, Manuel João sahiu apressado, entre os risos e as chalaças da ignobil vizinhança.

Em menos de duas horas, comprou os objectos necessarios á installação da irmã. Com os poucos moveis da loja, improvisou um commodo ao lado do seu. Muniu-se de louça e de alimentos para o jantar. A' noitinha tomou um carro e foi buscal-a. A Delfina o acolheu contrariada:

— Ainda uma vez: o melhor é deixar-me. Você vai se arrepender desta extravagancia... Não nos entenderemos. Não me tolerará...

Manuel João a tudo era surdo. Resolvera levar a irmã; havia de leval-a. Rapidamente, providenciou acerca do fechamento da casinha, da entrega das chaves e remoção da reduzida bagagem, pagando algumas contas atrasadas de fornecedores, que acorreram sabendo da mudança.

Ao apeiar á porta da livraria, fez a Delfina um gesto de desdem:

— Ora! Só isto!—pensei que me trouxesse para um palacio. Francamente, não valia a pena...

Percorrendo a exigua habitação repetiu:

— Na verdade, não valia a pena tirar-me da minha casa para me metter nesta possilga!

Manuel João não se sentiu com forças para explicar á irmã a differença entre o logar infame de que ella sahira e a nova, serena e honesta vivenda. Disse apenas:

— Aqui é melhor... verá...

— Não sei... não sei...

— Tenha paciencia. Já lhe disse: é por pouco tempo; é só emquanto não se obtem cousa melhor.

— Mas isto aqui é tão pequeno como lá, e mais triste... Eu podia esperar mesmo lá.

— Naquella rua e com aquella gente, você não podia continuar.

— Por que não? Ora essa! Eu estava tão habituada! E' a minha gente. Cada um com aquillo para que nasceu.

Manuel João serviu o jantar que havia preparado. A Delfina comeu e bebeu á farta, como si de ha muito não encontrasse pitança tão appetitosa. No fim, mostrava-se excessivamente alegre, fumando, cantando coplas obscenas, com voz rouca. Era a primeira vez, depois da infancia, que os dous irmãos jantavam juntos. Manuel João tentou encaminhar a conversação para cousas da aldeia e da familia. A Delfina cortou, bocejando:

— Deixemo-nos de recordações melancolicas e enfadonhas. Fallemos de

assumptos divertidos. Para tristezas bastam as actuaes...

Manuel João insistiu baldadamente; não lhe arrancou mais uma palavra. Como os bocejos augmentassem, mostrou-lhe o leito, o mesmo de que até então elle se servira.

— Porcaria! — disse ella, atirando-se á cama, onde minutos depois roncava.

Quanto ao livreiro, dormiu essa noite, como antigamente, deitado sobre o balcão.

## XLIX

### Martyrio

Não mentira a Delfina: o genio della era incompativel com o do irmão. Desde logo houve attritos, altercações, começando para Manuel João uma existencia infernal.

Fôra, na realidade, extravagante a idéa do livreiro introduzindo em seu casto e tranquillo refugio uma mulher pervertida, ingrata, exigente, avesada á desor-

dem e ao barulho. Não lhe iam os habitos ordenados e methodicos de Manuel João. Gritava, exasperava-se, a cada momento, por qualquer cousa, sem a menor razão; descompunha-o, recriminando-o, fazendo-lhe continuas e revoltantes pirraças. Constantemente, pedia-lhe dinheiro. Si elle recusava, chamava-lhe fona, miseravel, accusando-o de a estar matando á fome.

Manuel João planejara fazer della uma auxiliar que lhe tomasse conta da loja e dos livros, emquanto elle sahisse. A nenhum serviço ella se sujeitava. Queria a completa ociosidade, passando os dias deitada, a fumar, a cantarolar, a beber.

— Como me aborreço! como me aborreço! — exclamava.

E eram bocejos, suspiros, queixas infindaveis, entremeiadas de expressões indecentes.

Breve, não foi Manuel João o unico a soffrer. A Delfina entrou a brigar com a vizinhança, provocando escandalos quando

se embriagava, o que com frequencia succedia. Sahia, ás vezes, demorava-se, recolhia-se tarde, transtornando todo o regimen de Manuel João. Contrahia dividas, em nome deste, nas vendas proximas; afugentou-lhe a freguezia.

Por outro lado, a maledicencia não o poupava, attribuindo a moveis indecorosos a sua cohabitação com a ex-artista, contestando o parentesco. Murmurações injuriosas, sorrisos de escarneo os acompanhavam.

— Qual irmã! qual nada! — asseveravam. Alli o que ha é grossa capadoçagem...

Sériamente arrependido, não sabia o livreiro que partido tomar. Complicara e desorganisara seu plano de vida, tão longamente sonhado e tão difficultosamente conseguido. Despedir a Delfina? Não. Reintegral-a na infame casinhola? Impossivel. Montar casa separada para ella? Não lh'o facultavam seus recursos. Continuar naquillo? Insupportavel supplicio...

As suas relações com a irmã azedaram-se ao ponto de não mais conversarem. Apenas se approximavam um do outro, na hora das refeições. De longe, porém, a Delfina costumava berrar:

— Quem o mandou me tirar de onde eu era feliz? Agora, é aguentar-me. Pensa que me vou embora? Pois não vou... Ha de me sustentar... E' a sua obrigação... Sou sua irmã... A casa é tambem minha. Não me vou daqui... não me vou... ainda que seja só para o moer.

Manuel João supportava tudo com inaudita paciencia. Quando sentia a calma prestes a fugir, tomava o chapéo, abandonando a loja, e andava longamente pelas ruas, cabisbaixo, as mãos cruzadas nas costas. A irmã impedia-lhe o negocio. Os visinhos deixaram de o cumprimentar. Uma occasião, a policia veiu aquietar a algazarra provocada por ella. Manuel João ouviu rude reprehensão e ameaças.

Cioso das suas edições raras, equivalentes para elle a sagradas reliquias,

pediu á irmã não tocasse nas que não cabiam no cofre de ferro. Elle, com infinito respeito e cuidado, limpava-as, mirava-as, examinava-as, receioso de que se deteriorassem.

Uma noite, após um dos costumados excessos da irmã, por causa de recusa de dinheiro, o livreiro retirou-se e vagabundou tristemente até deshoras. Ao voltar, encontrou a loja em desordem, livros e papeis esparsos no chão. O coração presago lhe annunciou um infortunio. A Delfina estava deitada. Ouvindo os passos do irmão, atirou o cigarro, soprou a vela e fingiu dormir. Alguns dos mais preciosos e queridos livros de Manuel João achavam-se dilacerados, cuspidos, inutilisados! Manuel João dirigiu-se á irmã com um dos volumes profanados na mão, e gritou-lhe:

— Quem foi o auctor desta perversidade?

Ella não respondeu; tresandava a cachaça.

— Quem fez isto ? repetiu, segurando-a.

— Sei lá, retrucou ella, virando-se para o canto... Deixe-me em paz. Não seja bruto.

— Quem fez isto ? quem fez isto ?! repetiu o irmão, sacudindo-a com força.

— Largue-me, besta, assassino !. . . expectorou ella.—Eu chamo por soccorro...

— Quem fez isto ? !. . .

— Ora, imagine que fui eu, para me divertir. Quero ver o que o senhor me faz...

Manuel João desvairou-se. Todos os desaforos, todas as ingratidões, todas as vilezas da Delfina acudiram-lhe em tropel. Cegaram-n'o a colera e a indignação. Levantou o braço e a esbordoou, cobrindo-a de terriveis pancadas, com o antigo vigor. Ella, em começo, tentou resistir; mas, subjugada, entregou-se, submetteu-se sem gritar, soltando simplesmente lamentosos gemidos. Por fim, cahiu no chão, meio desmaiada.

Manuel João precipitou-se para rua. Toda a noite gyrou ás tontas pela cidade.

Logo lhe veiu o remorso do acto violento contra a irmã. A passividade della o desesperava. E si a houvesse ferido? E si lhe determinasse a morte? Em todo o caso, a Delfina era uma desgraçada mais digna de piedade que merecedora de ira. Conhecera a opulencia, as acclamações populares, a grande vida, e, presentemente, soffria os horrores da indigencia e do geral desprezo! Coitada da Pastora, tão meiga, tão gentil annos atraz! Pareceu-lhe monstruoso o que praticara. Embora provocado, devia ter mostrado longanimidade, dominar-se, enfreiar a fereza a que cedera. O unico partido razoavel, agora, consistia em pedir-lhe perdão, montar-lhe uma casa separada, já que não podiam viver juntos.

Amanhecia quando tornou á loja. Um policial estacionava no limiar da porta. Manuel João tremeu, estacou livido, suppondo que a irmã succumbira. Approximou-se, fóra de si. O policial explicou:

—Achei a porta escancarada. Chamei, ninguem me respondeu. Fiquei então de sentinella, á espera do dia para avisar a auctoridade.

Manuel João entrou. Havia desapparecido a Delfina. Havia desapparecido tambem tudo quanto existia de algum valor na livraria. Gavetas arrombadas, roupas e moveis revolvidos... Dos livros raros, faltavam muitos. Até o cofre apresentava vestigios de violencia.

Teria sido a Delfina, ou alguem que se aproveitara do abandono da casa? Manuel João não o indagou. Tranquillamente, tristemente, reparou a desordem e poz-se a trabalhar, como dantes, qual si nada de anormal houvesse succedido.

## L

### Ultimo dever

Mezes depois, achava-se Manuel João livre de preoccupações, lendo serenamente na loja, quando perguntaram, á

porta, pelo seu nome, e entregaram uma carta. O portador era um empregado da Santa Casa de Misericordia e a carta, de assignatura illegivel, convidava o livreiro a, sem demora, apparecer no hospital, onde alguem lhe precisava falar. Lembrou-se elle logo de Delfina, cujo paradeiro ignorara durante o tempo decorrido. Interrogou o empregado:

— Sabe você de quem é que se trata? E' de uma mulher?

— Não sei, — respondeu o homem, indifferente.

Manuel João hesitou em acudir ao chamado. Para que ir? Não seria perturbar ainda uma vez a sua tranquillidade, colher novos dissabores? A vida lhe estava correndo agora á feição de seus desejos: isolada, obscura, simples, quieta. Receiava de novo complical-a. Mas, insensivelmente foi andando, e, ao dar accordo de si, lá se achava.

Tratava-se, effectivamente, da Delfina. Estava moribunda, o corpo todo

ulcerado, irreconhecivel, tão mal que nem falava mais. O livreiro experimentou viva commoção, ao penetrar na enfermaria, talvez a mesma em que, menino, jazera ferido. Que destino teria tido a meiga e formosa irmã de caridade que, naquella época, tão maternal se lhe mostrara ?

O aspecto da sala não se alterara ; os mesmos leitos alvos enfileirados, o mesmo Christo na parede branca. Elle, porém, quanto havia mudado ! Como se tinham dissipado seus projectos e illusões ! Preferivel houvera sido ter expirado naquella occasião. Que significava, que valia, em ultima analyse, a longa e insipida existencia que arrastara ?

Acercou-se da cama da Delfina, que dormitava. Quando abriu os olhos e avistou o irmão, na physionomia da agonisante perpassou um clarão de jubilo. Não trocaram palavra. Manuel João sentou-se ao pé della, tomou-lhe carinhosamente a mão gelada e ficou a olhar. Agitavam o corpo da Delfina fortes soluços. A espa-

ços, uma religiosa vinha dar-lhe uma poção e verificar os progressos da morte.

— Olhe, disse, inclinando-se para a Delfina,— é seu irmão que veiu visital-a. Nada tem a lhe communicar?

Ella descerrou os cilios e fugitivo sorriso enfeitou-lhe os labios lividos.

Ungiu seu rosto infinita meiguice, indizivel gratidão.

— Nenhuma esperança? — inquiriu Manuel João da religiosa, de modo que a Delfina não o ouvisse. Não se poderia chamar outros medicos, especialistas? Talvez novos medicamentos... Façam-n'o por minha conta. Responsabiliso-me por qualquer despesa. Nada poupem para a salvar...

A religiosa abanou a cabeça e ergueu os hombros, como que significando:

— Para que salvar a Delfina?

Manuel João abeirou-se de novo da enferma e não a abandonou até o desfecho da longa mas suave agonia. Cruciante, voltou-lhe o remorso que o pungira

após as pancadas. Quem sabe si essas pancadas haviam produzido ou aggravado a molestia a que ella succumbia ? ! Não procedera para com ella como devia, não fôra bastante paciente e caridoso. Coitada ! Aquellas impertinencias, aquelles excessos provinham naturalmente da enfermidade.

O soffrimento de Manuel João attingiu tal agudeza que, sem se importar de ser visto dos estranhos, ajoelhou-se, e, beijando a mão da irmã, inundando-a de lagrimas, soluçou :

— Delfina, você me perdoa ?

A moribunda entreabriu as palpebras, espantada, sem duvida.

— Por nossa mãi, por nosso pai, por nosso tio padre, pelo amor de Deus, perdoa-me, Delfina. Fui brutal, fui máo comtigo ! Delfina, perdoa-me.

Ella sorriu vagamente ; de leve lhe apertou os dedos. O sorriso e o movimento foram mais de quem pede do que de quem concede perdão.

— Obrigado ! obrigado !... continuou o livreiro. Quanto me arrependo ! Quanto me humilho a teus pés. Fica boa, Maricota. Restabelece-te, levanta-te, gentil Pastora. Dar-te-hei uma casa nova, toda branca. Dar-te-hei tudo quanto exigires. Iremos juntos á aldeia, visitar os sitios onde brincavamos pequeninos... Minha irmãzinha, minha companheira, minha filha... fica bôa... não morras, por piedade... não morras...

A Delfina estremeceu ; abriu largamente os olhos que, immensos, fulgurantes de claridade mystica, fixaram-se docemente no irmão : ainda uma vez sorriu e lhe comprimiu os dedos. Depois, olhar, sorriso, pressão enfraqueceram, apagaram-se. O corpo inteiro agitou-se ; a boca mexeu-se, tentando falar. Uma lagrima vagarosa desceu pela face. Inteiriçou-se... E, nos labios, depois que expirou, fino e suavissimo sorriso resurgiu.

Verificado o obito, removeram o corpo para outro aposento, onde o amortalha-

ram. Manuel João obteve licença para passar o resto do dia e a noite junto a elle. Não repousou um instante até á inhumação, chorando, repetindo as rezas que o tio padre mestre lhe ensinara. Ordenou que o enterro se effectuasse com algum apparato. Elle sosinho acompanhou o caixão ao cemiterio. Mandou preparar enormes ramilhetes semilhantes aos offerecidos, na época dos triumphos, pelos admiradores da irmã e da Rosa. No momento em que o feretro baixava á cova, atirou dentro desta todas essas flores, ornadas de largas fitas pendentes, como outr'ora tinha visto atiral-as ao palco

## LI

### D. Sebastião

Depois da morte da Delfina, ainda mais sombrio e mettido comsigo tornou-se Manuel João. Adoptou perpetuo trajo de lucto, deixou crescer a barba e o cabello

totalmente grisalhos, o que, com os oculos escuros e a normal expressão carregada do semblante, dava-lhe aspecto realmente tetrico. Raras vezes sahia da loja, cujo acanhado negocio continuava a lhe fornecer parcos meios de subsistencia. Nem mesmo os leilões de livros o attrahiam. A propria reduzida alimentação elle a preparava sem auxilio estranho.

Agora, quando não lia, escrevia longamente, tomando notas em multiplos cadernos, numerados e classificados com rigoroso methodo. Para que tantas notas? Estaria compondo alguma obra? Quem passava na rua via-o curvado sobre a secretária, a cabeça numa das mãos, os oculos na testa, escrevendo ou folheando um volume:

— Lá está o tio Manuel dos livros malucando, diziam rindo.

Si alguem entrava, collocava a penna atraz da orelha, abaixava os oculos e attendia, pronunciando o menor numero

de palavras possivel. Nas compras e vendas não regateava. Si o freguez não concordava com o preço pedido ou offerecido, sentava-se e recomeçava a trabalhar, sem prestar mais attenção ao estranho. Era inutil qualquer reflexão ou insistencia.

— E' o que me convem,—declarava. E não havia sahir dahi.

Aos domingos, o mesmo invariavel e antigo programma: a missa, a excursão pelo Passeio Publico, a contemplação silenciosa do mar. Para qualquer festa ou subscripção patriotica não negava o seu donativo, pequeno, mas outorgado com a melhor vontade.

Num ponto, entretanto, seus habitos tinham mudado. Travara conhecimento com dous velhos portuguezes que entraram a lhe frequentar a casa.

Alto, o primeiro, reforçado, vestido com apuro, o bigode raspado, soiças curtas e bem tratadas, punha timbre em ser o homem mais relacionado do Rio de

Janeiro, dando-se com toda a gente, tratando a todos por você ou tu. Contar novidades, trazer noticias constituia a sua especialidade. Ficava furioso si alguem relatava antes delle um facto recentemente succedido. Sabia e desenrolava a chronica da população inteira, repertorio vivo de anecdotas, genealogias e incidentes de familia. Corria pressuroso de casa em casa para transmittir um boato. Colleccionava bengalas, andando cada dia do anno com uma especial. Chamava-se Commendador Gomes de Senra. Antigo negociante, fallira, mas se rehabilitara, arranjando os negocios de modo a passar com certa abastança. Muito serviçal e prestadio, gostava de se encarregar de incumbencias, sentia prazer em effectuar compras para os outros, ufanando-se de que ninguem lograva comprar tão bom e tão barato como elle. Partilhava o culto de Manuel João pela Patria, Portugal, donde viera criança, sem nunca mais lá voltar.

— Aquillo é que é terra! — assegurava arregalando os olhos. — Só ali é que se vive!

O segundo não passava de um satelite do primeiro. Portuguez tambem, respeitoso e humilde, baixo, uma perna inchada que o obrigava a manquejar, e, apezar disso, muito andarilho, approvava invariavelmente tudo quanto o Commendador affirmava. Este, quando referia uma occurrencia, não deixava de invocar, em apoio de suas asserções, a palavra do companheiro:

—Não foi assim, Sr. Nunes d'Avila?

E o Nunes d'Avila, embora ignorasse o assumpto em questão:

— Foi, sim, Sr. Commendador. V. S. tem amplamente razão.

Reuniam-se os tres, todos os dias uteis, ás quatro horas da tarde, na livraria. Manuel João e o Commendador jogavam gamão. Nunes d'Avila assistia ás interminaveis partidas, sentado ao lado dos parceiros, approvando ou commentando

favoravelmente as affirmativas do Commendador, unico que falava, pois Manuel João escassas e breves palavras proferia. A' medida que atirava os dados, ou movia as pedras, o Commendador relatava os acontecimentos do dia, fazia apreciações politicas, analysava os artigos dos jornaes, desdobrava linhagem e filiações.

— Fulano ? ! — Oh ! conheci-o muito, e mais o pai, a mãi, o tio, por signal que em 1856...

E por ahi se espraiava, ia longe, emquanto o Nunes d'Avila confirmava :

— Sim, senhor. E' isso mesmo... Tem o Sr. Commendador carradas de razão.

Numa materia Manuel João se animava, falando um pouco mais que de costume. Era em se tratando da historia lusitana, que elle conhecia bem, e os outros muito por alto. A proposito de D. Sancho I, ou D. Affonso IV, travavam discussões. O livreiro emittia concisamente seu modo de pensar. O Commen-

dador contestava. Manuel João retrucava, citando datas, nomes de auctores, o que esmagava o contendor. Estavam, todavia, de accordo em que todos os reis de Portugal haviam sido inexcediveis soberanos, heróes sem par. Nunes d'Avila manifestou uma vez a sua intima crença de que o Sr. D. Sebastião bem podia ainda apparecer.

— Isso não, isso são bobagens !... contrariou o Commendador. El Rei D. Sebastião morreu em Africa, e quem morre não volta. Está claro...

— V. S. não deixa de pensar bem. Mas tem-se visto milagres maiores... Nossa historia está cheia de feitos assombrosos. Não me surprehenderá que as folhas annunciem, quando menos se esperar, o reapparecimento d'El Rei D. Sebastião, nosso Senhor. E será a salvação do reino de Portugal...

Manuel João confiou então aos amigos que estava exactamente colligindo apontamentos para uma chronica do

reinado d'El Rei D. Sebastião. Esses apontamentos constituiam o conteúdo dos mysteriosos cadernos que vivia a rabiscar e zelosamente aferrolhava no cofre de ferro. Viera-lhe a idéa da obra, relendo Camões.

— Que tal a acham?

— Excellente, muito louvavel e patriotica. Comprehendo o alcance...

— Sou do parecer do Sr. Commendador... Excellente.

— Mas peço-lhes reserva... Por ora é segredo.

— Fique descansado... A ninguem o communicaremos.

E com esta confidencia estreitou-se a amizade dos tres velhos.

## LII

### Castrioto

Comquanto conservasse a antiga robustez, devido á sobriedade e regularidade da vida, entrou, todavia, Manuel

João a soffrer os achaques inherentes á idade. Os rheumatismos começaram a tolher-lhe as juntas, sempre que o tempo se tornava humido. Já não podia trepar em cadeiras e subir lepidamente escadas de mão, para tirar livros das estantes. Custavam-lhe muito certos serviços domesticos que até então desempenhara com facilidade. Nunca tivera um criado, quem o auxiliasse, quem delle directamente dependesse. Sempre bastara a si proprio. Agora, não era assim.

Uma vez o rheumatismo lhe atacou de tal fórma os joelhos que o livreiro mal conseguiu erguer-se do leito, ficando, depois, pregado numa cadeira, a gemer, despedindo os freguezes, pela impossibilidade de attendel-os, inhibido mesmo quasi de prover á propria alimentação. Arrastara-se, padecendo dôres atrozes, para abrir a porta da rua. A loja não se varrera.

— Urge adoptar uma providencia, declararam o Commendador Gomes de Senra e Nunes d'Avila. Não consentimos

que continue deste miseravel geito. O senhor vai tomar um empregado que o alliviará dos encargos mais pesados. E' imprescindivel...

— Não,—reluctou Manuel João. Breve estarei curado. O melhor caixeiro, o unico que me entende e satisfaz sou eu mesmo.

Os outros voltaram á carga, e o livreiro, embora sinceramente lhe repugnasse admittir um estranho na sua intimidade, teve de ceder, porque os incommodos se accentuavam, coagindo-o a permanecer deitado dias inteiros.

Encarregaram-se os dous amigos de obter o empregado. Sem difficuldade acharam varios. Mas Manuel João exigia fosse portuguez, não dormisse na loja e possuisse alguma instrucção.

A fama das riquezas occultas do livreiro e da sua avareza havia corrido mundo. Não cessavam as referencias ao seu legendario cofre de ferro, repleto de ouro e pedrarias. Mesmo o Commendador

Gomes de Senra e o Nunes d'Avila acreditavam fosse o livreiro mais abastado do que confessava nos raros momentos de expansão.

— Este espertalhão, observava rindo o Commendador, guarda por ahi muita cousa accumulada. Finge-se de pobre por finura, para não ser importunado, no que anda com acerto. Cada um vive como entende, á sua guiza...

— Sou exactamente do parecer de vossa senhoria, ajuntou o Nunes d'Avila.

Essa geral supposição da fortuna de Manuel João contribuiu, sem duvida, para a affluencia de candidatos a seus empregados. Elle os interrogava e os recusava, pretextando desaccordo quanto ao salario e ás condições. De alguns dizia simplesmente:

— Esta cara não me vai.

Afinal, pareceu sympathisar com um rapaz alto, imberbe, pallido, feio, olhar de um azul metallico e duro. Determinou talvez a sympathia o facto de se mostrar

Castrioto (assim se chamava) reservado, de poucas palavras, tendo respondido seccamente ao interrogatorio. Accrescia, ao que colheu o livreiro, ser um engeitado. Não conhecia parente algum na aldeia portugueza onde nascera. Viera para o Brazil, havia pouco, sem protecção, sem recommendações. Andara aos boléos; servira em varias casas commerciaes, nenhuma das quaes logrou retel-o. Nunes d'Avila buscou informações: nada de grave; accusavam Castrioto de *casmurro,* mettido comsigo, um *exquisitão.* Essas analogias entre a historia e o genio do pretendente e a historia e o genio de Manuel João, fizeram com que este exclamasse:

— Achei o meu homem!

Castrioto foi acceito e começou a exercer as suas funcções.

Como receiava, modificaram-se algum tanto os habitos do livreiro, mas, em compensação, disfructou elle de mais descanso e saude. Castrioto ficou incumbido

dos serviços mais arduos: a limpeza da loja, as commissões na rua. Discutia com os freguezes o preço da acquisição e venda de livros, sob a fiscalisação do dono da casa, que, dispondo agora de tempo, não largava a secretária, todo absorvido pelo seu trabalho sobre D. Sebastião. Taciturnos ambos, o livreiro e o caixeiro pouco se falavam. O segundo dirigia ao primeiro breves interrogações, no mais conciso dos estylos. O primeiro transmittia ao segundo as suas ordens, rapida, secca, incisivamente.

Nos dias de chuva, sempre que escasseiava a freguezia, Castrioto permanecia horas immovel, de braços cruzados, emquanto Manuel João, curvado, lia ou escrevia, parecendo ignorar a presença do outro. Si nesses momentos se voltasse inesperadamente, o livreiro se espantaria da expressão de rancor com que o caixeiro o fitava. Porque, effectivamente, não eram de sympathia, antes surdamente hostis, os sentimentos despertados em

Castrioto pela rispidez, severidade e exaggerada parcimonia do patrão.

A's 6 horas da tarde, aquelle se retirava, depois que Manuel João voltava do jantar. Indagava, com o chapéo na mão:

— Alguma ordem?

Manuel João resmungava as laconicas determinações. Trocavam um rouco *boa noite,* e o empregado sahia, invariavelmente sombrio, de máo humor.

Emquanto Manuel João jantava, ficava aquelle sózinho na loja. Examinava-lhe então todos os recantos, bem como o leito e a secretária, experimentando as fechaduras das gavetas. O cofre de ferro merecia-lhe especial attenção, julgando-o, como toda a gente, repleto de preciosidades.

Uma feita, o livreiro regressando inesperadamente surprehendeu-o como que extasiado diante do cofre. Ao dar com o patrão, estremeceu e se afastou de um pulo, sem formular a minima desculpa.

Outra vez encontrou-o ainda mexendo inexplicavelmente no ferrolho da porta da rua. Si estes dous factos impressionaram Manuel João, ninguem o soube, pois nem com o Commendador Gomes de Senra ou com o Nunes d'Avila conversou a respeito, continuando a tratar Castrioto friamente, duramente, como dantes. Nas costumadas partidas de gamão, os amigos inquiriam:

— Como vai o Castrioto?

— Menos mal. Mas eu passaria perfeitamente sem elle.

E, emquanto jogavam, o caixeiro, de longe, dardejava sobre os tres seu olhar rijo e mysterioso, carregado de odio.

— Não tem boa cara o seu caixeiro, ponderara uma tarde o Commendador.— Dir-se-ia que rumina constantemente algum projecto sinistro.

— E' exactamente o que penso, ajuntou o Nunes d'Avila.

— Póde ser, — retrucou o livreiro... Mas outro que vier, será peior. Ao menos

com este já me acho habituado. Errei admittindo-o. Agora, cumpre aguental-o.

E as cousas continuaram no mesmo pé.

A verdade é que Castrioto não dava motivo a reprehensão, desempenhando fielmente o que lhe competia. Manuel João buscava baldadamente um pretexto para descartar-se delle. Nada!

Depois que Castrioto se ia embora, Manuel João sentava-se, de ordinario, á porta de entrada até cerca de oito horas da noite. Fechava a essa hora o estabelecimento, deitava-se, lia longamente na cama e adormecia, em seguida, até o primeiro canto dos gallos. Levantava-se ainda com escuro, lavava-se, preparava o café, abria a porta e ficava, já que as suas forças não lhe permittiam fazel-o por si proprio, á espera do caixeiro para varrer a loja. Era intransigente em materia de pontualidade. Exigia que Castrioto chegasse quotidianamente a uma hora determinada. Exasperava-o um atrazo de minutos.

A proposito da falta de exactidão, rebentou entre elles a primeira desavença. Uma manhã, Castrioto se apresentou depois da hora designada. Manuel João increpou-lh'o, sem acrimonia. O caixeiro não se defendeu, mas, dahi a dias, ou por acinte ou fortuitamente, entrou ainda mais tarde. Manuel João, novamente atacado de rheumatismos, teve de varrer a casa para não ultrapassar o momento do seu programma destinado a esse serviço. O caixeiro o achou furioso, gemendo, de vassoura nas mãos. Tomou-lh'a, sem uma palavra de explicação. O livreiro lhe declarou simplesmente que, si a desobediencia se reproduzisse, o dispensaria. Sorumbatico, como sempre, Castrioto nada contrapoz.

Manuel João tinha agora outro sério aggravo do empregado: o desamor, a brutalidade com que tratava os livros; pegava nas edições preciosas sem o devido cuidado; até uma vez deixou cahir no chão um dos volumes mais venerandos,—ver-

dadeira profanação! Não havia mais contemplação possivel: o Castrioto não servia.

Uma manhã, chegando elle ainda bastante demorado, Manuel João, que o esperava no limiar da porta, declarou-lhe:

— Excusa entrar. O senhor deixou de ser meu empregado.

Castrioto empallideceu, mas sem proferir uma syllaba, sem cumprimentar, poz o chapéo e deu meia volta para se retirar.

— Espere, — deteve-o o livreiro, — ainda não fizemos nossas contas. Venha cá...

Foram até junto ao cofre de ferro, do qual Manuel João tirou algum dinheiro e um papel, em que minuciosamente estavam assentados os dias de trabalho e a correspondente remuneração do caixeiro.

— Verifique si está certo.

— Está certo,— disse elle, mettendo no bolso o papel e o dinheiro.

— Então, passe bem.

— Passe bem.

E Castrioto, de chapéo na cabeça, voltou as costas e partiu, tendo antes vibrado sobre o livreiro, sobre a loja, sobre o cofre o mais odiento e ameaçador dos olhares.

Dias depois, Manuel João teve um grande desgosto: o Commendador Gomes de Senra morreu de repente, de uma apoplexia. Cessaram as partidas de gamão. Nunes d'Avila deixou de apparecer na loja. Tambem pouco sobreviveu ao amigo. Divergiu, porém, deste, talvez pela primeira vez, no genero de morte: succumbiu a uma lymphatite perniciosa na perna doente. Manuel João ainda mais isolado, mais triste, mais calado, mais exquisitão se tornou.

## LIII

### A catastrophe

...Oito horas da manhã, sol alto, a rua em movimento e a loja de Manuel João ainda fechada! A visinhança mostrava-se

cheia de surpresa. Conheciam todos os habitos matinaes e invariaveis do livreiro, o primeiro sempre a se levantar no quarteirão. Alguma cousa muito grave devia ter-lhe succedido.

Com o correr das horas, como a livraria não se abrisse, a surpresa se converteu em espanto. Approximaram-se curiosos e verificaram que a porta se achava presa apenas pelo trinco. Empurraram-n'a; — quasi cedeu. Bateram; não tiveram resposta. Suspeitando a morte subita do tio Manuel dos livros, ou cousa peior, foram prevenir ás auctoridades.

As auctoridades se demoraram; só compareceram cerca de meio dia. Depois de varias formalidades inuteis, mandaram arrombar a porta, o que facilmente se effectuou. Numeroso grupo, invadiu a casa. Na frente, a principio nada viram de anormal. Livros em desordem e dilacerados estavam por terra, no fundo. Abriram a janella do quarto de Manuel João, e horrivel espectaculo se lhes deparou.

O pobre homem havia sido assassinado. Em camisa, ensanguentado, o corpo crivado de golpes, jazia morto junto ao cofre de ferro. Cabeça, braços, dedos apresentavam cortaduras. Nodoas de sangue no travesseiro, nos lençóes, nos livros da cabeceira, nos moveis... Até na brancura da vela destacavam-se manchas rubras.

A desordem dos objectos denunciava forte lucta entre o assassino e a victima. O fito do crime fôra evidentemente o roubo, porque o cofre de ferro estava escancarado e revolvido, os livros preciosos arremessados ao solo, os queridos apontamentos sobre o reinado de D. Sebastião espalhados, em completa balburdia, salpicados de sangue. A burra fôra aberta com a chave propria que Manuel João costumava collocar debaixo do travesseiro, quando se deitava. Naturalmente, o livreiro defendera valentemente a posse dessa chave, na qual havia tambem sangue coagulado.

A scena, no conjecturar das auctoridades, podia ser reconstituida mais ou menos assim: o aggressor não arrombara a porta da rua; penetrara com chave falsa, ou se occultara na loja, durante o jantar de Manuel João. Conhecia os habitos deste e a casa. Sabendo-o adormecido, fôra direito á cama e lhe descarregara o primeiro golpe na cabeça. O livreiro se erguera e buscara arrebatar a arma. Dahi os ferimentos nos braços, nas mãos e nos dedos.

Prostrado Manuel João, talvez sem sentidos, o assaltante acendera a vela, procurara a chave, achara-a, abrira o cofre. Mas Manuel João se reanimara. Nova e terrivel lucta se travou, cahindo elle definitivamente, esgotado, com uma larga incisão no pescoço. Parecia que o assassino tambem se ferira. Descobriram-se gottas de sangue na secretária, nas gavetas, nos escaninhos dos trastes, tudo vasculhado. A bacia de rosto continha agua avermelhada. Na toalha divi-

savam-se igualmente vestigios sanguinolentos.

Entre os commentarios dos circumstantes, surgiu logo esta suspeita:

— Foi o caixeiro! Foi o Castrioto!

— Aquella physionomia não engana, dizia um. Tem todos os traços do hypocrita e do malvado.

— Foi tão brutalmente despedido! explicava segundo.

— Mas tambem com o tio Manuel dos livros era impossivel viver-se, opinava terceiro. Nunca se viu sujeito mais esturdio, mais antipathico, mais aborrecido...

— Ouvi o empregado queixar-se justamente do patrão mais de uma vez, informava o ultimo.

A policia poz-se á cata de Castrioto. Durante dias seguidos, occupou-se extensamente a imprensa com o crime da livraria, publicando dados exaggerados ou falsos sobre Manuel João, deturpando o caracter delle... No geral, não lhe

foram favoraveis os artigos. Pintaram-no como um ser anti-social, desequilibrado, usurario, brigador, dado talvez a vicios vergonhosos, merecedor quasi da sorte que lhe coubera. Raras as palavras de justiça e de piedade.

Autopsiaram o corpo e o conduziram, afinal, todo retalhado, ao cemiterio, em carro de infima classe, sem acompanhamento algum. Jogaram-n'o á valla dos miseraveis. Arrecadada pelo juiz de ausentes, a livraria foi posta em leilão, arrematando-se os volumes por preços insignificantes. Tudo se dispersou. Sobre a memoria do assassinado fechou-se depressa o silencio do esquecimento.

## LIV

### Supremas affrontas

A policia, todavia, não abandonara as diligencias tendentes a descobrir o homicida. Tres mezes após o attentado, quando já ninguem falava nelle, annunciaram os

jornaes, com calorosos elogios ás auctoridades, haver sido preso o ex-caixeiro de Manuel João, Castrioto, indigitado auctor do delicto.

Allegava elle ter andado em viagem por S. Paulo e Minas. Na mão direita apresentava longa e recente cicatriz. Interrogado, defendeu-se tenazmente, porém não explicou de maneira satisfactoria o emprego do tempo na noite do assassinato. Voltou á tona o nome de Manuel João. Numerosos indicios attestavam a culpabilidade do preso, mas nenhuma prova positiva. Instauraram-lhe processo. A chefia policial, exercida por magistrado conscienciosо, nada poupou para colligir elementos de accusação. Empenho baldado! Não havia uma só testemunha, ninguem fornecia esclarecimentos e o accusado negava com fria e irreductivel obstinação.

No correr da formação da culpa, teve crises hystericas.

Medicos que o examinaram, declararam-n'o um impulsivo, manifestando du-

vidas sobre a sua imputabilidade. Joven advogado, talentoso e activo, ambicioso de renome, aceitou o patrocinio do indiciado. Moveu na imprensa intelligente campanha em prol delle, descrevendo-o como sympathica e innocente victima da prepotencia judicial.

Sem embargo, Castrioto foi submettido ao jury. Sessão interessante a do julgamento! Excitada pelos jornaes e pelo mysterio do crime a curiosidade publica, encheu-se a sala do tribunal. A accusação esteve frouxa: escasseiavam, na realidade, os materiaes contra Castrioto. A defesa agradou immensamente. O joven advogado *brilhou*, no dizer geral. Aproveitou habilmente a ausencia de provas, tirou partido da molestia do seu cliente. Mostrou-se, sobretudo, arrebatador na pintura de Manuel João, a proposito do qual fez a psychologia do usurario: um explorador do alheio, um mau, um ente imprestavel, egoista, perigoso, cercado de inimigos, a suscitar vinganças.

Colligira informações sobre o livreiro: era rixoso, provocador; estivera preso mais de uma vez, tivera paixões violentas por actrizes, mettera em casa uma mulher publica de infima ralé, sem o menor escrupulo, escandalisando a visinhança. Nessas condições, como admirar houvesse sido assassinado?! E, ainda depois de morto, causava o padecimento de um pobre moço, seu compatriota, que o servira com dedicação e a quem elle maltratara da mais revoltante maneira! Por ahi alargou-se, cobrindo de apodos, em lances de eloquencia, a memoria de Manuel João. E era sincero, estava convencido! Castrioto, unanimemente absolvido, foi com seu illustre patrono, calorosamente abraçado e felicitado...

## LV

### A consolação unica

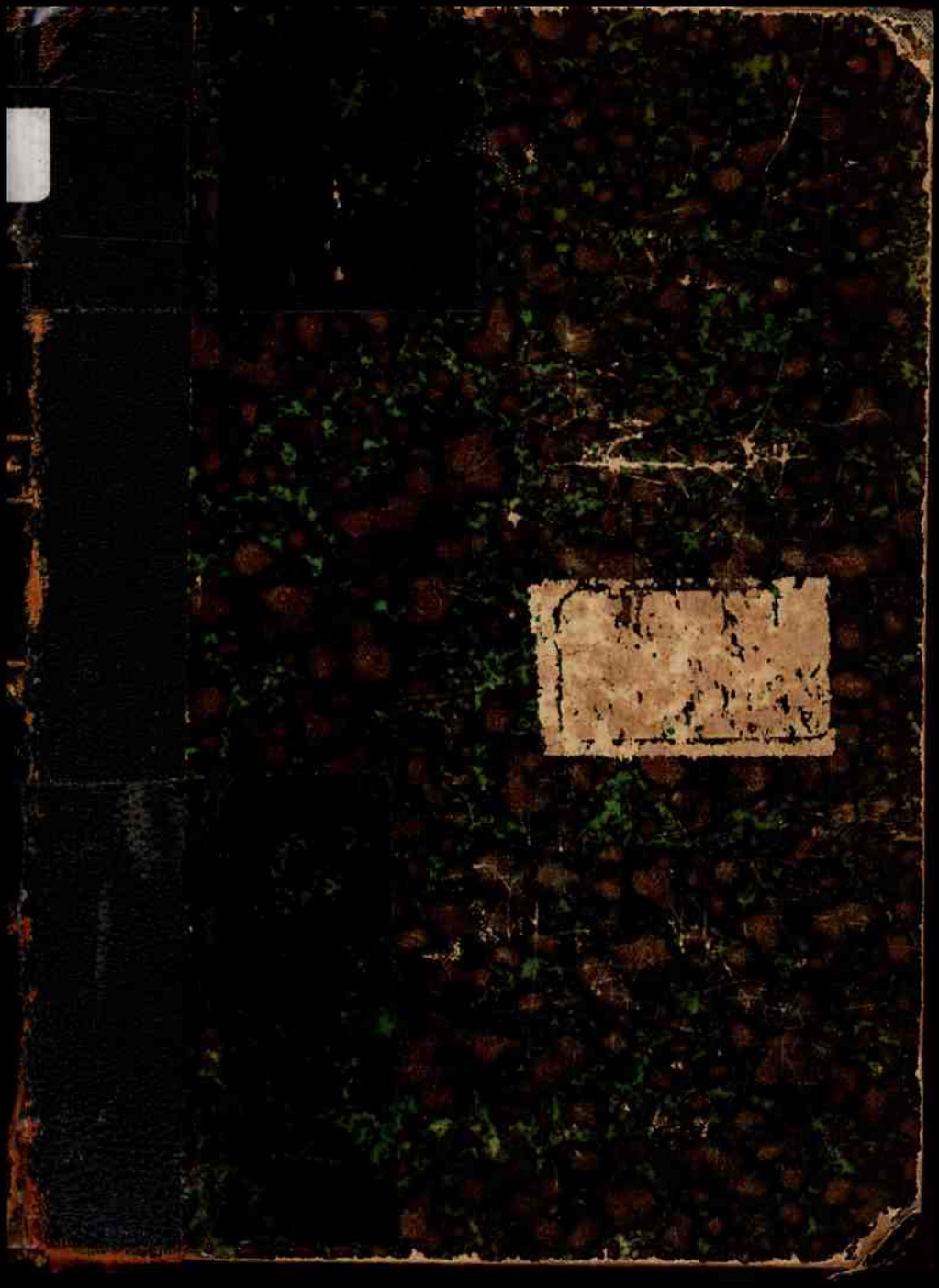
Com o julgamento, estabeleceu-se definitivo silencio sobre Manuel João. Desappareceram todos os traços da sua pas-

sagem na terra. Foi como si não houvera existido. Si alguem, porventura, delle se lembrasse, seria para maldizer do seu nome...

E era bom, dedicado, leal, patriota, susceptivel das mais nobres paixões, verdadeiro heroe nas circumstancias em que se encontrou! Reiteradamente sacrificara-se pelos outros. Nunca fez mal a alguem. Luctou, amou, soffreu silenciosamente, resignadamente, cumprindo sempre os seus deveres, em casto, em irreprehensivel viver. Passou obscuro, desconhecido, inconsciente do proprio valor, sem uma só compensação. E morreu no seu humilde asylo, cruelmente trucidado, espalhando-se tudo quanto custosamente ajuntara, vituperando-se, infamando-se a sua memoria!

Como não acreditar em outra vida de reparações, de justiça, de verdade? Si não houvesse essa outra vida, que significariam destinos como o de Manuel João, mais numerosos do que se imagina?

O mundo seria, então, a maior das calamidades, a mais acerba das cousas iniquas, um absurdo, um mal que justificaria todos os crimes, sendo o primeiro o suicidio.

Não! Existe um Juiz Supremo, equitativo e infallivel, cujos designios impenetraveis, forçosamente superiores, ultrapassam a nossa escassa comprehensão. Valha-nos a esperança christã, — « cujas azas crescem á medida que tudo parece trahil-a, — esperança mais longa que o tempo e mais forte que a desgraça! »

Villa Petiote — Petropolis — 29 — VI — 1902